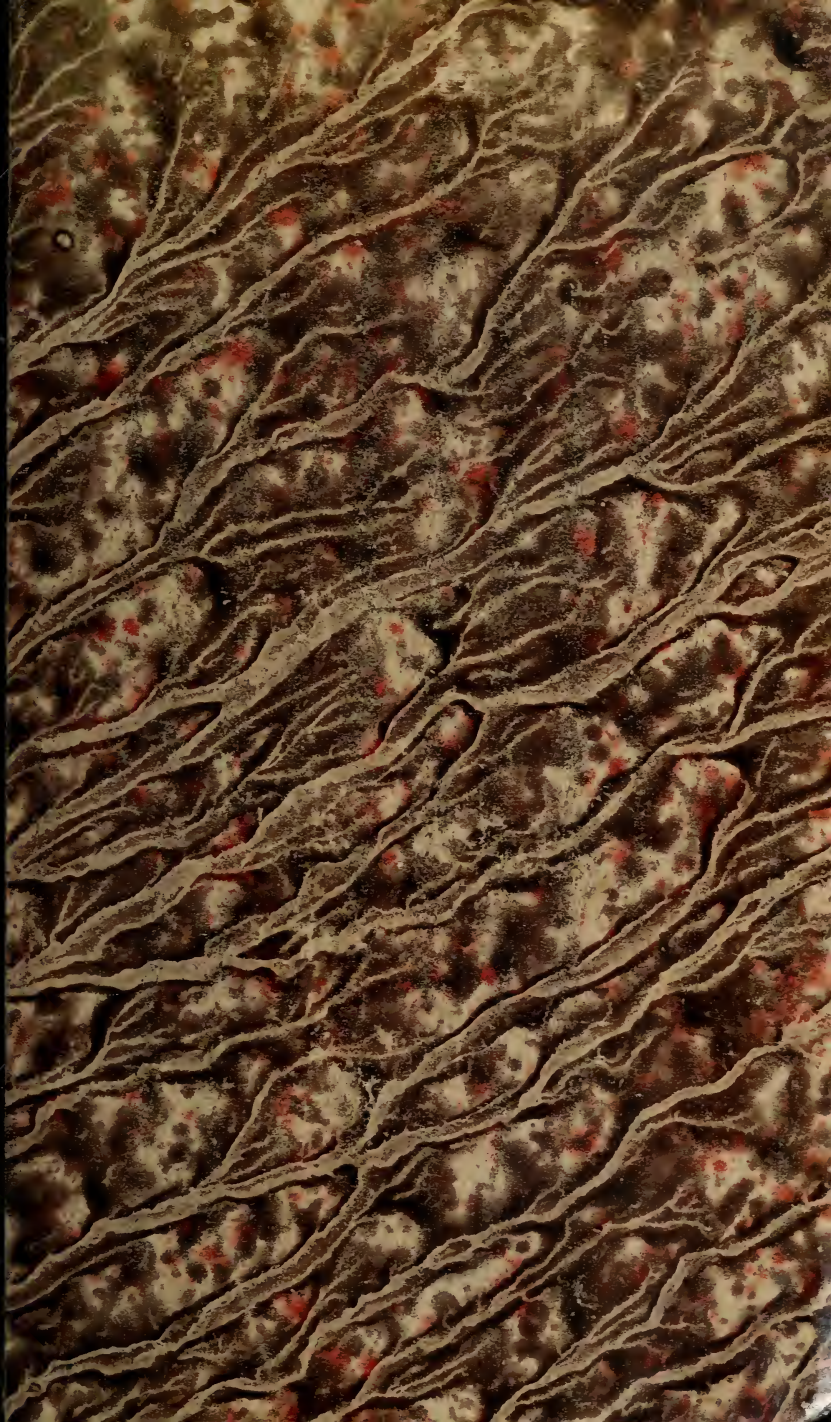


RB197293

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

O PASSEIO.

O PASSEIO.

POEMA

DE

José Maria da Costa e Silva.

SEGUNDA EDICÇÃO

CORRECTA, E CONSIDERAVELMENTE

AUGMENTADA

PELO AUTHOR.

Avia Pieridum peragro loca nulius ante
Trita solo, juvat integros adcedere fontes,
Atque haurire, juvat que novos decespere flores;
Insignem que meo capiti petere inde coronam
Unde nuli prius velarint tempora Musæ.
Lucret. de Rer. Nat Lib. 1.º

Sed me laudis amor, doctarum que urget aquarum
Longa sitis, juvat ire viam qua sentibus altis
Horret ager, penitus que novos aperire recessus,
Quamlibet hirsuti minitantur vulnera vepres.
Noceti de Aurora Boreali. Vers. 529.

LISBOA.

IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO,
Travessa do Monturo do Collegio n.º 13.

1844.

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/opasseio00cost

PROLOGO.

—

Este Poema, foi em sua origem, uma composição dos meus primeiros annos: a leitura de numerosos Poemas descriptivos, tanto Alemães, e Francezes, como Italianos, e da Latinidade moderna, não só influio em mim, um vivo gosto por este genero de Poesia, mas me levou a compô-lo, quando não existia ainda na lingua Portugueza, um unico exemplar de Poema descriptivo.

Talvez que a esta circumstancia, mais do que ao seu merecimento intrinseco, devesse elle o bom acolhimento do público, quando sahio á luz, bem agourado pela lisongeira censura do erudito Secretario da Academia Real das Sciencias, Guilherme Christiano Muller, que lhe conferio a licença para imprimir-se.

Seja como fôr; a reputação deste Poema, hoje bastantemente raro, tem-se conservado entre os amadores da Poesia Portugueza, tendo até sido algumas vezes honrosamente mencionado pelos Estrangeiros, que como é notorio, não costumam ser pródigos em louvores das nossas cousas.

Alguem houve, que em 1826, me convidou para refundi-lo, e dar-lhe toda a amplidão, de que era susceptivel, propondo-se a fazer delle nova Edição á sua custa. Como n'essa épocha me sobrava o tempo, e a saude, acceitei o convite, e metendo mãos á obra, o levei, em alguns mezes, ao estado em que hoje se acha: porém, a despeito de numerosa subscripção que já havia, não poude o Poema então sahir á luz, porque as occorrencias politicas, que sobrevieram, collocaram o Editor na forçosa necessidade de emigrar; e o Passeio reformado, ficou por isso sepultado na minha gavêta, com tão poucas esperanças de sahir della, como algumas outras Poesias minhas, talvez de merito superior.

Torna agora o Passeio a appresentar-se ao público, e a tentar fortuna, com a maior perfeição que me foi possivel conferir-lhe. Estou certo de que fiz des-

apparecer delle, muitas imperfeições, e negligencias; toca porém aos Leitores o julgar se os numerosos additamentos que lhe fiz, cooperam para lhe dar maior belleza.

E' minha opinião peculiar, que as emendas que se fazem a uma obra, longo tempo depois della terminada, raras vezes sahem felizes: está acabado o impulso da composição, esmoreceu o fogo, e no meio do esfôrço de aprefeiçoamento, vislumbra-se uma certa frieza, que não escapa aos Entendedores. Conheço que as emendas são uteis, são necessarias, e bem louco, ou presumido sería aquelle, que pensasse que uma composição poderia sahir perfeita da mente do Poeta, como Minerva armada de todas as peças, sahio da cabeça de Jove: mas, é fóra de dúvida que muitas vezes o excessivo emendar, damnifica a belleza permittiva da obra; assim o reconheceu o judicioso Doutor Antonio Ferreira, escrevendo a Diogo Bernardes.

Mais deligente a Lima assim reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez de orna-lo, assim deforme.

O vicio que se dá a Pintor, que a mão
Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça
Tiram quando alguns cuidam que a mais dão.

Roendo o triste verso como traça,
Sem alma o deixam, sem esprito, e vida;
Outro o parto inda informe traz á praça.

Ha nas cousas um fim; ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della, é vicio,
E' necessaria a emenda bem regida.

Necessario é, confesso, o artificio
Não afeitado; empece á tenra planta,
O muito mimo, o muito beneficio.

A's vezes o que vem primeiro tanta
Natural graça traz, que uma das nove
Musas parece que o inspira, e canta.

Carta XV. Liv. I.

Quebedo, o Pai da graça, e um dos maiores ornamentos do Parnasso Hespanhol, tambem zomba dos perluxos emendadores, de cujos versos, diz

Que limados no son, pêro lamidos.

Horacio estabelece como regra, que nenhum Poema se publique, antes de nove annos depois de composto, para que o Poeta tenha occasião de o ir corregindo com todo o vagar. E' natural que elle não seguisse esse conselho, pois aliás seriam bem poucas as suas obras, se cada Ode, cada Epistola, e cada Satyra, lhe

custasse nove annos de trabalho: e como poderia Pindaro desempenhar tal preceito, se era obrigado a improvisar uma Ode para celebrar ámanhã o Athlêta, que hoje havia conseguido a Victoria nos Jógos Olympicos, Pithicos, Isthmicos, ou Nemeos?

Dizem que Sannazzaro empregára vinte e cinco annos em limar o seu Poema de *Partu Virginis*. Com effeito! nove mil cento vinte e cinco dias, para emendar um Poema de mil cento quarenta e trez versos! seis ou oito mezes, julgo eu, que seriam tempo de sobêjo, para compôr e polir aquelle pequeno Poema Latino! porporcionalmente precisariam Ariosto, e os dous Tassos, quatro seculos, para aperfeiçoarem os seus mui longos Poemas! e a pesar d'isso, os Contemporaneos os julgaram mui corretos Escriptores; e a Posteridade tem collocado as suas obras na primeira plana das que fazem honra ao espirito humano.

"O Poeta (disse Aristoteles) deve compôr Fabulas, e não discursos:,, d'aqui deduziram os preceitistas pedantescos, que os authores de Poemas Didaticos, e Descriptivos, não deviam contar-se no numero dos Poetas. E' na verdade para rir, a sem ceremonia, com que esses Sabichões

negam o fôro poetico a Hesiodo, e a Virgilio! bem arredados d'esse parecer, iam os Gregos, que em um certame público entre Homero, e o Velho de Ascra, deram a este a corôa, julgando as *Obras e os Dias* mais relevante titulo, que a Iliada e a Odysséa! diga-se embora que o facto não é verdadeiro; pura tradição que seja, a sua existencia prova que a opinião da Grecia antiga estava irresoluta entre os dous Principes da Epopeia, e do Poema Descriptivo.

Quanto a Virgilio, tão longe estava elle de ter em pouco a Georgica, que blasonava de ter sido o primeiro que transportára para Roma a Poesia Ascrea.

Ascreum que cano Romana per oppida carmen.

No exordio da Eneida, com que tem contrabalançado a reputação de Homero, recorda-se elle com complacencia do seu Poema Agricola, como de um grande titulo de gloria.

Et egressus silvis, vicina coegi
Ut quamvis avido parerent arva colono,
Gratum opus agriculis!

Todos sabem que elle ordenou em seu Testamento, que a Eneida fosse lançada

ao fogo, como obra não acabada, e indigna da sua fama; e com que tinha elle grangeado essa fama, que julgava escurecida com o esbôço de uma tal Epopeia? com a Georgica sem dúvida; e é evidente que elle não recommendaria tal queima, senão houvesse por bem fundada n'aquelle Poema Didatico a sua gloria de Poeta. Razão tinha elle n'isso, porque a antiguidade nos não deixou cousa mais perfeita, e acabada, que os Cantos Georgicos de Virgilio.

E não haverá mais genio, mais originalidade, e mais Poesia nos quatro Cantos da Georgica, que nas longas historias versificadas por Lucano, e por Silio Italico? haverá quem prefira ao Poema de Lucrecio, a frigida Argonautica de Valerio Flacco? Haverá, porque tambem o Padre Feijó preferia a Pharsalia á Eneida; tanto é certo, que nem sempre a erudição e o bom gosto, se encontram juntos na mesma pessoa! "Que prova isto? (exclamou Pascal, ouvindo no Theatro Francez o delirio da Phedra de Racine) provava que o Author das Cartas do Provinciano, não tinha em seu coração uma faisca de Poesia.

Catulo, e Anacreonte, passam por excellentes Poetas, por serem Authores de

um pequeno numero de Madrigaes, e Cançonetas Bacchicas; não desbautisam de Vate a Marcial, que compôz alguns centenares de Epigrammas; e ha de negar-se esse titulo, aos que consagraram sua Lyra a enfeitar com as flôres do Pindo os quadros da Natureza, as doutrinas da Phylosophia, e os preceitos e regras das Artes? não haverá mais mérito, mais engenho, mais Poesia, mais variedade, nas obras de Thompson, e Dellile, de Alamanni, e Rucellai, de Young, e de Baldi, que em tantas Epopeias fundidas nos moldes da Iliada, e da Odyssea, e que podem sem injustiça considerar-se como sendas variantes d'aquelles Poemas immortaes? E não teremos o direito de rir, e zombar dos juizos cathedraticos dos pesados Commentadores de Aristoteles, e de tantas Poeticas compostas por não-poetas, que quizeram mostrar-se grandes sabedores, ensinando-nos o que não entendiam?

Não pertendo disputar a primasia á Epopeia, e á Tragedia, que sem dúvida são as concepções mais sublimes do espirito poetico: o que não quero é que se negue aos authores de Poemas descriptivos a qualidade de Poetas, reduzindo-os á cathegoria de Escriptores de tratados.

Embora os Homèros, os Tassos, os Camões, os Miltons, e os Klopstochs, occupem as cumiadas do Parnasso; tenham logar mui proximo a elles, os Pindaros, e Horacios, mas não se véde com manifesta injustiça uma gruta, um bosquel, onde descancem, e descantem os Aratos, os Saint Lamberts, os Rouchers, e os Yriartes.

Não vôam tanto as pombas como as Aguias,
Mas ambas tem logar no ethereo espaço.

Por ventura, os Pintores de paizagens e marinhas não sam julgados artistas, sem prejuizo dos Raphaeis, dos Guidos, dos Viens, dos Davids, cujos quadros historicos representam a Epopeia daPintura? não é Haydn, tão estimado pelo seu Instrumental, como Cimarosa por suas deliciosas operas?

Não póde o Poema descriptivo apresentar a acção progressiva, e os quadros maravilhosos da Epopeia, nem as emoções profundas da Tragedia, mas isso prova que é um genero secundario, mas não que esteja fóra do alcance, e dominios da Poesia. Não é porem isto de tão rigorosa verdade, que este senão possa approximar aos dous generos superiores, e assim como aos vôos brilhantes da Poe-

sia Lyrica. O combate dos Gigantes em Hesiodo, e roubo de Europa e de Proserpina no Jardim Bottanico de Darwin, são trêchos verdadeiramente Epicos; e a morte de Azelia, na Imaginação de Delille, e a pintura da Parricida no mesmo Poema, podem rivalisar no vehemente, e no affectuoso, com as scenas mais patheticas de Racine e de Schiller.

Contemplando a totalidade dos Poemas deste genero, acharemos que elles naturalmente se devidem em trez grandes grupos. O primeiro compõe-se d'aquelles Poemas que se reduzem a expôr os preceitos, e os principios de qualquer Arte; a este pertencem as Artes poeticas de Boileau, de Vida, e de Menzini; a Pintura de Lemierre, e a Esculptura, e Gravura do Padre Doyssin.

Compõe-se o segundo de Poemas, em que se expõe uma doutrina scientifica, ou se discute um ponto de Moral, etc. a este grupo pertencem o Poema *de Rerum natura* de Lucrècio, a Astronomia de Manilio, a Esphèra de Buchanan, o Ensaio sobre o Homem de Pope, a Nautica de Baldi, a Iris, e a Aurora Boreal de Noceti.

Consta finalmente o terceiro grupo, dos Poemas, que descrevem scenas da Na-

tureza Physica, das Artes, ou da vida humana. Taes sam as Estações de Tompson, e Saint-Lambert, o Vesuvio de Optiz, os Alpes de Haller, o Xadrêz de Vida, e as Plantas de Castel. Aos primeiros chamaremos Didaticos; aos segundos, Didascalicos, e aos terceiros, Descriptivos. Ainda que estes nomes se dêem simultaneamente a todos estes Poemas, julgo de necessidade applicar-lhe esta significação especial, a fim de melhor podermos classificar a indole differente de taes composições.

Interessar, mover, e instruir, eis toda a Poetica deste genero de Poesia; todo o fim que deve propôr-se o Poeta descriptivo. Elle interessará, se tiver o dom de prender a attenção do Leitor, com a fôrça dos pensamentos, com a novidade e valentia da expressão, com a viveza do colorido, abundancia das imagens, resalto dos contrastes, prestigio da harmonia metrica, e aquella continuada elegancia, que nasce com o genio, e que Bocagé possuio em maior gráo, que todos os Poetas Portuguezes.

Moverá, se em vez de seguir uma innumeração methódica de Plantas, Flôres, Aves, Rios, e Montanhas, de nos fallar sempre em Agricultura, Rebanhos, Tem-

pestades, etc. elle mudar as suas descripções em quadros, ennobrecendo a Natureza, e pintando-a no momento em que é sublime, se a adornar, unindo em um espaço extenço, mas limitado, toda a sua opulencia, toda a sua formosura.

Moverá, se o Homem fôr sempre o ponto central, a que se refiram todas as suas descripções a figura principal dos seus quadros. = As Arvores fallam pouco = (disse engenhosamente Lafontaine) mas, devia accrescentar, os Homens fallam muito com as Arvores. A pintura de um Criminoso delido de remorsos, e correndo desesperado os bosques em uma formosa manhãa de Primavera, quando tudo em redor delle parece surrir de alegria e de formosura. Huma linda Donzella pranteando no seio volupioso de uma noite de *Estio*, sobre o tumulo de seu amante, aonde reflecte o pálido clarão da Lua, formam um contraste terrivel e maravilhoso, que internando-nos na alma as sensações de uma tristeza sentimental, nos fará derramar copiosas lagrimas. Os mesmos effeitos, em sentido contrario, produzirá o quadro de dous amigos que inesperadamente se reconhecem, e abraçam no horror das trevas de uma noite tempestuosa, ou no ardôr de uma batalha.

Instruirá finalmente o Poeta, com as digressões Scientificas, derramando no seu Poema a proposito, e sem affectação, sentimentos de moral, idéas que illuminem os homens, maximas de virtude, invectivas contra o vicio, principios de economia, e mais que tudo com os episodios historicos, unidos destramente ao todo, com o elogio dos Heróes da sua Nação, dos que as inventaram, ou que fizeram novos progressos nas Artes, e nas Sciencias, inspirando o amor á liberdade, o odio á tyrannia, e chamando sempre a attenção do Leitor á idéa sublime da existencia de um Deos benefico, que creou o mundo, e de quem pende a sua conservação.

Alguns Poetas Didaticos, e Descriptivos, com especialidade Jesuitas, perjudicaram a sua fama prescindindo em seus Poemas, aliás excellentes, dos episodios e do maravilhoso. Eu tenho para mim, que ambas estas cousas são não só precisas, mas necessarias em todos os Poemas de maior extenção; porque sem estes atavios, força é que a pesar de todas as bellezas do estylo, e da pompa das comparações, e sentenças, elles venham por fim a tornar-se monotonos e cansados. Quando a Poesia se torna interpetre da erudi-

ção e da Phylosophia, é indispensavel que não se esqueça da sua linguagem celeste, e que traduza para ella, as idéas que a sciencia exprime em seu idioma austero e prosaico; é necessario que discurse como Academo no meio de Jardins volupiosos; ou como Epicuro com a cabeça coroada de rosas, e no meio dos risos, e dos praseres. Finalmente, a Poesia é como Venus, que não marcha senão acompanhada das Graças. Os antigos Poetas Didaticos, e os dous Corifeos delles Virgilio, e Lucrecio comprehenderam bem esta doutrina. O primeiro entremeia os preceitos Agriculas, com repetidas invocações aos Deoses, com o brilhante Episodio de Aristeo, com a descripção dos agouros, e prodigios, que precederam o assassinio de Cezar, a do Inverno, o Elogio da Italia, e mil outros quadros deliciosos, e dignos do pincel d'aquelle filho mimoso das Graças e do bom gosto.

Lucrecio, seu rival em genio, porém muito inferior na elegancia, e na versificação; porque escreveo em tempo, em que nem ella, nem a Lingoa Latina estavam ainda polidas, nos faz entrar em cada um dos seus cantos por um Perystilo da mais rica e imaginosa archyctetura poetica; e quando se cança de vagar

pelas áridas charnecas das argumentações, e theoremas de uma Phylosophia estravagante, abandona os átomos, e as chymeras de Epicuro, para nos traçar com um pincel digno de Rubens, as dores, e os praseres do amor physico, a peste de Athenas, a origem da Sociedade, e o progresso dos conhecimentos humanos.

Quanto ao maravilhoso, indispensavel nos Poemas longos, como acima disse, eu o tenho pela alma de toda a Poesia; e creio que só as pessoas desprovidas de imaginação, podem ter interesse em asseverar o contrario, assim como só os ruins versificadores usam desdenhar da perfeição, e da harmonia metrica, de que Bocage nos havia dado o exemplo.

Querer banir as machinas da Epopeia, e do Poema Descriptivo, Didatico, ou Didascalico, é querer tornar aquella em uma historia versificada, e estes em Tractados Scientificos, ou Artisticos. E' destruir a Indole da Poesia, que se nutre de Ficções, e que se affasta do mundo positivo para lançar-se no mundo sobrenatural. Todo o caso está em que o Poeta saiba conhecer que genero de maravilhoso convém a cada assumpto, e deparar com o fio que o ligue naturalmente com elle; e n'esta

parte me parece que o Doutor Darwin, é um modêlo digno de seguir-se.

Um dos primeiros, si não o mais essencial, dos dotes que devem adornar um Poeta descriptivo, é, quanto a mim, a flexibilidade do estylo; cumpre que quando o caso o pedir, possa tomar o tom grandiloquo, e corrente da Epopeia, o accento magestoso da Tragedia; que saiba elevar-se aos Ceos com a Ode, descer aos Campos com o Idylio; juntar a violencia energica da Satyra, e gracêjo chistoso da Comedia: passar da apaixonada ternura da Elegia, á singella expressão da Epistola; porque o estylo do Poema descriptivo, é como o vidro, que toma a côr dos objectos que n'elle se introduzem.

Com estes principios em vista, compuz o meu Poema, e tive a imprudencia de publica-lo. A imprudencia, digo, porque não merece outro nome, o arrôjo com que um Joven de dezoito annos, ousou apresentar-se ao público, com uma obra de genero novo, sendo ainda desconhecido no Orbe Litterario, e sem precedentes alguns, que podessem affiançar-lhe a benevolencia dos Leitores; mas a mocidade de nada duvída, e estas reflexões estavam então bem longe de se apresenta-

rem á minha idéa. Posso porém affirmar conscenciosamente, que não me moveo tanto a isso o amor da gloria, como o desejo e esperança de excitar alguns bons engenhos a applicar-se a este genero de escripta, que formava uma consideravel lacuna em a nossa Litteratura. N'este sentido não foram illusorias as minhas esperanças, porque tem depois sahido á luz algumas obras deste genero, com cujo acolhimento devem seus Authores ter ficado satisfeitos.

Terminarei este arrazoado, que já vai sendo bastante longo, respondendo pela primeira e talvez pela ultima vez a uma censura: nunca eu me enfadei com ellas, porque sempre tive sufficiente coragem para aproveita-las e applaudi-las quando judiciosas e comedidas, e para zombar dellas, quando destituidas de razão, e de decencia.

Quando publiquei o meu Poema intitulado = *O Espectro* = havia em Lisboa, e não sei se ainda se conserva, um Jornal intitulado o *Elencho*. Não tenho a honra de conhecer os seus Redactores, mas julgando da sua capacidade pelos poucos numeros que li do seu Jornal, tenho que são pessoas de muito bom gosto, instruidas, e sobre tudo bem crea-

das; prenda esta, que, diga-se a verdade, se faz muitas vezes desejar em grande parte dos nossos Periodistas.

Uma das tarefas que estes Redactores haviam tomado, era dar conta de todas as novas publicações, emitindo sobre ellas um breve juizo; e esta parte do seu trabalho, era desempenhado com tanta moderação, e lealdade, que a Critica se tornava util aos Leitores, e honrosa para os Redactores.

O meu *Espectro*, ainda que impresso em Paiz Estrangeiro, mereceu occupar uma columna do *Eleucho*. Estou bem longe de queixar-me do juizo ali expendido! demasiado lisongeiro é elle talvez! mas transcrevendo umas linhas do Prólogo em que eu digo que, "*escrevendo em oitavas fizera a possivel deligencia para aproximar-me do tom, e estylo dos nossos antigos Epicos*,, accrescentam os Redactores = "*tudo isto se acha perfeitamente desempenhado no Poema!* agradeço o elogio! e oxalá que podesse capacitar-me d'isso! *mas* (proseguem os Críticos) *não sabemos que isto seja trajar Romances antigos á moderna.* Tem razão n'isso, mas não em attribuir-me o que eu não disse. E' certo que o meu Prólogo, principia com estas palavras = "*Ahi vai mais um*

Romance antigo trajado á moderna, mas esta phrase que está muito longe do trêcho acima citado, e que nada tem com elle, refere-se ao facto de pertencerem todos os nossos Romances antigos, ao genero Lyrico, porque se compunham para serem cantados nos Serões, e nos estrados; e os Romances modernos, pertencerem ao genero Epico: ora, como eu tinha dado a fórma Epica ao antigo Romance de *Bernal Francez*, julguei-me authorisado para dizer, que o tinha *trajado á moderna.* Se os benemeritos Redactores me não entenderam, a culpa não é minha.

Affirmam em seguida, que, *as oitavas são essencialmente classicas;* e sem esta asserção errónea, sem este equivoco quasi inconcebivel em Homens instruidos, eu de certo os não enfadaria com a minha resposta. Peço venia, para dizer que se enganaram, porque as Oitavas, *são essencialmente Romanticas*, e eis aqui as minhas razões. O que é a Poesia classica? a imitação nas lingoas modernas da Poesia Grega, e Romana; tanto na sua fórma interna, como na externa. O que é a Poesia Romantica? a Poesia dos Trovadores da idade media, levada ao grau de perfeição, que podia dar-lhe o progres-

so dos conhecimentos modernos. A qual destas Poesias pertence a rima? conhecem os Redactores algum Poema Grego, ou Latino, escripto em verso rimado? não escreveram os Poetas d'aquellas Nações, sempre em verso solto? Se resuscitassem Homero e Pindaro, Virgilio, e Horacio, e ouvissem fallar em rima, entenderiam acaso o que isto queria dizer? não por certo.

A rima, é como todos sabem, uma invenção dos Arabes, adoptada na idade media pelos Trovadores da Hespanha, e Provença nas suas Canções ou *Sirventes*, primeiros esboços da Poesia Romantica. As oitavas foram inventadas pelos Sicilianos; mas devem a forma que hoje tem, a João Boccacio, que dellas fez uso na sua *Theseide*, e no seu *Nimphale*. Ora, sendo isto assim, como poderemos dizer que seja classica uma fórma, que nasceo com a Poesia Romantica, e que nem Gregos nem Latinos conheceram? não será mais conforme á verdade, dizer-se que os versos soltos *são essencialmente classicos*, e as oitavas e todas as mais combinações de rimas, *essencialmente Romanticas*? não estão escriptos em Oitavas, o Orlando furioso, o Orlando namorado, o Morgante, o Amadis, o Ricciardeto, o Mambrino, que são os primei-

ros modêlos da Epopeia Romantica? Lord Byron, e Walter Scott, não escreveram em verso rimado os seus Romances?

Diram talvez os Redactores que muitas das Epopeias classicas, estão escriptas em oitavas; quem o nega? mas isso não prova que ellas sejam classicas, mas que seus Authores, cedendo á influencia dos seus respectivos seculos, julgaram que a versificação nas lingoas modernas, não podia marchar longamente, sem o auxilio d'essa moleta Romantica: mas apezar d'isso, o Trissino, classico rigidissimo, escreveo em verso solto o seu Poema da *Italia Liberata*, a primeira Epopeia classica, que appareceu no Mundo, na épocha da restauração das letras.

Tambem nós poderiamos citar aos Redactores alguns Poemas Romanticos, escriptos em verso solto; mas isso não provaria que elle fosse Romantico; mas que seus Authores por algum motivo, ou gosto particular, tinham introduzido nelles, um elemento classico.

Outra observação, e esta será a ultima. Os mesmos críticos parece quererem insinuar que o uso de comparações mythologicas é defeito em um Poema Romantico. Esta doutrina me parece demasiado severa. A mythologia póde ser con-

siderada de trez modos; ou como um systêma religioso dos antigos, ou como a personalisação dos Phenomenos, e operações da natureza, ou como a historia tradicional d'esses seculos remotos, que precederam a civilisação. E nestes trez pontos de vista, e com especialidade no terceiro, não vejo motivo razoavel, para que se prohiba ao Poeta Romantico o tirar delles as suas comparações: não lhe é livre tira-las dos factos das Historias mais modernas, das Artes, das Sciencias, e de todos os objectos da Natureza? de mim o confesso, que sempre terei por bôa toda a comparação, que seja frizante, e que fornêça um quadro breve e animado, que interrompa a monotonia, e recreie o espirito do Leitor.

Se este Prologo chegar algum dia, ás mãos dos Redactores do *Eleucho*, espero que me farão justiça, em acreditar que escrevi estas linhas, levado do desejo de illucidar um ponto da historia da Arte, e não por despeito pueril da sua modesta, e judiciosa crítica, ou pela vaidade de ostentar erudição.

ARGUMENTO

DO

CANTO I.

I. Intruducção. Convite a Lieutard. Prospecto do Campo no principio do Verão. Campos d'Asia, e America confrontados com os de Portugal. Exhortação aos Poetas Portuguezes, para celebrarem as campinas da sua Patria. II. Elogio da Solidão. Achyles tocando Lyra. A solidão é favoravel para o cultivo das Sciencias, e Artes. Bufon. Galilei. Milton. Tasso. Virgilio. Pacini. Raphael. Paesiello. Rubens. III. Criminoso pungido de remorsos correndo os bosques. Quadro de dous amantes no campo. IV. Invasão, e desolação da America. Escravidão dos Negros. Actual estado politico do novo Mundo. V. Bosque. Lago. Aves. Insectos, sua industria e formosura. Veado. Gnon. Bubalo. VI. a Arvore encantada. Emilia e Sylvandro.

O PASSEIO.

CANTO I.

Em quanto um joga, outro caça,
Outro dorme, outro trafega,
Outro murmura na praça,
E co'mal deste se rega,
E co'bem de estoutro embaça:
Um de si se preza tanto,
Que só cuida que enche as festas,
Outro suspira, e faz pranto;
Co'a Natureza entretanto
Fallemos pelas Florestas.

Sá e Miranda, Ecl. 8.ª

I.

Já não arde o Suão: nos densos ramos
Meigo Favonio, suspirando, espalha
Grata frescura, que convida, e chama
Ao risonho espectaculo dos campos.
Dá-me o teu braço, carinhosa amiga,
Engraçada Lieutard, e manso, e manso
Nos vamos embrenhar nos fundos Bosques
Dar pasto ao coração, dar pasto á mente.
Deixa embora que os nescios, que não sabem
Aos singelos prazeres dar apreço,

No turbilhão da Côrte arrebatados,
Se apinhem em cruento Amphitheatro,
Folguem de contemplar golfando o sangue
Do proficuo animal, que a flava Ceres,
Para ajuda-lo nas ruraes fadigas,
Ao homem concedeu; ouçam seus urros
Quando o raivoso Alão se afferra a elle,
E ignea farpa, estourando, o desatina,
Scenas de tyrannia applaudam rindo
Com clamor jubiloso abafem, cubram
A voz da Religião, da Humanidade,
Que este condemnam barbaro recreio,
Restos de usos Mouriscos! que outros corram
Guiados pelo sordido interesse
A arriscar a fazenda, honra, e saude
Do jogo nas cavernas tenebrosas
Onde a fraude preside! a encurtar noutes
No bolicio de esplendida Assembléa,
No prazenteiro Circulo de amigos,
Que um momento ligou, solta um momento
Lá onde o coração fallar não ousa,
E as vozes da Arte a atraiçoar se esmeram!
Que outros, da Scena amantes, se extasiem
Co'a doce voz de Italicas Sereas
Sigam co'a vista sofrega os volteios
Da Alumna de Therpsycore, que vôa
Em harmon'cos sons equilibrada!
Nossos simplices gostos mais se aprazem
Dos quadros da Campestre Natureza!
No campo é livre o homem, vive, e sente,
E entre floreos Rosaes Amor exalta.
Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flôr aos raios
Da rociante Manhãa, se abre contente!...
Que rica profusão de aspectos, côres

Attrahe meus olhos sofregos! . . . presumo
Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo
Me convida a gozar! . . . mais melindrosa
Era, confesso, a scena, que, inda ha pouco,
Risonha alardeava a Primavera! . . .
Nas gramineas Eucostas já não vejo
Surgindo a medo a timida Violeta,
A Rosa abotoar, florir o Espinho.
Vai decrescendo a purpura do verde
Com que fulgia a tunica da Terra;
Mas do ouro a côr succede-lhe, e Natura
Toma um ar mais augusto e assim me agrada!
De novas sensações confuso enxame
Já tanta actividade em mim não sopra,
E me leva ao prazer! . . . minhas ideias
Não se atropelam rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso Universo! um Sol mais vivo
Duplicando o calôr com seu influxo
Relaxa os nervos, musculos destende
E ao repouso me inclina! entra em meu peito
Mais tranquilla, mais placida, mais doce,
Satisfação, que me engrandece, e anima
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao Homem, me interessa o campo.

Se comtigo, Lieutard, eu precorresse
De Ceilão Aromaticas Florestas,
As campinas palmiferas do Ganges,
Do Peru, do Brazil fecundos campos,
Ou da, que ao Sceptro Hispano, Insula arranca
O denodado Penn, vergeis frondosos
D'auriforeos Manjins, Cafés, e Ollspices;
Se respirasse a viração sadia
De um clima salutar no ameno Elysio,
Que tanto engrandeceste em versos de ouro,

Waler encantador, quando fugindo
De uma Patria manchada em regio sangue,
Lá te foste asylar, d'onde trazidas
Por mão do Luxo á Europa estereis Palmas,
Vinham, transpondo os Céos, transpondo os mares,
Ornar a fronte de Anglicas Beldades,
Oh como accêso em estro, eu descantara
Esses grupos d'altissimas Montanhas,
De alcantiladas rochas, figurando
Pender, e despenhar-se!... densos bosques,
Que sobre ellas ondeiam, que estendendo
Tortas raizes atravez das fragas
De lascados penedos, ahi procuram
Humido nutrimento, que as procellas
Depositaram lá! soberbos rios,
Que, em cascatas fructisonas cahindo,
Com medonho estampido aos Vales descem,
Correm por baixo de arvores, que viram
Da terra o nascimento; ao largo estendem
Seu vasto lençol d'agoa, onde retouçam
Escamosas Legiões, e ornam-lhe as margens
De eterna Primavera o esmalte, o viço.
Em versos numerosos pintaria
O corpolento, valido Elephante,
Grande amigo dos Homens, Rei das Feras,
Tão forte quam submisso! treme a terra
Debaixo de seus pés, co'a sinuosa
Tromba os annosos troncos desarreiga,
E os mais tenues objectos alevanta!
De timido Minino a voz escuta,
E prompto lhe obedece! enormes pêsos
Supporta sem queixar-se; acobertado
De ricos pannos de ouro, a grave passo
Conduz em pompa os Indicos Monarchas;
Ou no seu dorso a Guerra se encastella,

E de cerrados Esquadrões ao centro
Elle leva sem susto nos combates
Movente Fortaleza; ao mesmo tempo
Conductor, e guerreiro, esgrime em roda
Curva foice á proboscide ligada,
Mata com os golpes, e co'aspecto assombra.
Pintára o seu rival bravo, indomado,
A quem chamou Rhynoceronte o Grego,
E Abada o Portuguez! nativa coura
Impenetravel lhe defende o corpo;
Curto, afiado corno as ventas lhe arma,
Que as recurvas defensas do Elephante
Inda mais destructor; seu féro instincto
O leva á solidão dos Homens longe,
Lá lhe apraz de viver insociavel,
E é pouco o que produz fecunda terra
Para alimento seu! quando o Elephante
Os pascigos lhe invade, ardendo em furia
Sobre agudo rochedo o corno afia,
Com fragoroso embate ambos se encontram,
Com seus urros remuge o valle, e os montes,
E o ar retumba co'estridor dos golpes.
Em rubras espadanas golfa o sangue
E o que perde a victoria a vida perde.
Tal nos campos Iliacos figura
O grão Pintor de Smyrna Heitor, e Achyles,
Cada um de seus Deuses protegido
Em pugna exasperada combatendo,
The que morto o Troyano, ás mãos do Grego,
O irado vencedor ao carro o prende,
E ante os olhos da Mãi, da Esposa, e Filho,
Das chorosas Irmãas, do Pai longevo
Arrastrado o conduz longo dos muros
Da Patria, que brioso defendera.
Nem tambem meus pinceis eu negaria

Ao listado Tapir de força enorme,
Que talvez indolente Brasileiro
Ouse ainda tirar dos fundos mattos,
Curva-lo com ensino ao jugo, ao freio,
Tornando-o tão proficuo em seus trabalhos,
Como ao Arabe errante em seus Desertos
Curvicolo, giboso Dromedario;
Ao medonho, ferino Jaguarete
De lacerantes dentes, longas garras;
A' Çururana indomita, ao felpudo
Tardo Aby, que ronceiro sobe aos troncos,
E dos fructos as Arvores despoja;
A' Cotia, ligeira como a Lebre,
Ao conchudo Tatu, á mansa Paca,
A ti, oh Sabiá, Orpheo litoreo,
A ti, oh Cardeal que te empavonas
Co'a purpura dos Reis, a ti, suave
Guirandi, que primores disputarás
Ao meigo Rouxinol dobrando o canto;
A' Nhumdu monstruosa, cujas pennas
Ornam frente, e cintura do Tapuia,
Cujo amigo, ou Irmão na guerra morto
Espirito invisivel na alta noute
Trez vezes lhe revôa em torno a rêde,
E com flebile voz vingança implora.
Pedira á Natureza as vivas côres
Para esmaltar da linda Arára as pennas,
O Psytaco, que imita a voz humana,
E a ti, oh tão pequeno, quão formoso,
Ligeiro Guainumbi, de longo bico,
Que escapa de delgado á aguda vista,
Terror da Nympha, que venceu Minerva,
Que a tornou vingativa em feio insecto,
Em ti, do Iris as côres brilham todas,
E o Indio imaginoso em phrases suas,

Ministro de Tupá, ou Flôr volante
Te chama, e respeitoso te saúda.
  Mas Campinas da America, Indios campos,
Não vos cede em belleza a Patria minha!...
Aqui não surge a fervida Canella,
Não floresce o Cacáu, não corre o nectar
Dos verdes Canaviaes; porem que importa,
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos plainos de luridas Espigas?...
Se o Numen da Alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e emflora o Thyrso
Dos vecejantes pampanos, que adornam
Nossos ricos Outeiros? se abundantes
Limpidas, puras aguas nos derramam
As Nayadas risonhas?... se Minerva
Sua Arvore aqui planta?... olfato, e vista
Pomona nos lisonja com seus fructos?...
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? vossas Aves
Sem galhardia, as mais, que insulsas côres,
Com o rouco pio vencerão das nossas
Dulcinoso trinar, e harpejos dôces?...
Tu só, tu, Rouxinol, que ao pôr do dia
N'um verde Myrto solitario exprimes
Tão extremoso amor, tu só bastavas
A animar nossos bosques! como, a ouvi-lo
Dôce melancolia a alma me opprime,
Parece-me que as Arvores se inclinam,
Que se demoram trepidos Ribeiros,
E os Zephiros brincões as azas feicham
Para se enternecer, carpir com elle!...
Com tamanha ternura a gentil Noiva,
Não chamou nunca adolescente Esposo;
Ou foi saudosa Mãi do Filho á pira
Dizer-lhe o ultimo adeos, votar-lhe as tranças!

Senão vemos pular nos Lysios campos
Rapido Harminho, e no cambiante pello,
No Estio ouro emular, no Inverno a neve,
Se ali longi-vidente, hirsuto Lince
The ao cimo das Arvores não segue
Timida preza, em que sacie a fome;
Se artifice Castor do Tejo á beira,
Com pasmo do Phylosopho não mostra
Engenhoso primor de Archytectura;
Por estes Animaes, que apenas servem
De exornar de peliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas Ovelhas
Nutrimento nos dam, co'a lãa nos vestem.
O corni-gero Touro nos ajuda
A romper com o Arado o seio á Terra,
Para extrahir os solidos Thesouros
Firme esteio dos Povos! e quem póde
Olhar sem gosto o intrepido Ginete,
Vèr-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que incita a guerra?
Languido toza a relva, eis ouve ao longe
O mavorcio clarim. — orelhas ergue,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,
E deseja que o dorso já lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos Batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos Tambores; não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonetas;
Folga escutando o sibilo das balas;
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.
Se ufania voz sopra a infausta posse
Desses metaes preciosos, que outro tempo
Tantas vezes em sangue vos tingiram
Nascem a farto aqui, nós os pizamos.

De nossos montes no abrazado seio
Sali-sulphureas sem cessar se elevam
Exalações, que operam, que devidem
Metalinas moleculas, e as fazem
Turbilhonar nas terreas cavidades;
Umas com outras no girar se engrossam,
Cedem ao peso, cahem, e se empastam,
Formam puros metaes, a Prata, o Ouro,
Chumbo, Cinabro, o Hydrágiro, que enfreia
Virulenta Syphile! de igual modo
Nos figuraram já tenues parcellas
Desse Ether subtilissimo expandido
Na vasta Creação, que, combinadas,
Co'as substancias chyligenas, nos córpos,
O espirito, que os move influem, géram.
Oh Lysia! oh cara Patria! Eden da Europa,
Mãi fecunda de Pindaros, de Homeros,
Tuas lindas paisagens, teus prospectos,
De um Roucher, ou de um Tompson não poderam
Inda o genio inflamar?... indiferentes
Teus cantores olharam ricas scenas,
Em que em torno lhes ria a Natureza
Vertendo a inspiração!... sem transportar-se,
Vicissitude immensa contemplaram
De prespectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso, e aprasivel se alternavam
Em vales, em montanhas, vargens, praias!
Ora erguendo-se aos Céos agudos Serros,
Estalados penedos, que parece
O Cahos reclamar, restos medonhos
De extinguidos vulcões, onde negrejam
Basalticos congestos; ora o Spato
Surge em columnas; Schistos appresentam
Despojo dos trez Reinos! eis refulgem
Verde esmeralda, e nitida Saphyra,

A Granada, o Diamante! além se elevam
Calcareas massas, Marmore, Alabastro,
Que teu douto Cinzel fará sem custo
Em Numens transformar, solerte Gomes,
Na flor da terra ao longe reverberam
Por entre a relva, e as madidas Areias
Os diaphanos Cristaes, brilhantes Filhos
De Cybelle, e Nereo quando ella ardendo
Em adultero amor Phebo atraiçôa.
Fallarei das Salinas alvejantes
Formoso cintho da gentil Setubal.
Riquissimo presente com que o Sado
Generoso compensa os seus amores?
Eis perto, e longe em quadro pittoresco
Bosques, Montes, romanticas Colinas,
Rios, Prados, Plantios, e Remansos,
Onde imaginações sublimes, ternas
O espirito salteam!... ledos Gados
Pascem as relvas morbidas, que encobrem
Magestosas ruinas de um Castello
Onde outr'ora soberbas tremularam
As Mauritanas Luas!... Lá descobre
Rustico Arado, ossadas dos Romanos,
Que ao ferro de Veriato a vida deram!...
E de seus Arraiaes na Herminia Serra,
Sempre toucada de perpetuo gelo,
Os venerandos restos desmoronam
Gordas Vaccas, que pucham repastando,
Hervas, e Arbustos, que sobre elles crescem;
Este rio me diz que em margens suas
Vio fugindo Pompêo!... n'essa campina
O fementido Galba, sangue em chôrro
Fez correr, á traição, d'um Povo inerme!
Aqui entre tresentos mil alfanges
Do Mouro atroce impavidos ergueram

Lusitanos Heroes seu Rei primeiro!
Com que ternura, oh Scálabis, não viste
Caro ás Musas e a Marte o bravo Hermingues
Sobre palmas, que o sangue borrifara,
De Fátima render-se a um terno riso?
Inda murmura em margens do Mondego
Essa Fonte, que o nome tem de Amores,
Onde, folgando em braços do teu Pedro,
Estavas, linda Ignez, posta em socego
De teus annos colhendo o doce fructo,
Sem temer o punhal, que a inveja erguia!
Eximios Vates, que adornais a Patria
Tempo é já de mostrar ao Elba ao Thámes,
Que tem Bardos o Tejo, que descantem
Seus Elysios gentis em metro amêno.
Festões de flôres entretece a Gloria
Para a frente cingir-lhe, e os chama ao campo!
Ouvidos não cerreis á voz da Deusa;
Aqui onde ribeiros tortuosos
Verdoso esmalte morbidos retalham
Desta campina em modos mil, e a sombra
Destes Pomares recendendo ao longe
Co'a alva flor de auri-verdes Larangeiras,
Vem d'Haller dedilhar Harpa cadente,
Culto Lima, por quem de Maro as notas
Soam na Lusa Cythara tão doces!
Tu tambem que a amizade une comigo
De quem mil vezes escutei gostoso
Os versos immortaes, que Phebo approva,
Vem, harmonico Ismeno, e recostado
Ao verde abrigo d'um Rosal frondente
Novos, campestres canticos entôa!
E tu, que no Romantico alaúde
Do divino Camões eternisaste
As desgraças, o amor, o nome, a morte,

Vem ao seio dos Bosques, cinge a fronte
De laurel descriptivo, intacto ainda,
Trajados de Germanica harmonia
Corram teus versos, bastos como as ondas,
Varios como o tapiz, que os prados veste,
Junta á voz de Vicland lyra de Byron.
O novo estadio correrei comvosco,
Natureza nos abre os seus arcanos,
E a meiga solidão nos presta abrigo.

II.

Amavel solidão, trez vezes salve!
Amavel solidão, um dos mais doces
Dons, que aos Humanos concedeu o Eterno!
Por ti nossos prazeres se aviventam,
Por ti nossos pesáres se amortecem!
Amante desditoso, que revolve
No coração um pelago de magoas,
Busca o teu seio! vertes-lhe na chaga
Puro, anodyno balsamo, e benigna
A dor lhe estancas, e a razão lhe volves.
Lá quando em torno aos muros de Neptuno
Com guerra de dous lustros fatigavam
Da Grecia os Filhos os Heroes da Phrygia;
Do altivo Rei dos Reis, do audaz Micenio
Vivamente offendido, e maldizendo
Porque os Céos a vingança lhe coarctavam,
O Filho de Pelêo, da Grecia o raio,
Deixadas armas, gloria, amigos, tudo,
Entregue só a ti, ao som da Lyra
Na solitaria praia descantava
A formosa Briseida, que em soluços
Por grosseiros Arautos arrastada
Em vão de Achyles implorára o nome!

Artes, sciencias, dadiva do Eterno,
Que o Mundo abrilhantaes, ao seu abrigo
O mor lustre deveis! nelle incansavel
O sublime Bufon, co'a mente accêza,
Com olhos prespicazes penetrava
Da natureza o Sanctuario occulto,
Onde em mistica nevoa envolta esquiva
Profano contemplar do vulgo ignaro,
E o liminar lhe véda assiduo Estudo,
Cujo ardente fanal mostrava ao Sabio
Altas verdades, immortaes segredos,
Com que o Mundo de luz encheu, e assombro.
No repouso da Noute quando o somno
O resto dos mortaes em ocio ignavo
Prendia ao leito, o Newton da Toscana,
Victima da Ignorancia, e Fanatismo,
Titão sem crime, ía escalar o Olympo,
Notava o curso das fulgentes massas,
Milhões de Mundos, que no espaço nadam,
Chegando-se, fugindo-se continuos,
Reciprocos se prestam luz e sombra.
Via se era o Cometa, qual pensava
A rude Antiguidade, annuncio torvo
Da ruina dos Reis, queda de Imperios,
Pois Throno jámais cae, sem que seu peso
Esmague uma Nação, ou vagabundo
Explorador do Exercito dos Astros,
Que humilde á voz de General prestante
Descreve em torno ao Sol elipse immensa.
Quem ha hi que do Sabio entenda o vivo,
Transbordante prazer quando descobre
Os de Jove Satelites luzentes,
E o dominio Astronomico dilata?
Pinte-o quem pintar possa o regosijo
Do impávido Colombo quando erguido

De sua Náu na prôa, vê nos ares
O Onocrótalo as azas despregando,
Sente cercal-o vegetaes effluvios,
E aponta aos revoltados Marinheiros
Boiando sobre o mar estranhos troncos,
E no fim do Orisonte em nevoa envoltas
Serras do Mundo novo, que buscavam.
Vós prazer dos Mortaes, da vida encanto,
Filhas do Céo, oh Graças trez das Artes,
Sabia Poesia, Musica, Pintura,
Vós da Morte rivaes, rivaes do tempo,
Que em metro, e canto, que em pincel divino
Os Heroes arrancaes da Campa fria,
O pensar lhe volveis voz, moto, e vulto,
Quanto não lhe deveis? foi por ventura
No turbilhão, e estrepito do Mundo,
De brilhantes, fastosas Assembléas,
Ou recolhido em si que o Anglo Homero,
Vingando-se do insulto da desgraça,
Que aos olhos o Universo lhe furtava,
A' maneira do Heroe, que vê mal pagas
De Tyranno, que serve, altas proezas,
A Principe, brioso se offerece,
Que o recebe, e magnanimo premeia,
A terra desdenhando, sobre as azas
Da fervida, inspirada phantasia
Ganhava, Aguia altaneira, ignotos Orbes,
Hia ao Throno curvar do Omnipotente
Ouvir soar na abobada do Empyreo
Dos Choros dos Espiritos celestes
Os Hymnos immortaes! d'ali sem susto
Ao Barathro profundo se arrojava,
Desoladas Regiões, onde a Esperança,
Presente em toda a parte, entrar não ousa,
Trévas visiveis, que o clarão só gozam

Que solta bronzea Alampada accendida
Na cholera de Deus, que infausto giro
Perfaz do mar da angustia ao mar da morte;
Lá o anthiteo Satan bramindo via
Do igneo lago surgir, qual sae zunindo
Das inflammadas fauces do Vesuvio
Fumegante alluvião, liquido estrago.
Do Monarcha infernal ouve o Concilio,
Acompanha-o depois, vê como encara
A incestuosa Filha, o Filho infando,
Passa a, incerto, do Cahos, anarchia,
Vê-o atravez do vacuo ao Sol subindo
Uriel illudir, e no Eden sacro
A innocencia atacar! oh Noite amiga,
Socia da solidão, tu testefica
Se ella foi quem dictou o canto augusto
Ao Bardo de Albion! quem senão ella
A Tasso revelou os ais, os prantos,
Ternos suspiros da extremosa Herminia?
Quem de Armida os Jardins lhe pôs patentes,
Onde o lindo Rinaldo entre seus braços
Sepulta no prazer mavorcias glorias,
E toda a immensidão de ficções ricas,
Que ao vate desditoso de Sorrento
O Sceptro da Epopeia mereceram?
Tu, Idolo do Mundo, honra de Roma,
Tu, que, brilhante estrella, encaminhaste
Meu passo juvinil pela ardua senda
Do difficil Parnaso a tantos invio,
Oh mestre, oh Phebo meu! quem, oh Virgilio,
Poderá duvidar que a Musa tua
Amasse a solidão? tu mesmo o dizes,
Quando depois de expôr em versos de ouro
Os preceitos d'essa Arte proveitosa
De alimentar os homens, que insensatos

Mal se lembram, que existe, quando assiduos
Na que os destroe se esmeram, suam, cançam,
Em quanto Cezar vencedor no Eufrates
Fulmina victorioso, e leis promulga
A's submissas Nações, tanto engrandeces
Da tranquilla Parthénope o descanço.
Desce a noute; supita o somno o mundo,
No solitario leito a infausta Dido
Unica véla; em mar de pensamentos
Sua idéa naufraga; amor, vingança
Odio, furor no peito se lhe alternam,
E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.
« E' esta a fé (exclama em pranto a triste)
« D'esse heróe em piedade abalisado,
« Que o velho Pai salvou por entre as chammas
« Da abrazada Dardania! que blasona
« De interessar os Ceos no seu destino!
« Se é tal um Semideos, quem será Monstro?...
« Perseguido do mar, co'a morte á vista,
« De meu Reino nas praias o recebo,
« Franqueio-lhe o meu Paço,... e o que é mais inda,
« Minha mão... e por premio me abandona!
« Cabe tanta maldade em peito humano!
« Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma,
« Seu rosto taes perfidias não promette!...
« Eu talvez me enganei!... suas palavras
« Não percebi!... talvez, Dido infelice,
« Amor com vãos phantasmas te atormenta!...
« Sim as Náos, que engolfadas já presumo,
« Talvez na falva areia a quilha encravam!
Nada socega receosa Amante.
Corre inquieta a misera Rainha,
Já com tremulo pé ganha alto Eyrado
Que dominava o mar, e immovel fica!...
A' luz da incerta Aurora vira a infausta

Do perjuro os Baixeis, que a plenas velas
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
Um pouco torna em si, que não tornara,
Sentira menos dor! «Que! desaferram!...
«Partiram!... ai de mim!... oh Jove!... oh Numes!...
«Mas que Jove, oh que Numes!... sam Chymeras,
«Ou justos em punir minha loucura!
«Eu, eu propria devia o tenro Filho
«Co'estas mãos lacerar!... com os membros delle
«Banquetear o Pai!... mesmo a seus olhos
«Levar o fogo ás Naos, matar-lhe os socios,
«E envial-o depois ao negro Averno
«Seus Mannes consolar!... mas ah! que os impios
«Já de todo a meus olhos se esconderam!
«Zombam do meu furor!... e fico inulta!...
«Furias, surgi.... brami, tufões, e ventos!...
«Inchai-vos, Escarceos!... vossos furores
«Sobre o ingrato apurai,... vingai,... vingai-me!...
«Jogo das vagas longo tempo acabe
«Sobre duro penedo!... esta alma, esta alma,
«Que um momento não tarda, chegue a tempo
«De insultar seu destino»!... mais dissera,
Mas fallece-lhe a voz, e a dôr succumbe.
Quadro divino! vezes mil fizeste
Meu pranto borbulhar! Talvez o Vate
A' mesma hora, em que o Teucro fementido
A miseranda Elysa abandonava,
Pensava em ti!... talvez na muda noite
Vinha inspiral-o o Espirito da infausta,
Descobrir-lhe fiel quaes então foram
Sua dor, suas vozes, exultando
De eterno reviver em seus escriptos!
Picini, Raphael, Paesielo, e Rubens,
Tu, sonoroso Marcos, tu, oh Silva,

Que de Elmano as feições roubaste á morte,
Para que sempre os Posteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em teus versos,
Seus Discipulos sois, mas quem no Mundo,
Amavel solidão, a ti não deve
Sua gloria ou prazeres? ai d'aquelle,
Que em teu seio não folga de abrigar-se!
Virtuoso não é! Aspíde occulto,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera,
E' o torvo remorso, que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia!...
Consciencia, que és tu?... fiel Relogio,
Obra prima do Artifice supremo,
Que ao homem lá no fundo d'alma apontas
Delictos, e virtudes!... de ti fuja
Quem lembrança do crime, afflige e ancía.

III.

Desgraçado, oh Lieutard, o que as mãos impias
Tyranno maculou em sangue humano,
Se, fugindo a si mesmo, escapar julga,
Nos solitarios bosques embrenhado.
Companheiro fiel dos Réos, o medo
Vai em seu coração, e lhe povôa
De phantasmas sem conto a oppressa idéa.
Brando murmurio de agitadas ramas
E' do trovão o estouro que annuncia
O raio vingador do Omnipotente!
Pequenino regato, que deslisa
Por entre alvos seixinhos saltitante,
Os brados, com que o sangue despargido
Clama vingança aos Céos! e em toda a parte
Sombras, ventos, outeiros, que figura
Mil Lémures de aspecto carrancudo

Lhe quebram tanto os olhos, que endoudece!
  Que differente quadro nos presentam
Dous puros corações de amor accezos,
Que um para o outro, como nós, respiram,
E a meigas sensações só se abandonam,
Longe o negro pesar, equuleo d'alma!
Em torno delles ri-se a Natureza
O Céo chove seus dons, pula a alegria!
  Quantas vezes á sombra destes Myrthos,
Reclinando no molle teu regasso
Minha cabeça, e sofrego fictando
Teus lindos olhos, unicos meus Deuses,
Beijando a nivea mão, com que me affagas,
De teus labios pendi immoto e quedo!
Em mares de prazer a alma engolfada,
Crí ver a terra rebentando em flôres,
Cantando festejar-me as Avesinhas,
Os Ventos murmurando de invejosos,
Effluminoso Genio em nuvens de ouro
Sobre nós despargindo Idalias Rosas!
Então, mudando o ser, o pensamento
Em ti parava, em extasi julgando
Que o Mundo fica alli, não vai mais longe.
  Momentos de prazer, parai!... fugiram!...
Momentos de prazer, quanto sois leves
Em fugir, e em volver quanto tardonhos!
Parece que prégaes á Humanidade
Que nasceo para a dôr, o pranto, e a magoa!

IV.

  D'America tranquillos Habitantes,
Quem melhor do que vós póde affirma-lo?
Vós, que outr'ora o destino parecia
A' desgraça furtar?... em vão Natura

Vos tinha acantonado em Mundo ignoto!
Immensuravel pelago debalde
Vos circumdefendia! que obsta ao Homem
Quando o inflamma a ambição, o accende a gloria?
Por esse mesmo pélago já rompe
O Ibero destructor co'a Morte ao leme;
Debalde empola o Mar, que se embravesse
Com a insolita audacia!... em vão trez vezes
D'esse Hemispherio o Genio a mão levanta
Porque em liquido tumulo sepulte
Dos Corsarios d'Europa, o nome, e os crimes!
Irrevogavel lei do Fado o impede,
Elle o conhece, e as lagrimas lhe assomam,
« Ai (clama), infausta America, não posso,
« Não te posso salvar!... eu vejo os ferros,
« Eu vejo a Escravidão, vejo os estragos
« Que esses Baixeis conduzem! a Ventura
« Foge deste Hemispherio, e Amor com ella!...
« Contemplo o sangue, o fogo!... já fusila
« O tremendo Cortez, o audaz Pizarro
« O furibundo Almagro, que dos Andes,
« Colossos, que dos Céos o peso aturam,
« A Cordilheira altissima atravessa
« Para ír fartar no Chili a sacra fome
« De sangue, e de ouro que lhe abarca o peito!
« Sinto os trovões Hispericos, que prostram
« Os Pagodes do Sol!... lá sobre as aras
« Seus Ministros por victimas expiram!
« Que Povo immenso, que remeda a noite
« Na côr da face, que o pezar lhe enruga,
« A este assolado clima se transplanta?
« Aos centos, aos milhares os vomitam
« Artilhados Galiões! tumida a espalda
« Co'retalhante açoute, e tarda a planta
« Co'estridulo grilhão, entranhas rompem

« De rochedos, e montes porque escavem
« Thesouros, que enriqueçam seus Tyrannos!
« Ou nutridos de um pão que o pranto abranda,
« As preciosas Arvores cultivam,
« Que o luxo lhe fomentem com seus fructos.
« Mas que espadana fulgida rompendo
« A espessa nevoa, em que se envolve o tempo,
« Prospectos abre, que o desgosto adoçam?...
« Regozija-te, America!... a vingança
« Chega dos ferros teus!... por que alto preço
« Europa adquire o teu fatal dominio!...
« De quantas guerras, de contendas quantas
« A motôra serás, de Polo a Polo
« Lavrando a guerra, que teu ouro accende!
« Cresce a exigencia, estragam-se os costumes,
« Perece a fé dos Thalamos, mil fórmas
« De inauditas, de esqualidas Doenças
« Toxicos vertem de Tartareas taças!...
« Corrupta a geração nas proprias fontes,
« O acceso Amante pálido receia
« Ir a morte encontrar da amiga em braços!»
Assim fallando o Genio com medonho
Choro que retumbou por longos tempos
Nas campinas do Oceano, em densa nuvem
Rosto, e vulto escondeu, no mar sumio-se.
O vatecinio atroz encheo-se em tudo.
Onde ha peito de bronze, e voz de ferro
Capaz de referir porção mesquinha
Dos homecidios, sacrilegios, roubos,
De attentados sem nome, que horrorosos
Alastraram Perú, Mexico, Antilhas?...
Quem podéra contar Nações inermes
Espavoridas, tímidas fugindo
Ante homens Numes, do trovão Senhores?
Degolados os Reis, tenros Infantes

Das moribundas Mãis vertendo a vida
Sobre os abertos peitos!... nem se cançam
De tanta atrocidade, e sangue, e horrores
Os Hispanos crueis!... em vão lhe bradas,
Infatigavel Protector dos Indios,
Virtuoso Las Cazas, em vão fazes
Nos ouvidos troar-lhe a voz augusta
D'alma Religião!... que nova especie
De Homens sam elles, se Homens sam não Furias?...
Oh verdade cruel!... fizera o mesmo
Outro Povo qualquer que seduzido
De céga opinião, virtude, e gloria
Essas proezas barbaras julgasse!
Mas em desconto de desgraças tantas
Fecundo de successos portentosos
Este Seculo á America conduze
Opulencia, ventura, independencia,
Commercio, nome, e gloria! o facho ardente
Da Liberdade, e sãa Phylosophia
Que nos montes do Norte levantára
Sabio Franklin, e que o valente Whashington,
Virtuoso Jefferson firmar souberam,
Sobre o Sul seus reverberos derrama!
Tal de nuvem a nuvem se propaga
Em veloz marcha Eletrica corrente!
Joven Principe funda um novo Imperio
Nas ubertosas margens do Amazonas,
E os que foram Colonos abatidos
Sam Homens já, sam Cidadãos, e ufanos
Tomam lugar entre as Nações do Mundo.
Oh Tu, que do primeiro do teu nome
As virtudes magnanimo recordas,
Pedro, o Céo te elegeo para modelo
De Principes, de Reis, prosegue affoito
O caminho da Gloria, que encetaste!

A ti coube lançar cimentos firmes
A ventura da oppressa Humanidade!
Como o de Alcides, teu valente braço
Ha de prostrar Leões, domar as Hydras
Que de novo assolar a Patria intentam.
De teu escudo protector á sombra,
Leda paz gozarão ricas Cidades.
E o Lavrador cultivará seus campos
Sem temer que lhos ceife imiga espada,
E entre o concerto de geraes louvores
Verás os Póvos bem-dizer teu nome!
Nas que dominam os nimbosos Andes,
Vastissimas Regiões, montes de Arauco,
Patria de Montezuma, em todo o espaço,
Que ao Sceptro sujeitou de Carlos Quinto
O Hispanico valôr, e o jus da Guerra,
Rompe da Liberdade o vulcão sacro.
O invicto Bolivar, Whasington novo,
Americano Bruto, os ferros quebra,
Que madrasta Metropole lançára
Aos seus Concidadãos, e lhe apertavam
Nos roxos pulsos Satrapas, e Bonzos.
Seculos de oppressão um dia os vinga,
Do Paiz mercenarios oppressores,
Estrumam com seu sangue os ferteis campos,
Que seus Avós tyrannos desolaram.
Roma, Athenas, Esparta resuscitam
C'o primeiro vigor no Mundo novo.
Aguerridas Legiões, briosos Chefes
Pela patria pugnando em longos annos
Vencem, triumpham, cobrem-se de gloria!
Em tanto as Artes prosperas florecem,
Medram Sciencias, o Commercio, a Industria
E a Civilisação com mão profusa
Pelo Indico Occidente a luz derrama!

V.

Neste bosque de Abetos penetremos,
De odoros Aciprestes, e altos Penhos,
E que as Çarças com redes de verdura
Ligam uns com os outros! que suaves
Dos Cantores plumi-geros resôam
Os Hymnos de prazer! qual desparada
De um arco americano a sétta vôa,
Cantando a Cotovia aos ares sóbe,
Delles cantando desce! ou lá difunde
Sobre as azas librada os seus gorgeios.
Do verdoso cacume de alta Faia
O Pintaroxo, e o Tentilhão nos mandam
Sua estridula voz; de silva em silva
Salteam Pintasilgos; seus trinados
São varios como as côres, que matizam
As penas, de que os veste a Natureza.
Sobre os ramos d'esse Alamo pousado
Em harmoniosos Sybilos o Melro
Exprime á companheira os seus amôres!
E além sobre um Loureiro o Cuco inerte
Iterando a monotona cantiga
Figura invido Zoilo, que em vão tenta
Canções interromper de eternos Vates!
Eis um Lago! nas margens lhe tremulam
Dos ventos á feição as verdes Canas.
Floresce a Madresilva e as ondas suas
Os Salgueiros assombram com seus ramos.
Oh com que magestade em meio delle
O comprido pescoço recurvando,
Pousado o bico nos redondos papos,
Mais alvos do que a neve, que branqueja
Nos arduos alcantis da Herminia Serra,

Dous Cisnes par a par nas aguas boiam.
Parece que volupia em torno delles
Deleitosa frescura está vertendo.
Vê como a calma os clangorosos Gansos
Mitigando, oh Lieutard, em largo banho,
Alegres nadam, rapidos mergulham!
Ora o flexivel colo sacudindo
Derramam sobre o dorso amplo chuveiro,
Ora n'agua empinando-se sacodem
As longas azas rorejantes; ora
Vam perseguindo os timidos peixinhos;
Ora róem da cana as longas Folhas,
Ou verduengos limos. Este em secco
Compondo esta co'o bico humidas pennas;
Aquelle erguendo as azas, prolongando
O comprido pescoço ao rêz da terra,
Dos panugentos Filhos longe affasta
Rijo soprando o timido Coelho.
Vê como entre elles, como um Rei do vulgo,
Por figura elegante se destingue,
Por magestoso passo, esse a quem chamam
Pato Cisne de Lysia os Lavradores.
Redondo o corpo tem; maior do que elle
Longo cólo roliço, que se enfeita
De leonadas pennas, e por cima
Com roucha mescla branca fita o cobre;
Comprido, e chato o bico, negra pelle
The meio da cabeça, onde se eleva,
Branda empola flexivel, o guarnece:
D'onde finda a cerviz the ao principio
Dos encontros das azas, nivea lista
O veste, e forra o peito, e largo ventre;
Azas, e lombo de pintadas pennas
Figuram Chale, que ao desdem se lança
De Franceza Donzella sobre os hombros.

Baixas as pernas tem, mui curta a cauda.
Seu grito é penetrante; e a cada grito
Ve-se-lhe arfar qual folle o largo peito.
Natureza o dotou de grandes forças;
E' bravio; e secreta antipathia
O arma contra mulheres, e meninos,
Que raivoso presegue! Folga esta Ave
Mais do que outra co'as limpidas correntes
Nellas por largas horas se bandeja,
Depois em pouso limpo ao sol se enchuga.
Co'as pandas azas, rápida voando,
Em tortuosos giros, a Andorinha
Ora se eleva trepida ora desce
Longa curva formando, e quasi tocam
A superficia d'agua as negras guias.
Quem me dirá, oh viajante aerea,
D'onde vens ao sorrir da Primavera,
E, quando o Inverno assoma em nossos Climas,
Para onde te retiras? quem vos chama,
E em prazo, e dia certo vos ajunta
Para a partida? é odio, ou medo do homem
Quem vos faz collocar os ninhos vossos
Sobre elevadas grimpas de altas Torres,
No cruto dos altissimos Pinheiros?...
E quando tantas Aves se comprazem
De dourados grilhões em nossos lares,
Vós, de servir indoceis, porque causa,
Perdida a liberdade, morreis logo?
Vês essas lindas Aves, que perseguem
Em curtos vôos pequeninos vermes?
Umas de preto, e branco matizadas,
Outras vestidas de esmeralda, e ouro,
Outras, em que só brilha a côr cinzenta?
Lavadeiras se chamam, se distinguem
No continuo oscilar da longa cauda.

Lá no extremo do Valle anda em silencio
Buscando a melancolica Cegonha
Para os filhos o provido sustento;
Ei-la que se remonta! atravessada
Leva uma cobra no estirado bico,
Que em vão sibila, em vão colea, e fere
Com açoute da cauda os puros ares!
Proveitoso Animal que nos libertas
D'esses Reptis veneficos, e torpes,
O Egypto te adorou, e Lei sevéra
Em Thessalia punio como Homecida
Caçador, que empregava em ti seus tiros.
Mas quaes escuto lastimósos echos
Nesse Roble dos ramos despojado
Pelo fogo do raio?... nivea Pomba
Sáe do concavo tronco onde arrulava,
Abre as azas, ligeira ao Valle desce,
Procura molle felpa, e branda relva
E vai com ellas estofar seu ninho.
Aves, quem vos influe o affecto á Prole?
Quem com tamanha industria vos ensina
A buscar sitio commodo, e seguro
Para nidificar? quem vos obriga
A acalorar por dilatados tempos,
Do sustento esquecidas, vossos Ovos,
The que se desenvolva o germe, e forme,
E os filhinhos implumes á luz saiam?...
Quem vos induz ao pabulo levar-lhe,
E a sem susto pugnar por defendê-los?
O Deos, que vos creou, que providente
Sustenta na amplidão do espaço os Astros,
E na face da terra a relva humilde!
De brilhantes Insectos leda chusma
Volteia agora no florido campo;
Trefegas Borboletas côr de neve,

Ou de mil varias côres mosqueadas
Vôam de flôr, em flôr, e ao Sol presentãm
Das azas suas o vistoso esmalte.
Soberbas se deslembram que ainda ha pouco
Torpes Lagartas pelo Chão rojaram.
D'arte igual esses Filhos da Fortuna
Orá de honras, e cargos revestidos
Fructo talvez de vergonhosos crimes,
Servis bajulações indignas de Homens,
Da paterna Cabana se envergonham,
Negam Avós, que a terra cultivaram.
  Enxames de melificas Abelhas
Zumbindo os ares atravessam; pousam
No Serpão, no Tomilho, na Giesta,
D'onde voltam de polen carregadas,
A fabricar nos Patrios alveares
O doce mel, e a Cêra, que hade em breve
Templos allumiar, e regios Paços,
Ou liquida correndo em doutos moldes
Os Heróes emitar, Bellas, e Numes.
E' assim que Poetas inspirados
Abandonam modestos domicilios,
Vem vêr da Naturèza as varias scenas,
Contemplar as paixões da Humanidade,
E vão compôr das Musas no remanso
O nectar da moral, e da Poesia!...
  Vês negra multidão que em linhas duas
Entra, e sahe pela cova, que se entranha
A raiz d'aquelle Alamo frondoso?
Lá das Formigas laborioso Povo
Fundou seu domicilio, e guarda exacto
Republicanas leis! oh se podéras
Examinar-lhe a subterranea estancia,
Da sua industria provida pasmaras.
Em diversos trabalhos empregados

Os Cidadãos, que o Ocio não conhecem,
Viras traçar compridas Gallerias,
Palacios levantar sobre Palacios,
Fabricar Armazens, redondas Praças,
E exigencias prever com raro engenho.
E' pouco que em continuas Caravanas
Os semeados campos nos assolem,
E a preza em seus depositos recadem!
Seu Senado politico, á maneira
Do Senado de Roma, a guerra intíma
A outras Nações de insectos, que confinam
Co'as raias da Republica! já marcham
Suas guerreiras Hostes; e accometem
Descuidados Pulgões; combatem, vencem,
E em triumpho os conduzem prisioneiros
Para as suas Cidades! Os captivos,
Tanto que os soltam, pegam-se ás raizes
Das Arvores, das Plantas, e fabricam
Dôce, abundante mel, que seus Senhores
Para o sustento seu cuidosos guardam
Em quanto o frio Inverno a terra inunda.
Tal no Convento Militar de Esparta
Os miseros Ilotes cultivavam
Campos, que os Cidadãos á guerra dados
Se deshonravam de lavrar! tal vemos
Chacaras de indolente Americano
Fecundas co'suor do Negro Escravo!
Grande Deos! quando o Céo não matizasse
Syderea immensidão de Ethereo lumes,
Quando tantos Phenomenos brilhantes
Teu poder, e grandeza não mostrassem,
Para ao Homem mostra-los sobrariam,
Só os Insectos, monadas viventes,
A quem é Mundo um Calyce de Rosa,
E uma gotta de Orvalho um vasto Oceano!...

Que pompa, que riqueza em seus arreios!
Uns ornam-se de fulgidos penachos,
Vestem-se outros de purpura, e saphyra!
Estes, para o combate apparelhados,
Tem diamantinas cotas, finas lanças.
Engenhosos Artifices, aquelles
Tem comsigo alavancas, serras, limas,
E a seu duro trabalho cede tudo!
Que tão perfeito instincto! que obra humana
Em solidez, em elegancia iguala
A suas construcções?... Gloria ao Eterno,
Que, para confundir o orgulho nosso,
No minimo mostrou a immensidade!
Vejo ao longe passar, enovelando
O secco pó no trote despejado
O Cervo veloci-pede, que emprôa
Com os arboreos cornos fronte altiva!
Ah! porque o Homem para o mal só prompto,
De Libreos carniceiros precedido
Vai procurar no fundo das Florestas
Para a morte lhe dar, mais merecida
Do feroz Javali, do cerval Lobo,
Tão formoso Animal, que a Natureza
Tão ligeiro formou, que até parado
Correr parece! em Africanos campos
Porque não prende, e de aclimar não busca
Da Lavoura em proveito em nossas terras
O mui valido Gnou, que em si reune
Do Cavallo, do Macho, e Touro as fórmas?
O Bubalo elegante que os Chinezes
Campos cultiva, e Tiberinas margens,
E a cuja carne com tronxuda couve
Os filhos de Israel supersticiosos
De reforçar vigor procreativo
A virtude, insensatos! atribuem?

VI.

Onde esses trez caminhos se encruzilham
Uma Arvore de Seculos se eleva,
E nos ares abrindo a longa cópa
Ao longe pela terra estende a sombra.
Os simples Camponezes, que fabulam
Della prodigios mil, jámais se atrevem
A procurar ali na chuva abrigo,
Ou pôr-lhe, mesmo a furto, á noute os olhos.
Uma vez quando a pino o Sol ardia,
Me assentei fatigado á sombra sua.
Eis um rustico Ancião passando acaso
Attonito me encára, e clama « Ah ! foge,
« Foje, amigo, d'essa Arvore funesta ! . . .
« Desde o tempo dos Mouros nella habita
« Um malefico espirito, que espanta
« Todos os Entes da ventura amigos.
« Aos Sabbados as Magas e as Estrias
« A' meia noute em ponto aqui se ajuntam ;
« Traçam na terra ignotos caracteres,
« Magicos sons murmuram, que do Abysmo
« Fazem surdir os Cherubins das trevas
« E em roda desse tronco tripudiam.
« Ouve-se então de Perros os latidos,
« Da Raposa o regougo, uivos de Loubos,
« E tristes entre a rama os Môchos piam ! . . .
« Eu proprio no vigor da mocidade
« Passei por este sitio em clara noute
« De plenilunio ; . . . desmedida fórma
« De Mulher, vi sentada ao pé do tronco ! . . .
« Das largas roupas, alvas como a neve,
« Negra mão lançou fóra, e por trez vezes
« Com ella me chamou ! . . . espavorido

« Eu fugi invocàndo os Anjos todos! . . .
« Em breve da visão senti o effeito.
« Não tardou em morrer meu Pai longevo,
« Gafou-se-me o Rebanho, e o fogo um dia
« Parte da Casa reduzio-me a cinzas. »
Baldado era arguir; sahi da sombra,
Um impio do bom velho aos olhos fôra,
Se credito negasse aos seus absurdos.
Ri, mas depressa terminou meu riso,
Quando em minha memoria se pintaram
Os tempos de ignorancia, e fanatismo,
Em que Juiz atroz dos Céos em nome
Por crimes de demencia reloucada
Victimas dava ao fogo, que exigiam
Da Medicina o provido soccôrro.
Observas essa Cruz de tosco pinho
Pregada na parede alva, a quem servem
De modesto docel, e de cortinas
Os derrubados ramos, verdenegros
Do Salgueiro-Chorão como os que outr'ora
Os Babilonios rios guarneciam,
E a cuja mesta sombra se assentavam
Os captivos Hebreos em terra alheia,
Com saudoso pranto recordando
De Siloé as cristalinas aguas,
O florido Saron, valle dos Cedros,
Palmares do Jordão, e o Santo Monte
Onde o Templo tocava o Céo co'as grimpas?
E dos galhos dos troncos pendurados,
Embalando-os o vento, os seus Laudes
Respondiam gemendo aos seus suspiros? . . .
Muito em nossos costumes instruida
Dirás que malfadado Caminhante
Ao punhal do Assassino aqui morrêra.
E' certo; mas um caso lastimoso

Me recorda a memoria á vista della.
Annos ha que, deixando a amena Cynthra,
N'uma Alfana que o Ebano mais negra
Por aqui demandava a grata Oeiras.
Era noute; e de Estrellas circumdada
Em seu pleno fulgôr no argenteo carro
Pelos Céos, pela terra derramava
Deleitoso clarão a Irmãa de Phebo.
Tão bella, estiva noute, eu não vi nunca!...
Com suave susurro amigos Sylphos
Dos visinhos pomares me traziam
D'alva flôr de Laranja o grato aroma.
Um solemne silencio me cercava,
Que apenas, longe em longe interrompia
Das Rãas, ou rouco Ralo o ruim ruido
Em proximo rebalso, ou voz do Mòcho,
A quem sobresaltei! movia apenas
Sôpro d'alma frescura as folhas tremulas!...
Cahindo n'um suave devancio
O espirito arrôbado, abandonava
Do Palafrem no cólo as bambas redêas,
Que a seu folgo marchava a passo lento!...
Ao claro firmamento erguia os olhos,
E com vista curiosa procurava
Esses festões de lucidas Estrellas
Constellações do Astronomo chamadas
E onde da Grecia imaginosos Vates
Semideoses, Heróes, Bellas fingiam
Que endeosou virtude, ou formosura!
Andromeda, Cepheo, Cassiopea,
De Leda, e Jove os bem nnidos Filhos,
O luzente Órion co'a espada erguida,
A ternissima Ariadna, e a que não deixam
Refrescar no Oceano eburneo corpo
Da irada Juno os invidos ciumes.

De Berenice a fulgida madeixa,
De Typhis o Baixel, de Orpheo a Lyra.
« Porque causa (dizia) os nossos Sabios
« Tão engenhosa idéa não imitam?
« Cada Luso, nos Céos fictando a vista,
« Em luminosos caracteres lêra
« Da sua Patria a historia, e lá veria
« Vertendo os seus Heróes clarão propicio.
« Lá fulgurará do primeiro Affonso
« A vencedòra espada! aqui de Nuno
« Inda a lança ameaçára o fôfo Hespano.
« Profusa luz mais longe derramára
« A veneranda barba do bom Castro,
« De que só trez cebellos abonaram,
« Precioso penhor, somma grandiosa!
« Cá fulgira Izabel, Mãi de Indigentes,
« Ignez tão infeliz quanto formosa.
« A Balança brilhára em mãos de Pedro,
« Que sempre a da Justiça equilibrára.
« Argos sería a Náo do ousado Gama,
« E fôra a de Camões de Orpheo a Lyra.
« No Nemeo Leão quem recusára
« Achar o emblema de João primeiro,
« O Rei mais popular da Lusa Terra,
« Que a soube defender, livrar de Escrava?
« Representára o Touro aos nossos olhos
« O brasão de Deniz, que honrou o Arado,
« E de Rei Lavrador presava o nome.
« A Serpente que entona o cólo altivo,
« E com lingua de fogo aterra as Ursas,
« Fôra a do Fanatismo, e da Impostura,
« Que o sublime José calcou brioso,
« E do Téjo arrojou ao Tibre escravo!
« Eterna nos seus lôdos se revolva,
« Nem torne a inficcionar de Lysia os campos.

Nestas gratas idéas embebido,
O vento me conduz uns ais piedosos,
De pranto femenil quebrados échos,
Como os sons, em que os Bardos Calydonios
Sobre suas montanhas, alvejantes
Co'reflexo das neves, escutavam
Almas de seus Avós gemer nas Nuvens!
Repentino alvoroço me estremece,
Lembrão-me mil successos desastrados,
Crimes, que dam horror á Humanidade,
Violencias, que corruptos Magistrados
Escutam sem soçobro, e impunes deixam.
Do arção tiro as mortiferas pistolas,
Cravo esporas á Egoa, as redêas solto,
E em rapido galope o sitio busco.
Feliz, se a triste victima salvando,
De embargar um delicto a tempo chego.
Junto á Cruz alvejar deviso um vulto,
Que, vendo em minhas mãos armas de morte,
De susto desmaiou, cahio qual vemos
Marmorea Estatua de defunta amante
Reclinada em seu Tumulo! apressado
Me apeio, o Palafren prendo ao Salgueiro,
No concavo das mãos frigidas limphas
Trago d'esse regato, e mal que o rosto
De leve lhe aspergi, ella em si torna.
Quatro lustros apenas contaria,
Era bella a afflicção em seu semblante,
Pelo cólo de neve, e eburneos hombros
Longas d'aura a capricho se esparziam,
Tão negras como o ebano, as madeixas.
D'entre as ramosas palpebras despara,
Por lagrimas copiosas moderádo,
Vivo fulgor que deslumbrava a vista.
O talhe era de Nympha; a voz calava

Como meiga persuação nos seios d'alma.
A seus pés pelo chão dispersas jazem
Em basta profusão purpureas rosas.
O fulgor melancolico da Lua,
Cahindo em nós em cheio, alumiava
A fórma encantadora!... uma cruz tosca,
Um tristonho Salgueiro, um Corsel negro,
Preso a um tronco escavando a fulva areia,
Um luminoso Céo de Estrellas cheio,
Um regato, Arvoredos em distancia,
Um caminhante attonito no centro,
Uma Belleza em lagrimas, e Flores
Pela terra espalhadas!... oh! que objectos
Para encher de pathetico interesse
O Pincel de Sendim, ou de Sequeira!...
Pergunto-lhe quem é! porque motivo
Em tal sitio, em tal hora a sós a encontro?
De seu pesar a causa, e seus suspiros?...
Ella então, os soluços redobrando,
Me diz «Nasci n'Aldeia, cuja Igreja
«Por cima d'essas Arvores se avista,
«São meus Pais opulentos Lavradores,
«E' Emilia o meu nome!... quando apenas
«Co'a mão tocar podia os mais rasteiros
«Ramos do meu Pomar, dentro em minha alma
«Pouco a pouco lavrou de amor o incendio.
«Sylvandro foi minha paixão primeira,
«Eu seu primeiro amôr!... ouvio um d'outro
«Primogenitos ais da fé mais pura;
«No tumulo elle guarda os meus affectos,
«E no meu coração, respira, e vive!
«Ambos iguaes nos bens, na idade quasi,
«Cresciamos no gremio da Innocencia;
«Nossos Pais applaudiam nossa chamma,
«Folgando que em seus filhos revivesse

« Pura amisade, que os ligou da infancia.
« Sylvandro era formoso como um Cedro,
« Que nos ares soberbo a cópa estende! . . .
« Ninguem mais dextro nas Aldeanas Festas
« O cadenciado pé movia airoso.
« Ninguem mais longe arremeçava a barra,
« Ou na caça o fuzil metendo á cara,
« Com tiro mais certeiro derrubava
« Nos ares a Perdiz, na terra a Lebre!
« Quando a flauta animava, ou sobre as azas
« Do rapido improviso aos Céos subia,
« O fogo da ternura ressumbrava
« Em seus gestos, feições, olhos, e versos!
« Casava prendas taes com dotes d'alma;
« Virtude, Religião tinha no peito,
« Filho submisso, fervoroso amigo,
« Terno amante, e fiel . . . que lhe faltava?
« Ah! faltava a ventura! . . . mais dous dias,
« E quando rutilasse a nova Aurora
« Nosso mutuo desejo era cumprido! . . .
« Desejo vão! . . . o altar estava prompto
« Para o sacro, e solemne juramento
« De união, e de amor até á morte! . . .
A' voz de morte estremeceo! . . . descóram
As lindas faces, e outra vez prosegue!
« Já viçosas grinaldas preparavam
« As minhas Companheiras! . . . eis vem carta
« A Sylvandro de amigo moribundo,
« Que pede ultimo adeus lhe aceite em Cyntra! . . .
« Tal convite em tal tempo! . . . infausto agouro! . . .
« Eu não sei que fatal presentimento
« Tremenda me fazia esta jornada! . . .
« Pela ventura o coração preságo
« Imminentes desastres annuncia? . . .
« Talvez, . . . quem sabe? e que aproveita aos Homens

« O presentir o que evitar não podem ?
« Entre amisade, e amor luctava o Joven,
« E amisade venceo. . . . porque ajudada
« De meu Pai, que a meu rogo impôz silencio ! . . .
« Partio em fim ! . . . e no Corsel mil vezes
« O rosto para mim voltou chorando.
« Eu no ar agitava um branco lenço
« Inda depois de o já não vêr ! . . . qual fôsse
« Minha acerba afflicção, minha saudade
« Quem deveras amou que o sinta, e diga ! . . .
« Passei aquella tarde, e noite em pranto,
« E ao novo dia, vespera de nupcias,
« Com longa vista atalaiando a estrada,
« Ave, que atravessasse no Horisonte,
« Uma nuvem que visse, era Sylvandro !
« E elle não vinha ! . . . o lugubre da Noute
« Terra, e Céos envolveo escuro manto,
« E maior sombra enouteceo minha alma !
« Sem alimento fecho-me em meu quarto,
« Alimento é de um triste a magoa sua !
« Para algum tanto distrahir me, um Livro
« Nas mãos eu tomo, um Livro de Sylvandro,
« Abro, . . . e tópo co'a historia lastimosa
« De Pyramo, e de Tysbe ! . . . volto as folhas
« E de Hero e de Leandro encontro a morte,
« Estremeci ! . . . vou mais ávante, e busco
« Com vista esmorecida um novo objecto, . . .
« Vêjo a Sombra do Esposo n'alta noute
« Aleyone buscar ! . . . horrorisada
« Desta serie de innumeros presagios,
« Com precipitação o livro arrojo,
« Ao leito côrro tremula e gemendo
« Por largo tempo em lagrimas o inundo ;
« Adormeci ! . . . nem era somno aquelle,
« Era d'Alma um espasmo ! . . . eis que ruidosas

« Se abrem as portas! . . . olho! . . . em meio dellas,
« Vejo um vulto, que envolve um véo sanguento!
« Quiz gritar, mas não pude! a passos lentos
« Se aproxima o Fantasma! a mão me toma, . . .
« Gelo de morte precorreo meus membros
« Apenas me tocou! . . . sem saber como,
« Nem por onde, comsigo me conduz! . . .
« Irrisistivel força me impelia! . . .
« Em vão onde me leva lhe pergunto,
« Não me responde o Espectro, e sobre o rosto
« Guarda descido o véo! . . . chega a este sitio,
« Onde agora essa Cruz o facto attesta,
« Então descobre a face, então conheço,
« O meu Sylvandro! . . . oh! Deus . . . . quão differente
« D'aquelle encantador, e amado objecto
« Que minha alma em ternura embriagava! . . .
« Palido, . . . envolto em sangue, que corria
« De trez largas feridas sobre o peito, . . .
« Os Cabellos na fronte se irrissaram,
« Muda, ou morta fiquei! . . . » — Esposa (diz-me)
— Cheio de amor, de impaciencia cheio,
— Esta noute a teus braços eu corria, . . .
— De outro modo o Céo quiz! . . . com alvoroço
— Já via ao perto levantar-se o fumo
— Dos gratos lares teus! . . . tres assassinos
— Com furia impetuosa me rodeiam,
— Para me despojar do metal fulvo,
— Origem dos delictos do Universo,
— De tres golpes a um tempo me traspassam,
— E ao pé deste Salgueiro exangue caio! . . .
— Em vão lhe perdoei! . . . da Morte o Anjo
— Vai em seu seguimento, e em poucos mezes
— Afrontoso patibulo os espéra! . . .
— Adeos! em melhor vida unir-nos-hemos,
— E em quanto não chegar tão dôce intante

— Terei inda no Céo de ti saudades! —
« Então emmudeceo; e o vi na terra
« Encostar-se, e ficar!.... eu solto um grito!...
« Côrro a abraçal-o.... despertei!... e em torno
« A visão pavorosa me adejava!
« Fóra de mim arrojo-me do leito,
« Aos clamores que solto, aos meus gemidos
« Pai, Mãi, Servos acodem, e em vão tentam
« Meu sônho desmentir, e os meus temores.
« Chega o dia, a catastrophe horrorosa
« Verificada espalha a magoa, o luto
« Da Aldeia sobre os bons habitadores.
« Transporta-se ao seu funebre jazigo
« O Cadaver infausto, e lhe tributam
« Essas honras extremas, que piedosa
« Nossa Religião presta aos Humanos,
« Que ella acolhe ao nascer Mãi compassiva,
« E, inda mortos, lhe guarda as cinzas frias.
« O desespero meu, minha amargura,
« Queixumes contra os Céos e contra os Homens
« Referir fôra vão!... que lingua pode
« Em tal lance pintar dôres de Amante?...
« Vivo, mas minha vida a morte igualla,
« Vivo, mas nestes labios mais não póde
« O riso despontar! quando este dia,
« Anniversario da desgraça minha,
« Vem a esphera enlutar, acompanhada
« De fiel servo, que não longe aguarda,
« Da casa paternal me escapo a furto,
« A' mesma hora a este sitio me derijo,
« Cubro de flôres o logar funesto
« Onde o Espôso infeliz vertera o sangue,
« Curvo em terra o joelho, o chamo, e elle....
« Não, não é illusão!... sob o Salgueiro
« Junto á Cruz me apparece em luz involto,

« Quero abraçal-o, e seu fulgir me cega,
« Torno em mim, e o não vejo! . . . então retumbam
« Na solidão da Noute os meus gemidos,
« E em mesto desespero aos Lares volvo. »
Disse, partio chorando! . . . enternecido
De tanto amôr, de tanta desventura
A infeliz acompanho ao Patrio alvergue,
Ficando-me gravada a sua historia,
Para sempre carpil-a na memoria! . . .

FIM DO CANTO I.

ARGUMENTO

DO

CANTO II.

—

I. Predio rustico. Pateo. Animaes domesticos. Horta. Pomar. Rega. O Egypto fecundado pela innundação do Nilo. Jardim. Pavilhão dedicado á Amisade. Monumento aos Poetas Portuguezes. II. Courellas. Terras de Pão. Elogio da Lavoura. Exhortação aos Nobres, para que cultivem as suas Herdades. D. Diniz. Patricios Romanos recebendo as insignias dos Cargos públicos no meio dos trabalhos ruraes. Festa annual na China, em que o Imperador lavra, e semea por sua mão um campo. D. João de Castro. III. A Patria recommenda ás duas Camaras a protecção da Agricultura. Exercito permanente. Cultura d'Africa. Riqueza, e productos que póde dar-nos aquella parte do Mundo. Não devemos escravisar os Negros, mas civilisa-los por meio da Religião. Instituto Africano. IV. Regato. Areal. Desertos da Arabia, e perigos que offerecem aos Viajantes. Columnas movediças de arêa. Simoon. V. Os furacões destroem os Insectos na Zona torrida. Quebrão os Bancos calcareos, obra dos Mariscos, que tornariam inaccessiveis as Ilhas. Conduzem as arêas litoraes ao alto dos montes, renovam a crusta vegetal, e a fecundam, com as sementes, que lá dispersam. Produzem as chuvas da Primavera combinando o Oxigenio com o Hydrogenio. Casamento de Jupiter, e Juno festejado por Cibele, e pelas Divindades campestres. VI. As Religiões antigas eram Allegorias scientificas.

Iniciações de Memphis. Culto puro da Divindade reservado para os Sabios. Culto supersticioso para o Vulgo. VII. Explicação de algumas Allegorias Mythologicas. Venus sahindo do mar. A Terra separada das aguas. Sementes fecundadas no seio da terra pelo calor da Primavera, e sua germinação. O Touro quebra o Ovo da Noute, e sahe delle o Amor. Trabalhos de Hercules. Viagem do Sol pelos signos de Zodiaco. Formação dos Acidos pela combinação do Oxigenio com bases terreas. Amores furtivos de Jupiter com Bellezas terrestres. Prometheo pregado no Caucaso. Crusta vegetal. Decomposição e recomposição da Materia. Morte, e resurreição de Adonis. Bacon. VIII. Prado. Vida campestre. A poesia nasceu entre os Pastores, assim como os primeiros Deuses. Hospitalidade dos Pastores. Terreiros. Combates de canto. IX. Festas Aldeãs. X. A fonte. Quita, e seu elogio. As aguas subterraneas dilatadas pelo calor central sobem em vapores aos montes, condensão-se, e rompem em fontes. Aguas Thermaes das Caldas, e Longroiva. O Ar por sua esponjabelidade aspira as vaporações do Oceano, e as deposita em nevoas, e gêlos no cume das Montanhas, d'onde descem a formar fontes, lagos, e rios. XI. Os Montes não são todos formados pelas aguas. Suas funcções, materia, e configuração indicam ter sido creados com a Terra. Montes que moderam o ardor do Sol nos climas quentes. Os Abexins os escavam para formar Igrejas. Montes, que reverberam a luz nos Paizes gelados, e conservam a fluidez nos lagos, e rios. Varadouros do Spitzberg, e da Bahia de Hudson. Montes Vulcanicos. Ave chamada Diabo. Montes Hybernaes. Montes Eolicos. Os primeiros Homens julgavam que as Montanhas eram habitadas por Deoses. Os montes são o asylo da Liberdade. Guilherme Tell derrota os Alemães nos Alpes, e Palaio os Mouros nas Asturias. Guerra da Grecia.

O PASSEIO.

CANTO II.

The rage of Nations, and the crush of states
Move not the man who, from the world escap'd,
In still retreats, and flow'ry solitudes
To Nature's voice attends, from month to month,
And day to day, thro the revolving year,
Admiring, sees her in her ev'ry shape,
Feels all her sweet emotions at his heart,
Takes what she lib'ral gives, nor thinks of more.
Thompson.

I.

Neste rustico Predio penetremos;
Do Homem campestre a habitação ditosa
Vamos de perto vêr! a entrada sua
De Ordem Corinthia Porticos não ornam
Nem avultam Estatuas de Canóva
Entre columnas de polido Jaspe;
Tosco muro, não alto, que circunda
Larga Parreira, que se curva, e geme
De uva ferral co's façanhosos cachos,
E odora moscatel, e de que pendem
Redondas Gilas, que embalouça o vento,
Fecha pateo espaçoso, em cujo extremo

O Boi vendado em circulo marchando
Faz que o eixo da Nora, que rechina,
Com monotono som chamando o somno,
Dê movimento ás rodas, que subindo
Mandem ao Tanque os plenos Alcatruzes
As creadoras aguas, que da Horta
Vam saciar as plantas sequiosas.
Junto aos muros em ocio jaz o Arado,
O luzente Alvião, dentado Ensinho.
Neste logar habita a chusma toda
Dos animaes domesticos. Deitadas
Nessa arribana as remendadas Vaccas,
Que lhe dam d'alvo leite amplo tributo,
Em socego ruminam! jaz n'estoutra
O animal entre nós de ignobil nome,
Mas presado de antigos Patriarchas,
Sobrio, humilde, robusto, infatigavel,
E que inda agora a timida Belleza,
De pomposos arreios adornado,
Ao fervido Corsel prefere ás vezes.
Jaz a Egoa elegante ao lado delle,
E a indocil Mula de seguro passo.
Em favor de seu prestimo soffremos
Seu genio rebellão, sua malicia,
Caracter com que sempre a Natureza,
Em pena de que as Leys se lhe transtornem,
Assignalar costuma as mixtas raças.
N'aquella erguida Torre, que branqueja,
Habitam de Cythera as meigas Aves:
Aquellas, par a par, os ares cortam,
Estas saltinham pelo chão, e essoutras
Sobre o telhado arrulam, e se beijam,
Ou com o bico compõe nitidas pennas.
Andam aqui as moscas perseguindo
Sofregos Patos; uns se recommendam

Pelos coraes, que o cólo lhe guarnecem,
Outros pela alva côr, ou pelas manchas
De verde, preto, ou pardo, que os matizam.
  Ali giram do Cairo alvas Gallinhas,
De pés anões, e desmedida pôpa,
As negras, as pedrezes, signal certo,
De fecundez; as Mouras que lourejam,
De comprido pescoço, e longas pernas.
As Africanas, que o dezar da forma
Co'a pintada plumagem recompensam.
  Maridoso Consorte em meio dellas
Sultão, que em seu amôr rivaes não soffre,
Se emprôa o Gallo! ao peito lhe descendem,
Vermelhas como sangue, as longas barbas.
A' similhança de bicornea Mythra
A crista sobre a fronte se lhe eleva,
Que assombra por detraz a farta pôpa;
Da cabeça a cobrir-lhe as largas costas
De pennas aurea clamyde lhe desce;
Alta lhe sobe a cauda esmeraldina,
E airosa se lhe encurva; armam-lhe as pernas
Agudos esporões; co'as curvas unhas
Se na terra descobre um grão de milho,
Ou pequeninos vermes, com seus gritos
Chama as Esposas, e lhe entrega a preza.
Qual agudo clarin sua voz sôa,
Pugna sem medo, e canta o seu triumpho.
  Mais ao longe o Peru, d'Indica origem
Estallando se enrufa! as azas baixam
A acompanhar os pés, ergue, e desdobra
Da cauda o farto leque! aos azulados
Coraes, e longo monco acode o sangue,
E de purpura os tinge! assim pomposo
Sua belleza ás femeas alardea,
E a retumbante voz a espaços solta!

Comtemplemos a Horta! oh que formoso
Ponto de vista! que ordem nos canteiros!
Que exactidão em o alinhar das Plantas!...
Que chistoso matiz em o alternado
Seu verdejar! aqui a branda Alface!...
Ali tronchudas Couves!... lá branqueja
Entre as compridas folhas o Repôlho,
Além a Chicaróla amareleja,
E a Chicoria arrendada expande o seio!
Qual Phalange de lanças irrissada,
Os verdenegros Alhos se perfilam,
E de Vermes, e Insectos escarnecem!
As longas ramas languidas inclinam
As redondas Cebôllas, cujo sumo
Involuntario pranto aos olhos chama.
Veceja a Salsa em pinhas, e com ella
A fresca Pimpinella, o bom Mastrunço,
E ao paladar Italico a fragrante
Não grata Segurelha, que entrelaça
Brazileira Donzella em seus cabellos,
Largi-folia Ortellãa! cresce em columnas
O Aipo, que se cobre de alvas flôres,
Brotam Pimentos, e Almeirão, Acelgas,
Sanguineas Betarrabas; vestem muros
Os verdes Tomateiros, e mil plantas
De gostoso sabôr, que de seu dono
Com manjar não comprado a meza abastam!
Cá se apinham do Milho os verdes tronchos
Coroados co'a tremula Bandeira
Rebentam-lhe entre as folhas ponte-agudas
Barbi-geras Espigas, e por elles
O trepante Feijão se enrosca, e sobe.
Prolonga-se no chão, qual verde Cobra,
A haste emfolhada, que produz, e nutre
As recurvas Abobaras; mais longe

Os cheirosos Melões amadurecem,
Frescas açucaradas Melancias,
A fructa, que eu prefiro ás fructas todas.
Aqui, e ali elevam-se dispersas
As fructiferas Arvores; aquella
Que trouxe da vencida Cerasunto
Triumphante Luculo; as que se curvam
Co'a córada Maçãa, e aurea Gambôa,
Figueira, que sem flôr produz seu fructo,
Qual peito de magnanima virtude,
Que dá sem prometter! O Pecegueiro
Melhor tornado no terreno alheio,
A Larangeira ornada em toda a quadra
D'alva flôr, verdes folhas, e aureos pômos,
A arvore de Tysbe, cujos fructos
Sam mais dôces que o mel de novo Enxame,
O Azereiro, a Nogueira, e de igneas flôres
Corôado esse Arbusto aos nossos campos
Dos vergeis de Granada transplantado,
Cujos globos se escacham, e appresentam
De Rubins vejetaes formosas pinhas.
Eis a hora da réga! em solto chôrro
Por um largo canal a agua sussurra,
Dextro Colono co'a luzente enchada
Ora os rêgos franqueia, ora lhos fecha,
Aos taboleiros todos repartindo
Com justa proporção o banho undoso.
Subito vigor novo as plantas tomam,
E no alagado chão surrir parecem.
Assim quando nas Serras, onde nasce
O septifauce Nilo, o sol desgella
Os enormes montões de vitrea neve,
A immensa aluvião se precipita,
E ufano o Rio co'a opulencia nova
Se empola, se embravece, e as margens galga.

Os denegridos Cophtos correm promptos,
Abrem-lhe mil canaes! rugindo as vagas
Pelas longas planicies se derramam,
E com piugue nateiro as fertilisam.
As Cidades por diques defendidas,
Ilhas parecem, que das ondas surgem,
E os moradores de elevadas Torres,
Medindo estam com olhos satisfeitos
O universal, fructifero diluvio!
Passemos ao Jardim; formoso, e simples,
Como o requer o estado de seus donos.
Não verás nelle esses apuros d'arte
Que nos Jardins dos Grandes nos assombram;
Nem Hydraulicos Orgãos, nem de um tanque
Marmoreo á beira entre rosaes frondosos
Venus, qual se do banho ali sahira,
Nem Jupiter vibrando o raio ardente,
Nem os Bustos dos Cezares, que espantam
Com o enrugado aspecto a paz dos campos,
Nem Tigres, nem Leões mais mansos que elles.
Tudo é simples aqui, tudo é campestre.
Ousado Navegante ahi não veio
Arvoredos dispôr de estranhos climas.
Botanicos vergeis aos Reis competem,
O Lavrador, poupado em seus recreios,
Os estereis despendios aborrece
E supre co'a elegancia a raridade.
O Tosquiado buxo alinha as ruas,
E em torcidas Pyramides se eleva.
Fórra os muros odoro Jasmineiro,
O Martyrio que ao rustico devoto
A paixão do seu Deos traz á memoria.
O Adolico, que esmaltam rubras flôres.
Em vistosas latadas se prolongam
Verdejantes roseiras, que entremeiam

O nunca-murcho Louro, a Faia umbrosa;
Subir parece ás Nuvens o delgado
Tronco de Malvaisco, a que outros deram
O nome de Gigante, e que revestem
D'alto abaixo Botões rubros, ou brancos,
Parte dobrados sam, singellos parte.
Aqui todo um Canteiro estão bordando.
Os alegres Valverdes, e nos cantos
Formosos Helyotropios os realçam!
Desabrocham além purpureos Cravos,
Os brancos, côr de vinho, almiscarados,
Verdes alguns tão raros como os olhos
Da mesma côr n'um Rancho de Donzellas.
Ali vejo brilhar roxas Perpetuas,
E as amarellas de menor volume.
Vejo os Melindres de variada tinta,
Vejo crespas Saudades, e do centro
Verde pluma romper-lhe; ao longe em vasos,
Não de rara Chineza Procelana,
Porém de Nacional limpida louça,
Crescem, vecejam as mimosas flôres,
Que do perfeito amor tiveram nome.
Os Junquilhos, Jacinthos tão queridos
Das Donzellas da Grecia; a Bergamota,
Que tocada difunde um vivo aroma.
Pulula a Mangerona, rival sua,
Com o Mangericão de larga folha.
Lá de um Caramanchão por cima estende
O Cedro recortado a verde rêde,
Nelle em assento de cortiça tosca
Da leda habitação a amavel Dona
Espia a róca, e com gentil donaire
Solta da mão pendente em longo fio
O redupiado fuso! em roda della
Sobre a morbida felpa andam brincando

Dous filhinhos tão lindos como amores.
Dorme todo enroscado em seu regaço
Um nedio Gato de cinzento pello!...
Ris, oh Lieutard, que este animal não amas,
Que accusas de traidor e lhe preferes
O Cão, que te festeja; o Cão eu amo,
Como amo os Brutos todos, mas não gosto
Que elle beije servil a mão, que o fere.
Praz-me do Gato a nobre independencia
Que nem com beneficios se escravisa.
Livre sempre, os affagos ora aceita,
Ora os recusa a bel prazer, nem soffre,
Que seu Dono o maltrate sem vingar-se.
A conservar a propria dignidade
Oxalá delle os Homens aprendessem!
Mas tambem de amizade é susceptivel
Quando a sua altiveza melindream!
Olha o meu Baccarau como me affaga,
Como a meu lado largas horas passa,
Quando me ausento se entristece, volto,
O passo me conhece, e corre á porta;
Entro, arqueando o dorso, e a cauda erguida,
Com mil alegres voltas me festeja.
No centro do Jardim se estende um lago
De cristalinas, remansadas aguas,
Quatro frondosos Chôpos o circumdam,
Inclinando sobre elle as fartas cópas,
A cuja amena sombra retouçando
Peixes diversos em figura, em côres,
Nadando correm, giram, descem, sobem,
E com seu movimento a vista alegram.
Lá desabroxa as veludadas folhas,
A familia estensissima dos Lyrios,
Gredelens, alvos, rôxos, laranjados,
Florescem Mogarins, e as Açucenas

Com as nevadas cupulas se ufanam;
A linda Hemerocal que em successivos
Dias dez um botão graciosa expande,
Co'a Aurora os vê abrir, murchar co'a Noite,
Irmãos, que a seus Irmãos jámais sorriram!
Que vistoso matiz os Goivos mostram
Delles dobrados, e singelos delles!
Como lustram as Indicas Papoulas
Que o Calice da Rosa ao longe imitam!
Como altivas torream tachonadas
Já de escarlates, já de azues boninas
As esguias Pyramides! tremulam
Do Zephyro a capricho as Plumas de ouro,
Ferrugineas Esporas, e as cabeças
Da Balsemina que o Alambre imitam.
Lá symbolica folha estende a Acacia,
Ahi a Sevadilha a cada adejo
Dos Favonios brincões a terra em roda
De rubidas florinhas alcatifa.
Mas eis a Sensitiva! mal que a tocas
Estremecendo se contrae, se encolhe;
Julga o vulgo que o pejo é causa disto,
Mas engana-se o vulgo, a causa é outra!
Difere desta planta a contextura
Da de todas as Plantas, por tal arte,
Com fios tão subtis se unem, se ligam
Co'as raizes o tronco, e co'elle as folhas,
Que, se apertares um, aos membros todos
A contracção de subito transcende,
Pára a circulação, e se adormenta
Em syncope funesta a vida sua,
Té que o ar comprimido alfim reage,
A Planta volve em si, respira, e vive!
Mas, o Horto florejado coroando,
Se apinha um Bosque de copados Myrthos,

Tão densos, que o fulgor do Sol a pino
Com trabalho os penetra; taes nos pinta
De Mantua o Vate no subterreo Mundo,
Esses campos de lagrimas por onde
Namorados Espiritos vagueiam
Na sombra, e solidão nutrindo as mágoas!
Ah! se acaso uma vez Fortuna injusta
Com sereno semblante me sorrisse,
Tal sería o Jardim, onde tranquillos
Entre amor, e entre as Musas repartidos
Meus dias venturosos correriam,
Como as ondas de limpido remanso,
Que tardo se deslisa em mole areia.
Só com luxo innocente lhe juntára
No fundo um largo Pavilhão; seriam
Altos Loureiros as columnas suas,
Cujas cópas, com arte entretecidas,
De sempre verde abobada o cubriram.
Cedro, Roseira, Jasmineiro, e Buxo
Lhe serviriam, enredando os ramos
De muro impenetravel, prazer d'olhos,
E delicias do olfacto! dentro houvera
Em roda assentos de polida pedra,
Meza igual se elevára, em meio delles,
Dedicada aos festejos da Amizade.
Em altos pedestaes, em flóreos nichos
Por dentro o guarneceram claros Bustos
Dos Vates, que mais honra á Patria deram!
Bello fòra alli vêr em sitio de honra,
O que mais mereceo de nossas Musas,
O divino Camões, aos lados tendo
Thominó, que a par delle erguêra o vôo,
E o Cantor, que Albuquerque eternisara.
Parecêra ufanar-se o grão Phylintho
Vendo proximo a si de Irene o Vate,

E Alfeno, a quem amou, ambos como elle
Victimas de nefanda, injusta intriga,
Ambos mortos no exilio, ambos sem culpa.
Corydon sonoroso, que primeiro
Entre nós restaurou do Pindo a gloria,
Entre o sublime Elpino, e o bom Ferreira
Erguêra laureado a sabia frente!
Mais longe aos olhos meus avultaria
Um terno, a quem sorrio do Idylio a Musa,
Culto Elmano, suaviloquo Bernardes,
E Alcino, que dos dous a gloria eclypsa.
E o terno amor, e as melindrosas Graças,
De Rosas e de Myrtho coroaram
De Marilia o Poeta, que em seu Canto
A ninguem imitou, rivaes não teve!
Neste ás Musas, e Estudo consagrado
Abrigo verdejante, horas fugazes
Consumirá em Poeticos lavores,
Que vezes a escaldada phantasia
Ao rubido fulgor do Sol cadente
Me figurara que os marmoreos Bustos,
Objecto de meu culto, em que alguns conto,
Com quem já me enlaçou pura Amisade,
Com gesto prasenteiro me animavam
A proseguir dos Zoilos a despeito
A senda, que os guiou do Pindo ao cume.
Fôra alli que as visitas recebêra
Do resto d'esse Circulo de amigos,
Ingenuos, verdadeiros, não fingidos,
Que, immaturas espigas, tem ceifado
Em derredor de mim da Morte a fouce!
Lá viria o meu Jonio, que na infancia
A meu lado escutou lições austeras
De quereloso Mestre mais disposto
Para tedio inspirar, que amor ás Letras.

Jonio sempre constante em seus principios
De quebrar não torcer, que em tantos annos
De queixa me não deu nem tenue sombra,
Phylosophar comigo iria ás vezes,
E co'a taça na mão brindar aos Vates
Cujas cinzas honramos, e os seus Bustos
Adornar de odoriferas grinaldas:
Lá fôra o grave Ismeno, honra de Eutherpe,
Barreto, que do Genio ajunta aos dotes
Alma Romana, que servir não sabe;
Com que júbilo eu d'ambos escutára
Hymnos brilhantes de fulgor Phebeio,
Fôras tu, oh Vicenio, tu, oh Sousa,
Borja, Silva, de Hegya Alumnos sabios,
O Senna para o bem sempre disposto,
E que affoga a tristeza em rubras ondas
De espumante licôr, que o Douro cria,
E oxalá que alli visse algumas vezes
O douto Preceptor, o velho honrado
A quem devo o que sei da Lacia lingua,
Que o Perystilo me franqueou das Letras.

II.

Mas ah! quão longe estás, sonho ditoso,
De seres realidade!... embora!... ao menos
Gozaremos, Lieutard, nos livres Campos
Os quadros da risonha Natureza!
Estas longas Courellas se costeem
De pampinosas Cepas revestidas,
Essas louras Searas, que figuram
Um mar de ouro, que os Zephyros encrespam,
E ouro bem é o que sustenta os Homens!
Na vasta superficie lhe rebenta
Um diluvio de rubidas Papoulas,

Como vemos no claro firmamento
Soltas brilhando lucidas Estrellas.
Felizes Lavradores se soubessem
O valor conhecer da sorte sua!
Se tantas Leis injustas, e oppressivas,
Não esterilisassem seus suores:
Se por ventura o nescio, o fôfo orgulho
De immerito despreso os não cobrisse!
Como! a Phylosophia inda não póde
Desarreigar de todo as vàas chymeras
Das Gothicas Nações, de quem provimos?...
Esses feros Mortaes honra só viam
No exercicio das armas, e deixavam
A cultura da Terra em mãos d'Escravos,
E' mais gloria, que insania! a Humanidade
Apoucar, extinguir, que sustenta-la!
Nobres, que possuis ricas Herdades,
Terreno immensuravel, porque em ocio
As deixais, ou ao sordido Rendeiro,
Que as desfructa, as estraga em vez de augmento;
Hide-as vós fabricar; do Dono á vista
Tudo cresce, veceja, e fructifica.
Que maga Circe, que dolosa Armida
Da Côrte no intrincado Labyrintho
Com seus philtros vos prende, e vos demora?
Lá sereis opulentos, respeitados,
Independentes, e o que é mais, dos Pobres,
A quem dareis trabalho, o amor e abrigo.
De Lavradores vos prezai; tal nome
Do facundo Diniz já foi delicias,
E o que honra foi d'um Rei não vos deshonra.
Grandes Heróes Agricolas já foram.
Vêde os augustos, venerandos tempos
Da Romana grandeza, quando em meio
Dos trabalhos ruraes mandava a Curia

A insignia Consular aos seus Patricios.
E as mesmas mãos que validas curvaram
As cervizes de tumidos Tyrannos,
Ledas volviam a amanhar seus campos,
Co'triumphal Lavrador folgando a Terra,
E laurigero Arado! vêde o augusto
Chefe do Imperio China, cuja origem
Na escuridão dos Seculos se perde,
Ser de seu Povo o Agricultor primeiro,
Bem que de nenhum Rei thegora o sceptro
Tal numero de subditos regesse!
O grão filho do Céo, a quem precedem
Pomposos Mandarins de Armas e Letras,
De Tympanos ao som, por entre vivas
De Povo espectador, que ao chão se inclina,
Por alas de beli-geras cohortes
Em todo o regio fausto entra no campo,
Que herdou de seus Avós! alli descende
Do Carro, porque tiram seus Validos,
Traça as talares roupas, longo manto,
Junge co'as proprias mãos ao aureo jugo
O Bubalos fogosos, aurea lança,
Arado de ouro empunha, os sulcos abre,
De que deve brutar messe abundante
Semeada por elle!... egregio exemplo!...
Pomposa Ceremonia, a cuja vista
Todos nossos festejos se anniquilam!
Mais proximos a nós quereis modèllos?...
Vêde Castro, o terror dos Reis do Oriente
Que viveo como Heróe, morreo qual Sabio,
Nos terrenos Romanticos de Cyntra.
Curva fouce brandir em vez de espada,
E o primeiro mostrar d'Europa ás Gentes
Dos Chinezes Jardins chystoso typo!...

III.

Vós, a quem seu mandato os Lusos deram,
Vós, que a Lei institue Mantenedores
Da Liberdade, e bem da Patria nossa,
Ouvi da Patria a voz! a Patria se ergue
Com rosto esperançoso, e assim vos falla,
« Do abandono, e oppressão da Agricultura
« Nascem em grande parte os meus desastres!
« Accodir com desvello aos seus clamores
« E' crimes evitar, dispôr virtudes.
« Da hedionda Pobreza o torvo aspecto
« Faz que dos campos ás Cidades corram
« Os enxames de Jovens d'ambos os sexos,
« Que oprobrioso pabulo demandam
« Em vil mendicidade, em tôrpes vicios!
« Fazei soar bem alto aos pés do Throno
« Patriotica voz! Leis providentes
« Extingam, pelo menos aligeirem
« Encargos cujo pezo o arado quebra;
« Tornar os Lavradores venturosos
« E' felizes tornar as classes todas.
« Das suas producções a Industria vive,
« Prospera com ellas o Commercio; vinga,
« Cresce a população, que onde acha o Homem
« Os meios de viver facil propaga.
« Qual planta, que enfezava em chão mesquinho,
« A abertoso terreno transplantada
« Subito arreiga, cresce, e fructifica!...
« Um permanente Exercito que rouba
« Os braços á Lavoura, e que consome
« Sem produzir, para que é bom? as armas
« Nunca estranharam mãos á enchada affeitas;
« Se injustos inimigos nos invadem,

«Todos os Cidadãos serão Soldados,
«Mais bravos, mais fieis se a propriedade
»Juntarem aos estimulos da gloria.
«De Roma as Legiões sempre invenciveis
«Defendiam seus bens servindo a Patria;
»Fôra um crime admittir Homem sem censo
«A' milicia, então honra, hoje violencia,
«Como Roma os Guerreiros, finda a lucta,
«Mandai de novo cultivar seus campos.
«Mais que tudo empregai olhos attentos
«Nas Africanas terras, que thegora
«Sem cultivo deixou fatal desleixo.
«Lá vos guarda profusa a Natureza
«Ampla messe de innumeros thesouros,
«Que podem outra vez subir os Lusós
«A' perdida opulencia! alli revolvem
«Aureas areias caudalosos rios;
«Mil uteis animaes seus bosques nutrem.
«Lá melhor que na Europa fructificam
«A fertil Oliveira, os dões de Ceres.
«Lá abunda o marfim, a cêra abunda,
«A Urzella no Commercio tão valida,
«O Incenso, a Goma; cresce a Tamareira,
«Que digo? quantas Plantas enriquecem
«O Americo terreno alli produzem.
«Dai-lhe braços, e leis, vereis em breve
«Que d'Africa se adorna a negra fronte
«Com as do Assucar deliciosas Cannas,
«Vereis suas campinas revistir-se
«D'estridulos Caffés, grata Baunilha,
«Co' Arbusto do Cacáu alimentoso,
«Do Manjim, que matizam aureas flôres,
«E produz o Algodão, co'a Folha ardente
«Do Tabaco, que as mageas affugenta,
«Purificando o Cerebro!... seu clima

« Vos assusta? . . . a cultura adoça o clima,
« Porque a vegetação absorve o Azote,
« Os corrompidos ares depurando
« Com o puro oxigenio que ella inspira.
« Os seus negros Indigenas contentes
« Ham de ajudar-vos nas ruraes fadigas. . . .
« Não os escraviseis! . . . tempo é que cesse
« Tal horror que enxovalha a Humanidade! . . .
« Nimio sangue correu! . . . nimios delictos
« Tem gerado esse trafico de Escravos,
« Immoral, execrando, abominoso! . . .
« Por elle Africa em guerras se lacera,
« Se despovôa; os Brancos se prevertem,
« E em oppressores barbaros se tornam! . . .
« De que serve o rigor com doceis Negros? . . .
« São Irmãos vossos! . . . Cidadãos, e livres
« Os seus direitos como vós disfructam! . . .
« Dai á Religião o encargo honroso
« De os amansar, de os instruir; foi sempre
« Pia Religião a mestra do Homem.
« No Céo como na terra o faz ditoso.
« Vereis surgindo prosperas colonias
« Perennes mananciaes de amplo Commercio,
« De Civilisação! Legisladores,
« Vós o passo primeiro haveis já dado
« O Instituto Africano decretando,
« Onde na Lusa Athenas se franquêa
« Das Sciencias o estudo aos jovens Pretos! . . .
« Mas pouco é começar, no fim jaz tudo.
« Prosegui, obtereis as bençãos minhas,
« D'Africa as bençãos, e renome eterno!

IV.

Por essa de Pinheiros mal unidos
Rustica, mobil ponte atravessemos

O profundo regato que se escôa
Assombrado de Juncos, e Salgueiros.
Tudo e árido aqui, tudo é deserto!...
Parece que se eleva vaporoso
Um como fumo da escaldada areia!
Apenas no Orisonte se destacam
Na mesma linha esguios, verdenegros
Os altos troncos das Piteiras bravas,
Que se rematam em redonda Ombella!...
Das virações o sôpro nos circunda
D'um calòr, que suffoca! triste Scena!
Figura, collocada ao pé do quadro
Do agricultado chão, da Morte a muda
Tranquilidade inerte, que succede
Ao grato movimento da existencia;
Ou descampados Páramos da Styge,
Tristonhos, tenebrosos, na fronteira
Do perpetuo verdòr de Elysios campos,
Que alma, perenne luz fecunda, e doura?
Porém este espectaculo enfadonho,
Toda esta solidão quanto está longe
Dos perigos, e horror, que ao Caminhante
Arabicos desertos apresentam!
Refervendo os areaes, poeira em nuvens
Magra esterilidade, a sêde, os ventos
Por toda a parte em damno seu combatem!...
Longos olhos estende, e ao chão fervente
Vê pegar-se Athmosphera amarellada,
Que lhe reflecte a côr! Eis salta o Norte
Sopra, e com sôpro seu levanta aos ares
Movediças Pyramides de areias,
Que feridas do Sol, o fogo imitam!
Agora em magestoso passo avançam,
Ora correm velozes! já se alargam,
Deminuindo a altura; já se alongam,

E adelgaçam qual Serpe em seus coleos;
Quebram-se estas, e as cupulas se espalham
Na extenção do Dezerto em chuva ardente!...
Arrepiado, attonito de susto,
Vê aquellas correr direito a elle;...
Fugir é vão!... galope despedido
De rapido Corsel menos ligeiro
E' que o vôo das massas arenosas!...
Subito a direcção ás vezes mudam,
Mas quantas no seu bôjo ao malfadado
Dam morte, e sepultura ao mesmo tempo!
Outras vezes espesso nevoeiro,
Que do Iris assemelha a côr purpurea,
No Orisonte desponta! deo-lhe o nome
De Simoon o torrido Agareno!...
Com cabellos de fogo, olhos em braza
O medonho Tufão rapido avança,
Debaixo de seus pés redemoinhando
O arenoso Oceano se revolve;
Ergue as rubidas mãos o monstro, e solta
Inflammados, Vulcanicos vapôres,
Das azas estridentes se derrama
Soffocação electrica, que o trilho,
Que seguira nos ares assignala,
Como deixa marcada a veloz quilha
Na superficie d'agua a longa esteira.
A evitar-lhe o furor aprende o Homem
Co'foveiro Camello, e de igual modo
Deita-se, esconde a face entre as areias,
E passar deixa o voador Tyranno!

V.

Mas estes furacões impetuosos,
E os que das Plagas Indicas revolvem,

Os dilatados mares, e em seus bosques,
As Seculares Arvores derrubam
Um mal não sam! a sabia Natureza
Tem um fim digno della em quanto ha feito.
Se elles nos climas cálidos faltassem
Innumeravel multidão de Insectos
Em progresso infinito propagara:
Viram as Ilhas entupir seus portos
Com calcareos rochedos, que se formam
Das Conchas dos Mariscos dissolvidas
Por maritimos saes; elles os quebram
E das Correntes com o impulso os gastam
Seu terreno franqueando ao tracto Humano.
Sam elles, que a litorea, fina areia
Levam ao cume de elevados montes,
E a vegetal Camada, de que a chuva
De continuo o defalca, lhe reparam,
E com ella de envolta ali conduzem
As sementes das Arvores, das Plantas,
Que em taes alturas de crescer se agradam.
Dos Pólos o frescôr trazem nas azas
As ardentes regiões, e as refrigeram,
Dellas ás plágas Boreaes recovam
Quente vapôr, que os frios lhe tempera.
E' dos Tufões o sôpro furibundo
Quem obriga a descer o Ether puro
De seu throno glacial, e a combinar-se
Com o ar inferior de gazes cheio,
Gerando as vernaes chuvas,.... que outra cousa
Nos pintou a sapiente Antiguidade
Em Jove, que de amor embriagado
Descende ao seio da formosa Juno,
Em seus mutuos abraços inundando
A Terra com prolificos chuveiros?...
Cybelle então se alegra, e baixa aos campos,

A Primavera lhe suspende aos hombros
O manto esmeraldino, e rindo Flora
Com floridas grinaldas a corôa:
Das grutas fluviaes, dos cavos troncos
Formosas Nymphas a encontrá-la correm,
Descem dos montes rusticos Sylvanos,
E os capripedes Faunos, e em mil cantos
Todos celebram do Tonante as nupcias.

VI.

Essas Religiões de antigas Gentes
Mais não sam que scientificos systemas,
Aos olhos dos profanos recatados
Co' Poetico véo da Alegoria.
Do Egipto os precatados Sacerdotes
Depois de haver provado em longos tempos
De jejuns, de silencio o sofrimento
Do iniciado nos mysterios doutos;
Depois de com intrepida constancia
Triumphado elle haver de insanos medos,
De espantosas visões, de horridos Monstros,
Depois do frio mar vencer nadando,
E de transpôr por ferrea estreita ponte
Em carreira veloz o mar de fôgo,
Da Sciencia os arcanos lhe fiavam.
Então o Hierophante em sacro Bosque
De funereos Cyprestes, e ante as aras
De Harpocrates, que o dedo ao labio applica,
Como que dizer véde o que ali se ouve,
« Deste de intrepidez (dizia) oh Filho,
« Evidentes signaes, e hoje consegues
« Que brilhe aos olhos teus a luz de Sophia.
« Athegora entre o vulgo confundido,
« Tens da superstição vagado em trevas

« Mas ao escasso numero dos sabios
« Admittido por mim, verás com riso,
« Verás com compaixão Mortaes insanos
« As aras com offertas carregando,
« Idolos incensar feitura nossa.
« Deos é um ; sempiterno, omnipotente,
« Justo, bom, e presente em toda a parte.
« Elle os Mundos creou, elle os conserva,
« O sabio o reconhece, e humilde adora.
« Mas a externos objectos afferrado,
« Escravo dos sentidos , póde o vulgo,
« Erguer á Divindade o pensamento ?
« Elle quer sacrificios, quer incensos,
« Aras, e Templos, Canticos, e Danças ! . . .
« Quer vêr seus Deoses, muito embora sejam
« De corruptivel Lenho, ou Pedra inerte,
« Quer que se lhe refira a historia delles,
« E presta maior crença á mais absurda,
« Quer nelles encontrar as paixões suas,
« E mais que tudo recear-lhe as iras.
« Assim ao nosso jugo o cólo inclina,
« Assim nos enriquece , e o dominamos.
« Aí de ti se a illusão romper-lhe intentas,
« E se os nossos Arcanos lhe decifras ! . . .
« Odîos, perseguições, desterro, e morte
« Terás por galardão, e os seus furores
« Vingar cuidando o Céo, hão de vingar-nos !

VII.

« Mas dos Sabios no mistico Dialecto
« Esses Numens do vulgo sam emblemas
« Dos Phenomenos varios de Natura !
« Assim quando nas grutas do Oceano
« Onde nascêra em leito cristalino

« Venus entrança d'Ebano os cabellos
« Com vermelhos coraes; na fronte airosa
« Com fio d'alvas perolas suspende
« Em caracoes as fulgidas madeixas;
« Cinge o magico cinto, em que se engrasam
« Todos da formosura os lenocinios,
« Entra na larga concha porque tiram
« Escamosos Tritões, que o ar atroam
« Com os sons alegres dos curvádos Buzios,
« Entre harmonicos Cantos das Nereidas
« A flôr das ondas surge, e co'um sorriso
« Amorosa influencia em torno espalha.
« Sentio-a o Sol, e se lhe dobra o lume;
« Zephiros jubilosos adejaram
« Da encantadora forma em torno, o Olympo
« Abrio de par em par saphireas portas,
« E por ellas entrando a nova Deuza
« Vio curvar-se a seus pés os Numes todos.
« Esta amavel Pintura representa
« A Terra, que emergio do fundo aquoso,
« E vecejou de producções coberta!
« Quando o gelido Inverno assombra a Terra,
« Della dormitam no alagado seio
« As sementes que em curto espaço encerram
« Futuros vegetaes; the que nos ares
« Assoma a Primavera em aurea Nuvem,
« E com fogo prolifico as fecunda
« Desenvolve-se o germe, o chão já rompem
« Os mamillos que a Planta infantil nutrem,
« O talo cresce, as folhas se destendem,
« Surge o Botão, a Flôr se desabroxa,
« O fructo segue a flôr, e coroada
« De fragrante matiz a Terra exulta.
« Eis o Ovo, que a noite acalorava
« Com peito de azeviche, azas sombrias!...

« Com córnos de diamante, olhos em braza
« Bufando lhe arremete o Touro ethereo,
« Quebra estrondoso o candido envolucro,
« Com azas de Pavão, e vôo de Aguia
« Delle o risonho Amôr se eleva aos ares
« Qual lavareda lucida, fluctuam
« Seus ondados cabellos, que ouro imitam,
« Vibra setta após setta do arco eburneo,
« E em toda a Natureza infunde a vida.
« Desejoso de gloria o moço Alcides
« Abandonando os Amphionios muros,
« Vai commetter ousado honrosas lidas.
« Primeiro arrostra nos Nemeios bosques
« Coroado Leão, que furibundo
« Ruge, as presas reganha, as garras vibra:
« Aos crebros golpes da nodosa clava,
« Rompe do Monstro o duro craneo, golpha
« Fumante sangue, que lhe mancha as jubas;
« Morre, e morrendo, co'feroz bramido
« Faz as selvas tremer, e echoam montes.
« Ufano o vencedor, do chão sanguento
« Ergue-o, despoja-o da formosa pelle,
« Que, tropheo da victoria, aos hombros lança,
« E nas campinas da assombrada Lerna
« Novos perigos, novas glorias busca.
« Já das corruptas, rebalsadas aguas
« Da fetida lagôa, coleando
« Surge a Hydra fatal, cabeças sete,
« Silvando entona, sete linguas vibra.
« Ardem-lhe os olhos, figurando á vista
« Faxos quatorze, que na mão das Furias
« Com sinistro clarão no órco fuzilam.
« O Heroe não treme, não descóra, avança,
« Digna Prole de Jove, e o duro alfange
« Relampago é na luz, no estrago é raio.

« Em defeza do monstro em vão das ondas
« O multipede Cancer se abalança :
« Do cortado pescoço em vão rebrotam
« Multiplices cabeças, que dos olhos
« A luz lhe foge, e com o sangue a vida.
« Com clamôr jubiloso o victoreiam
« Os libertados Povos ; e não ousam
« De perto contemplar a Fera extincta.
« Logo os Centauros desbarata, e prostra
« Do Erymantho o terror, que lhe não valem
« Fulminea força, e recurvados dentes.
« Do resonante mar pizando as praias
« Ei-lo vai, ei-lo vê na fulva areia
« O bronzipede Cervo coroado
« De cornos auri-arboreos ; por trez dias,
« Por noutes trez, com indefeso passo
« Correndo leve o segue, e ás mãos o colhe.
« Eis que as Aves de Stymphala, que envia
« Dos paramos do Averno irado Nume,
« Brioso Sagitifero, derruba
« Uma apóz outra no elevado vôo
« Com certeiros farpões, que envenenara
« Da Hydra Lernea no vertido sangue.
« Logo, a pedido do Neptuneo Filho,
« Do turbido Peneo mudando o curso
« Do Monarcha aos estabulos immundos
« O constrange a correr ; ondas sobre ondas
« Ergue o Rio espumoso, e lucta, e leva
« O amontoado enxovêdo ao golfo equoreo.
« Do Corsel Arion cavalga o dorso,
« E da aligera Fama precedido
« Se encaminha onde em Campos verdejantes
« Elide, cara aos Deoses, se recosta.
« Segue-o, e debalde reluctando, muge,
« Contra a bronzea Cadeia, que o subjuga,

« O Touro, que, (assim quiz a irada Venus)
« Fez arder, suspirar de amor insano
« A Rainha de Creta, e depois solto
« Os Marathonios campos devastava.
« Ali chama da Grecia os Povos todos
« A combater nos quinquenaes certames
« Que das primicias das victorias suas
« Funda, e premios designa, aos que vencendo
« Em honra sua os seus rivaes derrubem.
« Eis sóbe ousado ao ingreme rochedo
« Onde, de Jove victima innocente,
« Geme ligado Prometheo solerte,
« E sobre elle pairando Abutre fero
« Rebrotantes entranhas lhe devora.
« O magnanimo Heroe com a rija clava
« Despedaça as prisões, a Ave faminta,
« Traspassa, e pela mão conduz liberto
« O assombrado Tytão que outrora ousara
« O fogo animador roubar aos Astros.
« Eis entra o Reino do feroz Diomedes,
« Que seus bravos Corseis alimentava
« Com membros de seus subditos! que Tigre?
« Que Serpente feroz, que monstro póde
« Com Rei Tyranno comparar-se? Alcides
« De furor desadóra, e clama, oh Povo!...
« Como assim a cabeça ao jugo inclinas?
« Como sofres que os membros te retalhem
« Para de Brutos misero alimento?...
« Homens sois, ou de timidos cordeiros
« Rebanho devotado ao cêpo, ao ferro?
« Porque ha Tyrannos? porque ha vis que os sofrem.
« Para reger Nações os Reis se aclamam,
« Se atropellam as Leys, se a humanidade
« Calcam aos pés, e em sangue se embreagam,
« Como um só Homem, todo o Povo se erga,

« E nas aras da Patria o sacrifique,
« Victima grata aos Céos! — « Disse, e já chama
« Alto bradando a singular combate
« O Filho de Cyrenne: ei-los se travam,
« Retumba em roda o ar com os sons dos golpes,
« Debaixo de seus pés a terra treme,
« Dous Ursos, dous Leões, dous Tigres feros
« Que urrando se accometem, se laceram,
« Destes feros Campiões sam fraca imagem,
« Vai o dia findando, mas quem póde
« De Hercules triumphar? perdendo o sangue
« Perde Diomedes o vigôr: Alcydes
« Abreviar a victoria desejando
« A clava deixa, nos quadriz, nos hombros
« Pesadas mãos cholerico lhe imprime,
« O pé esquerdo adianta, curva um pouco
« O sinistro joelho, o vasto corpo
« Para traz lança, com esforço o eleva,
« Volta-o no ar, em ponte-aguda rocha
« A cabeça lhe esmaga, e quente ainda
« A seus proprios Corseis em pasto o arroja!
« Então da Grecia a mocidade heroica
« Do Carneiro em que Phrixo, e a Irmãa fugindo
« Do Bosphoro a corrente transpozeram,
« O vélo de ouro a conquistar se aprompta:
« Não falta a nobre empreza o Heroe Thyrinthio,
« Na dourada Gallera ao mar se affouta;
« Amazonas armigeras derrota,
« Prole de Marte! e do Marinho monstro
« Que para a devorar das aguas surge,
« Novo Perseo, impavido liberta,
« Donzella que a um Rochedo atada geme.
« Ei-lo peregrinando Hisperios campos,
« Onde o Sol entra nos umbraes de Thetys
« Da diurna carreira fatigado,

« Ao valente Gerião trez vidas rouba
« Seus formosos rebanhos conquistando,
« E na orla do indomito Oceano
« Montanhas duas por columnas ergue,
« Que attestam ter chegado aos fins da terra.
« Duros preceitos de Eristheo cumprindo,
« Desce ao centro da terra, avança affouto
« Pelas margens da Estyge, entra o Palacio
« Do sanhudo Plutão, e delle á vista
« Do Cérbero agrilhôa as trez gargantas,
« E violento o conduz latindo iroso,
« E a serpentina cauda em vão vibrando,
« Dos viventes á terra onde o deslumbra
« O claro resplendor da luz de Phebo.
« No vergel das Hesperides entrando
« Que escamoso Dragão vigil defende,
« Os aureos pomos resoluto colhe,
« E apoz tantas victorias, lidas tantas
« Alegre, e vencedor á Patria volve.
« Sacrificio pomposo já prepàra
« Aos Numes sobre Oéta! cinge a fronte
« De odoras flores, niveas roupas traja!...
« Mas que não póde o feminil ciume?
« Com as settas que hervou da Hydra no sangue
« Varára Alcides o falaz Centauro
« Que Dejanira lhe roubou, agora
« A illusa amante tunica lhe envia
« Tinta em sangue de Nesso; que presume
« Philtro com que o perdido amor recobre!
« O tecido fatal se cóla aos membros,
« Do Heroe trahido, e lhos devora, e queima,
« Calla o veneno as intimas medulas,
« Desespéra com a dôr, debalde intenta
« A tunica despir, rasgar, com ella
« As carnes despedaça; o corpo inteiro

« Sanguinea chaga cobre; iroso brama,
« E os echos a seus gritos respondiam,
« Delle fogem attonitos amigos,
« E então cançado de sofrer, arranca
« Co'as raizes, os válidos Pinheiros,
« Fogueira enorme aprompta, na catasta
« Do Nemeio Leão destende a pelle,
« Nella sereno se recosta ao lado
« Sua clava depõe: aljava, e arco
« A Philoctetes cede, que chorando,
« O fogo á lenha chegue; eis rompe o fumo,
« E de vento a favor em torno sobem
« As labaredas, ondeando ás nuvens!
« Crebros estalos se ouvem! apiedado
« O nubicogo Deos do Filho, acena
« A Iris que do Olympo se arremessa,
« Septi-color listão pelo ár traçando,
« Do Heróe, já Nume, o Espirito conduze
« Ao Ethereo Palacio, onde vestido
« De eterna luz, e juventude eterna,
« No thalamo o recebe Hebe formosa.
« Neste quadro que observa o vulgo indouto?
« De um Heróe protector da Humanidade
« A historia protentosa, e lhe consagra
« No ardor da gratidão aras, e incensos.
« Mas o sabio que vê? o Astro do dia
« Que do solsticio do verão partindo
« Do brilhante Zodiaco percorre
« Em seu giro annual os signos todos.
« Feras que vence, monstros, que derruba,
« São as Constellações, que a entrada nelles
« Declinando, ou surgindo annunciavam!
« Com variadas bases se combina,
« Varios acidos forma o Ether puro.
« Estas combinações nós descrevemos

« Fabulando que Jóve os Céos deixára
« De terrestres Beldades namorado.
« Cisne de nivea penna os mimos goza
« Da consorte de Tyndaro; em figura
« De maculosa serpe coleando
« Os membros cinge da formosa Olympia
« Com lascivos abraços; mal precauta
« Danae o junta no virgineo gremio
« Em chuva de ouro! do Peneo nas margens
« Com denso nevoeiro a cerca, e rouba
« A Jó, em vão foge, a flôr mimosa,
« Que colhida uma vez não mais pulula;
« Entra nos muros da Amphionia Thebas,
« E de Sémele o thalamo o recebe;
« D'alva estrella na fronte, e negro pello
« Mentido Touro, da imprudente Europa
« Sobre o dorso recebe o dôce peso
« E d'Africa o conduz de Gnossia ás praias,
« Nascendo destes furtos amorosos
« Heróes, cujo valor o Mundo assombra!
« Com diamantinas, rigidas cadeias
« E com cravos grossissimos suspenso
« Jaz Promotheo do Caucazo no cume,
« Horrido Abutre de implacavel fome
« As entranhas continuo lhe devora,
« Que continuo rebrotam, delle em roda
« O cérulo Nereo co' as lindas Filhas
« Andam carpindo seu destino infausto;
« Assim vegetal crusta, que se estende
« Sobre o nucleo do globo a quem circunda
« Com gemedoras Ondas o Oceano,
« Soffre do assiduo arado os duros golpes,
« Sustenta os Animaes, Arvores, Plantas,
« E augmenta, produzindo, o seu volume!
« A materia animal em giro eterno

« Organisa-se, vive, e em breve espaço
« Morre, e se decompõe, e outra vez torna
« A organisar-se, e a apparecer mais bella!
« Assim quando de Venus no regaço
« Em purpurea torrente verte a vida
« De Cyniras o Filho, a linda Deosa
« As nuas Graças, e as formosas Nymphas,
« A puniceas capellas despedaçam,
« De funeral Cypreste a fronte enramam,
« Seguem mestos Amores, que chorosos
« Voltam, (senha de luto) á terra os fachos,
« E o cadaver funesto, e bello ainda
« Vam conduzindo por escuros bosques,
« Com lento passo, em feretro tecido
« De verdes ramos de fragrantes Myrthos,
« Alto echôam do Libano as cavernas
« Ao clamoroso som d'ais, e soluços,
« Do Rio á beira o depositam! erguem
« Sobre o jazigo um cómaro de terra,
« Venus o orvalha de saudoso pranto
« E ei-lo coberto de viçosas flôres,
« Copia do terno amante em formosura,
« Na curta duração imagem delle!
« Ali de melancolicos Salgueiros
« A' sombra noute, e dia a Deosa geme,
« Inveja de Proserpina a ventura
« Que em Elysios vergeis seu bem requesta,
« Os salões esteli-feros do Olympo,
« Dos Namens os festins, e o dôce nectar
« Não deseja, não cura, esquece, odeia;
« Jove alfim se condóe, e por tres vezes
« Com serenos trovões trôa á direita,
« A Morte reluctante as leys lhe cumpre,
« De par em par as portas se escancaram
« Do Tumulo sombrio!... o lindo joven,

« Rapido como a luz, delle se arroja.
« E corre aos braços da saudosa amante!
« Ella o aperta sofrega em seu peito,
« Ficta-lhe os olhos que prazer scintillam
« E osculos mil com pranto se misturam!...
« Nem um nem outro falla, onde é que ha vozes,
« Capazes de seu jubilo exprimirem?...
« Fallam suspiros, lagrimas, affagos,
« E igneos beijos que as faces purpuream!...
« Troca-se o lucto em galla, o pranto em riso,
« Nenias em ledos Hymnos, com que ao longe
« Retumba o valle, e o monte, e os Cedros curvam!

Desta arte é que, antes da invenção das Letras,
Pinturas, Hieroglificas ligavam
A's ceremonias publicas do culto
Da Sciencia o deposito precioso,
E era a oral tradicção a chave de ouro,
Que o mistico Santuario abria ao sabio
Para encarar de perto a natureza?...
Oh! do antigo saber quantos thesouros,
Que estudo, experiencias nos pouparam,
Nas ficções Mythologicas se envolvem,
Perdidos para nós, que não sabemos
A concha abrir, que as pérolas encerra!...
Quem será o Mortal afortunado
Cujo Genio erguerá com dextra ousada
O branco véo que envolve a estatua de Isis?
Tentou Bacon sublime a nobre empreza,
E ás vezes com fortuna!... ao fim levada
Mil novas invenções velhas seriam,
Vira-se que em logar de progredir-mos
Já deccorrido espaço mal ganhamos!

VIII.

Eia pois, pela margem do regato
Contra sua corrente caminhemos
Té deparar co' a fonte, de que emana!
Aqui a adereçar-se o chão começa
De vegetal riqueza, que não deve
Ao trabalho do Homem!... nem por isso
E' seu floreo matiz menos formoso,
Nem menos grato aos olhos, que o contemplam!
Aqui como um tapete se prolonga
A gramma vecejando, lá lourejam
Os dourados botões da Camomilla,
Cujo amargo sabor, dá tom, dá força
A enfraquecido estomago, e desperta
O languido apetite! a Scabiosa
Tremúla, a longa malva, as roxas flores
Das violas, que encerram em seus succos
Virtude diaphoretica; despontam
Em tufos os vistosos Malmequeres,
Abrem soltas dos comaros nas faldas
Mimosas campainhas, como adornam
O serico Caftan de Pársea Noiva
As perlas, e rubis!... delles na escarpa
De espinhos se arma a Sylva, nem que intente
Avara defender as que produze,
Amoras saborosas, a adstringente
Losna em festões o ar em torno enfrasca
Com seu activo aroma! espalha o vento
A sêcca flor do cardo em soltos fios!
Espessa mata formam as Giestas,
E por entre ellas rapido se esconde,
Mal nos pressente o timido Lagarto,
E a Lebre encamilhada ao rez da viela!

Alem de um secco desfolhado tronco
Cobre a nudez co' as verdejantes folhas
A Hera, que, enredando-se por elle
Com tortuosos braços o circumda!
Assim para enfeitar o horror da Morte
De seus Avós as cinzas depositam
Inchados Grandes em marmoreas Urnas.
Pomposos Mausoléos por fóra ornados
De primores do Escopro, Estatuas ricas
Guardam no centro a corrupção, e os Vermes.
Lá nutam no ar copados sabugueiros
Com alcaxofras de leonadas flores!...
Seu perpetuo verdor ali matiza
Co' as negras bagas o vivaz Loureiro
Amado dos Poetas, grato premio
Das acções, que dam honra á Humanidade.
Eis o Freixo dos Bosques ornamento,
Copadas Faias os ramosos braços
Alargam derramando áprica sombra,
E em torno de seu pé fartas Ovelhas
N'um globo se amontoam, evitando
Os ardores do Sol! não longe dellas
Dorme o Pastor, vigiam os Rafeiros!
Venturosos Pastores, cuja vida
Isempta de ambições, nua de invejas,
Em grata independencia vai correndo!
Na abrigada choupana, ou junto á fonte
Sobre a morbida relva, á sombra do Olmo
Dormem tranquillos quanto apraz ao somno,
Não os despertam turbidos cuidados,
Perder não temem da privança o bafo,
Nem para o conseguir servís adulam!
Puros, quaes seus costumes são seus gostos!
Pensam como lhe apraz, fallam qual pensam!
De um insecto Chinez aurea mortalha,

Não lhes tece o vestido; o Nauta avâro
Para os banquetes seus, sulcando os mares,
Não vai buscar as producções estranhas
D'Asia, America, ou Africa! o diamante,
O purpureo rubi, verde esmeralda
Com custoso atavio não enlaçam
Das Filhas suas, da Consorte as tranças;
Seus ondados cabellos, niveo seio
Melhor se enfeitam co' as campestres flores
Como o seu coração simpleces, puras,
Bellas como seu rosto! a Natureza
Por vales, e por montes lhas presenta.
E' um Pastor um Rei: os seus dominios
Os campos sam, seus subditos os Gados,
Seus tributos o leite, e os brandos vélos,
Das rezes, que tosquia em tempo idoneo,
Sceptro o cajado seu! de Smyrna o vate
Aos Monarchas chamou com phrase ingenua
Os Pastores dos Póvos! e que nome
Quadra melhor a um Rei, que desvelado
Pelo bem de seus subditos vigia,
Os governa em justiça, em paz conserva?
Os primeiros Mortaes foram Pastores,
Esse Seculo de ouro, cuja imagem
Nos quadros da Poesia nos encanta,
Correo entre Pastores! foi entre elles
Que Amor dictou os canticos primeiros.
Do Ladon, que decorre em floreo leito,
As ribas de Sycomoros cobertas,
O Pinifero Ménalo, soavam
Com Pastoris endeixas noute, e dia.
E da flauta septi-sona quebravam
Nas grutas suas as sonoras vozes!
Gentis Zagaes, encantadoras Nymphas
Sobre a verdosa felpa entreteciam

Sem artificio rapidas choreas!
Foram Pastores os primeiros Numes,
Pan, Silvano, Mercurio, Pales, Ceres,
Que aos Homens inda rudes ensinaram
A conhecer que pastos mais convenham
Aos diversos rebanhos, qual das Terras
A indole, das plantas as virtudes,
Dos Céos o movimento, e qual influxo
Tem na vegetação o Sol, e a Lua!
Epocha de innocencia, e liberdade,
De prazer, de egualdade, e de virtude,
Hoje só entre rusticos Serranos
Duram os visos teus! hospitaleiros,
Perdidos caminhantes agasalham
Na choupana de colmo a abertos braços,
Appoem-lhe o louro mel, a nata, o leite,
Queijo frescal a tremular no chinxo,
Gemado Pão de milho, e dôce fructa,
Depois em pobre cama dam-lhe encosto,
E mil venturas ao partir lhe auguram!
Onde ha hi maior scena de alegria
Que ver a montanheza Mocidade
A terreiro sahir em dia ameno
Ellas vestidas com singelo asseio
D'alvos briaes, e verdes capirotes,
Elles ornados de Chapéos de flores
E de novos çurrões, traçarem danças
Ao som de campesinos Instrumentos.
De uma contente o coração palpita
Porque a cingio no rapido volteio
Com abraço furtivo o terno Amante,
Outra de seu Zagal a dextra aperta
Passando, e o rosto se lhe poem mais rubro
Que a Rosa, ou Cravo, que lhe adorna o peito!
Na Lameda dos Alamos já todos

Se assentam de redor na verde relva,
E os quadros de Theocrito copiam,
Sem o saber, cantando ao desafio.
Um cajado de solido Zambujo,
E alvo pelico é da contenda o premio.
Bello é ver dous Amantes Ovelheiros
Como disputam em alternas coplas
A victoria do canto. A côr mudada,
A impaciencia, que resumbra aos olhos,
Ao perspicaz Observador delatam
As Nymphas, cujas graças os desvellam!
Com prolongados vivas, crebras palmas,
Este, e aquelle estimulam seus parceiros.
Com que ufania o vencedor não corre
A apresentar á amada o premio obtido!
E ella o corôa co' a grinalda sua!
Mas o vencido cabisbaixo, afflicto,
Merencorio se ausenta murmurando!...
Sobre as azas de amor eis vôa a amante,
Encontra-o junto á fonte; largas horas
Com palavras o amança, e com carinhos,
E outra vêz pela mão tra-lo ao terreiro!

IX.

Oh quanto me aprazeis, Aldeanas Festas!
Folgo de vêr os Moços, e as Donzellas,
Os Velhos, os Meninos conduzindo
Com canticos festivos pelo meio
Das ondeantes searas, e das vinhas
A imagem do bom Telmo, cuja vista
Affugenta o Pulgão, que as arruina!
Quando raia na Esphera o ledo dia
Em que de Pomba mistica em figura
O Espirito de Deus baixou ao mundo

E linguas derramou de vivo fogo
Nos submissos Apostolos, e em todos
O dom das varias fallas influindo,
Os preparou para o mister sagrado
D'ir evangelisar a paz ás gentes,
Para solemnisar Festa tão grande
Concorre á Freguezia a Aldeia inteira,
O virtuoso Pastor da Igreja á porta
Recebe o Joven, que geral consenso
De proclamar Imperador acaba,
Velha usança entre nós introduzida,
Cuja origem nos tempos vai sumir-se.
De regias vestes, de purpureo manto
Ali se adorna, o diadema cinge,
Empunha o sceptro, Officiaes elege,
Por entre acclamações, e faustos vivas,
Tendo aos sagrados ritos assistido,
Sahe, e no Adro adereçado em roda
De odorosos festões, senta-se á meza,
Todos os Maioraes lhe fazem côrte,
A' musica das Aves se mistura
O grato som de acordes Instrumentos,
São seus Convivas miseros mendigos
Que veste a caridade aquelle dia.
O repasto opulento elle regula,
Os pratos destribue, e os mais mimosos
Envia aos que co'a idade mais se acurvam!
Faz que girem as taças transbordando,
E o socego mantem decoro, e ordem.
De um sexo, e d'outro jubilosas turmas
O gostoso espectaculo contemplam,
A amar os desgraçados delle apprendem,
E a repartir com o pobre os seus haveres!
Findo o brodo em pomposa comitiva
Todo o Logar precorre! se alguns jazem

Detidos em prisão por leves faltas,
Liberdade lhes dá; com mão rasgada
Prodigalisa esmolas á Viuva,
Ao Orphão sem abrigo, ao triste Enfermo.
Té que finda co'a noute o seu Reinado,
Que só por beneficios se recorda.
Quando da Primavera no regaço
Das varzeas para nós se está sorrindo
O rubicundo Maio, a Juventude
De casal em casal conduz coberto
De grinaldas de Goivos, e Giestas
Lindo menino de alva vestidura,
Que representa o Mez, que então começa.
« Viva o Maio (elles cantam) que de flôres
« Vem cobrir nossas veigas, e campinas;
« Viva o Maio, que Amor conduz aos prados,
« E o risonho Hymineo! correi Pastoras,
« Se quereis em Amantes ter ventura,
« Vinde o Maio encontrar, mimos trazei-lhe,
E as Serranas concorrem a trazer-lhe
Fructa, favos de mel, e queijo, e flôres.
Das festas Pastoraes era no Algarve
Esta a de maior voga em tempo antigo.
A ella das Cidades concorria
Turba gentil de Donas, de Donzellas,
Um dia, oh feminil caprixo insano!...
As Matronas de Lagos concordaram
Em o Maio adornar co'as joias suas,
Em pouco tendo da campina as Flôres.
Passou qual ledo sônho o dia! á noute
Todas, para cobrar quanto emprestaram,
Perguntam pelo Maio, o Maio chamam,
O Maio buscam, nem se encontra o Maio!
Fugio!... esta desmaia, outra soluça,
Uma pragueja, quer matar-se a outra,

E o campo, e a festa amaldiçôam todas
Voando a Fama nos visinhos Povos,
O roubo divulgou com rizo ouvido,
Desde então a Algarvia indouta Plebe,
De Maio o nome pronunciar não usa,
E se alguem pelo Maio lhe pergunta,
Com redicula furia se enraivece!
Chega o calmoso Junho, e traz a festa
Do Luso Santo, o milagroso Antonio
Que o perdido a seus Donos restitue,
E affugenta os Espiritos das trevas.
A Serrana o consulta em seus amores
E pensa que por sortes lhe responde,
Não ha cabana, em que de Antonio a Imagem
De vecejantes flôres não se adorne,
Queimam da negra noute o véo sombrio
Em seu louvor fogueiras odorosas,
Onde secco Alecrim, ramos de Murta
Entretem a ondulante labareda.
Estouram retumbando as igneas Bombas,
Giram serpes de fogo em tortos vôos,
A' Esphera sobem rapidos foguetes,
E uma chuva de Estrellas cobre os ares.
Porem de todos os ruraes festejos
O mais ledo, o mais bello, o mais chistoso
Esse Mez nos conduz prompto a findar-se
Com teu Natal, oh Precursor de Christo,
No seio maternal sanctificado
Milagroso João! e a, que o precede,
Noute que jubilosa!... onde ha quem possa
Pintar ao vivo os trefegos prazeres
E as scenas galhofeiras, que apresenta?
Ardendo em teu obsequio inteiros troncos
De seccas Oliveiras, Alcaxofras,
Que ao fogo chega a credula Pastora,

E da noite ao relento a florir deixa!
Rompe a Aurora, procura-as desvellada,
Se lhe veceja o olho, exulta, e folga;
Mas se muito as tisnou, e não florescem
Chora, e trahida em seu amor se julga:
Ovos deitados, meia noite em ponto
Em copos d'Agua pura, e que se volvem
Em Navios á vella, em Torres, Casas,
Em quantas fórmas de prestar-lhe folga
De quem os deita a viva phantasia.
Eu afirmo de mim nunca ter visto
Nada do que em tal caso os outros viam!
De toda a Aldêa os Musicos mais dextros
Com cornamusas, arrabis, e flautas,
Giram tocando toda a noite; á porta
De cada choça á luz dos fogos dançam,
Cantam, versejam Moços, e Donzellas.
Em ingrato abandono os leitos ficam,
Que Serrano entregar-se quer ao Somno,
Podendo vigilar com os seus amores?...
Que Serrana haverá, que se recolha
Na noite de São João, cujos orvalhos
Saude dam, e formosura augmentam?
E das fogueiras o saltar donoso,
D'agua o bochecho, que se leva a furto
Da cabana á janella, e que se lança
O nome a ouvir no coração gravado,
Pela dextra de Amor co'a setta aguda!
Eis nasce o dia, e se adereçam todos
De fulgidas Capellas, de Palmitos,
Onde se entrançam no matiz das flôres
O amarello Damasco, as rubras Ginjas,
O aveludado Pecego, as Ameixas
A odorifera Pera! vam ao Templo
Dous a dous os Serranos, e as Pastoras;

Ouvem devotos o Orador, que exalta
De João as virtudes: não lhes falla
Em campanuda phrase, em dicção culta,
Nem redondos periodos compassa,
E' Parocho campestre, Homem singelo
Como os ouvintes seus, préga co'exemplo
Mais que com vozes; fervoroso ensina
A amar a Deos, e ao proximo seus filhos,
Seus Filhos, pois qual Pai, elle ama a todos.
O Conselheiro elle é nos seus negocios
Juiz nas desavenças, ninguem ousa
Mentir perante as cãas, que lustros quinze
Na veneranda fronte lhe semeiam.
Pomposa Procissão depois se ordena;
Por entre as alas de enflorado Povo
Em carro triumphal de louro ornado
Marcha do grande Santo a imagem linda.
Folgam todos ao verem-lhe o semblante
Risonho, e ledo; o branco Cordeirinho
Que os pés lhe lambe humilde; quando pausam
Os Liturgicos Psalmos, um chuveiro
De desfolhadas flores cobre a estrada,
Soa festiva Musica, retumbam
Canticos de prazer nos puros ares.

X.

Do Regato á nascente em fim chegámos,
Como d'aquelles ingremes rochedos
Entrelaçados de Hera, e pelo meio
De copados Carvalhos, que a acobertam
Co'essa latada de Videiras bravas,
Que a verdejante felpa ao longe assombra,
Rebenta, e murmurando desce a Fonte,
E as aguas junta em limpida bacia

De juncos, e Caniços circumdada!
Matisam os sempre humidos Penedos
Tufos de Chelidonia, e Parietaria,
E a capillar de divergentes Folhas!
Assouta o vento aqui bosquel de Abetos,
De altivos Castanheiros, de Codeços,
Tão amados das Cabras, que se enfeitam
Com cachos de amarellas, longas flores!
Oh quantas vezes neste sitio ameno
Junto da branda fonte recostado,
E olhos fictos na limpida corrente
Dos Poetas de Lysia o mais ameno,
O simples, harmonioso, terno Quita,
O momento esperou sempre tardio,
Em que a linda Tircea ao seu encontro
Sobre as azas de Amor corria anciosa!
Que vezes estas Arvores lhe ouviram
Suspirar por Tircea em doces versos!
Versos, que a gentil Nympha compensava
Em osculos ardentes, ternos mimos,
Praseres innefaveis, que embriagam,
Que elle caro pagou bebendo a morte
Na taça, que subtil lhe envenenára
De conjugal ciume a mão traidora!
Sombra do eximio Vate, que inda folgas
De alta noite rondar neste Arvoredo,
Eu te saúdo, e acato!... onde é que existe
Tão duro ouvido, coração tão ferreo
Que teu canto sonóro o não comova?
E' grato em fresquidão de estiva Noite,
Ir aspirando o hálito das flores;
E' doce um beijo por Amor roubado
Ao fingido desdem de Nympha bella,
Que languida resiste, e ao terno amante
Com os olhos a fallar a audacia anima;

Mas é inda mais grato, inda mais doce,
Teu canto pelas graças inspirado;
As Graças, que no berço te embalaram,
Fadando-te Poeta, e digno herdeiro
Da flauta de Theocrito, e de Bion.
Mas não julgues, Lieutard, que a origem sua
A fonte tem aqui! não vês ao longe
Aos ares levantar-se alta colina
D'um turbante de nevoas coroada?
Lá jaz de sua Naiada o Palacio,
Como o regato de uma Fonte, o Rio
De um Lago se deriva, a Fonte, e o Lago
Tem a matriz em proxima montanha.
Perguntas como as aguas lá se elevam?
Dous meios nisso emprega a Natureza.
Invisivel Oceano a terra corre,
Occulto como o sangue em nossas veias.
Quando sobre as abobadas ardentes,
Onde o fogo central arde captivo,
Passam as aguas, o calor violento
As dilata, as levanta aos altos montes
Em fumeantes vapores; lá de novo
Pelo influxo do frio se condensam,
E rompem pelas fendas dos Rochedos.
A's vezes na subida em seu caminho
Deparam com metallicas substancias,
E, nellas empregnadas, vem ao dia
De salutar virtude enriquecidas.
Assim as Naias de Longroiva, e Caldas
Cada anno correr ás grutas suas
Veem enfermos Mortaes do Reino inteiro,
Supleces implorando os seus auxilios
Sem fogo os olhos, palido o semblante,
Languida como a rubida Papoula,
Que opprimida da chuva, a frente inclina,

Semimorta Belleza ali se chega,
Deixa cahir aos pés virgineas roupas;
Pudibunda entre sustos, e esperanças
Entra em seus banhos cálidos, mergulha
Os lindos membros nas sulphureas ondas;
Ou co'ingrato sabor franzindo o rosto
Por cristalino côpo a custo esgota
Envolto n'agua o sulphatado ferro;
Subito vigor novo adquire a Bella,
Pulsa mais forte o coração, expelle
Mais prompto o fluido, em que circula a vida,
Em purpurea corrente, já nos olhos
O primeiro fulgor desperta, e brilha,
E na face outra vez despontam rosas!
O Ar esponjoso que circula o globo,
Como um vasto Pulmão, que o sol agita,
Continuo aspira do Oceano as ondas,
E em cabeços de altissimas Montanhas,
Em chuvas, nevoas, gelos as inspira.
Calam d'ali aos granitosos leitos,
E em fontes pelas faldas lhe rebentam,
Ou de seus cumes do trovão co'estrondo
Se arrojam em ferventes catadupas,
E em lagos profundissimos se ajuntam,
D'onde em rios caudaes aos mares tornam!
Tal da Serra de Conca brota o Téjo,
Do selvoso Apenino o Pó fremente,
E dos Alpes o Araro tortuoso,
Ornato da pacifica Nuitonia!
Tal dos montes Gordianos nasce o Tigre,
Dos Andes o Amasonas, Rei dos Rios,
Que entra pelo Oceano, novo Oceano,
Leguas mil e quinhentas abrangendo
Em seu curso com a rapida corrente!
Mil vezes com assombro observa o vulgo,

Erguer-se no Orisonte, allumiadas
Co'brilhante fulgor do Sol cadente
Variadas, romanticas figuras,
Pomposos Arcos, Gothicos Castellos,
Purpureas Torres, escarpados Montes,
Pontes de Jaspe, Selvas de cambiantes! . . .
Mas o sabio abençôa a Providencia,
Que sempre vigiando a bem do Mundo
Faz dos longiquos mares levantar-se,
E atravessar os Céos pejadas Nuvens,
Para ír fertilisar ignotas terras,
E assim mantem por assombrosos meios
Do frio, e quente, do humido, e do secco,
Do Globo em toda a parte, a alternativa,
De que a vegetação depende, e a vida.

XI.

Finja embora Philosopho engenhoso
Que fora igual a longa superficie
Do primitivo Globo, embora diga
Que o mar, que o innundou, cavou seus vales,
E as montanhas lhe ergueu, que os salientes
Angulos deste Monte correspondem
Aos re-entrantes de outro, que é fronteiro,
E ambos viagens do Oceano attestam.
Das litoraes Montanhas certo é isto,
Mas quem angulos taes descobre em outras?
Se obra fossem do mar os montes todos
Todos igual figura não teriam? . . .
Todos igual materia? não desmentem
Suas fórmas, e effeitos tal systema? . . .
Tudo indica que a mão do Omnipotente
Com a terra os creou porque servissem
Do Globo á economia! na Abyssinia

Se erguem de rocha viva em mole immensa
Com flancos escarpados, dando abrigo
Contra os raios do Sol co'a basta sombra,
Que derramam ao longe, á que em seus vales
Vegetação profusa medra, e vinga!
Pasmo é ver o trabalho industrioso
Com que as entranhas o Abexim lhe vasa
Em sumptuosos Templos! Natureza
De adereçar seus lados não se esquece
Bem que a pique talhados, e despidos
De terra, trepadoras Enrediças
Por elles sobem, de verdura os cobrem;
Das fendas de seus cumes sahem Plantas
Que, em vez de levantar-se, se debruçam,
E ondeam soltas á feição dos Ventos!
Com fórma differente outras montanhas
Das Plagas Boreaes no gremio surgem,
Em vez, como os das outras, de achatar-se
Em arboreos, florentes taboleiros,
Redondam-se em Pyramides seus cumes,
Porque breve d'ali se escóe a neve;
Suas bases qual fogo purpuream,
A escarpa de seu dorso não negreja,
Reverberantes côres a matisam,
Brilha com Mica, e Talco, ou se acoberta
Com compridos lençóes de branco musgo, ...
Raios, calor de Phebo assim refletem
Abrigam Plantas, o desgelo apressam,
Lagos, Regatos fluidos conservam,
Chamados de seus tepidos effluvios
Os Marinhos Leões, Phocas, e Morças
Acodem do Spitzberg aos varadouros,
Ou da Bahia de Hudson; em cardumes
Trepam esconças rochas, sobre a arêa
Dormem submersos em profundo somno,

Ou de amor aos praseres se abandonam!
Fallarei das Vulcanicas Montanhas,
Cujo vasto Cratero horrido exalla
Confusos turbilhões de fogo, e fumo,
Vomita lavas liquidas? sem ellas
Quem depurára as aguas, consumindo
Os Animaes, e vegetaes bitumes,
Que fluctuam no mar, e arrastram Rios?...
Mas, quem tal presumira? em seus contornos,
Ladeiras suas de vaguear se aprasem
A risonha Pomona, a flava Ceres!...
Pelas encosta do Ethna ondeam Messes,
Verdejam Vinhas, surgem Castanheiros,
E omnimodo Olivedo se enfileira!
Nas faldas do Vesuvio collocavam
De Roma os Cidadãos volupiosos
Suas amenas Quintas, onde co'elles
Os Jocos, e os Praseres se ajuntavam.
Nem Animaes fallecem, que povoem
Seus igni-vomos cumes!... quem ignora,
Fecunda Guadelupe, a Ave medonha
Que habita o teu Vulcão? junto ao Cratero
Seus Ovos acalora inteiro o dia,
Desce a Noite, desprega o rijo vôo,
Aos mares desce a Pescadora alada,
E da erupção á luz busca o sustento:
Fallarei de alongadas Cordilheiras
Throno gelado de Perpetuo Inverno,
Cujas exalações, cujas torrentes
Refrigeram o ar, fecundam campos
Nas calmosas regiões? direi os Montes
Em que se quebra o impeto dos ventos,
Ou que os ventos produzem? já foi tempo,
Em que vendo formar-se as tempestades
E as nevoas condensar sobre as montanhas,

Os ignaros mortaes se persuadiram
Que invesiveis ali moravam Numes;
Que uns com valida dextra sustentavam
Urnas, de que sahiam amplos rios,
Outros vibravam iracundos raios;
Não ousavam de timidos chegar-se,
E adoravam de longe! agora o Homem,
Affeito a contemplar a Natureza,
Folga de divagar nos altos Montes,
A grandeza do Eterno admira nelles,
E em Cantos festivaes seu nome exalta!
Ali inspirações busca o Poeta,
O Eremita retiro, o Pintor quadros.
Asylo da opprimida Liberdade
Os montes foram sempre! entrincheirados
Entre os cabeços dos nimbosos Alpes
Com Tell á frente Helvecios belicosos
Com suas rudes maças esmagaram
Os coroados Elmos de Germania.
Pelayo nos Asturicos fraquedos
Abarreirou a Arabica torrente.
Nos arduos Alcantis de Epiro, e Esparta
Contra a féra Ottomana Tyrannia
Guarida por tres seculos obteve
A Grega independencia; vislumbrando
Em nossos dias opportuno lance,
Septi-fulmina voz ergueo tres vezes,
De Theseo na Cidade retumbaram,
Nas cavernas do Ithome os seus accentos!...
Sobre o Tumulo hervosos, onde descançam
As cinzas de Leonidas, dormia
De grilhões carregado o Patriotismo,....
Ergue-se, em torno atonito derrama
Os chamejantes olhos, quebra os ferros,
Cem braços move, cem espadas brande!...

Ao vel-o, os altos Minareos tremeram
Da soberba Stamboul! ais, e gemidos
De Sophia no Templo profanado
O silencio da Noute interromperam,
E do grão Belisario a sombra Heroica
De armas negras vestida, a lança em punho,
Sobranceira pairando ás sete Torres
Iracunda assomou chamando ás armas.
Arde o Peloponesso em guerra, em fogo.
O Archipelago em sangue vai tingido,
Missolunghi de Troya os fados herda,
E as proezas de Diu emula Athenas!
Bravos Helenos, não fraquieis na lucta,
Por vós todos os bons os Céos invocam,
E' a causa da Cruz a causa vossa,
Europa envergenhai, que vos deslembra,
Ou com vossos contrarios se bandeia!
Ganha o nome de Heróe quem salva a Patria,
Mas quem a salva sem soccorro alheio,
Mostra-se mais que Heróe, e iguala os Numes!

FIM DO CANTO II.

ARGUMENTO

DO

CANTO III.

—

I. A agua considerada como o mais bello ornamento da Terra. Harmonia sympathica de nossas paixões com a agua. Fabula Chineza, que representa a Deusa do Amor apparecendo, com o Filho nos braços, no calice de uma Flôr nascida no centro de um Lago. II. Cyntra. Monges da Serra. Eremitas da Thebaida, e das margens do Jordão. Em toda a parte apparecem vestigios das virtudes, e dos crimes dos Homens. III. O Eterno cria a Luz, e os Mundos. A Attracção os equilibra no espaço em differentes systemas. Marcha triumphante de Deus. Hymno dos Anjos. O Senhor separa a terra das aguas, e cria os Peixes, e Amphibios. Creação dos Vegetaes, e dos Animaes terrestres, e volateis. Creação do Homem. IV. Descripção Physica, e Moral do Homem. O espirito immortal, e a voz articulada o destinguem dos Brutos. O interesse pessoal constitue a sua industria, e o Amor as suas virtudes, e ambos de accordo fundaram a Sociedade. V. Genio, e sua morada nos Ceos. Desce á terra, e confere aos Homens o dom da invenção. Artes liberaes. Archytectura. Pintura. Escultura. Musica. Poder, que exerce sobre os Animaes, e os Homens. Sensações deliciosas, que produz na solidão. Sua influencia nos Povos Selvagens. Quadro do Paraguay. Virtudes, e trabalhos Apostolicos dos Missionarios na civilisação dos Indios. A Dança na antiguidade fazia parte do culto, e das solemnidades

publicas. Festas de Diana Limnea. Triumphos Romanos. David, e Michol. Poesia, e suas utilidades. Camões. Gravura a Boril, e a Agua-forte. VI. Nova influencia do Genio. Invenções scientificas. Alphabeto. Algarismo. Vidro, e seus usos. Vidraças. Espelhos. Paineis. Oculos. Prisma. Microscopio. Thelescopio. Espelho ustorio de Archymedes, restaurado por Bufon. Bussola, e seus effeitos na Navegação, e Commercio. VII. Conductor. Polvora. Minas. Artilharia. Foguetes. VIII. Typographia. Lithographia. Papel. IX. Bombas. Barcos, e machinas de vapor. Fabrica de Lanificios no Campo grande. Relogios. Authomatos de Vaucanson. Moinhos de vento. Azenhas. Sino Mergulhante. X. Aerostatos. Eugenio Robertson. Contraquedas. Precipicio e morte de Madame Grenerim. Esperança de novos inventos, e de ulteriores progressos das sciencias. XI. Origem do mal. O Avaro. O Prodigo. Profissão forçada. Abuso da authoridade paterna. Hymno á Religião. Alexandre. Carlos XII. Elogio de Pedro-Grande.

O PASSEIO.

CANTO III.

Bisside some water's rushy brink
With me the Muse shall sit, and tink
(At ease reclin'din rustick state)
How vain thé ardonr of the crowd,
How low, how litle are the prowd,
How indigent the great!
(*Gray's. Od.* 1.ª)

I.

Saciemos na fonte a sêde ardente.
A cavada cortiça além deposta
Na margem sua, e que cocharro chamam,
Ao caminhante, e rusticos Pastores
Serve de rica taça, ou vitrio cópo,
E ali para seu commodo a conservam!
A agua para mim nunca é tão grata
Como bebida ao rebentar da Rocha,
Em vivos borbotões! sempre meus olhos
N'agua, que corre, com prazer descançam;
Da Terra o mais formoso enfeite é ella.
He de Cybele o cinto, que de Venus
Ao céston encantado emula as graças.
Que é sem claro remanso uma paugagem?

E' de Hélena o cadaver, cujas faces,
Cujos olhos não lustram, não scintillam
Nem amor, ou desejo em nós despertam!
De nosso coração as cordas todas
Commove, agita aquatica harmonia!
Em musgoso penedo ponteagudo
Senta-se o desgraçado, observa immovel
Do pégo a immensidão, e a pouco e pouco
O dissabor no peito lhe adormece.
Quem arde do ciume em negras furias,
Ou da vingança, e do odio as puas sente,
Procura as faldas de remotos Montes,
Recrêa-o da estrondosa catadupa
O espumoso cachão, que retumbando
De seu cume se arroja em fundo abysmo.
Ama o que é venturoso floreos prados,
Onde susurram limpidos arroios.
Que pouso ha hi mais grato á terna Amante
Se penosas saudades a desvellam,
Que á beira d'um regato ir recostar-se
Que por entre Salgueiros se deslisa!
Ali, na mão descança o niveo rosto,
E involuntarias lagrimas derrama!
Não sem motivo a volupiosa China
Fabulou que ao sorrir da rubra Aurora
Um dia se elevára d'entre as Aguas
De cristallino Lago Flôr vistosa
E abrindo manso, e manso o lindo calix
No seu centro mostrou de amor a Deusa
Carinhosa affagando o meigo Filho.

II.

Lentamente a Colina se rodêe,
Novas scenas campestres procurando.

Lá torrea de longe a fria serra,
Que outr'ora corôou de Cinthia o Templo;
Que do primeiro Affonso o braço invicto
Ganhou em crua guerra ao Mouro ousado;
Lá em grata desordem pittoresca
Rochedos em Rochedos se encastellam,
Sobre Arvoredos, Arvoredos zimbram,
E por entre a verdura permanente
Por toda a parte as aguas se devolvem.
Seu cume sempre envolto em nevoa espessa,
Que ferem tanta vez rubros coriscos,
Do Nauta, que se engolfa no Oceano,
Recebe a saudosa despedida;
E, quando á Patria volta, o primo objecto,
Que elle saúda, é esse! oh quanto é dôce
O precorrer d'ali com longos olhos
A varzea da pomifera Collares!
Seguir por entre prados, e florestas
Do ameno Mouro a placida corrente,
E o Rio das Maçãas eternisado
Nos aureos versos do Cantor de Ulysses.
Quem, Virtude, te dá tão pouco apreço,
Que em suave illusão embevecido
Não cuide em Penhaverde achar impressas
Do bom Castro as magnanimas pisadas?
Quem de Santo respeito senão toma
Vendo da Serra os Monges penitentes
O Senhor exaltar entre ermas rochas?
Quem do Jordão as grutas não recorda,
Da Thebaida os desertos? e quem póde
Deixar de proferir involuntario
De Hieronimo, Antão, e Paulo, os nomes?
Mas que sitio haverá, que não memore
Do Homem a virtude, os crimes do Homem?
Composto inexplicavel de grandeza,

De pequenez, já fraco, já valente,
Ora um verme, ora um Anjo, ou roja ou vôa,
Mil contrastes reune, e é assombroso
Tanto em bem como em mal! mostra-se em tudo
Obra prima do Artifice Supremo!

III.

Do Throno, d'onde rege a Natureza
Vio Jehovah o abysmo envolto em trevas,
Disse «faça-se a luz» e a Luz foi feita,
E inundou com seu fluido o espaço inteiro!
«Entre a ordem no Cahos, forme os Mundos!»
Disse; eis o Cahos, subito fervendo
Como enorme Volcão, do seio arroja,
Com motim pavoroso em soltos giros
Sóes sobre Sóes, Estrellas sobre Estrellas
Planetas, e Cometas! numerosos
Como as gottas de orvalho sobre a relva,
Como de arêa os grãos, que espalha o vento,
Como vernaes boninas! já do vácuo
Ergue no centro o monstruoso vulto
A potente Atracção! estende em roda
Os inumeros braços, e subjuga
Com Cadeias magneticas os Orbes,
E os fórça a descrever marcada Elypse!
Cada systema o seu logar occupa,
Centros em torno de outros centros giram,
E todos sobre si; então principio
A Terra teve. Tempestuoso Oceano
Toda a vasta Espheroide lhe inundava,
E só o equoreo véo rompiam picos
Das mais altas montanhas. Domicilio
Nella o Senhor ao Homem destinára,
Creal-o decidio!... do sacro Empyreo

Ei-las patentes as Saphyreas portas! . . .
Mil Milhões de Milhões de Anjos guarnecem
De um lado e do outro luminosa ponte,
Que começa nos Céos, na Terra acaba!
Logo por entre as lucidas fileiras
Marcha de Cherubins Legião brilhante
Com guerreiro donaire! mais briosos
Não foram n'esse dia de impiedade,
Em que no horror do Inferno arremessaram
Satan com seus Satellites rebeldes;
Quando em guerra fervendo ethereos campos,
A impulso de montanhas desparadas
Com forças divinaes pelo ar chocando,
As celestes abobadas tremiam!
O fulgente esquadrão bizarros seguem,
Luminosos Gigantes, quatro Archanjos,
Que floream do Altissimo as bandeiras,
Onde em letras de fogo fluctuavam
Da Divindade os primos atributos,
A Justiça, a Bondade, a Omnipotencia
E a Sempiternidade. Eis logo o Eterno
Invisivel co'a luz. Roda o seu carro
Mais rapido, que o leve pensamento,
E nos confins da creação retumba
Como de um terramoto o horrendo estrondo
O açorado rodar! fazem-lhe Côrte,
Co'as aureas plumas encobrindo o rosto,
Os Chefes das Celestes Hierarchias,
Thronos, Dominações, e Potestades
Sacro Hossana entoando! «Salve, (dizem)
«Deus vencedor, Deus forte, Deus immenso,
«Existente por ti, por ti ditoso,
«Deus incomprehensivel, inefavel,
«Tres vezes Santo! . . . Creador! . . . o nada
«Tu fecundas! . . . e a Ti mal sobe a idéa,

«Nada acha tudo! . . . ante o teu solio augusto
«Seraphins, Cherubins, Anjos, Archanjos,
«Cheios de tua magestade augusta,
«Curvos desferem no Alaúde de ouro,
«Canticos de louvor, que vão de envolta
«Com o fumo do incenso ao Santuario
«Agradecer-te a Bemaventurança,
«Que em Ti disfructam, que de Ti lhe emana! . . .
«E a teu Nome as Tartareas Potestades
«Bramindo, involuntarias, genuflectem! . . .
«Salve!» eis a Terra que Adonay pressente,
Até ao centro estremeceu qual vemos
O ferido Guerreiro em marcio campo,
Que em convulsão violenta exala a vida!
Chega o Eterno! . . . da terrena face
As aguas separou, e as deposita
Em fundos receptaculos; o nome
De Mar lhe dá, e manda que produza
Seus Animaes, que rapidos nadando
De escama, concha, ou pelle revestidos
Buscam, quaes lhe convem, diversos climas.
O feroz Hippopótamo frequenta
D'Africa as praias calidas, e o Negro
Guva o denominou na lingua sua.
Pelas mesmas paragens se deleita
O medonho, concheado Corcodillo,
Que adorou Misrahim com torpe culto!
No que circumda a cupula de gêlo
Do Polo Boreal deserto equoreo
Vive a Familia dos Marinhos Lobos,
E a Baleia, montanha remadora,
Que revolve com a cauda o mar, que opprime,
E a cada resfolgar vomita um Rio.
De teus portos de Mangues coroados
O Guaragoa as enseadas busca,

Deleitoso Brazil! lá onde ao Austro
Do continente teu corre espumoso
Surinhan, mal sadio, vibra em meio
Das ondas o famelico Gymnoto
Seus electricos tiros, com que atonta
A presa, que elle afferra, e que devora
Antes de em si tornar! d'Europa as aguas
Ama a Morea de pintada pelle,
O pingue Athum, e o Savel saboroso!
  Manda o Eterno á Terra, que se adorne
De manto vegetal, e ei-la coberta
De ondulantes Florestas, Plantas, Flôres!
Ethereos Serros cobrem-se de musgos,
E das litoreas rochas suspendidas
Nutam as algas ao sabôr das vagas.
  «Terrestres Animaes, e Aves, erguei-vos!»
Disse, e ao som da palavra omnipotente
Nas latitudes todas se levantam!
Attonitos co'a vida, e luz se espalham
Por ledos prados, por florestas densas,
Cá os affecta murmuro remanso,
Lá cahindo em sonoras cachoeiras
Estrondosa torrente; aqui os chama
Das Flores o perfume, e em toda a parte
Das côres a vistosa variedade!
O valido Condór, gigante aereo,
Quaes velas de um navio estende as azas,
E envolto na procella, que elle excita,
Do Peru vai pousar nos altos montes,
Cujas ferteis ladeiras desenrelvam
Timida Lhama, co'a veloz Alpaca!
  Por entre as neves da gelada Zôna,
O musgo, que o sustenta, o Rhenna busca,
O Alce de lignea fronte, e os brancos Ursos
Em fluctuante gelo os mares cruzam.

Tropicas Zònas os Iockos amam,
(Monte animado) o Elephante, a Zebra,
A Girafa de altissimo pescoço,
O bravio Bisonte, o Leão raivoso,
A Ema, o Cazoar! á humida sombra
Da copada Embondeira, em cujo bojo
Cisterna vegetal o Negro escava,
E as aguas deposita, e que se veste
De ampla rama por fóra, e bastas flores,
De dormir folga a timida Gazella.
Bem que em todos os climas viva o Touro,
Medra melhor em temperados ares
Entre prados de Trevo! ama o Ginete,
Iguaes campos, que Europa lhe offerece,
Ama-os o Rouxinol, e o niveo Cisne!
« Porque presida aos animaes da Terra,
« Aos volateis do Ceo, do Mar aos peixes,
« O Homem se faça á similhança nossa! »
O Omnipotente diz!... Elle desperta
Do lethargo do Nada, e deslumbrado
Cahe aos pés do Senhor, que assim lhe falla.
« Creatura!... sou eu!... ergue-te, adora,
« Ama-me, e ama os que de ti nascerem
« Como a ti proprio! raciocina, e falla,
« Contempla os Ceos, e dá cultivo á Terra! »

IV.

Homem, como foi grande o teu destino!
E's Rei da Creação! tua figura
O indica magestosa!... como aos hombros
Da cabeça em aneis lhe desce a trança!
Como na altiva fronte lhe reflecte
Da divindade um raio! nos seus olhos
Se pintam com viveza as paixões todas!

Branda, morbida pelle lhe reveste
Os bem talhados, elegantes membros!
Que engenhosa dos ossos a estructura!...
Como convem vario o tamanho, e fórma,
Com fortes ligamentos se unem, dobram,
Jogam sem custo, e a todo o moto amoldam-se!
Do polmão como a machina esponjosa
Contínua aspira, e inspira ar, que o refresca!
Suas visceras sam laboratorio
Aonde os vitaes sucos se elaboram,
E de estranhas substancias se depuram!
Cada parte concorre ao bem do todo;
Do cerebro os espiritos descendem
Ao coração, que lhos compensa em sangue,
Que o nutre, e que por veias, por arterias,
Sem cessar circulando corre os membros,
Os vivifica, e da materia exhausta
Pela transpiração repara as perdas!
E' elle quem aos Lyrios do semblante
Mistura a rubra roza; quem nos labios
Faz brilhar o carmin, e ás mãos e aos braços
Com azues, tortos veios dá realce!
Por todo o corpo os nervos diffundidos
Levam as sensações d'alma ao alcaçar!
Nelles reside, activa sentinella,
Principio do prazer, da dôr, da vida,
A sensibilidade, que prevista
Ao mais pequeno insulto se alvorota,
E chama em seu soccorro o corpo inteiro.
Ella os contrahe mal sente o frio intenso,
Ou Sol estimulante; ella tempera
Com chylo mais suave os acres fluidos,
E pelo ardor da sêde nos adverte,
Que o sangue escandecido auxilio implora
De suave licor, que o refregere!

Dos outros animaes o differensam
A articulada voz, que pinta ao vivo
O que pensa, o que sente, e o pranto, e o rizo!
Mais precioso dom lhe fez o Eterno!
Alma immortal aos Anjos similhante,
Que cogita, que julga, e livre escolhe,
Por ella o Homem dominando o Mundo
Todos os Animaes curva ao seu jugo,
Dispõem dos Elementos! dois motores
Do humano ser operações regulam,
Pessoal interesse, e Amor se chamam.
Para se conservar é o Interesse
Quem o engenho lhe aguça, e lhe faz gratos
Os improbos trabalhos, e as fadigas.
Elle é o Pay das Artes proveitosas,
Doutrinado por elle o Homem soube
Buscar nos bosques nutritivos fructos,
O arado fabricar, o alvião, o ensinho,
Rasgar o seio da fecunda terra,
E os germens confiar-lhe em tempo idoneo!
Tirar dos animaes primeiro a pelle,
Para cobrir-se, apoz da ovelha os velos,
E das plantas os tenues fillamentos
Fiar, tecer, e commodo vestido
Com elles procurar-se! pelo fogo
Os metaes a seus usos sujeitando
Fórma da Industria os varios instrumentos!
Cançado de habitar em fundas grutas,
As corpolentas arvores derruba,
E em casas as transforma! lança o freio
Ao suberbo corsel, e aos bois o jugo.
Se em longas velas captivando o vento
Em pequeno baixel affronta os mares,
Zomba das vagas, das procellas zomba;
Se em plantas aromaticas procura

Os balsamicos succos, que adormentam
Da torva enfermidade as vivas dores,
Ao interesse o deve, prompto sempre
Em promover individual benesse!
Oxalá que imprudente algumas vezes
De ventura chymerica no trilho
Não o levasse ao precipicio, á morte!
Mais puro sentimento o Amor, que ao Homem
Faz recordar sua celeste origem,
As suas affeições generalisa,
C'os similhantes seus o identifica,
Onde do Creador descobre a imagem!
Muda de nomes, e de objectos muda;
Tal o velho Protheo se transformava
Em pedra, em rio, em arvore, em serpente,
Em jubado leão, manchado tygre.
Tal o fogo diverso sempre, e o mesmo
Ora é fumo, ora é chamma, é luz, e é raio!
Sem Amor qual do Mundo a sorte fôra?
Que seria dos Homens? vagabundos
Quaes féros animaes por densos bosques,
Elevadas montanhas, ermas praias,
Procurando alimento, pugnariam
Para uns aos outros o roubar!... familias
Como sem elle se fundaram? como
Ellas umas com outras aliadas
Formariam Nações?... uivos bravios,
Rudes interjeições as linguas foram
Que hoje tão variadas, tão sonoras,
Das Musas na cadencia nos encantam,
Humidos antros, ou cavados troncos
Do Rei da creação palacios foram!
Deste estado de simples natureza
Quanto já longe estam Cafres, e Geijas,
Do vasto Canadá guerreiras Tribus,

E os selvagens das margens do Amazonas,
A quem nós com rasão chamâmos brutos!
O affecto conjugal, paterno affecto,
As suaves cadeias da ternura
Como existiram em ferinos peitos
Que a sensual ardencia á tôa unira
Com passageiro laço? brotariam
De Catão, e de Régulo as virtudes,
Onde eram propriedade, e Patria iguotas?
Sem o favor de articulado idioma
Sería dado a Pylades e Orestes
D'alma a alma entreter commercio? vida
De privações vivendo, e de rapinas,
Como á meiga piedade dera ouvidos
O Homem, copia do Jocko? nem prazeres,
Nem commodos, nem artes, nem virtudes,
Sem amor nunca a terra conhecêra
Porque do seio seu sahiram todas.
Sim, oh bella Lieutard, quantas virtudes
Dam valor, dam realce á essencia do Homem,
Sam amor, se de perto as examinas.
E o que é Religião mais que amor puro,
Que ao Creador tributa a Creatura
Pelo ser, que lhe deu, desejo ardente
De com elle se unir na Eternidade?
Não foi de Lino a Cythara sonora
Que os bravios mortaes tirou dos matos,
Foi amor, que, gerando a Sociedade,
As cidades fundou, destinguio Póvos,
E c'o interesse pessoal de accôrdo
Leis estabeleceu, fundou governos,
E os humanos juntou do altar em torno!...

V.

Nas planices do Ceo, d'onde a nós verte
Seus fulgores o nitido Cruzeiro
Se eleva uma montanha, a cuja vista
Sam pequenos outeiros Tauro, e Gate
Alpes, e os Andes! brilha-lhe no cume
Diamantino Castello, onde se guardam
Das obras do Senhor, os typos todos,
Todos os planos dos possiveis mundos,
Uns que existiram, outros que inda existem,
Outros, que hão de existir quando elle ordene!
Lá moras, oh Belleza, cujos rasgos
Devididos aqui por mil objectos
Olhos atrahem, corações encantam!
Os perfumes das flores n'um só juntos,
Os matizes diversos, que as arrêiam,
Toda a harmonia das canoras aves,
Todo o fulgor das nitidas Estrellas,
Sam um simile fraco, ou tenue sombra
Do modelo immortal! Anjo formoso
Tem a seu cargo a guarda deste Alcaçar.
Chama-lhe Inspirador o Ceo, e a Terra
Pelo nome de Genio o reconhece!
Na multidão de espiritos celestes,
Um não ha, que com elle se emparelhe
Em dignidade, em talhe, em voz, em graça!
Nenhum de luz tão viva se reveste,
Nenhum tão alto eleva o pensamento!
Nos dias festivaes, em que, rasgando
Mistico véo, que o Santuario encobre,
Patente o Eterno adorações recebe,
Elle é quem rege os chóros dos Archanjos,
E o primeiro que entôa o sacro Hossanna!

Este á terra desceo, e sobre os póvos,
De seu facho as scentelhas despargindo,
O fogo da invenção lhe accendeo n'alma!
Então, mudou de aspecto a terrea face,
E o Homem foi um Deus, que a seu bom grado
Tudo aperfeiçoou, e alterou tudo.
De natura os reconditos mysterios
Pesquizadores olhos descobriram.
A arvore pasmou ao vêr-se ornada
De estranhas flores, e de estranhos fructos;
O lyrio, que rompia em vale agreste,
A tulipa dos campos, aprendendo
Novos costumes de gentil cultura,
Dos jardins ornamento, e pompa foram.
Latadas tece obediente o buxo,
E as aguas que téli soltas vagavam,
Em marmoreos canaes presas correndo,
Brilhando á luz do Sol ao ar subiram
Orvalho, e fresquidão vertendo em torno.
Eis nasce a Archytectura! na mão toma
Malho, esquadro, cinzel!... com seu trabalho
Os marmoreos Rochedos transformando,
Talha columnas, capiteis recorta
Corinthios, Jonios, Doricos, enfeita
Os Palacios dos Reis, Templos dos Numes,
Ou mais ousada no calmoso Egypto
Faz a terra gemer com o pêzo ingente
Das altivas Pyramides, que Phebo
De as vêr ha tantos seculos as mesmas
Cansado tem, e de epytaphio servem,
Ou funebres Cyprestes sobre a campa
Onde dos Pharaós a Patria dorme!
Os prodigios da Irmãa embellecendo,
Engenhosa alternando a luz e a sombra,
A Pintura seus quadros alardêa!

Verdejam bosques, e se empolam mares
Nos dourados Salões ; vêem-se os Rios
As aguas devolver dos altos Montes,
Aves voando na amplidão dos ares,
E rebanhos, que os prados desenrelvam !
Já do viuvo amante a dor consola
Mostrando-lhe na tela o rosto amado,
Já dos Heróes os rigidos combates
Ao vivo representa, e frio susto
Do Espectador o coração soçobra.
Quanto a Pintura co'as variadas côres,
Destro produz em pedra, ou lenho, ou bronze,
O solerte Escultor, e treme á vista
Do Deus feitura sua ! . . . ou largas horas
Contempla embevecido a formosura,
Com que adornou de Galathea a estatua
Seu magico cinzel, e a pouco, e pouco,
Amorosa paixão n'alma lhe brota,
Infeliz ! . . . porém menos desditoso
Que amando uma inconstante ! . . . o prazer falta,
Mas ciume voraz si quer não teme !
Mas que Nympha gentil me faz na Terra,
Soborear das lucidas espheras
A encantadora, placida harmonia ? . . .
Branda Musica, és tu, que vens no Mundo
Alardear universal dominio !
Quem ha hi que resista aos teus feitiços ?
O racional, e irracional se alegram
Com teus suaves sons, que a dôr acalmam,
E a fadiga adormentam ? nos ardentes,
Enfadonhos areaes do Ismaelita
Cançado Dormedario apenas ouve
Do conductor o canto, ou rude avena,
Novas forças recobra, e mais ligeiro
Na escaldada viéla os passos move !

Cantando o Navegante esquece as furias
Do acapelado, tumido Oceano!
Ao som de hymnos guerreiros marcha affouto
O soldado a encarar no campo a morte,
Ao som de Psalmos lugubres á campa,
O cadaver descende, e em torno della
Os Manes delle co'a harmonia exultam,
Recream, si os imitam teus encantos,
Ais de pezar, suspiros de ternura,
E da melancolia as meigas vozes.
Quanto encerra no seio a Natureza
Mais terno, mais pathetico, resumbra
Meiga, suave, harmonica tristeza;
Suspira a viração, o arroio geme,
Echo piedosa lhe responde, e chora
Em seus gorgeios Rouxinol saudoso!
Amo, oh Lieutard, a Musica na Scena,
Porém amo-a inda mais, mais me comove,
Entre os quadros da mesta Natureza.
Pelo silencio da intempesta Noute,
Da muda solidão por entre as sombras!
Melodioso Canto, que retumba
Pelos ramos dos Robles do Deserto,
Opacos campos, Torreões Mouriscos,
Gothicos Templos, funebres Arcadas,
Faz que o espirito prove embevecido
Grata, religiosa, indifinivel
Sensação, que em suave devaneio,
Mistico meditar o immerge inteiro.
Quanto podem os musicos primores
No bravio Selvagem vós mostrastes,
Piedosos Missionarios, que outro tempo
Amansastes as Tabas vagabundas
Do rapido Uraguay na esquerda margem!
Lá vetustas florestas se levantam

Sobre ontras, que a velhice consumira;
Destendem-se Pauis, e longos plainos
Que na hiberna estação se alagam todos,
E obrigam os grosseiros habitantes
A usurparem dos Passaros os ninhos,
Mezes vivendo nos arboreos crutos,
Vogando entre elles nas subtis canoas.
Sobem ao Céo montanhas escarpadas,
Desertos a Desertos sobrepondo.
Rugem Onças alli, sibilam Cobras,
Estridulos, inumeros enxames
De engenhosas Tapuicas colmeando
Nos corcomidos troncos, lá preparam
Odorifero mel, e a branda cêra.
Por estas solidões entra sem susto
Ardendo o Missionario em santo zelo
De Evangelica luz levar aos Póvos,
Que sentados estão da morte á sombra.
Como ousado Libreu de mouta em mouta
Vai farejando a timorata Corsa,
Arteira Vulpe, ou montesino Cerdo,
Estes de Christo intrepido Guerreiros
Sem mais armas que a Cruz na destra erguida,
E o Lithurgico Livro, alagadiças
Tapêras passam, atravessam matos,
Registam alcantis, e horridas grutas,
E abençoam o Céo por taes fadigas
Quando um Indio somente a voz lhe escuta!
Quantas vezes o Apostolo depara
De algum Rio sem nome sobre as margens
Ou de ignota Colina sobre o cume
Do companheiro o livido Cadaver,
Victima do cansaço, e crua fome,
Ou varado de settas! eil-o enxota
Famintos Urubús, que o devoravam,

Abre co'as proprias mãos mesquinha cova,
Nella depoem as miseras reliquias,
E dos mortos o officio solitario
Na presença do Eterno entôa ao Martyr!
Sabe que sorte egual, o espera em breve,
E supplíca ao Senhor lhe apresse a hora.
Tanto a Religião eleva os Homens
Acima das paixões da Humanidade?
Já escassos Neophitos o seguem,
E a Charidade industrias innocentes
Suggere ao Missionario! eil-o cortando
Em pequena Canôa vai com elles
Do coroado Rio a azul espalda,
Sôam em riba, e riba ao som da Lyra
Com voz sonora canticos devotos.
Assim o caçador em nossos Bosques
Esconde na Gaiola em verdes ramos
As domesticas Aves, cujos cantos
Chamam as de Floresta ao visgo, ás rêdes.
Attrahidos da insolita harmonia
Dos montes, das cavernas correm Indios,
Para os novos Arions de perto ouvirem!
Homens, Mulheres, Velhos, e Meninos
Pelas orlas do rio o vam seguindo!
Quantos fóra de si n'agua se arrojam,
E o canoro batel a nado buscam!
As virtudes sociaes antegostando
Larga o arco o selvagem, larga as settas,
Vê a Esposa chorar, chorar os Filhos,
Eil-os aos pés da Cruz a frente inclinam,
E o salutar lavacro alfim recebem.
Assim Christãa Republica se funda
Nos campos do Uraguay; de Europa as Artes
As virtudes de Europa alli florecem,
O trabalho é commum, communs os fructos,

E á Musica se deve um tal prodigio!
  Outra Arte, della Filha, ensina os homens,
Ao som de voluptiosos Intrumentos
A compassar o pé, mover os braços,
E aos ares levantar-se em salto airoso!
Alegra os corações, a alma electrisa
A Dança festival! antigas Gentes
A votaram ao culto! em torno ás aras
Da Deusa Caçadora em Limna outr'ora
Virgens de Esparta, Virgens de Messenia
Jubilosas choreas entransavam!...
De regosijo Publico nas festas
Graves matronas da soberbo Roma
Conduziam dançando ao Capitolio
Os férculos dos Numes! lêdas Danças
Precederam de Emilio o carro ovante,
Que arrastava após si entre cadeias
O misero Perseo, a Esposa, os Filhos,
Das variações da sorte infausto exemplo!
Quando a Arca sagrada recuperam
Os filhos de Israel, o Rei Propheta,
As regias vestiduras despojando,
Dançou alegre de Sião nas Praças.
A filha de Saul; e Esposa sua,
Michol o desaprova, e em pena disso
Com esteril opprobrio o Eterno a fére.
  Porém Arte não ha, em que mais alto
O seu vôo levante o engenho do Homem,
Que a divina Poesia! em aureos versos
Deleitando, instruindo, enleva as Almas,
Pule os costumes, e a virtude inspira!
Idyoma dos céos lhe chamou Grecia,
E altares levantou aos seus Alumnos!
Pleiteam entre si Cidades sete
A honra de haver dado a Homero o berço;

Religião, Moral, Heróes, Costumes,
Das antigas Nações a Historia inteira
Dos Poetas nos Hymnos se deparam,
Cahem Estatuas de fundido bronze,
Os marmoreos Padrões derriba o tempo,
Os versos vivem sempre, e impunes zombam
Do furor dos Tyrannos, das Conquistas,
E das revoluções, que o Mundo alteram.
Que milhares de Povos sobre a Terra
Brilharam, e passaram sem mais rasto
Deixar que deixa na agua a Náo veleira,
Ou viva exhalação nos limpos ares!
Que Heróes mais valorosos que o Pelida,
Mais que Ulysses astutos, e mais pios
Que de Anchyses o Filho com seus nomes
Pereceram inteiros! não tiveram
Vate, que eternisasse a gloria sua!
No longo manto o negro esquecimento
Cobre tudo, que as Musas não protegem.
Pode o Fado riscar-te, injusto, oh Lysia,
Da lista das Nações; pode teus muros
Com a terra igualar; porém teu nome,
Teus guerreiros tropheos, tuas virtudes
Teus Reis, teus Capitães, morrer não temem.
No Canto de Camões viverão todos,
Elle falla, e se escuta em toda a lingua,
Elle dirá aos Seculos remotos,
«Lysia rivallisou do Tybre a gloria;
«Lysia ao Mundo deu Leys, e novos Mundos
«Ao Mundo descobrio! essas riquezas,
«Com que hoje blasonaes, Nações da Europa,
«Suas foram, vós della as recebestes.
«Vossos Nautas intrepidos não podem
«Hum só golphão sulcar sem que no trilho
«Dos Lusos, e do Gama as vellas soltem!

Tanto deves, oh Patria, ao Vate illustre,
A quem déste, que pejo! em premio indigno
Persiguições, desterros, indigencia,
Morrer por Hospitaes em pobre leito.
Si ao que bem te servio co'a espada, e penna,
Lysia, recompensaste assim, que admira
Que aos Réos, que te atraiçoam, dês abrigo,
Honras, riquezas, titulos, e cargos?
O roubado á Virtude os vicios herdam!
Ah! do excelso Cantor applaca os Mannes,
Ergue uma estatua, um Cenotaphyo ao menos
Seja á sua memoria consagrado!...
Em vão, que sempre ingrata co'as Camenas,
Vexas, Mãi descaroavel, seus Alumnos!
Cobre em raso sepulchro escassa Terra
Sem lapida, que excite o caminhante
A derramar sobre ella odoras flores,
Do sublime Thomino a cinza infausta,
Do sonoroso Elmano, e culto Alpheno!
Foragido Phylinto em terra alheia
Rematou longos annos de infortunio;
Ilha Africana, esteril, escalvada
Encosta de um volcão extincto ha pouco,
Do fecundo Moniz os ossos guarda,
Tal o premio entre nós dos bons engenhos,
De versos dignos de Cypreste, e Cédro!
Embora! eu que jámais do brando leito
Matutino me ergui para ir submisso
Confundido com a turba supplicante
Esperar na Ante-Camara o Valido,
Que ao desdem me sorria! eu que dos Grandes
Os pomposos Alcaçares não entro,
Nem lhe supporto insultador orgulho,
Oh sublime Poesia! a ti me entrego!
Prézo mais teu lourel de verde louro

Que o fulgido Placar, Listão brilhante,
Que adornam tanto peito indigno delles.
Nobres já meus Avós na Gallia foram,
Honra delles herdei, do mais não curo!
Adoça-me o teu canto a desventura,
Nesta era de Phylautas! ou na Lyra
Faças troar Pindaricos arrojos,
Ou nos sonoros sons d'Epica tuba
Cantes, Deoses, e Heróes de Deuses Filhos,
Ou co'a grave Melpómene na Scena
Espalhes o terror, ou leves Jocos
Co'a risonha Thália te circumdem,
Ou em metro mais brando, em tom mais simples
Com a Phylosophia inspiradora
Os preceitos das Artes nectarizes,
Pintes da Natureza o quadro immenso!
Da Pintura os prodigios restringidos
A um só logar, e dono escasso campo
Para a Fama do Artista concediam!
No centro da Região afortunada
Que divide o Apenino, e que circumdam
O Mar, e os Alpes, na gentil Cidade
Que das Flores á Deusa deve o nome,
A Gravura nasceo, que a tenue preço
Do pincel os trabalhos multiplica,
E os espalha no Mundo em breve Estampa!
Assim as Traducções nas Linguas todas
De Virgilio, e de Homéro reproduzem
Poemas immortaes! Esta Arte emprega
Dous methodos diversos, e ambos bellos.
Hum mais lento no Artifice demanda
Incansavel paciencia, e mão mui firme!
Prezo tempo enfadonho á meza sua
Na lamina de cobre vai abrindo
A proposta Figura a pouco e pouco,

Co'aguçado buril traça primeiro
Cabeça, que em anneis orna o cabello;
Vai formando depois os largos hombros,
Braços, mãos, tronco, plantas, té que avulta
Perfeito o corpo inteiro! assim nos mostram
As de Ovidio ficções encantadoras
A seara de Cadmo, que semêa
Do Mavorcio Dragão agudos dentes.
Da Terra estremecida vam rompendo
Luzentes morriões, pontas de lanças,
Surgem após semblantes iracundos,
Corpos, que vestem triplices lorigas,
Alfim com a Hoste inteira o chão retumba,
E nos escudos de aço o Sol reflecte!
Mais facil o outro methodo requere
Do Gravador menos fadiga, e tempo,
Sobre a incidenda lamina aquecida
Se espalha por igual verniz ligeiro,
Então se expoem de vella ao fumo espesso,
Até que a negra côr de todo a forre.
Logo se applica á preparada chapa,
Um Papel, que o desenho tem de um lado,
E de vermelho pó coberto é de outro.
Com agudo ponteiro então o Artista
Percorre do Desenho os traços todos,
E os transmitte ao verniz! de roda eleva
Tenue moldura de flexivel cêra,
Que sustem a agua forte, que derrama
Na lamina assim prompta. O corrosivo
Liquido vai cavando os sulcos todos....
Subito o Gravador vê levantar-se
Sumptuosos Palacios, destender-se
As sombrias Florestas, revistir-se
De pampanos os ferteles outeiros,
Cobrirem todo o Céo grupos de nuvens,

E os Armentos pascer nos verdes prados.
Ou de um, ou de outro modo assim gravada
Vai ao Torcolo a chapa, a que applicára
Perita mão cuidosa a propria tinta,
Com o humido papel gemendo a aperta,
Centos de Estampas co'desenho imprime!

VI.

Ergue o Genio outra vez o facho ardente,
E novos horisontes se franqueam
Do humano entendimento á vista aguda;
E ricas invenções o Mundo adornam.
Os Phenicios primeiro se arrojaram
A pintar a palavra, e dar á idéa
Corpo, e figura! poucos caracteres,
Combinações interminas formando,
De todo o Idioma toda a voz exprimem.
Assim o Ar, e a Terra, a Agua, e Fogo
Compoem deste universo os varios Seres,
Arte engenhosa! tão vulgar! tão util!
Por ti de antigos Sabios escutamos
As doutrinas, e a voz! por ti sabemos
Do Mundo as tradicções, do Mundo os fastos,
Da virtude os patheticos exemplos!
Tu do Commercio as relações vinculas,
Tu prolongas o brado do opprimido
Pelas idades posthumas, e aterras
Co'medonho trovão de Eras vindouras
Desfreiado Tyranno, que as leis calca.
Tu levas dos confins de outro Hemispherio
Ao saudoso Amante a voz da Amada
Que o temor lhe desfaz, consola a ausencia.
Logo por dez signaes, que multiplica
Uns por outros, Arabia aos olhos mostra

Quantos a idéa numeros abranje!
  Fundida a fogo intenso argilla, e Silex
Corre em rio fumante! nelle embebe
Ponta de longo tubo o Artista, e n'outra
Sopra, e soprando no cristal imprime
Formas diversas de utensilios varios.
Tão quebradiça, diaphana materia
Que proveitosa que é! dos lares nossos,
Sem que nos véde a luz, o frio aparta;
Cobrindo-o por um lado a tenue pasta,
A quem dá de aço o nome o vulgo indouto
O movimento, a côr, e os gestos pinta
E a Belleza aconselha em seus enfeites.
De solerte pincel embebe os traços,
E das injurias do ar os torna immunes,
A vista enfraquecida augmenta, aclara,
Da Sciencia nas mãos polido o vidro
Por um Prisma do sol divide um raio,
E mostra as septe primitivas côres,
Com que ufano se enfeita o Listão de Iris.
De Lewenhoek no microscopio aos olhos
Impreceptiveis formas poem patentes.
De Herchell no Telescopio descortina
Toda a amplidão dos Céos, por força delle,
Miryadas de leguas desandando,
A deixar-se medir os Astros descem!
  Por desiguaes espelhos concentrando
De Phebo os soltos raios n'um só fóco,
Archimedes ao longe o incendio arroja
Nos Romanos Baixeis! Enfurecido
Vaga Vulcano nos Baileos, nos Bancos,
A's breadas Enxarxias veloz sóbe,
Corre ao longo dos cabos! picea nuvem,
Com mil fagulhas se levanta aos ares,
Crebra crepita a chamma! fragorosos

Cahem ardendo os mastros, sepultada
Em turbilhões de fogo a Esquadra fica!
Respira Syracusa, e cede a palma
Ao talento do Sabio o marcio esforço!
Por seculos perdida, e só durando
Nas paginas rememoras da Historia,
Tentada em vão, por fabula se teve
Té que teu genio ousou, Bufon sapiente,
Esta invenção, restituil-a ao Mundo.
Quanto o Mundo não deve ao que primeiro
Fez, pelo Iman tocada, com que a Agulha
O Polo Boreal sempre indicasse!
Com esta guia intrepidos os Nautas
Ousaram de perder de vista as Costas,
E atravessar o Aquatico deserto!
Então fez o Commercio uma Familia
De quantos Povos o universo habitam!
O Homem nascido em desvairados climas
Gozou dos mimos, que os de mais produzem!
O Turco se enrôpou co'as ricas pelles
Do gelado Laplandio; os Gregos vinhos
Os Selvagens da America alegraram;
Indica Mossellina deu realce,
Aos encantos das Italas Beldades;
Com Britano fuzil derruba o Negro
O feroz Tygre, a timida Gazella,
O ouro dos Negros em cordões adorna
Das Donzellas de Lysia o cóllo eburneo;
Mexicano Cacáu, Caffé da Arabia,
Chinense Chá, Assucar das Antilhas,
De Ternate, e Tydore especiarias,
Dos festins Européos delicias dobram.
Deste modo o Prazer vai conduzindo
A civilisação do Globo em torno!

VII.

Rouba os raios ao Céo Franklin, e os manda
Seguir inocuo trilho; outro amalgama
Com moido carvão salitre, e enxofre,
E fórma novo raio! sepultado
Nas entranhas da Terra jaz tranquillo
O denegrido pó. Se o fogo o toca,
De subito se inflamma; ao seu impulso
Com medonho estampido o chão se aballa,
Despersos pelo ar, por entre chammas,
Vam rochedos, muralhas, Torres, e Hostes,
Ou em campal Batalha, ou pugna equorea,
Do centro do Canhão, em igneas azas
Manda a destruição em ferreos globos.
Mas tambem ao recreio ás vezes serve,
E em popular festejo a Sphera accende
Com lucidas, ephemeras Estrellas,
Em fumo se desfaz seu brilho em breve!
Imagem dos indignos, que a Fortuna
Tira ás vezes do Pó! a gloria sua
Com fulgurante estrepito se eleva,
Os olhos deslumbrando ao nescio Vulgo,
Toca as Estrellas, subito esmorece.
Morre, e recae na obscuridade antiga!

VIII.

Era tarda a Escriptura, e mãos inertes
Alteravam, copiando, um douto livro,
Raro se difundia, e facil preza
Ao Tempo estragador apresentava!
Eis um Germano, os Typos inventando,
Pluralisa a Instrucção, e como um Rio

Correm o Mundo os Codices, e as Letras!
Venham revoluções, que o Globo alterem,
Anniquilem-se Reinos, nasçam Reinos,
Venham Suevos, Wandalos, e Godos,
Novo Eclypse total já não receiam,
Escoradas no Typo, Artes Sciencias.
Caminha aos mesmos fins outro Germano
Com despendio menor, aproveitando
A, que oleosas substancias d'agua a aparta,
Chymica inemisade, escreve, ou pinta
De Munich sobre lages bem polidas
Quanto quer que ao Papel transmitta a prensa!
Para seu Alimento aos dous Inventos
Prepara a Industria indispensavel meio;
Vis andrajos de linho a longo custo
Triturados com agua, e branda cólla,
Formam a nivea folha, em que se estampam
As producções do Espirito, mais facil,
Mais conservavel que o Papyro Egypcio,
E as enceradas taboas dos Romanos.

IX.

Tenro Menino co's mimosos labios
O botão cinge do materno peito,
Faz correr aspirando a lactea fonte,
Que o vivifica, e nutre! assim na Bomba
Trabalhando o Pistão o vacuo fórma
Onde a agua se arroja; compelida
Do Athmospherico ar co'a pressão sóbe
Por longas mangas; co'arquiado tiro
As azas corta do veloz Incendio,
Ou vai regando no Jardim vistoso
Verdes latadas, floridos canteiros,
Que os ardores do Sol com sêde inclinam.

No fundo abysmo de Vulcaneos montes
Des de a origem dos tempos habitava
O impetuoso Vapor, monstro indomavel,
Filho da Agua, e do Fogo, que juntara
Horrendo amor nas amplas Gallarias
Do subterraneo Mundo; de uma, e de outro
Força, velocidade herdou, e a fera
Indole destructora! torvo lume
Arde em seus olhos com clarão sinistro,
Das amplas ventas, das enormes fauces
Em densos turbilhões lhe brota o fumo;
Dos membros gigantêos se escapa em rios
Fumegante suor, clama, e parecem
Tormenta o brado seu, trovões seus echos.
Si do centro da Terra enfurecido
Tenta sahir, co'as mãos irresistiveis
Alcantis de rochedos longe arroja,
Traz diante de si fervendo as aguas,
Co'desmedido vulto assombra os ares!
Convulsas de terror Cidades tremem
Nos fundamentos seus, e espavorido
O encapelado mar das praias foge.
Ás negras furnas, em que habita o monstro,
O Genio affouto desce, e braço a braço
Com elle lucta, e vencedor o algema,
E bramindo o conduz á luz do dia.
Domina-lhe as mandibulas ferozes,
Com freio adamantino, e ensina os Homens
A approveitar-lhe a força em seu proveito.
Já de um Baixel no centro em tubos preso,
Faz girar bronzeas rodas; vôa a quilha
Sem favor de maré, de vento, e vellas
Por amplos lagos, caudalosos Rios,
Ou pelo vasto Oceano! á flor das ondas
Surgem Tritões, e atonitas Nareidas,

O boiante Vulcão, vôando em meio
De altas Serras de espuma, erguendo aos ares
Alta columna de ondeante fumo,
Contemplam com terror!... ou pelo dorso
De ferreas serpes, que as estradas bordam,
Deligencia veloz, pesados carros,
Em açoradas rodas, que rechinam,
Com medonho estridor rapido arrastra;
De um lado, e de outro lado os montes fogem,
Fogem os valles, os casaes, e os rios,
Fogem os Bosques, e elle infatigado
Posterga os ventos, leguas em minutos,
Corre em uma hora uma Provincia, nova
Ao interno Commercio outhorga vida,
Faz que a voz do Poder nos fins do Imperio
Sem dilação se escute, ou reduzindo
Os braços, e o dispendio ás Artes, move
As machinas da industria creadora!
Grosso tronco divide em tenues pranchas,
Fundas minas esgota, o louro Trigo
Torna em farinha, azeite extrahe da Oliva,
E estampa na moeda o regio cunho.
Assim no Campo grande absortos vemos
De Rodrigues na Fabrica operosa
Novas fadigas deste Escravo do Homem.
Aqui o grande Diabo circulando
Torna a impeçada Lãa cardada, e fôfa,
Em delgados cordões ali se corta,
E mil fusos a um tempo rodopiados
Torcem mil fios, que em maunças colhem;
Lá ao longo, e atravez das tramas correm
O pente, e a laçadeira fabricando
Listada casemira, e fino panno:
Seis malhos no pisão cahindo alternos
Da roda a impulso revolvendo a tella,

Com a lignea pancada a robustecem.
Logo em cylindros dous girando a peça
Com agua pura, e fetida barrella
Com o aperto se alimpa, e purifica,
De cardos errissado outro cylindro
O pello lhe levanta, e novo engenho
Com ferro cortador o iguala! e tantos,
E a um tempo só, tão varios movimentos
Quem opéra, e produz? és tu sómente,
Indomito Vapor, que da Caldeira
Fumegando, bramindo, te levantas,
Ferreos canudos impetuoso sopras,
Cordas atezas, e mil rodas moves,
Pentes, e Malhos, Pendulas, Cylindros,
Monstros varios de ferro, ou cobre, ou bronze,
Que o Homem chama Engenhos, e animados
Pelo teu espantoso, horrendo alento
Com força desigual a um tempo lidam,
Sibilam, guincham, rangem, gemem, urram,
E entre obreiros, que fumo, e tinta afeiam,
Em caloroso ambiente nos dam visos
De horridas Hydras, de Dragões ferozes,
Que Demonios capripedes assanham
Nas cavernas do Tartaro inflammado.
Como a industria inventora do Homem brilha
Do Relogio na Fabrica complexa!
Pendulo oscilador, exiguas rodas
De pequeninos dentes guarnecidas,
E que obriga a girar delgado fio,
Fazem que em liso mostrador marchando
A compassado passo aureos Ponteiros
O tempo messam, horas nos indiquem,
Os quartos, os minutos, os segundos,
Mezes, semanas, dias! sabio Artista
O agradavel ás vezes junta ao util,

E em orgão engenhoso ali se escuta
Chistosa Walsa, alegre Contradança!
Que formosos Meninos deslembrando
Trefegos brincos, a que a idade os chama,
Alli vejo occupados? este attento
Agradaveis paugagens me desenha;
Aquelle sobre a flauta os dedos move,
E com melicos sons o ouvido encanta,
Quero chegar, ... um osculo imprimir-lhe
Sobre as rosadas faces! . . . mas que vejo? . .
Vida não tem, não tem calor! . . surris-te,
Vaucanson engenhoso? . . o teu trabalho
Alardeou mechanicos prodigios
Nestes lindos Authomatos, que imitam
O sentir, e o pensar, e olhos, e ouvidos
Gratos illudem com ficticio moto!
Os primeiros Mortaes de braço á força,
Com prolongo trabalho, e duras pedras
Gomoso trigo, assucarado milho
Reduziam ao pó, de que se fórma
Pão, que nos nutre. O Genio nos ensina
O meio de forrar tempo, e fadiga!
Niveas vellas, que impelle crepitando
Dos Zephyros o sopro, ou ligneas rodas
Que constrange a correr rio espumoso,
Fazem girar um eixo, que rechina,
E pulverisa o grão com mós pezadas.
Em mergulhante sino affouto desce
O Homem ao leito dos profundos rios;
Grossas columnas de ar, que lá lhe enviam
Apresurados folles, delle em torno
Co'o fragor do trovão a agua repellem,
Que em cachão espumoso em cima zôa;
E elle enxuto, a seu salvo assim recolhe
Os despojos, e as miseras riquezas

Do naufrago Navio, que a Procella
Horrida sepultou no equoreo abysmo!

X.

Mas o que admira que o Mortal penetre
Da Terra as profundissimas entranhas,
Que lá proximo ao Orco escave, e roube
O ouro, fonte de crimes, que a bem nosso
Lá devera jazer em sombra eterna?
Que admira que elle baixe ao centro equoreo,
Se as ethereas campinas se franquea?
Não co' as azas de Dédalo enceradas,
Como a Grecia fingio, ou do valente
Degolador da anguicoma Medusa
No aligero Corsel, porém prendendo
Ar inflammavel em Balão de seda,
Que á imitação dos Globos, que no espaço
Profusa semeou do Eterno a dextra,
Sobe, e se eleva magestoso! delle
Em batel breve o intrepido Aereonauta
Pendente vai! na dextra, sem soçobro
Rubra bandeira floreando agita!
De Nymphas, de Varões turba apinhada
Segue co'a vista embevecida o novo
Astro, Filho da Terra, niveos lenços
Sacodem jubilosos, com seus vivas
Valles, e Montes de continuo echoam!
Já toca as Nuvens o Balão pomposo,
Já com a longa distancia aos nossos olhos
Rubra laranja na grandeza imita;
Assim femineo rosto, oh Cinthia, mostras,
E um ponto luminoso Hespero ingente!
Tu com quem me enlaçou firme amizade,
Oh joven Robertson, que Lysia ha visto

Tentar mais de uma vez a ousada Empreza,
Vem, pinta as sensações, que n'alma excita
Esse ethereo deserto a prolongar-se
Sem termo ante os teus olhos! . . . não te assombra
O solemne silencio, que te cerca? . . .
Perdido te não crês na imensidade?
Dize, quando lá do alto contemplavas
De Lysia a Capital, de Cinthra a Serra,
O Tejo, os Montes, que o coroam, longos,
Que em margens suas se destendem, bosques,
Que espectaculo alli te apresentavam?
De um Mappamundo as tortuosas linhas,
Ou de lavrado campo os tenues sulcos!
Mas ainda aqui não pára a audacia humana,
O Nauta affouto o Aerostato deixa,
Arrepiam-se as carnes, e o cabello
De o ver precipitado! . . . accode á idéa
De Rosiere, e de Icaro a Tragedia,
Vão temor! . . . abre em tanto a longa ombella,
O Contraquedas salutar! suspensa
A queda fica, e descrevendo o Joven
Longa curva, pairando á terra desce!
Assim soberba Garça o vôo arranca,
Brinca nos ares sacudindo as azas,
E leda vem pousar no prado hervoso!
Porém, oh magoa! ao precipicio, á morte
Quiz o novo instrumento em vão salvar-te,
Formosa Grenerin! . . , Paris a vira
Elevar-se em Balão illuminado
Por entre as trevas do nocturno manto!
Seus amigos solicitos observam
O tremulo fulgor das Luzes suas
Quaes leves Perilampos, que scitilam,
Pela vasta floresta em noite estiva!
Subito é sombra tudo, e maior sombra

De quem a observa os animos enlucta!
Nem temiam de balde! a infausta Dama
Quer de novo accender extinctos lumes!
Imprudente! no Gaz eis salta a chamma!
O Aerostato se incendeia! a Bella
Precipitada rue! quem vira as tranças
Soltas nos ares fluctuando, as longas
Candidas roupas, que lhe enfofa o vento,
Julgara que era a Filha de Thaumante,
Que mais veloz que o som, e a luz, vôava
Das alturas do Olympo ao fundo Oceano
Com Decreto de Jove, ao Deus dos mares!
De balde o Contraquedas a sustenta:
Invenção não ha hi, engenho, ou força,
Que demore um momento o braço á morte!
De elevado Palacio em tecto esconso
A belleza infeliz cae; opprimida
De desacordo, e susto em vão procura
Suster-se; róla, e na jacente praça
Seus delicados membros se espedaçam,
E vôa aos Céos o Espirito formoso!...
  Do culto Senna as melindrosas Nymphas
Em deredor do exanime cadaver,
Ferem com a mão de neve o brando peito,
Erguem clamores funebres! na lousa
O miserando espolio depositam,
De fôfa terra um comaro lhe elevam,
Copia do seu pezar, plantam sobre elle,
Palidos Goivos, graviolente Arruda,
Fragrante Rosmaninho, que regaram,
As lagrimas de Amor por largo tempo!
  Miseranda Beldade, se aos meus Versos
Der o fado transpor a veia escura
Do deslembroso, somnolento Lethes,
Teu caso, o nome teu caro ás sciencias,

Recordado nas posthumas idades,
Será de compaixão, de pranto objecto
Ao sensivel mortal, que as Artes ama!
Longo fôra o narrar quantos progressos
Nas Artes, nas Sciencias, conduzidos
Pelo facho do Genio hão feito os Homens.
Como a fama em seu vôo acquista forças,
Como o Rio que sahe de pobre fonte,
E em prolongo caminho recebendo
De mil regatos o tributo undoso,
Espumante, e soberbo entra nos mares,
Tal o Humano saber se augmenta, e cresce
Com o tempo, exercicio, e longo estudo.
Quem ha hi que a fixar se atreva um marco
Onde o Espirito do Homem parar deva?
Quem sabe que prodigios inda esconde
No denso manto o turbido futuro?
Cada seculo traz á Humanidade
Novo raio de luz, inventos novos;
Do véo, que cobre avaro o quadro imenso
Da Omnimoda Natura, erguida apenas
Pequena ponta está! o alto Colosso
De mil conhecimentos, que parece
Ora as nuvens tocar, talvez que um dia
Aos olhos dos Mortaes mais doutrinados
Figure de um Pigmeo mesquinha estatua,
Ou em campo sem fim rasteiro Arbusto!
Talvez que com desdem então se riam,
Do nosso orgulho, da ignorancia nossa,
Immemores que em tempos mais remotos
Os espera de certo igual censura!

XI.

Mas perguntas, Lieutard, como é possivel
Que entre esta profusão de bens sem conto,

Os Homens de infelizes se lamentem?
Culpa as nossas paixões, e os nossos erros.
O Eterno nos creou para a ventura,
Deu a todos os meios de alcançal-a.
Mas a imaginação da recta senda
Nos desvaira, e desvia. Não que intente
Conduzir-nos ao mal, ella se illude
Co'a apparencia do bem, cego apoz cega
O Homem com ella ao precipicio corre.
A sisuda razão de balde intenta
As redêas sopear dos vãos desejos,
Redêas estallam, desbocados vôam,
Tudo então se confunde, a Paz nos foge,
Anhelo insaciavel de Ventura,
Feroz serpe alojada em nossas almas,
Nos lacera, e devora! o Rei do Throno,
O Pastor da Cabana se desgosta,
Nascem os Vicios, e a illusão completam
Co'a mascara especiosa de Virtude.
A desordem do espirito transcende
Ao corpo unido a elle, os proprios meios
De conserval o a destruil-o servem.
Torpe abuso o alimento faz veneno.
O balsamo dos fluidos lhe azeda
Negra inquietação! os nervos perdem
Seu Elasterio em volupioso incendio;
A pouco e pouco assim definha, enferma,
Murcha, e sobre o sepulchro se reclina,
Qual Lyrio sobre o céspede revolto
Se a raiz lhe cortou passando o Arado.
Em qualquer parte aonde existe o Homem
Rasgam-lhe o coração negros Abutres
A perfidia com olhos refalsados,
O odio, que se ri de alheios males,
A calumnia mordaz, filha da inveja,

Vangloria, que de fumo se alimenta,
Gula devoradora, o ocio inutil,
A tyrannia que se banha em sangue,
A Hypocresia, que o medonho aspecto
Esconde no alvo peplo da Innocencia,
Superstição, que se deleita em sombras,
E de insanas Chymeras se rodeia.
No meio destes Monstros, fascinado
Com suas illusões procura o Homem,
Levantar o edificio da ventura;
Cuja sombra ficticia esvae-se em breve,
E a magoa, e solidão na alma lhe deixa!
Assim brincando o trefego Menino
Um vistoso Jardim formar pertende,
Colhe d'aqui, d'alli hervas e flores,
E na terra ao de leve os pés lhe encrava.
Subito ri, veceja o Eden novo,
E entre os canteiros seus passeia ovante
O pequenino Agricula; mas prestes
A vecejante pompa se esmorece;
Das plantas sem raiz as folhas cahem,
Murcham flores, e fica só de tudo
Resequido montão de aridos ramos.
Sim, oh Lieutard, supposto a especie humana
Tão varia nos pareça, é sempre a mesma.
Estendamos a vista no Universo,
Vasto Hospital, em que os mortaes deliram;
Em quanto de espumosas, salsas ondas
Cinge o Padre Oceano, ou guarde o nome,
Ou, co'as Nações mudando-o, porque passa,
Banhe estrangeiras, e longiquas praias,
E o Hesperio confunda ao mar Eoo,
Nas diversas paixões, nos varios climas
Que influem nos Mortaes, que os diversiam,
Seja soberbo China, ou Persa adusto,

Falsario Inglez, ou pensador Germano,
E' o fundo do Homem sempre o mesmo,
Sempre rí com prazer, co'a magoa chora,
A vingança lhe apraz, resvala ao vicio,
E a virtude procura, e se affadiga
Após o seu Phantasma, e o da ventura,
Que poucos dellas justa idéa formam,
E a seu genio moldal-as querem todos.
Tal no Imperio de amor, na variedade
De talhe, de feições, de gesto, e garbo,
Que as Nymphas nos presentam, na que amamos
Cremos vêr a belleza, e della á vista
Vilescem as demais, enojam, pesam.
« Quanto é Hárpago insano! . . . noite, e dia
« Incubando milhões nos prenhes cofres,
« Faz do Ouro o seu Deus! tranquillo somno
« Jámais lhe affaga os encovados olhos,
« De vento a um repellão descóra, e treme,
« Thesouros amuar, eis seus prazeres,
« Crê fechar a ventura em ferreas arcas,
« Definha á mingoa, e na abundancia é pobre!
Assim exclama Alcippo, e Alcippo acerta;
Mas será menos que Hárpago insensato?
Elle ao menos o crê; certo a seus olhos
Nada ha mais que a Avareza aborrecivel,
Mas fugindo de um vicio dá no opposto,
Assim o Nauta no Trinacrio Estreito
Carybdis evitando, encontra em Scyla.
Mas o profuso trem quiçá que o lustra,
Esse Ouro, que a diluvios elle entorna
Pelas mãos de lascivas Bailarinas,
Amantes sem amor, voragens fundas,
Sempre abertas, e sempre insaciaveis,
D'Hárpago a par bem podem collocal-o;
Ambos pela ventura se affadigam,

Mas do caracter proprio extraviados,
Sem saber conhecel-a, vam fundal-a
Hárpago em ouro, Alcippo em vãos prazeres!
«Longe um Mundo empestado, longe um Mundo
«Copia do Inferno, onde campeam vicios,
«Onde, excepto a virtude, abunda tudo.
Brada em barbaro zelo um Pai sem ciso,
E os intuitos frustrando á Natureza,
Aos altares arrastra ingenua Filha
Nascida para amar, cujos encantos
Tornariam feliz um terno Esposo
Si ao amante, que adora, a não roubassem.
Curvada a infausta victima recebe
O véo fatal em pranto, e mais ainda
Em soluços que em vozes, pronuncia
O sacro juramento, que levanta
Invensivel Carreira entre ella, e o Mundo,
Applaudem os amigos, e os parentes;
O alegre Pai exclama «é já ditosa!»
«Roubei-a ao Mundo, á sedução, e engano!...»
Exultas, imprudente!... chorar deves!...
Foi só para miserrima tornal-a,
Que á filha deste o ser? quem? quem te ha feito
Despota de vontades? donde houveste
O direito horroroso de arrancares
Dentre os braços do amor fraca Donzella?
Defraudar o Monarcha, a Patria, o Mundo
Da cadeia de Heróes, que venturosa
Talvez della brotasse, e fòra illustre
Com gloria reluzir na Eternidade?
Póde ser grato aos Céos um dom violento?
Livre a vontade nos deixou o Eterno,
E um pai maior poder que um Deus se arroga!...
Não temes que sacrilego profane
O sacrosanto altar Ente, que tenha

No claustro o corpo, o espirito no Mundo?
  Entra comigo neste asylo aonde
Mil, como a tua, victimas piedosas,
Do Despotismo, do Erro, do Interesse,
Seus Tyrannos maldizem, vida, e fado!...
Alli se alagam solitarios leitos
Em lagrimas nocturnas,... comprimidas
Em silencio espantoso se devoram
Agras lembranças de memorias doces!...
Seus quadros a Saudade, e Amor presentam,
E a grata Liberdade, então mais grata
Porque impossivel é, vem inquietal-as
Té quando entoam sacrosantos Hymnos,
Ou co'a Imagem de Amante não logrado,
Ou do prazer com os quadros seductores,
Apraz-te este painel? crês-te inda justo!...
  Filha dos Ceos, que a Terra, e Céo conjunges,
Santa Religião, Orgão do Eterno
Quando se digna de fallar aos Homens,
De ti dimanam solidos prazeres,
Verdadeiro saber, sem teu archote
Insensata é Rasão, e o Sabio estulto,
Por ti a Esposa o Esposo não falsea,
Quando pela Justiça empunha as armas
O Guerreiro sustens no marcio campo,
Tu a fonte perenne, de que brota
A sensibilidade encantadora,
Mãi de nossas delicias mais gostosas,
Mãi de nossos pezares mais pungentes,
Que os Homens fraternisa! em duro leito
Quebrado a tratos de miseria, e dores
Desfallecido enfermo a debeis vozes
Soccorro implora! impavida rompendo
Por infecções, por medos, por temores,
Que Amizade talvez, e a Natureza

Temeram de arrostrar, benigna vôas
Dar-lhe consolação, no ponto extremo,
Das Chymeras do Mundo o desenganas,
Sobes-lhe a idéa ao Ente Auctor dos Entes,
Principio, e fim de tudo, em cujo aspecto
Um momento, um momento só de enfado
Sobra para punir evos de culpas;
Salve, Irmãa da Rasão, e apoio della,
Por tuas aras venerandas juro
Que da calumnia o fel verter não tento
Nos sacros votos teus; respeito, oh Diva,
Pacificos asylos onde escondes
Das tormentas da vida ingenuas Virgens,
Que ao Senhor consagrou voto espontaneo,
Devoção fervorosa, só condemno
Abusos, e violencias, que abominas.
Cego pelo esplendor, com que fulgura
Esse Phantasma vão, que chamam gloria,
Lá deixa o Macedonio, só ouvindo
Os brados da esperança, escasso Reino,
Que o berço fôra seu! atravessando,
Mais veloz que o relampago ligeiro,
Nações inimigas co'a victoria á frente,
Altos Montes transpoem, Rios vadeia!...
Ao escutar-lhe a voz muralhas ruem,
Prostam-se Imperios, sobem Reis, ou descem,
E ao seu aspecto se emmudece a Terra!
A soberba do Heróe fascina os olhos,
Já mentidos Oraculos consulta,
E por filho de Jupiter se acclama!...
Ergue-lhe Templos, queima-lhe perfumes
A lisonja servil, que dos Monarchas
Doura os erros, e os crimes!... Moço insano!...
Entre as pompas de opiparo banquete
Traidora mão propina-lhe o veneno,

Morre o Deus! . . . e o que assombro foi das Gentes,
E' das gentes baldão! . . . na sepultura,
De que hoje nem si quer vestigios duram,
Repousa como os mais quem se indignava
De, para os conquistar, não ter mais Mundos.
  Tal depois que na Gallia o sceptro empunha,
E Europa quasi inteira ás leys lhe curva,
Desterrado perece o Heróe de Scyrnos
Em pedregoso Ilheo, que em tempo antigo
Lysia descobre, e conservar desdenha;
E agora o Pescador, que as rédes lança,
Vindo passar em terra a sésta ardente,
Em seu sepulchro languido se encosta,
Adormece, desperta, ergue-se, parte,
Nem se lembra se quer, talvez ignora
Que no logar, onde dormio tranquillo,
Do Grão Napoleão as cinzas dormem!
  Guerreiro igual furor accende o peito
De Carlos mal da Suecia o throno occupa.
« Eu vou (diz elle si) provar ao Mundo,
« Que não foram sómente Grecia, e Roma,
« Productoras de Heróes, que os Alexandres
« Cezares, e Pompeos podem vencer-se;
« O ultimo Occaso, o Sul, da Aurora as Plagas
« Curvarão a cerviz do Norte ao raio.
« E de Carlos o Nome a Nuvem seja,
« Que aos mais conquistadores cubra o nome!
Vio Europa assustada, e vio com pasmo
Um Rei mancebo para tudo Ex-homem
Excepto para a gloria, aos pés calcando
Quanto de alliciador o Mundo encerra;
Quanto em seu piso os de mais Homens cansa,
Os Prazeres, o Luxo, . . . mas quem póde
A Carlos subjugar, se elle resiste,
Tu, Konisgmark, o attesta, á formosura?

Só lhe é grato aos ouvidos, só lhe aprazem,
Clangoroso estridor de marcias tubas,
Zunir de ballas, brados de bombardas!
Sangue a golfar, turbilhonando o fumo,
Selvas de lanças, messes de treçados,
Eis o ledo espectaculo, que encanta,
Rouba os olhos do Heróe! retinir ouve
Da victoria na voz, dos seus nos vivas
De invensivel o titulo inconstante;
Corre, vôa insofrido, e sem lembrar-se
Que da dita, á desdita um passo é meio,
Os fados de Alexandre cobiçando,
Presume que na Russia a Persia encontra!...
A fortuna cançou, e a Scena muda,
Vio em Pultava Arbellas, mas não pode
Um Dario encontrar!... profugo, errante,
Ferido, quasi só, quem vira ha pouco
Pender de um seu acceno regias sortes,
De barbaros nas mãos libra seu fado!
Evade as tramas da Nação proterva,
Sem policia, sem fé, prefidias toda,
Torna á Patria, mas como?... alegres vivas,
Ledas acclamações não lhe precedem
O rédito triumphal! marcham-lhe em frente
Pêjo, Desgosto, Lemures Tyrannos,
Que incessantes o pungem, té que o levam
Na gelida Noruega a achar a morte!
Avareza mesquinha, Luxo infrene,
Fanatismo cruel, Ambição cega,
Os quatro ventos principaes sam estes,
Que da existencia os mares encapellam:
Secundarios tufões delles derivam,
Que, as forças combinando, nos removem
Do Porto da Ventura, e da Virtude;
E, batidos das Ondas dos Desgostos,

Nossos Baixeis nas Rochas despedaçam
Do Vicio, e da Desgraça! venturoso
Hárpago fôra, se girar deixando
Seus amplos cabedaes a bem do Afflicto,
Da Viuva, e do Orfão, Deus na terra,
Visse no Ouro o meio para a dita,
Mas não a dita no Ouro! fôra Alcippo
Se do luxo, e Volupia destinguisse
Prazer, e Amor! Esse que a filha torna,
Violentando-a aos altares, desgraçada,
Virtuoso sería em não negal-a
Ao sagrado Hyminêo, se percebesse
Que offerta constrangida o Céo recusa.
Grande fôra Alexandre, e fôra Carlos,
Si em vez de ir devastar alheio Imperio,
A bem dos Povos seus tão só lidassem.
Oh! modello de Reis! oh Pedro! oh Nome!
Que hade acabar quando o Universo expire,
Pejo a Alaricos, Atilas, e Ninos,
Homens, ou Furias, que nutria o sangue,
Que o terror proclamou, maldisse o Mundo,
Que delles inda atonito se lembra
Qual de um Vulcão que devorou Cidades,
Diluvio assolador, Contagio horrivel!
A Ti curvo espontaneo! Heróe confesso
Quem debella Nações em campo armado;
Quem Nações funda, Semideos acclamo;
Quem do Nada as arranca, e as sobe á gloria,
Que hei-de chamar?... fundar nações é muito;
Policial-as mais! mil Alexandres,
Romulos mil nomerarei sem custo:
Mas de um Throno descer para vagante
Pelo arduo trilho de Sciencias, e Artes
Aprender a reinar, exemplo é este,
Que em quanto as Gerações se reproduzam

Hade louvado ser nunca imitado.
Tu o deste, oh Czar, teu destinctivo é esse;
Roto o véo da illusão, que a tantos céga,
Sentir ousaste que é mesquinha a gloria,
Si estrago universal foi della a base;
Que nada montam palmas, nada os louros,
Si os planta a usurpação, e os rega o sangue!
Nada encontrando que emular nos Homens,
Fez-se emulo dos Céos teu Genio altivo.
Corrigir intentaste a Natureza;
Como outr'ora do Eterno a um simples nuto
Do tenebroso Cahos emergira
A Creação esplendida, dess'arte,
Soltaste a voz, e ergueram-se os portentos,
Da barbarez o somno quebra o Russo,
E indignado ao fulgor, com que o deslumbras,
Torce o rosto debalde, as trevas busca.
Vendo ao longe raiar alma sapiencia
A estupida ignorancia ulula, e geme;
Destende as longas azas côr da noite,
Foge em tardonho vôo! cae do Throno
Cega a superstição: tincto de sangue
O Fanatismo atroz morde-se em ferros,
Arde, blasfema, em ultimo consolo
Das passadas ruinas se recreia!
Bons, ou máos, seus costumes zela o vulgo,
E facil os não despe; e o vulgo é Monstro
Quando de seus estolidos furores
Malicia se aproveita! armam-se, intentam
Impias conjurações romper-te os planos,
Prudente as frustras, os Sterlitz despersas.
Humilhas os Boyards! por ti sustida
Omnivicente Industria accena, e as Artes
Vem do Tybre, do Sequana, do Thames,
Dispor nas margens, que torneia a Neva

Germens d'alto saber, gloria, e ventura;
De Risos, de Prazeres escoltada
Desce a Abundancia de Hyperboreos serros:
Polida Urbanidade, Graças, Musas,
Pasmam do Reino, que entre as neves lhe abres.
Oppressa, desvallida n'outros Climas,
E' livre ao lado teu Phylosophia.
Ella a norma te aponta, com que abrandes
Intractavel caracter de teus povos.
Onde te voltas Monumentos surgem!
Folga o gélido Báltico attentando
Nos ignotos Baixeis, em que tremulam
Teus Pavilhões triumphantes! junta as ondas
Operoso Canal ao Don e ao Volga,
Que, de abraçar-se attonitos, perguntam
Quem fez tantos prodigios? de juncosa
Lagôa esteril Petersbourg assoma
Soberba Capital do novo Imperio.
No horisonte Moscovico passando
Vê o Sol do Paiz mudado o aspecto,
Pára, e julga que errara o trilho antigo....
Com olhos de ciume te contemplam
O Dano, o Prusso, o Austriaco, o Britano,
Legislador, e Rei, Artista, e Chefe,
Unes com taes brazões os de um Soldado,
Primeiro ao risco vás, ultimo o deixas,
Marchas a pé, e quando desce a noite
O gelo, a dura terra, a cavidade
De um rochedo é teu leito; nas derrotas
A vencer aprendendo o lauro arrancas,
Que ao guerreiro Sueco a frente enrama,
Quem mais fóros levou da Gloria ao Templo?
Quem mores os levou? credor mais que outro
De Tasso á tuba, de Phylintho á Lyra?
Tu és o meu Heróe, Pedro! e se é dado

Na luminosa Estancia, que no Olympo
Endeosados Espiritos habitam,
Com jubilo escutar mortaes louvores,
Ouve os louvores meus; não sam nascidos
De peito escravo, que a lisonja inspira,
Mas de mortal que ignoto aos Reis, e aos Grandes,
Não vende incenso, e o Merito idolatra.

FIM DO CANTO III.

ARGUMENTO

DO

CANTO IV.

—

I. A Gruta. Loureiro disposto para monumento de uma declaração amorosa. Ceifa. Baile. Lucta. Jogo da Barra. Pastora dormindo. Gesner. II. Augusto na Quinta de Mecenas, com Virgilio, Horacio, Vario, Polião, Tibulo, e Propercio. Leitura da Eneiada. III. O Sabio estudando no campo a Natureza. Minas. Fogos subterraneos. Terremoto de 1755. Reedificação de Lisboa. Feniz. Idéa do Sol segundo Herschell. Mercurio. Venus. Marte. Jupiter. Seus Satelites descobertos por Galileo. Saturno. Seu annel duplice, e suas Luas. Planetas recentemente observados. Herschell. Juno. Palas. Vesta. Ceres. Hymno á Lua. IV. Contemplação das Estrellas. Sua multidão, e grandeza. Cada uma é um Sol, e centro de um Systema Planetario. Provam a Omnipotencia de Deus. E' verosimil que sejam habitadas. V. Insectologia, e Botanica. Diversos caracteres das Flores. Plinio Junior. As Nymphas campestres da Mythologia eram emblemas dos prazeres do campo. VI. Paizagem. Recortes pictorescos das nuvens illuminadas pelo Sol cadente. Poesia Caledonia, e Escandinavia. Ruinas de Palmira. VII. Colinas revestidas de Vinhas. Commercio dos Vinhos de Portugal. Bacho divinisado por inventar o vinho. Os Gallos por causa delle passam os Alpes, e invadem a Italia. Ilha da Madeira contraposta á de Java. Upa, arvore venenosa. Dama Mahometana condemnada a morrer aspirando o seu veneno. VIII. Pinhal.

Beleza dos Pinheiros do Norte, cobertos de Lichens, que os deffendem do gelo. Morro escalvado entre outeiros cobertos de vegetação. IX. Prospecto do Tejo visto de longe. Elogio delle, e dos Heróes Portuguezes. X. Crepusculo da tarde. Hora dos Amantes. Retirada do campo. Lieutard cantando. XI. Descripção de uma Noite de estio, Lua rompendo pelas nuvens. Vestal chorando sobre um Tumulo. Bosque contemplado ao Luar. Fogos fatuos. Sua origem, e preocupações do Vulgo a esse respeito. Sensações agradaveis de uma noite serena. Young. A noite consola o desgraçado com o descanso, e atormenta o criminoso com remorsos. Festejo nocturno dos Sylphos. Titania desce aos prados sobre um raio da Lua XII. Marcha do Exercito Inglez na Hollanda por uma Charneca gelada em noite de Inverno. A guerra. O Homem é o unico Ente que se arma contra a propria especie. Quadro de um combate. Campo de Batalha visto no dia seguinte. Traducção de alguns versos da Primavera de Kleist. XIII. O Cemiterio. Reflexões sobre a morte.

O PASSEIO.

CANTO IV.

Oh nullo turbata metu pax hospita ruris!
Quando dies erit illa volans qua liber ab urbe,
Carcere ut ex longo puras sectabor agrorum
Delicias; et in obscuro tranquilla recessu,
Omnibus ignotus, nulli gravis, otia ducam;
Meque fruar, nec fata timens suprema, nec optans!
Vanierii, Predium rusticum. Lib. XI.

I.

Mas, formosa Lieutard, alfim deixemos
Assumpto tão severo, e os ledos olhos
Eia estendamos na rural Pintura!...
Como a este lado as Arvores frondosas,
Entrelaçando os braços, lá preparam
Sombra hospedeira ao laço caminhante!
Como discorre entre ellas claro arroio,
Que, de manso que vai, á phantasia
Parece que do sitio namorado
Em seu murmureo delle se despede!...
Conheces essa Lapa, que se afunda
Lá onde em limpa meza elle se alonga,

Que a Labrusca adereça, e fórra o musgo!...
Alli.... dia feliz!... dôce lembrança,
Que hade a mente occupar-me em quanto eu viva!
Tranquilla te encontrei passando a sésta,
E então mais que outras vezes animoso,
O amante coração offereci-te,
E vi n'um riso precursor de um gosto
Scellar minha ventura! inda ver creio,
Em doce languidez correr teu braço
Em torno ao collo meu, e os roseos labios
Esta meiga expressão do peito abrirem.
«O teu amor me apraz, és meu, sou tua!»
Qual fiquei, justos Céos!... que fiz?... que disse?
Morro!..... resurjo!..... de prazer deliro!...
Tal, após noite de horrida tormenta,
Caçador alagado além dos montes
Vê desparando a mansa claridade
A linda Nympha, que conduz o dia,
Pelas cérulas nuvens descobrindo
Aureas madeixas, rubido semblante!
E inda ousamos queixar-nos dos desgostos,
Que affogam a existencia? inda dizemos
Morte a vida, se nella ha taes momentos!
Para perpetuar tão feliz dia
Despuz junto da gruta aquelle louro,
E na facil cortiça em cifra amante
Nossos nomes gravei; crescendo vinga,
E os meus amores vingarão com elle!
Nesta vasta planicie agora attenta!...
Que fertil luxo Ceres assoalha!
Vê em montes alli fulvas Espigas
Derrubadas jazer! e além cobertos
De contente suor duros Ceifeiros
Brandindo a curva foice em terra prostram
Essas que, inocuo mar, com o vento ondeam!...

Não de outra sorte a insaciavel Morte
Corta, sem distincção humanas vidas,
No Throno os Reis, nas choças os Pastores,
E ao golphão do sepulcho sempre aberto
Desce a par do caduco em flor a virgem,
E junto a Achyles forte o vil Thersites.
  Perto não delicada Aldeana bella,
Quer inda mais enfeitiçar o amante:
Não usa enfeites vãos, nem falsas cores
Como as da Côrte altivas divindades,
Que devem formosura á pompa, ao luxo;
Porem, vibrando a foice, co'elle aposta
A quem verá primeiro o termo ao sulco.
Com os olhos nella o rustico Mancebo
N'alma se ufana de ficar vencido,
E, porque assim disfructe o rosto amado,
Brada-lhe ás vezes que derrube espigas,
Que em pé deixou ficar; volve a Serrana,
E as espigas não vendo, a astucia entende,
E farpão novo n'um sorrir lhe encrava.
  Além d'aquelle Olmeiro á basta sombra
Niveo Velho, Nestor destes contornos,
Se encosta ao filho, que a campestre avena
Une ao labio, e singelos sons desfere,
A que attenta a grosseira Juventude
Lasciva enlaça rapidas choreas!
Ora todos em chusma Jovens, Môças
Giram velozes deslisando a terra;
Ora, extantes os mais, do grupo avança
Airoso Par, que em equilibrios destros
Occultos sentimentos d'alma exprime;
De novo em chusma, rodeando-os, pulam,
E de floreas grinaldas os enlaçam,
Soam vivas, e palmas, gosto occulto
No coração do Velho se ensinua,

E crê de novo remoçar com os Môços.
  Lá dous membrudos, rusticos Atletas
Nos braços nús se enredam, lutam, gemem,
Forcejam, vergam! . . . o suor em bagas
Lhe innunda as faces, lhe humedece a grenha;
Curvam joelhos, pela pelle avultam
Tumidas veias, musculos pulantes! . . .
Ouves os gritos, os applausos ouves,
Com que os accende a turba circumstante,
Que, o brinco fadigoso escarnecendo,
Estendidos na relva a taça emborcam
Do patrio vinho, que melhor lhes sabe,
Que o çumo d'essas vides, que oppulentam
Ferteis margens do Rheno, e em ricas mezas
Vem fervente espumar a pezo de ouro?
Assim tranquillo o sabio mofa, e zomba
Do insensato, que estolido dá costas
A' ventura, que o chama, e vai ao longe
Seu phantasma seguindo achar a morte.
  Aquelles imitando os Gregos jogos
Lançam, a quem mais longe, a barra dura;
Sobre a cabeça levantando os braços
Sopesam longo tempo o seixo enorme,
Correm, no demarcado ponto param,
E com a força toda a pedra impellem:
Zôa rasgado o ar, e a terra treme
Ao golpe desmedido! assim outr'ora
De Lusitania os Incolas primeiros
Em violento exercicio endureciam
Braços, que floreando a Lusa espada,
Com Veriato á frente derrotavam
Marciaes Legiões da antiga Roma!
  Attenta agora cá! do Myrtho á sombra
Vê dormindo na morbida verdura
Linda Pastora, que uma Nympha imita,

Em quanto, seu rebanho, se penduram
De rocha em rocha trepadoras Cabras,
D'apoz do Myrtho manso, e manso eis surde
Joven Pastor, e o dedo unindo ao labio,
Risonho impoem silencio á companheira;
Da adormecida Amante á fronte ajusta
Capella odora de Jasmins, de Rosas,
De antemão desfructando o assombro, o pasmo,
E o pudibundo enleio da Formosa
Quando desperte, e co'a grinalda encontre!
Oh divino pintor da Natureza
Prestigioso Gésnner, Moscho Helvecio,
Oh Tu, cujas Canções das Graças mimo,
Como o Sol bellas, gratas como as flores,
Puras como tua alma (quando as lia
Ou de uma fonte ao tremulo murmurio,
Ou á sombra de um Platano, ou de um Louro)
Terno pranto dos olhos me soltavam,
E no sensivel coração me erguiam
Meiga saudade, ou co'a innocencia, e magoa
De nossos Pais primeiros, ou com o quadro
Dos singelos costumes dos Pastores,
Quanto mais, grande Vate, observo o campo,
Mais apreço, e louvor dou ao teu canto.

II.

Mãi do prazer, da Liberdade Filha,
Dôce Alegria, o campo é teu imperio;
Nelle dominas, Soberana amavel,
Nunca odiada, e suspirada sempre!
Quando entre as Nymphas tuas, grata chusma,
A Candura, a Innocencia, a Paz, a Incuria,
E a por desdita nossa hoje tão rara
Sacra Amizade, vens folgar nos prados,

Debaixo de teus pés se enflora a Terra,
Vestem as selvas galhardia ufana,
E nas altas montanhas, fundas grutas
Onde Natura se mostrou medonha,
O proprio horror sorri-se! oh Alegria,
Que errados os Satelites do Fausto
Te buscam no bolicio das Cidades
Onde o mesmo prazer enoja, e cança!
Nesses brilhantes circulos de Amigos,
Que um momento ligou, solta um momento
No apparato de esplendidos Theatros,
Templos das illusões, e dos prestigios,
Onde em quadro ficticio de desgraças
De mentidos Heróes se affaz o Ouvinte
A ver sem comoção reaes desditas,
O Orphão gemendo, o Velho ao desamparo!
Ouvi, Mortaes, a voz do Desengano,
Dai de avesso a chyméras, e Phantasmas,
A Alegria buscaes?... nos campos mora.
Aqui a encontrareis por entre as flores,
Em singello sorrir, singello traje!
A Ventura buscaes?... vinde, e nos campos,
Espontanea, e fagueira vos recebe!
Oh campo! oh campo! meu amor primeiro
Se Lieutard nunca vira! o amigo berço
Da Humanidade foste, e seus prazeres,
Que nunca te deixaram! Naturcza
A ti os corações está chamando.
Da vida em toda a quadra o Homem te ama,
Innocente minino, os Pais deslumbra
Para em leito de flores hir deitar-se,
Joven, as colhe porque a amada enfeita,
Velho, com seus perfumes se envigora;
Procura, se é feliz, risonhos prados,
E acolhe-se infeliz em fundos Bosques.

Senhor de Roma e Arbitro do Mundo,
Mil louros sobre a fronte, e aferrolhado
Co'a destra triumphal da Guerra o Templo,
Entre as pompas, e os faustos, entre os vivas.
No Throno universal, a que serviam
De degráos regias frontes debeladas,
Era Augusto feliz? não; porque o fosse
Despido o Rei, e retomado o Homem,
Nos Jardins de Mecenas desafogo
Procurar hia; ao seio se arrojava
Da amizade singella, onde depunha
Do Diadema os dourados dissabores,
Que incommodo lho volvem! taça em punho,
O Monarcha, e Vassallo a frugal Meza,
Iguaes pelo prazer, se abandonavam
Ao gosto de existir! cingida a testa
De Myrtho, e Rosas, no alaúde eburneo,
Olhos fictos em Delia, desferia
Brandos, Tibulo, namorados versos;
E seu rival Propercio em som mais terno
Seus ardentes desejos expressava.
Eis vem Horacio, e na arrojada Lyra
Canta o valor, a gloria, e Baccho, e Venus,
E a todo o som moldando-se sem custo,
Ora os Ouvintes extasia, e assombra
Co'as proezas de Druso, ora os encanta
Co's feitiços de Lydia, ora maligno
Satyrico farpão despede a Menas.
Eis Polião, e eis Vario, que presentam
Regias desgraças em choroso estylo,
E a fama do alto Sóphocles hombreiam.
E o Senhor das Nações não se corria
De seus versos mostrar! mudecem todos
Virgilio ouvindo, que modesto emboca,
De Mecenas a rogo, Epica tuba,

De que era o Deus; e em nobre canto entôa
Furias de Juno, e os empolados mares
Sulcando o Pio Heróe, que do abrazado
Ilion salvou por entre as labaredas
Os Penates, e o Pay! geme piedoso
Sobre o sepulchro da amorosa Dido,
E de novo troando em metro altivo
Abre as sombrias regiões, que banha
O torvo Phlegetonte, que revolve
Rollos de chammas em betume ardendo,
Pinta Elysios vergeis, onde vagueiam
Dos futuros Heróes da grande Roma,
Laminosos Espiritos; descreve
De Lauso, e de Palante a morte honrada,
De Mesencio o furor, de Turno o esforço,
E, morto elle, o fadado Imperio funda.
Calla, e attentos o escutam largo tempo,
E rompendo depois em palmas, vivas,
Como a Posteridade ajuizam delle!
Quadro formoso, que uma vez somente
O universo adornou! da Lyra os Deoses
Sinceros a abraçar-se, e ora ha no Pindo
Só odio, e inveja! oh tempos! oh costumes!

III.

Que vida tão feliz nos campos goza
O tranquillo Mortal! ora empregado
Tão somente em gozar, sem que lhe importem
Causas, effeitos, e progresso, e origem,
Os encantados olhos apascenta
No vistoso painel da Natureza!
O Sol nascendo, serpeando Arroios,
Cantando as Aves, recendendo as Flores,
Os Gados retouçando lhe offerecem
O prazer, o feitiço, o encanto, o gosto,

A suspirada paz da idade de ouro,
E um osculo libando a doce Amada,
Diz «oh Monarchas, não vos tenho inveja!»
Outras vezes, Phylosopho curioso,
Seguindo passo a passo a Natureza,
Lê-lhe os arcanos, sonda-lhe os mysterios,
Baixa ao centro da Terra, onde se occultam
Seus amplos Arsenaes! vê como forma
Os preciosos metaes, que por seu damno
O Homem lá vai roubar, esses congestos,
Ou fundas minas de carvão de pedra,
Despojos das Florestas primitivas,
Que todos nossos calculos desmentem
Sobre a idade do Globo! vê nutrirem
Fundos Pyrophilacios em seu gremio
Sulphureo, negro fogo, que mil vezes
Dilatando em vapôr subterreas ondas,
Com furibundo impulso abala a Terra,
Sorve altivas Cidades, ou fallando
Por bocca dos Vulcões, aterra o Mundo;
Tu o assela, Herculano, e cá mais perto
Nem podeste evadir-te a seus furores,
Fundação d'um Heróe, de Heróes fecunda,
Patria minha, magnifica Ulisséa!
Subterraneo trovão bramindo irado
Nuncio foi da Catastrophe medonha,
Parecia que exercitos immensos
Desfilavam ao longe, combinando
Ao trote dos alipedes Ginetes
O estrondoso rodar da Artilheria;
Convulso encrespa o Tejo as verdes ondas,
E como elle a Cidade ondeia, e treme,
E as azas do Pavôr a assombram toda.
Abalo segue a abalo, e situada
Lá em outro Hemispherio assustam Lima!

Soberbos Edificios, Sacros Templos
Em montão de ruinas se sepultam.
Foge em cabello a timida Donzella,
E com medo da morte o pejo esquece,
Filhos de Pays, Esposas de Maridos
Desgarram-se! e vagando vam sem tino!
Levanta-se rugindo então o Incendio,
E a destruição augmenta, e dobra o susto!
Quantos victimas sam das chammas suas!
Quantos semisepultos nas ruinas
Sem piedade encontrar, soccorro imploram!
Piedade!... a tanto horror da Natureza
Accumula o Delicto os seus horrores!
Homens ... se nome tal cabe a taes Monstros,
Impellidos de sordida cobiça
Por entre as labaredas, e os destroços
Levam o roubo, o assassinato levam!...
Que espectaculo infausto! quem podera
Conhecer a septicole Cidade
Magestosa Rainha do Oceano,
Emporeo das riquezas do Universo,
Nesse montão de pedras derrocadas,
De fumegantes cinzas? nesses vultos
Pallidos, assombrados, semivivos
Os habitantes seus? e della e delles
Quem lagrimas denega á desventura?
Mas ei-la o lucto esqualido sacode,
E mais bella, mais ampla se levanta
De um Heróe por favor! unica a Phenix
Surge assim d'aromatica fogueira,
Que ella propria accendeu, e fulgurante
De nova juventude, aos astros vôa!
Já no trilho de Scheiner e de Huyghens
D'Astro em Astro vagueia: assombro, e assombro
Alli se lhe presenta em gyro eterno:

E de prodigios tantos deslumbrado
Quasi da antiga Gente excusa o erro,
Que maior perfeição desconhecendo
Nesses brilhantes, magestosos Globos
Deoses presumio vêr! desta arte o Homem
Té das Obras do Eterno fez motivo
Para offender o Eterno! em preferencia
Chamas sua attenção, Planeta augusto,
Que os varios Mundos, de que o Rei pareces,
Attrahes em torno a ti, e em gyro volves!
Sem que lhes valha a authoridade antiga
De Estoicos, Pythagoricos, Platonios
Lá vê desvanecer, qual leve fumo
De crespa viração ao rijo assopro,
Todo o enxame de Hypotheses insanas
Que uma alma racional te attribuiram,
Ao menos vegetante, ou sensitiva,
Ou te julgaram nitido Oceano
De purissimo fogo, que fervendo
Em continuo cachão produz, e forma
Espumosos congestos, que mil vezes
O disco nitidissimo te affeiam.
A favor de seu novo Telescopio
(De um erudito Rei digno presente)
De mais extenso alcance, Hérchell o sabio,
O Gama da moderna Astronomia,
Veridicas noções da forma tua,
Desiludindo os Homens, deu ao Mundo.
E's (elle o affirma) solido Planeta
Que a mil sobre quinhentas de distancia
Leguas circumda lucida Athmosphera
De ondulante fulgor, que se destende
A nove mil de altura! abre-se ás vezes
Como vemos abrir chaga profunda
No lacerado peito d'um Guerreiro;

Que na causa da Patria empunha as armas,
Pela enorme abertura então se observa
Parte do disco teu, onde negrejam
Altas montanhas, dilatados Bosques,
Em que teus venturosos habitantes,
Pascem seus gados em perpetuo dia!
Não lamentes perder, Astro formoso,
A saphyrea, lucifera carroça,
Tirada por flammivomos Ethontes,
O Arco de ouro, e a circumtecta Aljava,
Com que a Grecia engenhosa te adornara!
Menos o incenso, e as misticas fogueiras,
Que nos montes da Persia te votava
De Mythras sob o nome o Guebro ingenuo;
Se Adonis já não és, em cujo obsequio
Donzellas de Sidonia em fundos valles
Danças teciam, Hymnos entoavam,
Despido da mentida Divindade,
Mais magestoso ao Mundo te affiguras.
E's Rei das Estações, da Luz origem,
Os teus raios dam vida á Natureza
Septi-coloram de Thaumancia o Arco,
Ares dilatam, liquificam aguas,
Acaloram a terra, córam flores,
Fecundam vegetaes, sazonam fructos,
E despertam *amor*, nos entes todos.
Do Sol aparta os deslumbrados olhos,
E em Mercurio os emprega, que em silencio
Seu circulo annual vai prefazendo
De oitenta, e oito dias, e diffunde
De seus elevadissimos rochedos
Coroados de gelo, (em que reflecte
Em cheio a luz do Sol), clarão brilhante.
Venus logo descobre, o mais formoso
Mais refulgente dos Planetas todos,

Quando ao lado da Aurora nos fulgura
Lucifero lhe chamam, se o descobrem
Ao pôr do dia, Vespero os Antigos
O intitularam, e o Palacio o creram
Da linda Deosa, que lhe deu seu nome.
  Marte então apparece, ora mui grande,
Ora pequeno em vulto, e se destingue
Dos mais Planetas pela luz purpurea,
E pela obscura faxa, de que a miudo
Um de seus hemisferios se acoberta.
  Jupiter vê depois de azul cingido,
Com fachas já brilhantes, já sombrias,
Que ao Equador lhe correm parallelas.
Nuvens alguns Astronomos as julgam,
Que á sua superficie se amontoam.
De Satelites quatro se acompanha,
Que o sabio Galileo mostrou primeiro.
  Eis assoma Saturno, a quem circumda
Duplice annel luzente, e fazem Côrte
Luas sete! vê Herschell, que eternisa
De seu descobridor nos Céos o nome!
Contempla Juno, Pallas, Vesta, e Ceres,
Que por seculos tantos se esconderam
Aos olhos dos mortaes, mas não fugiram
D'Olbers, Harding, e Piazzi ao Thelescopio!
  Vê mais proxima a nós a meiga Delia,
Satelite da Terra, que allumia
Com clarão volupioso as nossas noutes!...
Astro caro aos amantes, grato ás Musas,
Que ao teu brando reflexo em bosque ameno
Suas canções altíssonas meditam;
E' a ti que a Donzella pudibunda
De seu occulto amor confia as queixas,
Por ti regula o avido collono
Dos trabalhos ruraes giro afannoso,

O Nauta que assustado ao pôr do dia
Vê juntar no horisonte as negras nuvens,
Annunciadoras de horrida procella,
Folga quando teu lucido semblante
Começa a despontar no Ethereo espaço.
Teus raios pouco a pouco as rarefazem,
Tornam limpido o céo, e o mar tranquillo.
Fecunda de Poéticas pinturas,
A sonorosa Grecia imaginara
Vêr de Gnido a pulchri-coma Rainha,
Com semblante entre alegre, e magoado,
Por suas brandas supplicas fazendo
Cahir das mãos de Jove o raio ardente.
  Quando leva aos Antipodas o dia
O Rei dos Astros, um sopor lethargico
Domina os animaes da luz amantes,
As flores a cabeça inclinam, fecham
Suas folhas as plantas, e adormecem.
No seio seu immoveis os insectos
Buscam seguro abrigo: empolciradas
Das Arvores nos troncos, agasalham
Debaixo d'aza as languidas cabeças
As fatigadas Aves! Eis que assomas,
E trazes nova vida á Natureza.
  Então os entes da influencia tua
A receber-te jubilosos correm!
E' então que a purpurea estrella espandem
As Boas-Noites, que a fragancia imitam
De Italicos Jasmins; então nos campos,
Onde se eleva a torreada Gôa,
A Arvore triste desabrocha as flores,
Guiada de teu pallido reflexo
Pintada Tartaruga as agoas deixa,
E vem depositar na arêa os ovos.
A Lebre, que dormira o dia inteiro,

Surge, e em rapido trote aos pastos vôa;
Branco Jucurutú, Mocho agoureiro,
Gemente Noitibó, fusca Curuja,
Que nas principaes pennas arremeda
Da cortadora serra agudos dentes,
As variadas Tribus dos Morcegos,
Dos cavos troncos, das lascadas penhas,
Sahem, e giram nos serenos ares!
Então de Zarha nos areaes desertos
Ruge o fero Leão, e aos seus rugidos,
Sobresalta-se o timido viandante,
E dentro em seus covis as feras tremem:
Assim nas Costas do piscoso Algarve,
Se em seus barcos os pobres Pescadores
Ouvem o écho de anafis Mouriscos,
Com rosto esmorecido aos remos correm,
E de voga arrancada as praias ganham.

IV.

Mas se a vista dos lucidos planetas
O Homem ergue ás Estrellas, que matizam,
Como o Caftan de Persiana Esposa
Os ardentes rubis, como as boninas
Um regadio prado, o firmamento
Com tremulo fulgor; se reflexiona
Que um desses Astros, que a distancia immensa
Um ponto rutilante lhe figura,
Da Terra ao Sol todo o intervallo enchera,
Que é cada Estrella um Sol, e em torno delle
Descrevem longa Elipse outros Planetas,
Na immensidade o espirito se perde,
E em extasi de pasmo, absorto exclama.
«Como és grande, Senhor, nas obras tuas!
«O pensamento do Homem, e do Archanjo

« Não as póde abranger! mais facil fôra
« Contar da Primavera as flores todas,
« E do vasto Oceano os grãos de arêa,
« Que os Mundos, que creaste! a razão minha
« Nega que ermos estejam! neste pobre,
« Mesquinho Globo uma caverna, um lago
« Uma flor, uma planta não se encontra
« Sem habitantes, e esses vastos Orbes
« Tão fulgidos, magnificos, votados
« A triste solidão por ti seriam?
« Mas quem lá mora? Inteligencias puras?
« Homens talvez?... quem ousará dizer-me
« Se á morte como nós estam sujeitos?
« Se os escravisam barbaros Tyrannos?
« E se Bonzos hypocritas os vexam?
« Ou se em gremio de meiga liberdade
« Eterna joventude, eterna vida,
« Eterno amor disfructam!... honra, e gloria
« Ao Deus que disse ao Nada — fructifica!...
« Ao Cahos — aniquila-te — invisivel
« Em toda a parte a nós se manifesta,
« Não circumscripto, e tudo circumscreve!

V.

Nestas grandes idéas embebido
De assombro, e de respeito, d'ali desce,
Com Reaumur, com Linneo vem ler nos prados,
Tenue Insecto, uma planta não lhe escapa,
Tão grande achando o Artifice Supremo
Em crear toda a maquina do Mundo
Como no Verme que entre o pó se perde.
Quantas vezes na planta mais formosa
Bruxulea o veneno, á similhança
Das nossas formosuras, que recatam

Em rostos de Anjos corações de Furias!
Com que prazer, e arrôbamento os olhos
Não apascenta em vós, em vós recreia,
Riso da Natureza, oh gratas flores!
Com vosco o deparou o Sol nascente,
Com vosco o Sol o deixará morrendo!
Oh que cadeia immensa de prodigios
Vossa ephémera vida! o olfacto aquella,
Os olhos esta encanta, e tudo estoutra!
Uma timida esconde-se entre a relva,
Outra ufana de si, de trepar folga,
Tal ha que ao Sol definha, e murcha, e morre,
Tal que jazera languida co'a noite,
Ao sentil-o se empina, e lhe abre ao bejo
Seu Calix multicor arremedando
Desconsolada, saudosa amante
Mal que subito fixa o rosto amado,
Em vós dos Céos a côr, e a côr dos mares,
Brilha a purpura em vós, rutila o ouro,
Mande Arabia olorosa os seus perfumes,
E a par dos vossos ficarão sem preço!
Em vós impera amor como entre os Homens,
Tubos, ovarios, petalas, estames
Se abrazam com ternura, ao prazer servem!
Em vós impera amor, porem sem crime,
E entre nós quasi sempre o socio é delle!
Vós prégaes mudamente ao louco humano
A curta duração dos bens da vida,
Vós prendeis todo o sexo, e toda a idade,
Nem a Religião desdenha, oh flores,
Que no altar lhe adorneis a austera fronte!
Assim me apraz, e me interessa o campo,
Me diverte, me instrue; assim de Plinio
Prendia o coração, quando sentado,
A' branda aragem, que abanava os bosques,

Cheia a mente de altivolas idéas,
Colhia alegre da eloquencia os favos,
Confessando que os bosques, e as montanhas
Seguem de igual amor Delia, e Minerva.
E se a mysteriosa Antiguidade
Rios, Outeiros, Selvas, Prados, Fontes
De Nymphas povoou, foi figurar-nos
Os prazeres, que ao sabio offerta o campo.

VI.

Subamos essa encosta variagada
De musgoso tapiz, da vista o lume
Lança á direita, que pomposa Scena! . . .
Que alegre variedade, que sem fructo
Engenhoso pincel verter tentára! . . .
Vê campindo os limites do horisonte
Collinas desiguaes, que se coroam
De antigas verde-escuras Oliveiras
Fugindo pelos Céos co'a côma erguida! . . .
Que engraçados prospectos nos presentam,
As sombras, que derramam recortadas
Pelos raios de Phebo, que penetram
Suas densas ramagens! que vistosa
Cascata fórma o limpido regato
Cujas agoas co'a luz enrubecidas
De rochedo, em rochedo vão cahindo,
De rubis um chuveiro derramando,
Que a fresca viração ao longe espalha!
Como ameno se espraia pelos vales,
Onde sobre uma ilharga reclinados
Juntando aos pés as curvas mãos, ruminam
Os corni-longos Bois! no espelho delle
Qual diamantino escudo o Sol resplende! . . .
De Caledonia os Bardos, vendo este Astro
Na abobada dos Céos todo escondido

Do seu fulgor no fóco chamejante;
Contemplando os recortes pittorescos,
Os grupos mil de illuminadas nuvens,
Que ao Ocaso se inclinam, jurariam
Que o intrepido Odin de Heróes cercado,
Em seu Corsel, ligeiro como o vento,
Nas ethereas campinas combatia,
E que ao longe as tremendas Walkirures,
Eumenides do Norte, recorrendo,
Ao triste som de magicos cantares,
De aço sobre o thear com ferreo pentem,
E negra laçadeira o longo fio
Tinto de côr sanguinea, preparavam
Da victoria, e derrota a horrivel teia!
  Praz-me, oh Lieutard, na barbara Poesia
Destes da Escocia Montanheses rudes,
O toque original, um estro que arde
Qual nebuloso Céo desfeito em raios;
Cercados de tristonha Natureza,
Não podiam traçar amenos quadros
Dos Cantores da Grecia circumdados
De lacti-roseo Céo, risonhos campos,
Romanticas Montanhas! densa nevoa,
Serras de gêlo, altissimos Rochedos,
Que fórra o verde musgo, estereis plainos
Desertas praias, que continuo açouta
Proceloso Oceano remugindo,
Estas as scenas, que percorre a Musa
Do filho de Fingal! corre iguaes sitios
A que vos inspirou, Scaldes! á sombra,
Do sanguinoso manto do Assassinio
Estes vátes bravios entoavam
Ardentes de estro canticos sublimes,
Seu cruento Parnasso horrido tróa
Co'encontro dos broqueis, quebrar das lanças,

Relinchar dos Corseis, som das espadas.
Seu feroz Genio se engrandece, e alegra
No tumulto de armigeras batalhas,
Co'fragor de irritados elementos!
Rugem continuamente irados Euros
Nas chordas de seus rusticos Laúdes,
Sentam-se outr'ora em tumulos musgosos
De bravios Pinheiros obumbrados;
Ou no cume de rochas ponte-agudas!
Sua imaginação d'ali divaga
Por espaço infinito, transpoem nuvens,
O Walkala penetra, onde os Guerreiros
No craneo dos vencidos inimigos
Brindam de Odin á Meza, e se embriagam
De suave Hydromel! mas esta Musa
Tão féra, e melancolica, tão rude
A's vezes desenruga o torvo aspecto,
Sabe imitar de amor os ais sentidos,
Encarecer o preço de um sorriso
Nos labios da belleza pudibunda,
Pintar a loura trança, que lhe ondeia
Sobre o seio de neve, eburneos hombros,
Tal nas ermas ruinas de Palmira,
Que cerca sem limite um mar de arêa,
Refervendo co'ardor de um Sol intenso,
Curioso Viajante alonga os olhos
Por columnatas a perder de vista,
Por Peristilos de abatidos Templos,
Por isolados Arcos, que estremecem,
Por simi-abertos Tumulos, e Estatuas,
Que em resequidas hervas se sepultam:
E em meio deste quadro de destroços
Exulta ao ver brotando amena fonte,
Ou verde Tamareira, que se inclina
Carregada de fructos saborosos!...

VII.

Que alegre prespectiva além presentam
Verdejantes ladeiras revestidas
Dos ondeantes pámpanos das Cepas,
Que ham de em breve curvar ao dôce pêzo
De alambreados cachos! á maneira
De Romano Arraial um muro em torno,
E os armados Vinheiros, que as vegiam,
De nocturnos assaltos as defendem.
Salve, fructo precioso, da que brota
O Nectar, que enriquece a Patria minha!
Por elle aos nossos Portos vem cada anno
Britanicos Baixeis, com elle levam
As delicias de opiparos banquetes
Aos habitantes da fumosa Londres,
A' no seio do Norte recostada
Soberba Petersbourgo! longas viagens,
Em vêz de o alterar, lhe dam mais preço,
Povos, que do Cruzeiro a luz recebem,
Os Indios Orientaes, os que povoam,
As ferteis margens do Amarello Rio,
Para o ter barateam seus thesouros!...
Saboroso licôr! aras, e templos
Erigio a Lieu a Antiguidade
Porque o modo ensinou de fabrica-lo!
Para saborear dôce Phalerno,
E o Massico espumante, outrora os Gallos
Em chusma o seu paiz abandonaram!
Por entre o gêlo, e as neves transposeram
As barreiras dos Alpes, cujos cumes
Não galga Ave altaneira em rijo vôa!
E como aluvião se difundiram
Pelos Campos do Lacio!... Tremeo Roma

Vendo armados os filhos de Teutates
Sobre o seu territorio! tanto amiudo
Grandes bens acaream grandes males.
Nem de Hélena roubada a formusura,
Nem o ouro, que levou de Iberia os bravos
Aos Sérros do Perú, estimulavam
Dos Celtas a beligera cobiça;
Huma amphora de vinho era o seu premio,
Por ella como Tygres combatiam,
Morriam como Heróes; era um Thesouro
Na opinião destes barbaros guerreiros,
(E não sem causa) o vinho! elle afugenta
A febre devorante, fortifica
Debilitádo estomago ao caduco,
Faz esquecer pesadas amarguras,
Das negras afflicções dessipa as nuvens,
Do Vate accende o estro, da amizade
Os relaxados vinculos aperta,
Os encantos realça á formosura,
He alma dos festins, do riso é fonte!
Margens, que banha o Sado, e banha o Douro,
Fertil Chamusca, ameno Lavradio,
O nome, que no Mundo vos affama,
Deveis aos gratos dões do alegre Bromio;
Tu lhe deves tambem gloria, e riqueza,
Formosa Primogenita fecunda
Do bramidor Atlantico! que o nome
Derivaste da copia do Arvoredo!
Os Sarmentos de Candia em ti vingaram,
As saudades da Patria deslembrando!
Uffana floreando o verde manto
Que affôfa salutiféra bafagem,
Do centro dos festejos, dos praseres,
Que dos Colonos teus a vida encantam,
Vês com desdem ao longe a emferma Java,

Seus miseros productos; lá domina
A rude barbarêz; lá pavorosa
Ergue-se a Upa, ou Arvore da morte,
Maldita pelos Céos! do Sol tisnados
Alcantis de Rochedos Gigantescos
Cercam o Valle infausto, onde movida
Pelo sôpro dos Ventos ella espalha
Mortifero vapôr, que impesta os ares,
Alvejam-lhe de dia em roda os ossos
D'Homens, e de Animais victimas suas;
De Noute o clarão pallido da Lua,
E as Sombras collossaes, que se debruçam
Dos altos morros, que ameaçam queda,
Desta Scena de horror, o horror augmentam!
Belleza juvenil, que por desgraça,
Escutando a paixão do terno amante,
Do Despota, que em ferreo Harem a encerra,
A' fé, que não jurou, faltou sensivel,
Por barbaro ciume condemnada,
Ao sitio abominando é conduzida!
No meio de terrificos algozes,
Pallida a côr, desconcertado o gesto,
Tremulo o passo, chega!... observa ao longe
A Arvore fatal, que a espaços move
Com o vento as ramas, e parece a chamma!
Novo tremôr lhe corre os membros todos,
Curva o joelho em vão, em vão levanta
Olhos em pranto, e braços ás Estrellas,
Vê de si não distante o seu Tyranno,
Que em sorriso infernal lhe insulta os fados!...
A desesperação lhe presta as fôrças,
Ergue-se, arroja o véo, solta os cabellos,
Dá um grito, e furiosa corre ao valle,
Das Orgías o clamôr ouvindo ao longe,
E os retumbantes Tympanos, e Sistros

Assim torva Bachante ulula, e corre
Do Cythéron as ingremes ladeiras.
Já da Upa o veneno anciada aspira,
Subito foge a vista, o chão lhe falta,
E em convulsa agonia a vida exhala!
Em vês de horrores taes, gentil Madeira,
Só vergeis, só Colinas nos presentas
Todas vestidas de verdura eterna,
De vegetal riqueza!... oh nasça um dia
Em teu gremio um Poeta, que descante
Teu louvôr, e belleza em aurea lyra!

VIII.

De gigantes Pinheiros, cujos topes
Rasgam as nuvens ao passar, reflectem
O primeiro fulgôr do Sol nascente,
Ahi corre um denso bosque!... mais se elevam,
Mais pittorescos sobem, mais se encorpam,
Terras septemtrionaes, de certo os vossos,
Que de verde, de purpura, e de flôres
Adereçam os Lichens, que, pendendo
Como armações pomposas de seus troncos,
Dos rigores do frio os acobertam!
Em nosso temperado, amêno clima
Soccôrro tal as Arvores escusam,
Nascem sem custo, e sem trabalho vingam.
Mas entre essas Empóstas que se toucam
D'Arvores, e de relva, e de um diluvio
De campesinas flôres, que contraste
Tão duro, e melancolico offerece
Aquelle morro esteril, escalvado,
De avermelhadas rochas ponte-agudas,
Que rasgões verticaes a prumo fendem,
E onde apenas vegetam longe em longe
Amarelleutas hervas mal nutridas,

Quaes vemos de cabello raros tufos
De adusto China na rapada fronte!
D'arte igual na miseria se definha
Sem commercio, sem artes, sem riquezas,
Ludibrio de Tyrannos, Povo escravo,
Entre Nações ditosas, que florescem
No gremio da opulencia, e liberdade!

IX.

A' esquerda, e mais ao longe alveja o Tejo
Coberto de mil flamulas, mil vélas,
Que vam, que vem, que amainam, que atravessam,
E de um Bosque de Náos, que o rio escondem,
Que apenas balouçando as mansas aguas,
Parece que se está revendo, e ufana
Co'as homenagens do Universo inteiro!
Salve, Rival do Tybre, aos Céos acceito,
Oh Padre Tejo, vezes mil te salvo!
Que Rios poderão riqueza, e gloria
Comtigo pleitear, gloria, e riqueza,
Que a ti não cedam, a inclinar-se humildes?
Em margens de ouro teus cristaes espraiam-se!
Regas de Hespanha a Flôr, teu gentil clima
Que limpa, e lava viração sadia,
Só Heróes justos, sabios só produze;
Tens bravos filhos sem temôr rompendo
Por Euros, por tormentas, invias costas,
Ao Mundo descobriram nóvos Mundos,
Onde levaram não grilhões pesados,
Não ferro, e fogo, roubos, sacrilegios,
Maniatando alheia liberdade;
Mas o gentil congraçador das Plagas,
Fautor da paz, da industria, dos praseres,
E da vera opulencia, aureo Commercio;

Mas costumes, e leys, artes, cultura,
Humanisando barbaros selvagens,
E de brutos subindo-os ao grau de Homens,
Só empregando esfôrço, e braço, e ferro,
Na fraude, e no perjurio em justa pena!
Oh constante Cochim, tu que em Pacheco
De nosso esfôrço bélico observaste,
E de nossa lealdade clara prova,
Entre milhões de feitos nunca feitos;
Tropas do Samorim, que alli fugistes,
Ou rendestes a vida á Lusa espada;
Oh muros de Chaul, Malaca, e Dio,
Vivos Padrões da Gloria Portugueza,
Todos testemunhai coragem nossa,
E os dólos e as traições pagas com sangue
Do Indio, e do Mouro, que inda a olhar-vos tremem.
Mas antes que luzissem Gamas, Castros
Pachecos, Mascaranhas, Albuquerques,
Que multidão de Heróes te honrara, oh Tejo!
Affonsos, e Monizes, Nunos, Freitas,
Sanchos, Joões, Menezes, Souzas, Silvas,
E outros, em quem poder não teve a morte,
Que ou seus Lares valentes defenderam
Ou té ao centro de Africa levaram
Dura guerra aos desse Arabe, que astuto
Pelo Mundo espalhou Deus, e Lei nova!
O' tu em cujas margens deleitosas
Se abriram olhos meus á luz, e á vida,
E onde espero que os ossos meus descancem
Em tranquillo sepulchro, eu te consagro
Os meus versos, e a Lyra; possa, oh Tejo,
Ser o meu canto de teu curso a imagem,
Sereno, mas sem languida molleza,
Cheio sem trasbordar, forte sem furia!
Mas sônho, ou vélo! ou o despeito, e a magoa

Phantasticas idéas me figuram?
Parece-me que vejo abrir-se as ondas,
E dellas levantar-se o velho Rio
Das melindrosas filhas circumdado!...
Verde espadana lhe rodêa a fronte,
Azul pequena charpa o corpo lhe orna,
Brande na dextra o valido tridente,
Goteja a longa barba, e longa trança,
E com lugubre voz, mesto semblante
Deste modo me diz: « Porque revolves
» As venerandas cinzas, que descançam?
» Para que alças o véo, que esconde, e cobre,
» Meus antigos trophéos, a gloria minha?
» Exasperas me a dor com taes lembranças!...
» Já fui Tejo!... já vi ao meu Alcaçar
» Vir render páreas o Uraguay, e o Ganges!...
» Mas de tantas grandezas só me resta,
» Bem como ao Tybre, um nome!... onde as Armadas,
» Que minha larga foz deixando ovantes,
» D'Africa toda os pórtos devassavam,
» D'Azia os ricos Emporios, e os incultos,
» Americos Certões tremer faziam,
» E na vasta extenção do longo Oceano
» Davam a conhecer ignotas Ilhas?...
» Lá debaixo do Pólo, em fins do Globo,
» Mil Terras, que tem nome em Luso Idyoma,
» O denodo dos meus attestam inda.
» Mas de Castro as façanhas, e dos Gamas,
» Do féro Mascaranhas, dos Almeidas,
» O novo Imperio, que fundou no Oriente
» Albuquerque terrivel, onde existem?...
» Quem domina em Ormuz? sobre as muralhas
» De Malaca bel-gera quaes hoje
» Faz o vento ondear pendões guerreiros?...
» Retumba na odorosa Taprobana

» Acaso a sonorosa Lingua Lusa,
» Que Venus, quando a vê, crê que é Latina?...
» De Dio os baluartes derrocados,
» Goa meia Britana, em rocha esteril
» Macáu sujeita ao vergonhoso imperio
» De ufanos Mandarins, e raras outras
» Mesquinhas Povoações, eis qnanto resta
» Das no bêrço da Aurora amplas conquistas,
» Preço de tanto sangue illustre, e honrado.
» Culpa de prevertidos descendentes,
» Que de um tronco de Heróes bastardearam,
» E que sofrem ser Hospedes mal vistos
» Em terras, que os temeram por Senhores!
» Pasmam os mares, as Nereidas pasmam
» Se corta um Baixel Luso, o plaino undoso!
» Nos Póvos, que povoam margens minhas
» Poderei conhecer de Luso os filhos?...
» Onde da gloria o sacro enthusiasmo?...
» Onde á Patria o affecto? onde as virtudes?...
» As Sciencias, e as Artes?... sam ruinas,
» Montões de Pedras, que ennegrece o musgo,
» Em que se abriga o timido Coelho,
» E a virulenta Cobra, os altos muros,
» Onde em Sagres Henrique collocára
» O Nautico Gimnasio, que deu Gamas,
» Que Zargos produsio, e onde remoto
» Das delicias da Corte, o douto Infante
» No Observatorio seu especulando
» Com o Thelescopio os Astros, e as Estrellas
» Recordou de Chaldéa os Sabedores!...
» Quem ha hi que aprecie a voz das Musas?...
» Póde Orpheo pelo Rhódope vagante
» Com seu canto mover Arvores, Rochas,
» E as feras amançar!... porém não póde.
» A Poesia attrahir corações Lusos,

» Duros ao som dos versos quaes penedos,
» Que assaltam, remugindo, as roucas vagas!
» Dam-se cultos a Baccho em vez de Apollo,
» Torpe volupia, sordida cobiça
» Os masculos Espiritos renderam!
» Ter ouro, é ter virtude!... a Liberdade
» E' objecto de horror a infames peitos;
» Debalde um grande Rey do Throno a offerta,
» Seu brilhante fulgor deslumbra o vulgo;
» Para ruina sua o Naire, e o Bonzo
» Desembainha a espada, ouro derrama,
» Irmãos contra os irmãos, Pais contra os Filhos,
» Pugnam como Leões em guerra infanda;
» Contra o Rey, contra a Patria os Lusos se armam?
» Não, vós Lusos não sois, oh casta abjecta!
» Lusos sam os que o Throno rodeando
» Pugnam por liberdade, e o crime odeiam!»

X.

Mas do Sol os flammivomos Ethontes
Cobertos de alva espuma, e fatigados
Do comprido girar o passo abrandam,
E manso, e manso pelo mar se escondem.
Quadro não ha, que assim deslumbre os olhos
Como os que as nuvens pelos Céos presentam
Em lindo pôr do Sol de estivo dia!
Que Raphael, que Albano imitar póde
Côres tão vivas, tão variados grupos,
Limpidas luzes, transparentes sombras?
Mas só bem disfructa-los cabe ao Nauta,
Que na talhante prôa as aguas córta,
Do Oriental Oceano, e submergido
Da saudade nos gratos devaneios,
Pouco a pouco, de tarde, a etherea scena

Preparando-se vê! d'Eólo os Filhos
Soprando o dia inteiro as nuvens cardam,
Ao Occidente em flóccos as conduzem,
Que uns sobre os outros cruzam, rêde immensa,
Em cujas bórdas, contornando-as, juntam
Massas de brancas nuvens, que affeiçoam
Em altas, alongadas cordilheiras,
Profundos antros, ingremes rochedos.
Então, como admirando os seus trabalhos,
Azas encolhem, e em silencio aguardam
Que seu rico desenho o Sol colóre!
Assim o Jardineiro espera ancioso
Que o sorrir creador da Primavera
Faça desabróxar germens das flôres,
Que á preparada terra confiára!
Já desce o Sol, e da pomposa rêde,
Pelas malhas magnificas rebentam
Mil luminosos raios, que as guarnecem
De ouro, e de nácar com filetes ricos!
Surgem do Sol cadente, e longe em longe
Elevam-se ao Zenith, igneas pavêas,
Que d'aureas franjas adereçam, toucam
Desta barreira os mal distinctos picos;
E de seus lumes co'reflexo ferem
Cimos pyramidaes dos que nos lados
Aereos montes se agigantam; todos
Logo de prata, e purpura se tingem!
Então do Nauta attonitos os olhos
De seu boleado dorso ao longo observam
Mil interminos valles, que apresentam
Em seu serpeio inimitaveis mexclas
De branco, que resalta sobre o branco,
De sombras, que na sombra se prolongam,
Sem que no branco o branco, a sombra em sombra
Se confundam jámais! pelas espadoas

D'esses aereos Alpes cavernosos,
Brilhantes em mil fórmas se devolvem
Rios de luz, que em coralinas penhas
Em ondas de ouro fluido se quebram.
Cá por arcadas de pendentes rochas
O azul do firmamento se vislumbra,
Lá em mares de purpura se elevam
Insulas de Palmeiras coroadas,
E em campos de esmeralda altos Castellos
De torreões, e ameias guarnecidos.
Ah! se então no Baixel navega um Vate
A' poupa corre, encosta-se, e embebido
Na scena encantadora, vêr presume
Os Elysios vergeis, onde vagueam
Em dôce paz espiritos ditosos;
Ou, de estro arrebatado, empunha a Lyra,
E as harmonicas cordas dedilhando,
Com o Propheta Rey absorto exclama:
«Narram os Céos do Altissimo os prodigios!»
Pelo accezo Orisonte assoma ao longe
O mimoso Crepusculo da tarde;
Roupas trajando azues bordadas de ouro,
Vem na esphera ostentar seu curto imperio.
Zephyros brandos, placidos Favonios
Em torno ao seu Monarcha adejam, vôam,
Hora propicia ao pêjo, a amor propicia,
Chegas, e te sauda ancioso amante,
Então, o bastidor deixando em ocio,
Vem na varanda sobranceira á rua
Arejar a Donsella, e lhe transmitte
Suspenso em tenue fio o meigo escripto;
Ou menos vigiada ao Jardim desce,
Lá odoroso abrigo os dous recebe,
Em meigas fallas os minutos vôam,
E os misterios de amor esconde a sombra!

Lá onde se recosta em rocha esteril
A mercante Macáo, hospeda rica,
Do Imperio Celestial, que alto renome
Do sabio Confutzêe deve á doutrina,
Funda gruta escavou Arte, ou Natura,
Que o nome tem do que cantou sublime
As armas, e os Varões assignalados
Na Lyra, cujos sons inda retumbam
Nas azas do louvor pelo Orbe inteiro.
Era alli que Camões ao pôr do dia
Remanso ia buscar aos seus cuidados,
Da ingratidão dos homens deslembrar-se!
D'alli cruzando sobre o peito os braços,
Immovel, taciturno, á bocca do Antro,
Os olhos pelo vasto Oceano alonga,
E ao vêr massas de nuvens conglobar-se
Nos confins do Orisonte, ouvindo os brados
Das vagas dando em vão n'oucos rochedos,
A assombrosa pintura concebia
Do Gigante maritimo, que trôa
Contra a audacia dos Lusos; ou lá dentro
Deitado em cama de relvosa felpa,
Malogrados amôres recordando
Da formosa Attaíde, cujas graças
Vivas no coração tinha esculpidas,
Dellas, das que lhe ouvio tão meigas fallas,
Tirava as côres, e expressões nectareas
Para pintar Ignez, que aos pés de Affonso
Os filhinhos presenta, implora a vida.
Ou contemplando com despeito os vicios
Que no Oriente, e na Patria á solta lavram,
Com pavorosa voz arrebeçava
As estanças de fogo, em que fulmina
O ingrato Rey, que deixa em abandono
Morrer por Hospitaes em pobre leito

O grão Pacheco, Achyles Lusitano,
Crimes dos Nobres, a ambição do Clero,
E o desfavor, que em Lysia encontra a Musa.
Oh gruta de Camões! oh berço augusto
Dos quadros dos Lusiadas! oh sitio
Grato ás Camenas! quem podéra um dia
Sósinho alli passar, lendo em voz alta
Os Cantos immortaes, que alli nascêram!
Talvez que do teu Estro, oh Vate excelso,
Um raio na minha alma penetrasse!
Talvez que alli viesse a Sombra tua
Co'a Sombra de Natercia ouvir troando
Teus igneos versos pela voz do Alumno!
Lá deixa o Valle balador rebanho
De mansas Oves, que na alvura excedem
Neves Septemtrionaes! d'aqui parece
Longo mar, que se empola, e que toldaram
Os ventos a bramir de fôfa espúma!....
De boninas ornada o peito, e as tranças,
A candida Serrana as acompanha,
E rindo escuta do amador Vaqueiro
Toscas finezas, naturaes requebros.
Todos largam do campo, todos buscam
Do seu alvergue o asylo; ao nosso alvergue
Vamos tambem, Lieutard! teus mestres dedos
Lá tecendo o matiz dos sons do Cravo,
De Marcos, e Hasse as arias portentosas
Com a voz divina tornarás mais bellas!
Eu, doudo de prazer, de ouvir teu canto,
Sobre teu hombro repousada a frente,
Do Mundo e de mim proprio heide esquecer-me!
Oh! quanto é doce um magico sorriso
Vêr adejar nas rosas de teus labios!
Como ardo, e me transporto se em mim fictas
Olhos onde ternura Amor fusila!

Não te posso offertar grandezas, sceptros,
Mas tenho um coração, em que dominas,
Pequeno imperio sim, mas sem rebeldes;
Branda Cythara as Musas me temperam,
Heide teu nome eternisar com ella.

XI.

Eis desce a Noute, e seu comprido manto
De fulgidas estrellas recamado
Manso, e manso desdobra pelos ares:
Sobre seu carro de Ebano, que tiram
Com tardo vôo emparelhados Môchos
Vem a seu lado o tacito Mysterio,
Que da luz se recata, as sombras ama,
Seu Auriga fiel, rege o Silencio
As frôxas redêas, e na dextra empunha
De rubras dormideiras longo açoute!
Que deliciosa calma nos circumda!...
Cada sôpro de Zefiro nos cobre
De uma nuvem de arômas, que se exhala
Das pállidas violetas, que seu calix
Da escuridão nocturna só confiam.
Imagem da virtude, que se esquiva
Ao bulicio do Mundo, os vãos applausos.
Mas já por transparentes, brancas nuvens,
Assóma a Lua, qual vestal saudosa,
Que envolta em niveos véos, com passo incerto,
Por entre as sombras da callada noute
Vai por extensas, gothicas arcadas
De Religioso Claustro!... as campas soltam
Debaixo de seus pés soturnos échos,
Qual fôlha a Virgem se estremesse! pára,
Escuta, anima se, e prosegue!... eis chega
Ao monumento funebre, que encerra

Da extinta Companheira amadas cinzas;
Ajoelha, e com languidos soluços,
Seu tributo de lagrimas lhe paga.
D'esse Astro, os raios tremulos, e frouxos,
Reflectem, brincam nas trementes fôlhas,
Ou nas aguas de placidos remansos,
Que scintilam com elles! pelo campo
Alumiado as Arvores estendem
Pyramides de sombra! d'entre os Trigos
O monotono trillo os rálos soltam,
E dos visinhos charcos lhe respondem
Coaxando as roucas rãas, que óra as cabeças,
Fóra levantam das limosas aguas,
Ora pousam nas margens, ou balouçam
Os verdes córpos nos flexiveis juncos!
Pela Athmosphera rápidos chofrando
Correm brilhantes lumes! cuida o vulgo
Ser Estrellas da Esphéra desprendidas
E «Deus as guie!» exclama com receio
De que, em terra cahindo, a terra abrazem:
Outros pios affirmam que uma dellas,
Outr'ora fulgurando conduzíra
De Bethlem ao Presepe os Mágos Santos,
E o Philosopho rí, que em taes luzeiros
Se descobre Hydrogenicos Vapores,
Que dos pauis se elevam, e pairando
Com o ár commum se esposam, e scintillam
Com morosa ignição! lá recostado
Sobre a collina ao fresco jaz o Cervo;
Tem a seu lado a Esposa; ella ouve o Vento
Sibilar delle nos arbóreos córnos,
Sobresalta-se, e fica! escuto ao longe
Crebros latidos de fieis Rafeiros,
Que em redór das Cabanas de seus Dônos
Com vigilancia rondam, porque affastem

O carnivoro Lobo, arteira Vulpe.
Quanto é grata, oh Lieutard, noute serena!
Quanto é bella essa abobada celeste
Illuminada pela mão do Eterno!
Esses grupos de nuvens prateadas
Tão diáphanas, tão soltas! o silencio
Tão solemne, que apenas interrompem
Das virações os flebeles gemidos,
O ténue báque das ligeiras folhas,
O murmureo das fontes! é de noute
Que melhor se desfructa a paz dos campos,
A immensidão dos Bosques! as bellezas
Da rica natureza mal cobertas
Com o transparente véo de amigas sombras
Semelham-se ao prazer gostado a occultas,
A' idéa, que no espirito vacíla
De inspirado Propheta! o tempo é esse
De altas inspirações, vôos sublimes,
Então, por entre os tumulos vagando,
Tecía Young os canticos divinos
De belleza immortal, que extasiaram
A soberba Albion, e o Mundo inteiro!
Suspira pela noute o desgraçado,
Que as acerbas fadigas lhe termina!
Mas o barbaro Algoz da Humanidade,
O Tyranno immoral, que as leys não cura,
Ao vê-la negrejar descóra, e treme!
Nos morbidos colxões, dourado leito,
Com Asiatica pompa adereçado,
Começa o seu supplicio! E' pela Noute
Que implacavel remorso incorruptivel
Lhe diz que é Homem! que ha um Deos! e o cérca
Com sanguento tropel de iradas sombras,
Victimas suas! co' clamor o aturde
De uma nação, que esmaga com seu jugo!

O Anjo pesquisador lhe mostra ao longe
Com pesado semblante, e ferrea penna
Da accusação no Livro registando
Todas as gôttas de vertido sangue,
Todos os ais dos Orphãos, das Viuvas,
Do poder sem limite os crimes todos!
O Somno, que cerrar-lhe os olhos vinha,
Recúa espavorido, e vai seus mimos
Levar á humilde chóça, onde descança
O Mortal virtuoso em pobre cama,
E lá depara Cherubins risonhos,
Que em suas desventuras o consolam
Com suaves visões, sônhos de gloria!
Mas alegra-se ao vêr cahir seu manto,
O benefico Espirito, que corre
A levar pela sacra escuridade
Pudibundo soccôrro ao triste enfermo,
A' victima infeliz de atróz calumnia,
Que geme em fundo Carcere, e vê nelle
Anjo consolador, que dos Céos desce,
De fogo o manto, a tunica de alvura!
D'Arte igual a risonha Primavera
Ethéreas, odoriferas Campinas
Com vôo rapidissimo atravessa,
Desce aos vales das Rosas, lédas Horas
Dançam em torno della, e magestosa
Marcha a seu lado a placida Abundancia,
Que entorna, como orvalho, de aureas urnas
Prazer, fertilidade em verdes campos!
Das gratas illusões a Noute é quadro.
Que vezes desvairado caminhante
Subito escuta na deserta selva
Dôce harmonia, cadenciadas vozes, . . .
Fóge sobresaltado, e lhe parece
Que maliciosas Fadas o perseguem,

E o querem desviar da estrada sua!
Nescio! não sabe que os ligeiros Sylphos
De cambiante diadema, e floreo sceptro,
Que da tarde aos ardores se furtaram
Dentro da cópa de fragrantes Lyrios
E odóro Calix da Punicea Rosa,
Mal assoma o clarão da luz de Phebe
Em festivoso Enxame os prados correm,
E a zombeteiros jócos se abandonam!
No floreo esmalte, na graminea felpa
Tecem leves choreas, e os Favonios,
Soltas lhe fazem ondear nos ares
As subtís, annelladas, louras tranças.
Cristalino, phantastico Palacio
De repente alli surge, e o Povo inteiro
Dos aereos espiritos brilhantes
Alli accóde com suaves lyras,
Dòces Harpas, e harmonicos Alaúdes,
A léda symphonia encantadora
Dá signal aos prazeres, e ás tarefas
Dos invisiveis Genios. Estes se unem
Para fazerem circular nos Montes
Veias de prata, e ouro! vôam outros
Juncar os leitos dos profundos rios
De perolas, coraes! outros nas fendas
Vão depôr dos Rochedos os Diamantes,
Rubins ardentes, pálida Amethista.
Sobre um raio da Lua á Terra desce
Gentil Titania de Oberon consorte;
A magestosa frente lhe circumda
Linda corôa de purpureas rosas,
A haste de Lyrios na mão ergue! ao vê-la
Curvam-se os Sylphos; seu auxilio imploram
Desvalídos Amantes, e a Floresta
Toda de alegres canticos retumba!...

XII.

Mas nem sempre estas Scenas deleitosas,
Negros quadros a Noute ás vezes mostra;
E inda mais quando em carro nebuloso,
De Vendavaes cercado, e de Procellas,
O Inverno desce de Hyperboreos Serros,
E rispido dá redêa aos seus furôres.
Assim guiando York as Anglas Hostes
A combater nas Batavas campinas,
Da Gallia as Democraticas Phalanges,
Mal combinado plano, ou dura urgencia
Fêz de Hyberna Estação que em noute obscura
De diurnas fadigas já rendido,
Sem alimento o Exercito Britano
Do arenoso Velau atravessasse
O prolongo deserto! estende a Tropa
Desalentada os olhos... só descobre
Das Estrellas á luz um descampado
Intermino, tristonho, que marcavam
Cá, e lá raro Arbusto, e murchas hervas!...
Marcham, mas pouco a pouco os Céos encobre
Medonha cerração, e é sombra tudo!...
Sopra furioso o vento, e revolvendo
Pulverisado gêlo, e solta areia,
Com dôr irristivel retalhava
Estremecidos membros; rangem dentes,
Dos braços com tremor as armas sôam,
Os pés entorpecidos—mal se arrancam
Do areal frigidissimo, nos alhos
As congeladas lagrimas se apegam,
E o báfo se condensa! a marcha avança,
E cresce o padecer! nem marcio brio,
Nem do dever o estimulo sustenta

O animo do Soldado, o desespero
Forças lhe dá! . . . recurso não se antolha,
Recuar, ir ávante o mesmo custa,
E alto fazer é descartar da vida! . . .
Tal o féro Leão da Libia em Ermos
Cercado de Libreos, e Caçadores
Circumperscruta a fuga, e só vê pontas
De ameaçadoras lanças! . . . ruge iroso,
Bate co' a longa cauda os largos flancos,
Brotam-lhe os olhos fôgo, a bôcca espuma,
E cégo de furor em frente investe.
Mas, cedendo ao rigôr do frio intenso,
Os de mais tenra idade, e debil sexo
Atraz ficando vam! ai se da vista
A columna da marcha a perder chegam! . . .
Não ha senda, que os guie, errantes palpam
Da procelosa noute as densas trevas.
Quantos já maldizendo o seu destino,
Faltos de alentos, de esperança faltos,
Dos arbustos ao pé cahir se deixam,
Onde os olhos lhe fexa em breve o somno,
Somno de morte! . . . em veias, em arterias
A purpurea corrente se arrefece,
Nem volve ao coração, nem reflúe delle,
Que em ocio fica, e n'um lethargo brando
Finda a vida sem dôr! quantos que temem
Da lethal somnolencia o triste effeito,
Pela invia charneca á tôa giram,
Olham. . . escuridão sómente encontram;
Bradam. . . aos brados seus tão só responde
Vento, que zune em hórridas rajadas.
Quanto invejam então propicia sorte
Dos camaradas seus, que ha pouco viram
Sobre os muros de Tyl, do Whal nas margens,
Com honra perecer da Gallia ao ferro! . . .

Vãos desejos! a força em fim fallece,
Para mais não se erguer no chão baqueam.
Tal cedendo á bipenne altivo Cedro
Longo tempo vacilla, até que estoura,
Cae, treme a terra, e o Libano retumba!
Que quadro lastimoso ao novo dia
N'esse infausto deserto, oh Sol, descobres!
Abraçados aqui, o Amante, a Esposa
Inteiriçados jazem! mais ao longe
Outro sobre a cabeça as mãos encruza
Em acto de implorar dos Céos o auxilio!
Sentada junto a um tronco a Mãy já morta
O já morto Filhinho aperta ao seio,
Que mamando expirou, e ali presenta
Digno objecto de pranto, e de piedade!
Ao vê-los tão immoveis, e estampado
De uma no rosto o maternal carinho,
E de outro no semblante a paz da infancia,
Disseras que era um grupo, que esculpira
De Canóva o cinzel!... oh Guerra!... oh Guerra!...
Taes os teus fructos sam!... no matto o Tigre
N'outro Tigre respeita a imagem sua;
Leões contra Leões jámais combatem,
E as Aguias contra as Aguias!... vós, oh Homens,
Que tão frageis nasceis, nasceis inermes,
Unicos sois, que industria, e fôrça pondes
Da vossa especie propria no exterminio!...
Para seu alimento o Abutre empolga
Timida Pomba; nutre o voraz Lobo
Do Agno com a carne os Cátulos famintos,
Seguem as Leys, que lhes dictou Natura!
Mas vós porque pugnaes! porque animosos
Arrostaes a fadiga, a fome, e a morte
As mãos banhando no fraterno sangue?...
Por esteril torrão de terra inutil,

Pelo capricho de um Ministro insano,
Porque outros Homens como vós não pensam,
E ferros que beijaes, sofrer não querem.
Que vos importam opiniões alheias?
Todas do Mundo as opiniões não valem
Uma gôtta de sangue, uma só vida!
Para a paz, mutuo amôr vos fêz o Eterno,
E só vos aprazeis de guerras, e odios?
Quantas vezes qual rapida torrente
Em campos, que aureas messes lourejavam
Vem derramar a Guerra armadas Hostes!...
A sanguenta Belona ergue bramindo
Seu hediondo vulto!... aos pés se calca
Dos ardentes cavallos, preço, e fructo
De rusticos afans, as esperanças
De anno fecundo! fogem os Collonos,
Foge o Pastor, e apenas salvar póde
Parte do Gado! aos canticos das Aves
Succedem dos canhões o rouco estrondo,
Das tubas o clangor! arranca o ferro
As pampinosas Vinhas, que toucavam
O outeiro productor! ergue-se, lavra,
O crepitante Incendio, e torna em cinzas
Populosas Aldeias, rega os sulcos,
Já vecejantes, denegrido sangue,
Solta a viperea trança, erra a Discordia
Por entre os Esquadrões, seguem-lhe a piza
O implacavel Furor, o Susto, a Morte.
Dos vencedores aos ferozes gritos
Os ais dos Moribundos se misturam,
Das armas o fragôr os Céos atrôa,
Dos encontros o impulso abala a Terra.
Soldados, e Corseis em monte jazem,
Horrida vista! de Recruta imbelle
Cahe ao tiro o guerreiro Veterano

Que mil vezes cingio de louro a frente;
Na planicie cruenta se rebolca
Gentil Mancebo, que a expirar, saudoso
Recorda a Esposa, e miseros Filhinhos!
Esse, que inda de amor ignora os gostos,
Transpassado de golpes ganha afouto
A inimiga bandeira, n'ella envolve
Já vacilante o corpo, e cahe sem vida.
Hindo a soltar o vôo a alma fuginte
Seu cadaver contempla, e folga ao vê-lo!...
Nelle uma inteira geração perece!...
Quantos Licurgos, Regulos, Fabricios,
E talvêz... um Camões... Deoses da Terra,
Como é possivel, que de estragos, mortes
Ouseis gloria tirar?... ah! vêde um dia
Finda a peleja, de batalha um campo!...
A'vista d'esses pálidos semblantes,
Onde a dôr, onde a furia inda resumbra,
Desses abertos peitos, rôtos membros,
Grumos de sangue, horrifico sosôbro
De vossos corações ha de apossar-se,
Hão de em pranto banhar-se os olhos vossos,
E jurareis de exterminar do Mundo
Da destruidora Guerra o Monstro enorme!...
Nos abysmos do Tártaro baquee,
Lá entre eterno horror, e eternas sombras,
Furibunda arrepele as vipreas tranças!
Desespere, blasfeme, ulule, e brame!
Paz, duradoura paz, então surrindo
Cercará de prazeres, de venturas.
Vossos Thronos magnificos, e o Mundo
Disfructará por vós a idade de ouro.
Cantor da Primavera. oh Kleist amavel,
Com que doçura outr'ora assim cantavas.
»Para que Deos vos ouça, oh Reys, ouvi-me!

» Restituí ao Ceifeiro a curva fouce,
» Ao Agricola os Bois! dos Baixeis vossos
» As vélas desfraldai no vasto Oceano,
» E as riquezas colhei de equoreas Ilhas.
« Formai viveiros de Homens, dai o encargo
» De governa-los a Varões prudentes,
» Recompensai com honras ao que véla
» A tenue luz de Alampada nocturna
» Porque ao Mundo alumie! se algum Justo
» Longe dos Grandes, pobre choça habita,
» Para ser seu Juiz o dai aos Póvos,
» Porque vestindo a purpura de Themis,
» Elle ampare a Innocencia, o Vicio puna. »

XIII.

Mas que novo espectaculo nos olhos
De subito nos dá! da Aldeia o Templo
Subindo aos ares com idosas Torres:
O Adro soturno, que de róda cercam
Tumulos toscos, funeraes Cyprestes,
Talvez plantados pela mão devota
Do Fundador da Igreja, que ahi repousa
Sem inscripção, que um ai lhe lucre ás cinzas;
A branda viração, que abana os ramos,
Que o reflexo pathetico da Lua
Deixam passar a custo, onde se acouta
O Mocho infesto lugubre piando,
Doce melancolia acordam n'alma!
Porém teu braço tremulo, e teu rosto
Para a terra apontado, assás me inculcam
Que a solidão, e o sitio te apavoram!...
Oh! não temas, meu Bem! na sepultura
Não se aninha a Maldade!... nunca os Mortos
Guerra aos Vivos fizeram! Paz constante

Tem ali seu Imperio, ali não sôam
Susurros venenosos da Calumnia,
Nem se afía o punhal que beba o sangue
Do atraiçoado amigo; antes aquelles,
Que, em odio nesta vida deliravam,
Lá misturam seu pó, se abraçam na urna.
A Morte, que figuram tão medonha,
Tão féra, tão cruel, é branda amíga,
E' redempção do misero, que geme,
Do varão justo oppresso, ou mal punido,
E' como a poz da tempestade o porto!...
Virtuoso Catão sem susto a invóca,
Livre em seus braços Césares despresa.
A seu báfo Pacheco em pobre leito
Despe a miseria, ingratos Reys absolve!
Outr'ora como a ti negras idéas,
Que na infancia bebí, me figuraram,
Na morte o maior mal; não me animava
Um epithaphio a lêr; estremecia
Ao som pesado dos funereos Psalmos;
Mas alfim do Thamisa o sabio Vate
Minha illusão desfêz; co'elle na vida
Notei males reaes, afiz-me ás trevas;
Pago-me de scismar entre os sepulchros,
A muda solidão, e o pavôr santo
Fundas meditações me assomam n'alma!
Vêjo rasteira campa envolta em musgo,
Digo comigo: «Aqui talvêz descança
«Algum novo Camões, outro Bocage,
«Um que levasse Heróes a estranhos climas
«Por mares nunca de antes navegados;
«Outro que extemporaneo aos Céos subisse
«Sobre versos de fôgo!... abandonou-os
«A Sciencia, a Fortuna... em flôr murcharam!»
Vou mais ávante; os restos talvez piso

De um Nuno sustedor de Solio incerto!...
Mas talvêz junto delle em páz dormeça
Um Mafôma impostor... talvêz se unisse
A'quelle casco, um Monstro, que esperava
Para a terra ensopar em sangue humano,
Que uma Nação maniaca de novo
Degolasse o seu Rey!... ambos a Parca
Immaturos ceifou a bem do Mundo!
Mais ao longe imagino que a verdade
Me aponta um Mausoléo, me diz: «Humanos,
«Aqui se acaba tudo! ruem, morrem
«Imperios, Gerações, e Monumentos!
«Foi sabia um tempo Capital do Mundo,
«Pobre Aldeia sem nome é hoje Athenas,
«Escrava bruta de Senhor mais bruto;
«Onde Sophia reinou, onde a Virtude,
«A Barbarêz, e a Inercia depotisam.
«Que é da torrente de Mortaes Selvagens,
«Barbaros como as féras de seus Montes
«Que o Romano collosso derribaram?..
«O nada os deu, ao nada outra vez foram!...
«D'Epheso o Templo um louco o pôz em cinzas,
«E a morte estranha o Homem?...» não, querida,
Eu não a estranharei! d'ha muito affeito
A contemplá-la estou!... sei que outro em pouco
O meu posto no Mundo occupar deve,...
Então debalde do amador sem vida
Igneos beijos darás nos lábios frios!...
Chamas por elle!... e te responde ao longe
Lugubre sino, que o convida á terra!..
Nunca mais o verás a um teu suspiro
Suspiros mil, e mil lançar do peito...
Adeus jógos de amôr, adeus prazeres,
Lédos passeios, namorados versos,
Tudo co'elle caminha á Sepultura!...

Oh não consintas, Bella, oh não consintas
Que a tristeza meu ferétro profane!...
Nada de luctos!... lagrimas não vertas,
Não fíra a linda mão teu niveo seio,
Tranças não rompa, que o sepulto amigo,
Tua saudade exige, e não teu pranto.

FIM DO CANTO IV. E ULTIMO.

ERRATAS.

PROLOGO.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas.*
13	27	Senão	Se não

ARGUMENTO DO CANTO I.

	7	Pacini	Picini
	13	Gnon	Gnou

CANTO I.

8	34	tingiram	tingiram ,
17	33	eterno	eterna
18	3	teus	seus
18	19	Effluminoso	E luminoso
24	2	Penhos	Pinhos
34	14	cebellos	cabellos
39	7	conduz	conduze

CANTO II.

59	12	d'ambos os sexos	d'ambos sexos
Ib.	22	Prospera com ellas	Prospéra c'o ellae
72	33	Com a dor	co'a dor
74	11	A Jo em vão foge	A Io, que em vão foge
99	12	Encosta	Encostas

CANTO III.

105	31	Sol	Sal
114	19	de Floresta	da Floresta.
115	12	de	do
124	9	a aparta	aparta

CANTO IV.

167	30	voa	vôa
185	28	alhos	olhos

NOTAS.

—

NOTAS DO PASSEIO.

CANTO I.

Pag. 2. *Vers.* 3.

Folguem de contemplar golfando o sangue
Do proficuo animal, que a flava Ceres
Para ajudá-lo nas ruraes fadigas
Ao Homem concedeu.

Este passatempo tão usado em toda a Hespanha, que sem elle não ha festa de gosto para todo o estado de gente, é mal recebido de todas as outras Nações; e nem os Barbaros, que folgam de ter em suas casas Tigres, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o admitem. E na verdade, é um passatempo, de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande, e sem nenhuma desculpa. O jogo da pélla, faz o corpo agil; a lucta endurece os membros, a Justa que para briga tem pouco risco, é para festa demasiado; com tudo o ser exercicio militar, a defende. Só nos Touros nenhuma cousa ha boa; se são mansos é cousa fria e aborrecem; se são bravos, poucos se correm, que não façam voar córpos ao Céo, e descer almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe chamem — Bons Touros — como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser de humanos, quanto mais ao de Christão; é renovarmos as effusões de sangue dos amphitheatros gentilicos. Não ignoro e que perdemos tempo neste aviso, como o perdêram muitas pessoas gravissimas, que por vezes o deram. Mas obriga-nos o zêllo do bem commum, e o offi-

cio de Historiador, que é dar parecer nas materias. E sobre tudo sabemos, que tão grande Santo como foi o Papa Pio 5.º Religioso da nossa sagrada ordem, trabalhou muito para o tirar do Mundo, e fiquem advertidos os Authores de tal Espectaculo, se algum houver que passe pelos olhos estes escriptos, que em boa Theologia levam em si grande parte do sangue humano, que estes Touros derramam.

(Fr. Luiz de Sousa, vida do Arcebispo T. 2.º)

A este piedoso trecho do erudito e elegante Fr. Luiz de Sousa, só temos com vergonha nossa a accrescentar que em 1836, em tempos que se dizem de Liberdade, de progresso, e de reforma, ainda ha em Portugal combates de Touros, e Espectadores para elles!!!!

Pag. 3. *Vers.* 32.

De aurifloreos Mangins, Cafés, e Olspices.

Mangim é o nome Brasilico do Algodoeiro; o Olspice é uma especie de Myrtho da Jamaica, que de ordinario cresce até á altura de trinta pés. Seu tronco é direitissimo e de mediana grossura; cobre-se com uma casca, ou cortiça lusidia, e grossa, que tira o pardo; deita umas folhas odorosas, e mui similhantes ás do Loureiro: os ramos terminam-se em Corymbos de flôres como as do Myrtho ordinario; seu succo tem uma virtude especial para fortificar os estomagos frios.

Pag. 4. *Vers.* 6.

Ornar a fronte de Anglicas Beldades.

Entre a multidão de pessoas, pertencentes ao partido Realista, chamado geralmente *dos Cavalheiros*, que fugindo ao Protectorato de Cromwell, procuraram asylo nas Ilhas Bermudas, foi nellas refugiar-se Waller, um dos mais delicados Poetas de Inglaterra. Os louvores que elle prodigalisou nos seus versos áquelles pequenos, e fecundos torrões de terra, produziram tão novo enthusiasmo, que Reynal na sua Historia Philosophica das duas Indias, Tomo 7.º Paginas 239 assevéra, que as Senhoras Inglezas senão achavam nem assaz bellas, nem bem enfeitadas; uma vez que appareces-

sem em publico sem Chapelinhos de fôlha de Palmeira das Bermudas.

Pag. 5. *Vers.* 4.

esgrime em roda
Curva foice á proboscide ligada,
Mata com os golpes, e co'aspecto assombra.

Elephanti cases dentibus alligatos gestabant; tantnque ferocia in nostros irruebante, ut antesignani pellerentur.
(Osor. de Rebus Emm. Lib. VII.)

Francisco de Sá e Menezes faz mensão do costume de collocar Castellos com gente armada sobre os Elephantes.

Dous Elephantes diante delles vinham,
Que dous Castellos sobre si sustinham.
(Mœlaca Conquist. Cant. IX. Estc. XVIII.)

Pag. 6. *Vers.* 1.

Ao listado Tapir de força enorme.

O Tapir é um animal da America que vulgarmente chamamos — Anta — e os Indios — *Tapiruçú.* — E' do tamanho de um Cavallo, raiado de listas amarellas, e pretas ao longo do corpo: tem pêllo curto e assente; pernas baixas, unhas fendidas, cauda curta e sem cabello, focinho de mulla, e o beiço superior mui prolongado. Sustenta-se de fructa, e herva, e a sua carne é mui gostosa. A Fêmea páre um só filho de cada vêz.

Pag. 6. *Vers.* 8.

Ao medonho, ferino Jaguarete.

O Jaguarete, é uma especie de tigre do Brazil; seu corpo orça pelo tamanho de um Novilho; tem pelle loura, remendada de negro; cauda comprida, focinho como de cão, pernas grossas, e grandes gárras. A femea é mais corpolenta do que o macho; muito mais feroz, e não páre senão dous filhos de cada vez.

Pag. 6. *Vers.* 10.

A' Çururana indomita, ao felpudo
Tardo Ahy, que ronceiro sóbe aos troncos.

A Çururana é do tamanho de um cão de filla, com maiores e mais agudas unhas. E' mui ligeira, vive de rapina, mata animaes, e Homens. Este ferocissimo animal, acha-se ordinariamente nos Certões do Brazil.

O Ahy, que os Portuguezes chamam Preguiça, é um feio Bruto, pela grandeza de um cão de agua. Seu focinho dá alguns visos do rosto do Homem, mas tem o ventre descahido como uma pórca prenhe. E' revestido de guedêlha similhante á lãa de carneiro; tem cauda curtissima, pernas tão felpudas como as do Urso, e grandes unhas. Sóbe ás mais altas arvores, de cuja fructa se alimenta; é mui bravío, e arisco, vive em os matos; mas por isso não deixa de ser susceptivel de domesticar-se.

Pag. 6. *Vers.* 13.

A' Cotia ligeira como a Lebre.

A Cotia é pelo tamanho de uma lebre, e mui ligeira. Sua côr é ordinariamente baia; tem focinho agudo, pernas altas e delgadas, e grandes garras. Anda sempre em continuo movimento, domestica-se, mas é mui voraz e glotona.

Pag. 6. *Vers.* 14.

Ao conchudo Tatu, á mansa Páca.

O Tatu é similhante a um Bácoro, e coberto com uma couraça de concha. Os Indios destinguem duas especies; a grande, e a pequena; e designam os individuos della, pelos nomes de *Tatuguaçu*, e *Tatumerim*.

A Páca é animal pela grandeza de um Bácoro de seis mezes; tem barriga grande, mãos, e pés curtos; unhas como cão, cabeça como lebre; é raiada de preto e branco, cria em cóvas, anda devagar, nutre-se de fructa e herva, e a sua carne é, segundo dizem, mui saborosa.

Pag. 6. *Vers.* 15.

A ti, oh Sabiá, Orpheo littoreo.

Ha duas especies de Sabiá; este de que se falla, aqui é o que se denomina *Sabiá da praia*, é Ave canóra do Brazil, e vive ordinariamente o Beira-mar. E' quasi sempre cinzento, e pela configuração de um Melro.

Pag. 6. *Vers.* 16.

A ti, oh Cardeal, que te empavonas
Co'a purpura dos Reis, a ti suave
Guirandi.

Outra ave Brasilica; deu-se-lhe este nome pelo vivissimo escarlate das suas pennas. O Guirandi, é uma pequena Ave do Certão do Brazil; seu corpo é preto com encontros amarellos; canta como o Rouxinol, mas não dóbra a cantiga.

Pag. 6. *Vers.* 20.

A' Nhumdú monstruosa, cujas pennas
Ornam frente, e cintura do Tapuia.

A Nhumdú é a Ave mais corpolenta que se depára em toda a terra de Santa Cruz; ha dellas brancas, cinzentas, e malhadas de preto. Tem pernas altas, pescoço comprido, carne dura porém gostosa. Os Tapuias usam de suas pennas como signal de luto.

Pag. 6. *Vers.* 24.

Trez vezes lhe revôa em torno á rêde.

Os Tapuias dormem em rêdes de algodão suspensas no tecto das suas cabanas. Ninguem ignora quanto estes Póvos sam supersticiosos, crentes em agouros, e visões.

Pag. 6. *Vers.* 26.

Pedíra á Natureza as vivas côres,
Para esmaltar da linda Arára as pennas.

A Arára tem as pennas das azas, e da cauda, do comprimento de um palmo, e mais. Metade dellas é escarlate, e metade azul claro: o cano da penna divide estas duas côres. O restante do corpo é azulado: esta ave encanta os olhos, quando é vista ao refléxo do Sol.

Pag. 6. *Vers.* 28.

O Psytaco, que imita a voz humana.

O Papagaio. Os do Brazil são os mais bellos que se conhecem.

Pag. 6. *Vers.* 29.

Oh tão pequeno, quão formoso,
Ligeiro Guainumbi!

O Guainumbi, é uma Avicula Brazileira, e uma das mais bellas producções da Natureza. Sua côr é apavonada; seu corpo mui pequeno, o bico maior do que o corpo, e mais delgado do que um alfinete de cinco réis. Anda sempre bailando no ar; sustenta-se de aranhas, em cujas teias faz o ninho. Seus óvos são mais pequenos do que grãos de ervilhas.

Pag. 7. *Vers.* 1.

Ministro de Tupá,

Tupá é o nome, com que os Tapuias designam em sua lingua o Ente Supremo.

Pag. 7. *Vers.* 34.

Ou foi saudosa Mãi do Filho á pyra
Dizer-lhe o ultimo adeus, votar-lhe as tranças!

Cortar o cabello, era entre os Hebreos, demonstração do maior luto. Exequiel para expressar a angustia que deve causar a ruina de Tyro, diz — *Et radent super te calvitium, et adstrigentur ciliciis.*

Entre os Gregos, era do ritual funereo, que o parente mais proximo, ou a pessoa mais interessada pelo defunto, cortasse o cabêllo, e o queimasse com o cadaver. Homero, grande pintor dos costumes da antiguidade, descrevendo os

funeraes de Patrodo, diz que Achyles, depois de desculparse com o Rio Sperchio, a quem os seus cabellos haviam sido consagrados

ὃν χερσὶ κομον ἐνάροιο φιλοιο
θῆκεν τοῖς δε χαῖσιν υφ ἱμερον ὤρσε γόιο.
Nas mãos do cáro amigo impõe as tranças,
E saudade geral provoca ao pranto.
(Hom. Iliad. Li. 23 V. 152.)

Pag. 8. *Vers.* 17.

Quem póde
Olhar sem gosto o intrepido Ginete,
Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas.

Continuo pecoris generosi pullus in arvis
Altius ingreditur, et mollia crura reponit:
Primus et ire viam, et fluvios tentare minaces
Audet; et ignoto sese commitere ponti:
Nec vanos horret strepitus. Illi ardua cervix,
Argutum que caput; brevis alvus obesaque terga,
Luxuriat que toris animosum pectus. Honesti
Spadices; glaucique, color deterrimus albis,
E gilvo, tum, si quœ sonitum procul arma dedere
Stare lóco nescit, micat auribus, et tremit artus
Collectum que premens volvit sub naribus ignem.
Densa juba, et dextro jactata recumbit in armo.
At duplex agitur per lumbos spina; cavat que
Tellurem, et solido graviter sonat ungula cornu.
(Virg. Georg. L. 3.)

Pag, 10. *Vers.* 4,

Em Numens transformar, solerte Gomes.

Alexandre Gomes, Estatuario Portuguez, e Author de algumas estatuas destinadas para o Chafariz do Campo de Santa Anna. Por ellas lhe offereceu um Lord doze mil cruzados; porém não se lhe permittio esta venda, a pesar do Artista se comprometer a fazer outras iguaes. Morreo pobre, e em avançada idade. Era homem de exterior simples, e de uma modestia que raras vezes se junta com os grandes talentos.

Pag. 10. *Vers.* 8.

quando ella ardendo
Em adultero amor Phebo atraiçôa.

O casamento do Sol, e da terra, é celebre na antiga Philosophia.

Pag. 10. *Vers.* 22.

Lá descobre
Rustico Arado, ossadas dos Romanos,
Que ao ferro de Veriato a vida deram!...

Scilecet et tempus veniet, cum finibus illis
Agricola, incurvo terram molitus aratro,
Exesa inveniet scabra rubigine pila,
Aut gravibus rastris galeas pulsabit inanes,
Grandia que effosis mirabitur ossa sepulcris.
(Virg. Georg. L. 1.º*)*

Pag. 10. *Vers.* 25.

E de seus Arraiaes na Herminia Serra,
Sempre toucada de perpetuo gêlo,
Os venerandos restos desmoronam
Gordas vaccas.

No Alto da Serra da Estrella, existem, ou existiam, algumas ruinas de fortificações antigas, que nus dizem ter feito parte de um acampamento Romano, outros dos Arraiaes de Veriato. Deste parecer é Braz Garcia de Mascarenhas, Author do *Veriato Tragico*, Poema em vinte Cantos, cujo assumpto são as façanhas, e a tragica morte d'aquelle antigo defensor da Lusitania.

Por esta occasião direi que esta Epopeia, hoje absolutamente desconhecida, era digna de melhor fado. Mas por desgraça foi envolvida na proscripção geral, fulminada contra os Seiscentistas pelos Arcades, Restauradores da Poesia, e do bom gosto entre nós. Aquelles criticos na louvavel effervescencia do seu zêlo contra o Gongorismo então reinante, cobriram indistinctamente de rediculo, tudo quanto apparecia eivado d'aquella enfermidade Litteraria. Isto é, ob-

deceram ao destino do homem, que é sempre oppôr um excesso a outro. E comtudo entre os Escriptores do seculo de seiscentos, havia muitos Poetas de grande talento, que apesar de terem admittido alguns elementos do estylo em voga, observavam um meio termo, entre o prosaismo dos Quinhentistas, e as estravagancias engenhosas de Soror Violante do Céo, e de Fr. Jeronymo Vahia; e nas suas obras appresentam grande numero de bellezas, que pódem bem resgatar os defeitos do tempo. (*)

Neste numero conto eu o Viriato Tragico, que tenho pela nossa primeira Epopeia de Segunda Ordem. O author soube com muita arte reduzir á unidade de interesse, os variados acontecimentos de uma guerra. O caracter do Heroe, tem toda a dignidade, e grandeza, que devemos suppor-lhe: Tem muitos, e bons episodios; descripções interessantes dos costumes antigos; e não conhecemos Poema algum, em que a parte Militar, esteja tão perfeitamente tratada: Vê-se que o author, era um Official superior, que não só conhecia bem a theoria da sua arte, mas que havia despendido o melhor da sua vida, fazendo a guerra em differentes Paizes, e diversas partes do Mundo.

Para dar uma idéa deste Poema, e dispertar em nossos Leitores o desejo de examina-lo, transcreverei aqui a sua descripção da Serra da Estrella, não porque a julgue o me-

---

(*) Sería muito para desejar que algum Critico inteligente e desapaixonado, se desse ao trabalho de examinar esta epocha da nossa Poesia, que tem sido até agora demasiadamente negligenciada, investigando de bêa fé, primeiro, que motivo tiveram os seiscentistas para formar um novo estylo poetico, tão affastado do dos seus antecessores. Segundo, qual é o caracter d'esse estylo, quaes sam as suas verdadeiras bellezas, e qual o ponto em que começam os desvarios dos que abusaram delle. Terceiro. Quaes sam os Poetas que se contentaram de admittir em seus escriptos uma porção rasoavel deste colorido Oriental, ou Arabico, e quaes os que deram em todas as estravagancias, que o tornaram ridiculo, e que Balthasar Gracian em sua *arte de agudeza de ingenio*, reduzio gravemente a preceitos. Quarto. Quaes foram os progressos que a Poesia fez n'essa épocha, mui principalmente em fluidez, e harmonia de versificação.

Ao nosso amigo o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, e ao Sr. Alexandre Herculano, encomendamos esta analyse, que julgamos mui digna de occupar por algum tempo, as suas meditações, e bom juizo, na certeza de que o seu exemplo dará impulso a cultivar-se a critica litteraria, que infelizmente ainda se acha tão atrazada entre nós, ao passo que a Italia tanto blasona dos seus Orsi, e Muratori, á França dos seus La Harpe, e Sismondi, e a Alemanha dos seus Schlegell e Bouterweek.

lhor trêcho da obra, mas por ser o mais adequado a este logar.

Nasceu n'aquella Serra, que chamada
Herminia foi, e hoje se chama Estrella,
Dita assim de uma ponta retalhada,
Que a natureza fez da feição della:
Tão eminente, e sempre tão nevada,
Que a luz solar reverberando nella
Faz parecer a quem mais se avisinha
Caudal Comêta, que ao Zenith caminha.

O Herminio Monte, base sumptuosa
De natural Pyramide, que ostenta,
Desigual magestade imperiosa
Sobre todos os montes representa:
Dos trez filhos caudaes pouco se goza,
Porque se infantes muito os acrescenta,
A desterro os condemna como pobres;
Pobres começam muitos rios nobres.

Degradàm-se da pobre natureza
Por se verem na alheia accrescentados;
Que a mais tem degradados a Pobreza,
Do que tem a Justiça degradados.
Sobre esta innaccessivel asperêza
Tantas veigas se estendem, tantos prados,
Que mais Gado sustentam pelo Estio
Que Ourique, e Alcudea no Solsticio frio.

Esmaltes sam da roscida verdura
Aquellas celeberrimas lagôas,
Das quaes a principal, chamada escura
E' clara pelos sceptros e corôas.
Que a vêr tal profundêza, e tanta altura
Foram, como inda vão, graves pessoas,
Que meravilhas muito encarecidas
Se não são vistas, nunca são bem cridas.

Nem por ser este Caucaso eminente
Por mãos da natureza torreado,
Deixou de o emprehender Marte insolente,
Porque já foi de Cezar escalado,
Quando mais temerario que prudente
O melhor Esquadrão vio degolado.
Sendo em uma facção tão arriscada
Grande o perigo, e o despôjo nada.

O mais corpo da Serra que alpestrina
Quasi de Leste a Oeste vai correndo,
Atlante se ergue, e Briarêo se inclina
Aqui, e alli os braços estendendo:
Que ameaçando sempre alta ruina,
Uns abaixando vai, outros erguendo,
A horrendos valles, e escabrosos montes,
Provídos de animaes, prenhes de fontes.

Pelas raizes d'esta Serrania,
Que gira perto de dous mil estados,
De altos Castellos grande cópia havia
Em perigos de guerras fabricados,
Que em partes inda mostram bizarria,
Pela maior estando arruinados,
Ensinando o descuido que os enterra
Que mais muros assola a paz, que a guerra.

Entre estes frios tumulos de Marte
Natureza, que aos altos foi avára,
Fecunda os baixos com favor da Arte,
Que nos uteis suores não repara.
A cada lado valles mil reparte,
Bosques faz dividir, veigas sepára,
Campinas réga, prados, e hortas ata,
Com mil laçadas em grilhões de prata.

Censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego, e Zezere agradaveis,
A Ceres, por seus fructos abundosos,
A Baccho por licôres admiraveis,
A Minerva por oleos numerosos,
Por Bosques a Dianna innumeraveis,
Que tudo são com gloria de Inventora
De Pomona doceis, sitiaes de Flóra.
(*Veriat. Trag. Canto* 1.º *Est.* 15, *e seguintes*).

Pag. 10. *Vers.* 34.

Aqui entre trezentos mil alfanges
Do Mouro atroce.

A este numero faz La Cléde subir o exercito dos cinco Reis Mouros, que D. Affonso Henriques derrotou no Campo de Ourique. — *Voyez Histoire du Portugal* Tomo 3.º

Pag. 11. *Vers.* 2.

Com que ternura, Scalabis, não viste,
Cáro ás Mufas, e a Marte, o bravo Hermingues
Sobre palmas, que o sangue burrifára,
De Fatima render-se a um terno rizo.

Gonçalo Hermingues, Filho de Hermingues Gonçalves, e Cavalleiro mui aceito na Côrte de El-Rei D. Affonso 1.º pela sua bizarria, e mais que tudo pela qualidade de grande Trovador, que era em relação áquelle seculo barbaro, derrotando os Mouros defronte de Almada, se recolheu a Santarem triumphante, e carregado de despojos. Ali se apaixonou perdidamente por uma gentil Moura, que elle mesmo havia capturado na passagem do Téjo, com a morte do Cavalleiro que a escoltava. A bella Musulmana não foi por muito tempo insensivel aos suspiros de um Senhor tão amavel; recebeu o baptismo, e mudando o antigo nome de Fatima no de Ourianna, casou com Hermingues, que cada vez mais amante, não cessava de inventar galanteios para diverti-la, fazendo della o unico objecto das suas Poesias, das quaes se conservam algumas. As Damas da Côrte as cantavam e invejavam a ventura do Poeta, que se murchou como flor, com a morte da formosa Ourianna. Hermingues tomou della tanta paixão, que pungido de saudade, e aborrecido do Mundo, onde já não achava objecto que o prendesse, se retirou a uma Ermitagem, onde terminou seus dias em opinião de santidade.

Alguns Escriptores narrando este acontecimento historico, variam nas circumstancias delle, *maxime* no que diz respeito ás localidades; mas todos concordam nos pontos essenciaes, como os nomes, a existencia, e os resultados destes amores. Veja-se especialmente Fr. Bernardo de Brito, Chronica da Ordem de Cister, onde vem transcriptos alguns versos de Hermingues, e Mr. de La Clède, *Histoire General du Portugal.* Tenho para mim, que os amores de Hermingues, e Ourianna, dariam um bello Poema Romantico, e ousamos convidar para sua composição, o Author do Romance Poema — *D. Sebastião o Encoberto.*

Pag. 11. *Vers.* 9.

Estavas, linda Ignez posta em socêgo
De teus annos colhendo o dôce fructo.

Dous versos de Camões, no Episodio de D. Ignez de Castro, onde falla da fonte dos Amores nesta oitava digna de Ovidio.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna na fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram,
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que as lagrimas sam agua, o nome amores!
(*Lus. Canto* III. *Est.* CXXXV.)

Pag. 11. *Vers.* 24.

Vem de Haller dedilhar Harpa cadente.

Uns tocam alaúdes sonorosos,
Outros harpas dedilham, com que encantam.
(*Barbuda Virg. Canto* 4.°)

Pag. 11. *Vers.* 25.

Culto Lima, por quem de Maro os versos
Sôam na Lusa Cythara tão doces!

O Sr. Dr. Antonio José de Lima Leitão, Lente de Pathologia, e Clinica Medica, na Real Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, elegante traductor de todas as Obras de Virgilio, do Paraizo perdido de Milton, e da Estante do Coro de Boileau.

Pag. 11. *Vers.* 30.

Vem harmonico Ismeno, e recostado
Ao verde abrigo d'um rosal frondente
Novos, campestres canticos entôa.

João Vicente Pimentel Maldonado, Archivista do Paço das Côrtes, Bacharel em Leys, hoje fallecido.

Pag. 11. *Vers.* 33.

E tu que no Romantico Alaúde
Do divino Camões eternisaste
As desgraças, o amor, o nome, a morte.

O Sr. João Baptista da Silva e Almeida Leitão Garret, Author da Tragedia Catão, do Retrato de Venus, D. Branca, e Camões.

Pag. 12. *Vers.* 29.

Na solitaria praia descantava
A formosa Briseida, que em soluços
Por grosseiros Arautos arrastada
Em vão de Achyles implorara o novo.
(*Iliad. Livro IX. vers. CLXXXVI*).

Pag. 13. *Vers.* 16.

Victima da ignorancia, e fanatismo.

O celebre Astronomo Galilei, perseguido e punido pela inquisição, por ensinar o systema de Cupernico, hoje plenamente adoptado pelos sabios de todas as Nações.

Tanto l'Ozio poteo, tanto l'antica
Dall' ombra ucita e di flagello armata
Dotta Ignoranza, che dei sacri ingegni
Sedea tyranna in manto Arabo, in lingua
Barbarica stridea sola maestra,
E intesa a spaventar l'Arti nascenti
Vantó gia Galileo vinto per-lei.
(*O Padre Betinelli*).

Pag. 14. *Vers.* 4.

E aponta aos revoltados Marinheiros
Boiando sobre o már ignotos troncos,
E no fim do Horisonte em nevoa envoltas
Serras do mundo ignóto, que buscava.

Consulte-se a vida de Christovão Colombo, escripta em Inglez por Washington Irving, obra de grande merecimento Litterario, e *la vida del Almirante* por Colombo, Filho.

Pag. 14. *Vers.* 18.

O Anglo Homero.

O Celebre Poeta Inglez, e grande Litterato João Milton.

Pag. 14. *Vers.* 35.

Trevas visiveis, que o clarão só gozam
Que solta bronzea alampada acendida
Na cholera de Deos.

A dungeon horrible on all sides round
As one great fornace flam^sd, yet from those flames
No lygth, but rather darkness visible
Serv'd only to discover sights of owe,
Regions of sorrow, doleful shades where peace,
And rest can never dwelt, hope never comes,
That cames to all.

(*Parad. Lort. Book I*).

Pag. 15. *Vers.* 11.

Passa a, incerto, do cáhos, anarchia.

Quiz com a confusão das palavras, imitar a confusão do cáhos.

Pag. 15. *Vers.* 42.

Que ao Váte desditoso de Sorrento
O Sceptro da Epopeia mereceram.

Um assumpto bem escolhido, porque interessa a toda a Christandade, acção sempre progressiva, bellissimos caracteres variados, e naturaes, maravilhoso pittoresco, descripções vivas, e animadas, episodios bem ligados com a acção principal, versificação fluida e harmoniosa, um estillo encantador, me parece que collocam o Tasso, no primeiro logar entre os Epicos Modernos. Milton tem talvez mais vigor. Klopstock mais originalidade. Ariosto mais imaginação; mas julgo que nenhum delles lhe pode levar a palma, pelo todo da composição. Será preocupação minha, mas a Poesia julga-se com o sentimento, e o meu me obriga a pender para o cantor de Goffrêdo.

Pag. 16. *Vers.* 5.

Tanto engrandeces
Da tranquilla Partenopse o descanço.

Hæc super arvorum cultu, pecudum que canebam,
E super arboribus; Cæsar dum magnus ad altum
Fulminat Euphratem bello, victorque volentes
Per populos dat jura, viamque adfectat Olympo.
Illo Virgilium me tempore dulcis alabat
Parthenope studiis florentem ignobilis oti,
Carmina qui lusi pastorum, audaxque juventa
Tityre, te patulæ ceceni sub tegmine fagi.
(Virg. Georg. Lib. 4.º in fine.)

Pag. 17. *Vers* 9.

Eu, eu propria! devia o tenro filho
Co' estas mãos lacerar!... com os membros delle
Banquetear o Pay!

Infeliz Dido! nunc te fata impia tangunt!
Tum decuit cum sceptra debas; en dextra, fidesque
Quem secum patrios aiunt portare penates
Quem subsisse humeris comfectum ætate parentem!...
Non potui abreptum divelere corpus, et undis
Spargere? non socios, non ipsum absumere ferro
Ascanium, patrisque epulandum ponere mensis!...
Verum anceps pugnæ fuerat fortuna.... fruisset!...
Quem metui moritura?... faces in castra tulissem,
Implessem que foros flammis, natumque patrem que
Cum genere extinxem, memet super ipsa dedissem!
(Virg. Œneid. Lib. IV.)

Pag. 17. *Vers.* 34.

Piscini, Raphael, Paessielo, e Rubens,
Tu, sonoroso Marcos, tu, oh Silva.

Picini, foi um dos mais famosos compositores de Musica, que tem produzido a Italia. O seu canto é cheio de delicadeza, e sentimento.

Poucos homens tem honrado tanto a Pintura Italiana, como Raphael. O seu quadro da Transfiguração de Christo, mesmo no estado em que elle o deixou, é considerado como a sua obra prima. O sabor da antiguidade, graça de colorido; correcção de desenho e phantasia poetica, formam o caracter do seu estilo. E' digno de recordar-se o seu epitaphio composto, se não me engano, pelo cardeal Bembo.

Hic situs est Raphael, timuit, quo sospite, vinci
Rerum magna parens, et moriente, mori.

Paesielo foi outro grande compositor Italiano. Ninguem soube melhor exprimir no canto a linguagem das paixões, segredo, que parece haver-se perdido neste seculo de decadencia para a Musica; bastando para o provar, o enthusiasmo com que são recebidas as composições de Rossini, e de outros mestres da sua eschóla, por aquelles que só admiram difficuldades, e labyrinthos de sons, sem lhe importar com o sentimento, nem com a imitação. Rossini póde considerar-se como o Gongora da Musica. Bem sei que esta asserção hade escandalisar muita gente boa! mas que me importa? é esta a minha opinião! haja plena liberdade em materias de gosto.

Rubens, foi um dos Chefes mais famosos da Eschóla Flamenga: destingue-se por um colorido forte, e grande imaginação.

Marcos Antonio de Portugal, é o mais conhecido dos nossos compositores de Musica; soube destinguir-se em todos os generos, bem que a sua Musica Ecclesiastica, offereça ás vezes mui pronunciado sabor theatral. *L'oro non cumpra amore* na Burleta, e *La Semiramide* na opera seria, passam pelas suas melhores obras.

Henrique José da Silva, Pintor Portuguez, de não pequeno merito. Devemos-lhe o retrato de Bocage, que tirou poucos dias antes da sua morte; e para melhor ventura esse retrato sahio perfeito; todos os Poetas contemporaneos o celebraram; ao genio pertence honrar o genio.

Pag. 20. *Vers.* 21.

O Furibundo Almagro, que dos Andes
Colossos, que dos Céos o peso aturam,
A Cordilheira altissima atravessa.

Este Cordão de Montanhas, as mais altas do globo, se destende por mais de 1:200 leguas de Isthmo de Panamá ao estreito de Magalhães, e devide o Peru do Chile, correndo de Norte a Sul.

Pag. 20. *Vers.* 24.

Para ir fartar no Chile a sacra fome
De sangue, e de ouro, que lhe abarca o peito.

Quid non mortalia pectora cogis,
Auri sacra fames? (Virg. Œn. Lib. III.)

Pag. 20. *Vers.* 29.

Que Povo immenso, que remeda a noute
Na côr da face, que o pesar lhe enruga,
A este assolado clima se transplanta?

Il est êtonnant que tandis que l'Europe, et la France en particulier s'eleve avec tant d'unanimité contre l'abus de l'esclavage des Negres; on soufre que des Nations voisines non seulement fassent une guerre injuste au Commerce tranquille, mais encore reduisent á une esclavage mille foix pire que celle des Negres, ceux des Voyageuers, et des Marchants, Soldats, Marins pris sur nos vaisseaux. Je parle des Barbaresques, dont l'infame brigandege appelle contre eux, les armes des Nations policêes, et sur tout commerçantes.
(Mr. Peuchet, Diccionaire Universel de la Geographie commerçante. Tomo 1.º *Pag.* 120*).*

E que diria Mr. Peuchet se fosse vivo, vendo os Inglezes, que se inculcam os Apostolos da Liberdade dos Negros, no Rio de Janeiro vender, a cem mil réis por cabeça, os Negros apanhados a bórdo dos Navios Negristas, que elles se fossem sinceros, e consequentes deveriam conduzir livres aos seus respectivos Paizes? Que diria se visse nas suas Colonias, milhares de miseraveis Indios, reduzidos a Escravidão?

Pag. 21. *Vers.* 23.

Espavoridas, timidas fugindo
Ante Homens Numes do trovão Senhores!

Por insolitos mares,
Calcando insanos médos,
D'além Colom, d'aqui o inclito Gama,
Vam tremular Occidentaes Bandeiras
Entre Póvos, que ajoelham
Ante Homens Numes do trovão Senhores.
(Francisco Manoel. Od. á Liberdade).

Pag. 22. *Vers.* 5.

Infatigavel protector dos Indios
Virtuoso Las Cazas!

E' de toda a justiça tributar louvores aos Padres Dominicos, que com toda a força do zêllo apostolico, se opposeram á absurda supposição de que os indigenas da America não eram *annimaes racionaes*, sendo em consequencia d'isso, *incapazes de receber instrucção religiosa*, e de civilisação. Elles clamaram altamente nas Côrtes de Hespanha e Roma, contra esta decisão de graves Theologos, tão ricos de letras, como pobres de juizo, e de humanidade. Fizeram por uma Bulla Pontificia, declarar heretica aquella doutrina infernal, inventada pelos Colonos Hespanhoes, para escravisar, e assassinar os Indios. O veneravel Padre Fr. Bartholomeu de Las Casas, não foi como vulgarmente se julga, o unico Ecclesiastico que advogou a causa dos Americanos. Elle era o interprete dos sentimentos de toda a sua ordem. A caridade exaltada deste virtuoso Missionario, o levava a arrostrar todos os perigos, e vencer todos os obstaculos. Voava da America á Hespanha, e da Hespanha á America; prégava aos Colónos, orava no Conselho das Indias, e de Castélla, refutava com a voz, e com a penna, os argumentos dos seus adversarios. Póde ver-se no Historiador Inglez = ROBERTSON = os trabalhos, e as fadigas deste Homem sensivel, que podemos affoutamente chamar a gloria da sua ordem, e o Campião da Humanidade.

Pag. 22. *Vers.* 22.

Virtuoso Jefferson!

Jefferson, era natural de Virginia; foi um dos mais arrojados defensores da Liberdade Americana: e sendo mui rico, dispendeu a maior parte do cabedal que possuia, na guerra patriotica, reduzindo-se á pobreza, sem que jámais quizesse receber indamnisação alguma da republica; antes sempre as regeitou com heroico dezinteresse. Que differença deste Patriota, aos que usurpam esse nome, que por serviços de pouca monta, exigem recompensas sobre recompensas, e indamnisações sem conto; não só pelo que nunca perderam, mas pelo que nunca possuiram! Foi este gran-

de Homem, quem redigio, e assignou em 4 de Julho de 1776, o famoso Auto de Independencia da República. Falleceu a 4 de Julho de 1827, com 84 annos de idade, sem mais doença que a velhice, a qual deu em resposta a muitos convites que teve de seus Concidadãos, para assistir ao Jubilêo pelo Quinquagessimo aniversario da Independencia. No dia da sua morte, logo depois do meio dia, disse a sua familia. — « *Hoje faz cincoenta annos, que li como relator da Commissão o auto da Independencia. Vam-mo buscar, que o quero lêr*: trouxerão-lho, leu parte delle com os olhos arrazados em lagrimas, e expirou! Jefferson juntava ás suas virtudes moraes, e patrioticas, os dótes de Orador eloquente, e de Escriptor correcto e polido! Gloria ao verdadeiro Patriota, que advogou á causa do povo, e nunca se separou do Povo, que pugnou pela liberdade, e viu nella, não o meio de enriquecer-se, e subir ao poder, mas o de fundar a ventura dos seus compatriotas, que não mudou de principios, como quem muda de vestidos, que chegou ao termo de uma longa carreira, sem o labéo de versatil, de retrógrado, ou de ambicioso.

Pag. 22. *Vers.* 24.

Tal de nuvem a nuvem se propaga
Em veloz marcha electrica corrente.

Toda a vasta extenção de terreno, occupado em outro tempo pelas Colonias Hespanholas, acha-se hoje dividido em differentes Republicas, que vão prosperando, e sahindo do abatimento systhematico, em que os conservava a Metrópoli. Não duvido, que o exemplo dos Estados Unidos, influisse na sua organisação Republicana: mas é certo que todas as Nações novas, adoptam essa fórma de Governo, unica que lhe convém. O imperio do Mexico, passou como um sônho, e foi affogado no sangue do seu primeiro, e ultimo Imperador, Agostinho Iturbide; o Reino de Hayty, e o Rei Preto Henrique 1.º, tiveram de ceder o logar á Republica negra, que hoje floresce. A Monarchia é planta que definha, e murcha em terreno virgem; e a Republica, é arvore demasiado vigorosa, para poder vingar sobre as ruinas de Monarchias velhas, que se aluiram com o tempo. Quando uma adiantada civilisação, as riquezas, e o luxo, tem feito acabar as virtudes, e o amor da igualdade; quando bróta a enfermidade social, que se chama — *Aristocracia* — quan-

do o nascimento, e a riqueza, calcam aos pés o merito, e a probidade, então por consequencia necessaria, muda a Constituição do Estado, e vem a Monarchia, ou o Despotismo. As republicas Americanas, serão um dia Reinos, quando se corromperem como Roma; quando uma parte da Nação, senão julga igual da outra, é indispensavel um chefe que seja superior a ambas, e que mantenha o equilibrio. O Brasil não é excepção de regra geral. A longa estada da Côrte, accelerou o giro de tempo; tornou em Condes e Marquezes, os Senhores de Engenhos, enxertou no regimen colonial os vicios de uma civilisação, diga-mo-lo assim, *engrolada*, já tem uma Aristocracia, não importa qual; o Brasil já não póde ser Republica.

Pag. 26. *Vers.* 7.

folga esta Ave
Mais do que outra co'as limpidas correntes;
Nellas por largas horas se bandeja,
Depois em pouco limpo ao sol se enxuga.

Esta descripção é tirada ao natural de uma linda Ave desta especie, que o Author possuia.

Pag. 26. *Vers.* 27.

Vós de servir indoceis, porque causa,
Perdida a liberdade, morreis logo?

E' sabido, que as Andorinhas, em se encontrando presas, entristecem, recusam o alimento, e morrem.

Pag. 27. *Vers.* 10.

Lei severa
Em Thessalia punio como homecida
Caçador, que empregava em ti seus tiros.

Assim o refere Plinio em a sua Historia Natural.

Pag. 28. *Vers.* 15.

Donde voltam de pólen carregadas.

Como suele venir cargado enxambre
De robar una verde Primavera,
Para formar aquella nueva estambre,
Con susurro solicito a la cera:
Assi con hierro y laminas de alambre,
Azero, corcho, cañamo, madera,
Solicitos accuden, y ai de aquellos,
Que los enojan, ó se burlan d'ellos.
(Lope de Vega. Jerusalem, Cant. VII.)

Pag. 29. *Vers.* 19.

Dôce, abundante mel, que seus Senhores
Para o sustento seu cuidosos guardam
Em quanto o frio Inverno a terra inunda.

Veja-se sobre este trecho o excellente tratado das Formigas por Mr. Hubert de Genebra, um dos mais curiosos observadores da Natureza.

Pag. 29. *Vers.* 22.

Tal no Convento Militar de Esparta.

Esparta sem agricultura, sem Artes, sem Commercio, sem dinheiro mais, que uma pequena moeda de ferro, sem propriedades, com o seu Senado, e dous Reis, com as Mulheres separadas dos maridos, que gozavam dellas a furto, com os seus jantares publicos, e communs, e fazendo lavrar suas terras pelo Ilotes seus Escravos, tratando os Homens livres só do manejo das armas, e dando o mesmo exercicio ás mulheres, que luctavam nuas com os homens nas publicas palestras, assemelhava-se mais a um Convento, que a uma Republica; e é um verdadeiro phenomeno no estado social.

Pag. 30. *Vers.* 28.

O mui valido Gnou....

O Gnou é um animal da Africa, que se encontra commummente nas serranias do cabo da Boa-Esperança; é mui ligeiro, e forte: assemelha-se com o Touro pelos córnos, e canda; com o macho pelo pescôço, e clinas, e pelo resto do corpo, com o cavalio. Segundo o testemunho do Naturalis-

ta Goudron, os Hollandezes o domesticam, e servem-se delle em proveito da agricultura.

Pag. 30. *Vers.* 30.

O Búbalo elegante que os Chinezes
Campos cultiva, e Tyberinas margens.

O Búbalo, que em Macáo chamam *Búfera*, é o animal que os Chinas mais frequentemente empregam no cultivo dos campos; e a sua carne é o ordinario sustento do povo meudo. O mesmo acontece nos Estados Ecclesiasticos, onde se criam grandes manadas delles; porém, em Roma a sua carne, só tem consumo entre a classe mais indigente, e entre os Judeos, que fundados em uma passagem da Biblia, a comem com Couves em certas festividades, e tem que coopéra para a propagação. *Vid. Buffon, Hist. Nat.*

Pag. 31. *Vers.* 17.

Aos Sabbados, as Magas, e as Estrias.

A palavra Estria, na significação de *Bruxa*, encontra-se nas obras do Doutor Francisco de Sá e Miranda. Bocage tambem usou della nos seguintes versos.

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,
Tracei meus males, e a rugosa Estria
Cedendo ás ternas mágoas, que me ouvia,
Cospio trez vezes na vorás fogueira.
(*Tom.* 1.° *Soneto CIII.*)

Pag. 32. *Vers.* 23.

Os captivos Hebreos em terra alheia.

Super fulmina Babylonis ilic sedimus, et flevimus dum recordaremur Sion.
Si obblitus fuero tui, Hierusalem, oblivioni detur dextera mea; adhereat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.
In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra.
(Psal. CXXXVI.)

Pag. 32. *Vers.* 32.

Muito em nossos costumes instruida.

Tinha nascido em Madrid, mas tinha vindo quasi na infancia para Portugal.

Pag. 34. *Vers.* 13.

A veneranda barba do bom Castro,
De que só trez cabellos abonaram
Precioso penhor, somma grandiosa!

D. João de Castro, sendo Vice-Rei da India, e acabando de derrotar as tropas do Sultão de Cambaia, que havia cercado Diu, tratou de reedificar, e ampliar a Fortaleza quasi arruinada; e não havendo dinheiro para obra tão dispendiosa nos Cofres do Estado, pediu emprestada á Camara de Gôa a somma necessaria, dando de penhor trez cabellos da sua barba. Hoje não ha hi barba sobre a qual alguem emprestasse sequer um Tostão, ainda que fosse inteira, e mais forte que a cauda d'um Cavallo Árabe! bem fazem em as rapar!....

Pag. 34. *Vers.* 16.

Cá fulgira Izabel, Mãi de Indigentes.

D. Izabel, Mulher de El-Rei D. Diniz, foi canonisada sem duvida porque jejuava, e orava muito; usava de celicios, e disciplinas; e sobre tudo porque andou vestida de Freira! é crivel que Deos a recebesse na sua eterna gloria, pela ardente caridade em que se abrasava, e pelo zêllo com que procurava os Indigentes, para os soccorrer com as suas esmolas.

Pag. 34. *Vers.* 18.

A balança brilhara em mãos de Pedro,
Que sempre a da Justiça equilibrára!

D. Pedro I. a quem Fidalgos, Frades, e Desembargadores, puseram a alcunha de *Cruel*, porque lhes não reconhecia o previlegio de commetter delictos impunemente, e in-

sultar e calcar aos pés o povo. Este lhe chamou Justiceiro, reconhecendo que elle tinha muito a peito que a Ley fosse igual para todos.

Pag. 34. *Vers.* 29.

A Serpente, que entona o cólo altivo,
E com lingua de fôgo aterra as Ursas
Fôra a do Fanatismo, e da Ignorancia
Que o sublime Joseph calcou brioso.

Os Jesuitas, e a Inquisição, foram duas pestes mais perniciosas que a chólera morbus, que o fraco, e pouco illustrado Rei D. João III introduzio no Reino: uma, e outros perverteram os engenhos, pelo fanatismo, e systematica ignorancia, perseguiam sem piedade todos os homens em que apreciam assomos de patriotismo, e amor das letras, e acabaram por nos vender á Hespanha. D. José 1.º desarmou a inquisição, e expulsou do Reino os Jesuitas, e não foi este o menor entre os muitos serviços, que fez a Portugal. Bem longe estava elle de pensar que aquelles solipsos regicidas, seriam algum dia chamados por Netos seus, para os ajudarem na guerra contra a liberdade do povo! Honra seja feita á memoria de D. João VI que quando o Papa começou a ensinuar aos Reis, que restabelecessem a Companhia nos seus Reinos, mandou positivas Instrucções ao seu Ministro em Roma, para que regeitasse *in limine*, quaesquer propostas que se lhe endereçassem a respeito de Jesuitas! Se D. João VI tivesse Ministros como o Marquez de Pombal, sería de certo tão grande Rei como seu Avô!

Pag. 35. *Vers.* 5.

Sobre suas montanhas alvejantes
Com reflexo das neves, e escutavam
Almas de seus Avós gemer nas nuvens.

As nuvens eram o Paraizo dos antigos Escossezes; para lá julgavam passar os espiritos dos que morriam; e quando de noute os ventos sopravam, e sibilavam pelos Arvoredos de suas florestas, julgavam que a voz de seus antepassados por aquelle modo lhes fallava. A esta ideia se allúde muitas vezes na moderna Tragedia Hespanhola de *Oscar*, e *Malvina*, tirada das Poesias de Ossian.

O' Abuelos
De Malvina, velad en su defensa
Desde las altas nubes; yo os la vuelvo.
Acto 1.º *Scen.* 3.ª

Mas ya huella feliz las altas nubes
De sus abuelos inclitos al lado.
Acto 2.º *Scen.* 1.ª

Ya en las altas
Nubes se assoman a escuchar tus votos
Las sombras de mil Héroes, y señala
La de tu amigo el annhelado instante
En que debes jurar.
Acto 4.º *Scen.* 3.ª

Pag. 36. *Vers.* 15.

O Pincel de Sendim, ou de Sequeira.

O meu amigo o Sr. Mauricio José Sendim, que se torna digno da menção honrosa, que delle aqui faço, pela sua applicação ao desenho, talento natural, e sobre tudo o enthusiasmo, e zello pela sua arte, duas circumstancias, sem as quaes, ninguem pode distinguir-se na carreira Artistica.

Julgo desnecessario demorar-me com a especificação dos talentos pittoricos de Domingos Antonio de Sequeira, primeiro Pintor da Camara de S. M. F. porque são universalmente reconhecidos dentro e fóra do Reino. Os papeis públicos de França, fizeram os maiores elogios a seu quadro exposto no Salão das Artes em Paris, onde se fez notar entre as obras dos Professores da Eschola Franceza, hoje uma das mais florescentes do Mundo. Na total decadencia em que se acham entre nós as desfavorecidas Artes, tenho um prazer inexplicavel, quando posso dar um tributo de louvor a algum compatriota, que se destingue em alguma dellas, e que mostra ao Mundo o que poderiamos ser.

Tenho hoje a accrescentar a esta nôta, que este illustre Artista, findou a sua carreira em Roma, para onde se havia retirado. em consequencia das discordias civís, de que tem sido Theatro a nossa Patria.

Pag. 39. *Vers.* 24.

Já via ao perto levantar-se o fumo
Dos gratos lares teus?

αυταρ ωδυσσεοε
Ιεμενος και καπνον αχοροσκοντα νοησσαι
Ηε γαιης, θανειν ιμειρεται.

Ancioso Ulyses
Por ver da Patria sua erguer-se o fumo,
Morrer deseja.

Homer. Odiss. Liv. 1.º

CANTO II.

Pag. 45. *Vers.* 5.

Nem avultam estatuas de Canova.

O Esculptor Canova, condecorado com a dignidade, e Titulo de Marquez, em attenção aos seus talentos, por uma Côrte onde sabe dar-se apreço a elles, passa na sua Arte pelo maior genio do presente seculo. Esta bella Arte da Esculptura, tem quasi inteiramente desapparecido d'entre nós, nem é possivel que renasça, em um Paiz como o nosso; pois quem poderá dar-se ao longo, e penoso estudo della, para ficar ocioso? quando não ha quem empregue os Artistas, é necessario que os existentes ou se expatriem, ou morram de fome, e que senão formem outros, porque similhante prespectiva os desanima, e torna inutil a mais decidida vocação.

Pag. 46. *Vers.* 15.

O animal entre nós de ignobil nome,
Mas presado de antigos Patriarchas.

E inda hoje dos A'rabes, a quem presta grandes serviços, em sua vida nómada por Areaes estereis.

Pag. 48. *Vers.* 18.

E ao paladar Italico a fragrante
Não grata Segurelha, que entrelaça
Brazileira Donzella em seus cabellos.

E' mui para notar a repugnancia, que os Italianos em geral mostram para a Segurelha, ao passo que aproveitam em seus guisados, todas as hervas odoriferas.

Esta planta foi desconhecida no Brazil, até ao tempo em que a Côrte para lá se trasladou. Foi então que um Europeo começou a cultiva-la, e as Senhoras se agradaram tanto da sua fragrancia, que poseram em moda trazer raminhos della no cabello, como em Portugal se trazem rósas.

Pag. 49. *Vers.* 5.

aquella,
Que trouxe da vencida Ceresunto
Triumphante Luculo.

Quand Luculus vainqueur triomphait de la Asie,
L'airain, le marbre, l'or frappaient Rome êblouie,
Le sage dans la foule aimait á voir ses mains
Porter le Ceresier en triomphe aux Romains.
(*Dellille*).

Pag. 53. *Vers.* 14.

E as cabeças
Da Balsemina, que o alambre imitam.

Outros lhe chamam Artemisia, e outros *despedidas do Verão.*

Pag. 54. *Vers.* 29.

Bello fôra alli vêr em sitio de honra
O que mais mereceu das nossas Musas.

O Doutor Francisco de Sá e Miranda, introduzio em Portugal o uso dos versos Hendecasylabos: o Doutor Antonio Ferreira, deu o exemplo da imitação dos Gregos, e Latinos;

Bernardes tornou o métro mais fluido; porém, Luiz de Camões, é o Escriptor a quem deveu mais a nossa Poesia. Elle creou o Dialecto Poetico, destinguindo-o da linguagem Prossaica, com que andava confundido nas obras dos seus antecessores. Enriqueceu a lingua, com boa copia de phrases, e termos novos tornando-a, como elle diz, *grandiloqua*, *e corrente*. Deu ao mundo um novo genero de Epopeia, e a nós os dous mais bellos exemplares de Poesia descriptiva na ilha dos amôres e na Geographia da Europa. Eu não o julgo impecavel: tem defeitos que só a pervenção, e espirito de partido podem negar; mas tambem só a pervenção e o espirito de partido podem desconhecer, que elle tem bellezas, que bem resgatam esses defeitos, e que um poema por differentes pessoas, e em differentes tempos traduzido em todas as linguas cultas, e admirado por Nacionaes, e Estrangeiros, não pode ser obra mediocre, nem parto de um engenho vulgar.

Pag. 54. *Vers.* 32.

Thomino, que a par delle erguera o vôo.

O meu amigo Thomaz Antonio dos Santos, foi um dos mais eruditos, e o mais profundo pensador, o mais original, e até direi o mais nacional dos Poetas do seu tempo. Já elle gosava de bem merecida reputação Litteraria, pelos seus Poemas da Sepultura de Lesbia, do Primavera, dos Cachópos de Ulisséa, pela Tragedia de D. Sebastião, e muitas outras Poesias, quando deu á luz a Braziliada, a que a opinião pública, deu logo o primeiro logar entre as nossas Epopeias modernas, juizo que plenamente se justifica, não só pela difficuldade do assumpto, e boa escolha do maravilhoso, não facil de bem combinar-se com acção tão recente, mas tambem pela profusão de magnificos quadros, de que está enriquecida, sobresahindo entre elles, a caçada, o banquete, a descripção do Jardim, o vôo da fortuna, o Hymno á Natureza, a revista do Exercito, a pintura da consternação de Lisboa pelo embarque de El-Rei, a morte de Luiz XVI, e as discussões politicas do Canto 8.º trechos, em que se descobre um genio vigoroso, Poético, e não pertencente ao *servum pecus* dos emitadores. Santos e Silva, é o Poeta que tem mais pontos de contacto com o genio do grande Corneille, tanto nas bellezas, como nos deffeitos. — *A opinião pública o tem em mais do que elle merece*, diz o Collector do *Parnasso Lusitanno*. Como é possivel que este critico não

reparasse que um Poéta cégo, pobre, vivendo, e morrendo em um Hospital, só podia grangear a estima pública, á força de bellezas grandes, e novas? como é possivel que o tracte com tanta acrimonia, e despreso? aqui não pode suppôr-se o odio, ou ressentimento pessoal; Santos e Silva, e o Crítico, jámais se encontraram na carreira da vida: o primeiro morreu muitos annos antes, que o segundo encetasse a gloria litteraria. E' logo evidente que a injustiça do crítico para com o Homéro Cetrobricence, nasce de haver formado o seu juizo sobre uma leitura pouco reflexionada, e talvez não de todas as obras d'aquelle Poéta. Razão tem elle em notar a sua liguagem incorrecta, e pouco pura, mas todo o homem intelligente, e desapaixonado, achará que elle exagera demasiado este defeito aliás desculpavel em um escriptor, que a desventura tinha desviado das Sociedades polídas. (unica eschola em que se aprende a evitar a baixeza dos termos) e da leitura dos classicos, e que além disso não tinha a commodidade necessaria para corrigir. Cumpria fazer justiça ao bom, ao sublime, ao grande, que largamente compensam aquellas manchas. Ainda mais, a correcção, e pureza, são grandes dótes em um poeta, mas não os unicos, incorreto, e rude é o estyllo, e versificação de Lucrecio; e os Romanos o tinham em muita conta; incorreto é Crebillon, e incorrecto o grande Milton, cujo Poema, o famoso Jhonson, diz ser escripto em *lingua Babilonica*, e nem por isso deixam de ser lidos e admirados: pelo contrario, não sería muito difficultoso citar alguns Poétas mui puros, mui classicos, mui correctos, tanto Nacionaes, como Estrangeiros, que a pezar disso fazem mui pouco vulto na republica das letras Pela minha parte antes quereria ser Author dos Dramas de Shakespeare cheios de incorrecções, e de vida poética, que das tragedias de la Harpe tão correctas, e tão friamente escriptas.

Pag. 54, *Vers.* 38.

E o Cantor, que Albuquerque eternisara.

Francisco de Sá e Menezes, é na minha opinião, e na de quasi todos os Litteratos com quem tenho vivido, o nosso segundo Epico antigo. O supracitado Critico se mostra tão pouco contente da *Malaca conquistada*, que a julga o *ultimo Titulo da nossa Litteratura*; e (o que ninguem esperaria) fundamenta esta rígida sentença, na accusação de *Gongorismo*, vicio de estillo, de que raros de nossos antigos Poetas estão

menos iscados, do que Francisco de Sá e Menezes, pois o defeito que até agora se lhe tem assacado, é a fraqueza de estyllo, o que é o contrario do Gongorismo, que consiste no abuso da Poesia, no rebuscado dos pensamentos, e no demasiado artificio da expressão, porque pelo que respeita á contextura de Fabula, maravilhoso, progressão, interesse, paixões, caractéres, variedade, e congruencia de Episodios, é elle superior a todos os nossos E'picos; de mim confesso que não sei combinar tanto rigor com Santos e Silva, e Sá e Menezes, e tanta indulgencia com o Poema de Francisco Rodrigues Lôbo, e até com a Elegiada de Luiz Pereira, em que não ha Fabula, nem Poesia, nem se quer quatro versos, que taes se possam chamar.

Não se presuma, porém, que pertendo detrahir o merito do Parnasso Lusitano; bem pelo contrario, eu tenho esta collecção não só por util, mas necessaria; a prefacção, é optimamente escripta, e apresenta muitos juizos, assentados com grande exactidão, e talento. Os extractos E'picos, do primeiro volume, me parecem bem escolhidos, e só é pena que ali não appareçam alguns trechos do Ulyssipo, de Antonio de Sousa Macedo; do primeiro Cerco de Dio de Francisco de Paiva de Andrade, Poema de bastante merito, do Veriato Tragico, de Braz de Garcia Mascarenhas, da Insulana de Manoel Thomaz, e da Destruição de Hespanha de André da Silva.

Eu posso deferir do Crítico em alguns juizos, sem por isso desconhecer o valor da sua obra. O meu unico fim nesta nota, foi expôr francamente a minha opinião em um objecto de puro gosto, e em materia em que o meu vóto talvez não seja indifferente.

Pag. 54. *Vers.* 34.

Parecera ufanar-se o Grão Phylinto
Vendo proximo a si de Irene o Váte,
E Alfeno a quem amou, ambos como elle
Victimas de nefanda, injusta intriga,
Ambos mortos no exilio, ambos sem culpa.

Alfeno, o Bacharel, Domingos Maximiano Torres. Phylinto, o Principe dos nossos Lyricos, o grande Francisco Manoel do Nascimento. Irene, é o titulo de uma Tragedia de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, Author dos Poemas da *Apparição*. e da *Agostinheida*, e um dos nossos melhores Lyricos modernos.

Pag. 55. *Vers. 4.*

Corydon sonoroso, que primeiro
Entre nós restaurou do Pindo a gloria,
Entre o sublime Elpino, e o bom Ferreira
Erguera laureada a sabia fronte.

Corydon, Pedro Antonio Correa Garção. Ninguem ignora que este grande Lyrico, foi um dos Sócios mais respeitados e influentes da Academia de Bellas Letras, conhecida pelo titulo de Arcadia. Elle é considerado como restaurador do bom gosto e da boa Poesia entre nós; o seu exemplo, e a sua doutrina, chamou os novos alumnos, ao estudo dos Classicos, e dos Poétas Latinos. De Garção ha apenas um pequeno Volume de Odes, pelo estylo de Horacio, mas esse bastou para eternisa-lo.

Elpino, é o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva igualmente sócio da Arcadia, e o nosso primeiro Poéta Pindarico. Entre as suas obras merece particular attenção o Poema Heroicomico, intitulado — « O Hyssope. » —

O Doutor Antonio Ferreira, a pesar da habitual dureza da sua verseficação, tem um logar mui distincto entre os nossos Poétas antigos. As suas Epistolas, são as suas melhores Obras; a sua Tragedia Castro, que lhe faz tanta honra, por ser uma das primeiras que se escreveram na épocha da restauração das letras, não é apesar dos encomios dos seus apaixonados, mais que um frio arremedo do Theatro Grego, concedo que os seus choros sejam bons trechos de Poesia Lyrica, mas acho exagerada a estima que se lhes dá.

As comedias de Ferreira, mostram bastante talento cómico, mas nenhum conhecimento de Scena; e não haveria espectadores tão pacientes, que podessem tolerar os longos dialogos e monologos, de que estão recheadas aquellas estiradissimas composições. Na minha opinião Gil Vicente, é um Cómico do maior pulso.

Pag. 55. *Vers. 10.*

Culto Elmano, suaviloquo Bernardes,
E Alcino, que dos dous a gloria eclypsa.

Elmano, Manoel Maria Barbosa do Bocage. Diogo Bernardes, é menos elegante, que seu mestre o Doutor Ferreira;

mas a sua verseficação, é mais fluida e harmoniosa. Alcino, Domingos dos Reis Quita: os seus Idylios, e sobre tudo o seu Poema Dramatico de Lycore, lhe grangeam o primeiro logar, entre os nossos Poetas campestres.

Pag. 55. *Vers.* 12.

E o terno amor, e as melindrosas Graças.
De Rosas, e de Myrtos coroaram.
De Marilia o Poeta, que em seu canto
A ninguem imitou, rivaes não teve.

O Bacharel Thomé Joaquim Gonzaga, Brazileiro, Author da Marilia de Dircéo, e Traductor do *Pastor Fido* de Guarini.

Pag. 55. *Vers.* 32.

Lá viria o meu Jónio.

João Antonio dos Santos, depois Secretario da Camara Municipal de Lisboa, elegante Poeta, hoje fallescido.

Pag. 56. *Vers.* 2.

De quebrar, não torcer.

Excellente expressão de Francisco de Sá e Miranda.

Homem de um só parecer
Um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de Côrte Homem não é.

Pag. 56. *Vers.* 8.

Lá fôra o grave Ismeno, honra de Eutherpe,
Barreto, que do genio ajunta aos dotes
Alma Romana, que servir não sabe.

Ismeno, o Bacharel João Vicente Pimentel Maldonado, Archivista das Côrtes, um dos nossos melhores Lyricos modernos; já fallescido.

Barreto, o Sr. José Victorino Barreto Feio, muitas vezes Deputado em Côrtes. Traductor de Salustio e de Virgilio.

Pag. 56. *Vers.* 13.

Fôras tu, oh Vicenio, tu, oh Sousa
Borja, Silva de Hegia alumnos doutos!

O Padre Vicente da Cruz, da Congregação do Oratorio de Lisboa. Os Srs. Francisco de Borja de Carvalho e Mello, e João José de Sousa e Silva, hoje Vogaes do Concelho de Saúde Publica do Reino.

Pag. 56. *Vers.* 15.

O Sena, para o bem sempre disposto,
E que affoga a tristeza em rubras ondas
De espumante Licor, que o Douro cria.

O Senhor Bernardino de Sena Dorman, Official da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Pag. 56. *Vers.* 19.

O douto Preceptor, o velho honrado.
A quem devo o que sei da Lacia lingoa.

O Professor Regio de Latinidade, José da Costa e Silva, hoje fallescido.

Pag. 57. *Vers.* 3.

Felizes Lavradores, se soubessem
O valor conhecer da sorte sua!

Oh fortunati sua si bona norint
Agricolæ! VIRG.

De Lavradores vos presai; tal nome
Do fecundo Diniz já foi delicias.

D. Diniz, foi chamado o *Rei Lavrador*, pelo cuidado, que punha em promover a Agricultura no seu Reino. Elle

chamava, e com muita razão aos Lavradores — *nervos do Estado.* — Os Romanos nos bons tempos da Republica, tinham os Lavradores, pela primeira classe della, e Lavradores eram os Consules, e todos os membros do Senado. Os Barbaros do Norte, trouxeram outras idéas: e então as armas foram a primeira profissão do Estado, e os Lavradores Escravos; e em quanto se não acabar com estas idéas barbaras, a prosperidade da Europa será chymerica, ou pelo menos percaria. D. Diniz foi tambem grande Propagador das Letras; creou em Lisboa uma Universidade, que depois foi transferida para Coimbra, e para que chamou Mestres Italianos de abalisado talento e erudição. D. Diniz grangeou a fama de Escriptor, compondo diversas Poesias, e o livro do *Leal Conselheiro.*

Pag. 57. *Vers.* 35.

Quando em meio
Dos trabalhos ruraes mandava a Curia
A insignia consular aos seus Patricios.

Lucius Quintius Cincinnatus filium Kesonem petulantissimum abdicavit; qui et a Censoribus notatus ad Volscos, et Sabinos confugit, qui Duce Clelio Graccho bellum adversum Romanos gerebant, et Quintum Minutium Consulem in Algido Monte cum exercitu obsidebant, Quintius Dictactor dictus, ad quem missi legati, nudum eum arantem trans Tiberim offenderunt; qui insignibus sumptis, Consulem obsidio liberavit. Quare a Minutio obsidionali corona donatus est. Vicit hostes, Ducem corum in deditionem accepit, et triumphi die ante currum egit. Sexto decimo die Dictaturam, quam acceperat, deposuit, et ad Agriculturam reversus est.

(Aurel. Vict.)

Pag. 58. *Vers.* 5.

Co' triumphal Lavrador folgando a Terra,
E lauri-gero arado.

Gaudente terra vomere laureato, et triumpahali Aratore.
(Plin. de nat. Hist.)

Pag. 58. *Vers.* 8.

Na Escuridão dos Seculos se perde.

Os Chins tem para si, que o seu imperio começou ha quatro mil, cento noventa e cinco annos; isto é entre elles ponto de fé. Affirmam igualmente que *Fohi* fôra o seu primeiro Rei; e que a sua Nação tem continuado até ao presente, por vinte e duas familias, que tem dado á China, duzentos vinte e seis Reis; ou Imperadores. Pela Chronologia, que parece mais certa, sóbe este imperio com sua historia até um eclypse calculado dous mil dusentos cincoenta e cinco annos, antes da nossa éra vulgar, e verificado pelos Mathmaticos Messionarios, que admiraram, e instruiram aquella pouco conhecida Nação.

O Padre Goubil, examinou uma serie de trinta e cinco eclypses do Sol, notados nos Livros de *Con-fut-zee*, que nós chamamos Confucio, que vivia ha mais de dous mil quinhentos e vinte cinco annos, e só achou dous duvidosos.

Os monumentos authenticos, chegam até ao tempo do Imperador *Hian*, que trabalhou na reforma da Astronomia, e reinou oitenta annos, isto é, dous seculos além do eclypse susodicto. O ser elle para o seu tempo um mui habil Mathematico, prova que nasceu em uma Nação já mui civilisada.

Pag. 58. *Vers.* 10.

Bem que de nenhum Rei té'gora o septro
Tal numero de subditos regesse.

Consta de muitas relações, que no principio do ultimo seculo havia na China mais de quarenta milhões de homens, que pagavam Censo, sem fallar nos Imberbes, Mulheres: Soldados, Officiaes, e Litteratos. As ultimas relações, contam no Imperio, onze milhões, cincoenta e duas mil oitocentas setenta e duas familias; não comprehendendo nesta conta, os acima exceptuados, isto é, contando sómente os que cultivam a terra, ou que pagam tributo á corôa. Calcula-se que neste Imperio, ha cincoenta e nove milhões setecentos oitenta e oito mil e sententa e quatro homens!

Pag. 58. *Vers.* 12.

O Grão filho do Céo.

O Imperador da China, toma este titulo, nas suas *chapas* ou decretos, e notas diplomaticas; e dá igualmente aos seus estados, a denominação de *Imperio Celeste*. A China, é igualmente designada nos mesmos documentos, pelo nome de *Imperio Central*; porque em sua ignorancia Geographica assentam os Chins, que a sua Patria está situada, mesmo no centro da Terra.

Pag. 58. *Vers.* 14.

De tympanos ao som!

Quando na China, os Mandarins, Governadores, e outras grandes personagens, apparecem em publico, sempre os seus carros são precedidos de Ataballeiros, que tocam de espaço a espaço; e pelo numero das pancadas, que elles dão nos tymballes, é que se conhece a graduação, e predicamento de quem ali vai.

Pag. 58. *Vers.* 23.

Arado de ouro empunha, os sulcos abre,
De que deve brotar Messe abundante.

A ceremonia do Imperador da China, lavrar, e semear uma terra do seu patrimonio, por suas proprias mãos, é filha da mais fina politica, propria para ennobrecer a Agricultura, e fazer que nenhum proprietario deixe de cultivar os seus campos; e é esta a principal razão porque na China, senão depára terreno algum desaproveitado. O exemplo do Principe, tem mais força do que todas as leis; ao menos enentre os Póvos modernos. No dia em que houver um Monarcha que não trage, que não admitta a seu serviço, senão manufacturas e Servidores Nacionaes, esse Paiz, verá de repente florescer a sua industria, prosperarem as fabricas, e chegar a mão d'obra, ao maior grão de perfeição. Mas quando os Principes não querem usar fazendas, senão Estrangeiras, servir-se senão com criados Estrangeiros, e adoptar as modas, e costumes Estrangeiros, podem desvanecer-se de que acharam o cami-

nho mais breve para empobrecer, e reduzir á miseria, as Nações em que reinam, por mais prosperas e florescentes que estivessem, quando taes Principes subiram ao Throno.

Pag. 58. *Vers.* 29.

Vêde Castro, o terror dos Reis do Oriente,
. . . . . .
Curva fouce brandir em vez de espada,
E o primeiro mostrar d'Europa ás Gentes
Dos Chinezes Jardins a variedade.

Sabido é que D. João de Castro, com grande complacencia cultivava a sua Herdade de Cintra. Jacintho Freire de Andrade, o elegante Historiador do Heróe de Diu, diz que elle cortava ali pelas suas mãos todas as arvores fructiferas para plantar Arvores de Sombra, a fim de mostrar que *nem da terra que cultivava queria recompensa.* Com perdão de Jacintho Freire, que ninguem estima mais do que eu, aqui o ardor do Panegerista, por incarecer o desinteresse do seu Heróe, o levou muito longe fazendo-lhe produzir um conceito falso, d'aquelles que o máu gosto de seu seculo, trazia muito em vóga. Era necessario que D. João de Castro fosse louco, para fazer tal operação, pelo motivo apontado por Freire. O homem não é interesseiro, nem se desabona, por tirar da terra os productos de que se sustenta; pelo contrario, cumpre uma das condições com que lhe foi dada a vida. Se todos os Proprietarios de Terras dessem n'esse bello desinteresse, o genero humano pereceria em breve de fome. A verdade é que Castro, cortou algumas arvores de fructo, para fazer um jardim Chinez pelo modello dos que tinha visto no Oriente: e todos sabem que os Jardins irregulares, foram muito tempo denominados — *Jardins de D. João de Castro* — por ter sido elle o primeiro que os plantou na Europa.

Pag. 59. *Vers.* 19.

Tornar os Lavradores venturosos
E' felizes tornar as classes todas;
Das suas producções a Industria vive,
Prospéra com ellas o Commercio; vinga,
Cresce a população.

Trois choses contribuent á la richesse de l'Etat: l'Agriculture, les Arts, e le Commerce: l'Agriculture recueille

les dons de la nature, et la force, pour ainsi dire, à nous les prodiguer; l'Art les met en œuvre, e le commerce les transporte, ou il en manque Ainsi par son moyen le laboureur, et le Artisant se debarassent facilemente d'une partie superflue pour s'en procurer une autre, que leur est necessaire.
(*Le Chevallier d'Eon*).

Pag. 59. *Vers.* 28.

Um permanente exercito, que rouba
Os braços á Lavoura, e que consome
Sem produzir, para que é bom?

A creação de exercitos permanentes, foi uma idéa feliz nos tempos feudaes, como meio para os Reis dominarem os grandes vassallos, que muitas vezes zombavam das leis, e resistiam ás suas ordens. Mas hoje que está extincto o feudalismo, e que os Reis não precisam combater para se fazerem obdecer; agora que a experiencia mostra, que o melhor e mais aguerrido Exercito está desmoralisado e perdido no fim de seis annos de paz; que é mais facil desciplinar gente bisonha, que restabelecer a disciplina em corpos veteranos, em que ella chegou a relaxar-se, parece que um dos passos mais decisivos para a prosperidade das Nações, sería a extincção de uma força militar permanente. Uma boa guarda Nacional, sería bastante para manter a ordem interna: e no caso de guerra, dos corpos cívicos, se tirariam as praças necessarias, para organisar corpos de linha; que com pouco tempo de exercicio, estariam promptos para entrar em campanha; e finda ella, voltariam outra vez aos corpos de que tivessem sahido. Um grande Politico Italiano, já emitio esta idéa, que parece muito acisada. Ella com tudo não póde ter logar, senão por uma resolução simultanea de todos os governos da Europa, que está bem longe de realisar-se, ao menos por estes seculos mais proximos. Não ignoro quantos interesses particulares estariam aqui de encontro á utilidade pública, que é quasi sempre sacrificada ao proveito de classes, e individuos. E' por isso que não proponho aqui esta idéa como cousa exequivel, mas como simples manifestação poética, do desejo de um homem que ama a sua patria, e que quizera vêr diminuidos os tres grandes inconvenientes que traz comsigo a permanencia de uma força armada de linha; a saber: quebra na população, atraso da Lavoura, e Artes, e a despeza enorme que absorve a milhor parte dos

rendimentos públicos. Estes inconvenientes se fazem sentir ainda mais em um Paiz como o nosso; pobre e pouco povoado. Os Romanos no fim de cada guerra, dividiam suas Legiões, e lhes repartiam terras baldías, que os Militares cultivavam, e assim abundaram sempre de soldados, sem lhe faltarem cultivadores. E n'um Reino como Portugal, que tem Colonias, e que não póde precindir do Commercio, cumpre empregar em crear, e sustentar uma boa Marinha uma parte das sommas, que sem fructo se consomem em forças terrestres.

Pag. 60. *Vers.* 6.

Fôra um crime admittir Homem sem censo
A' milicia, então honra, hoje violencia.

Mario em um grande aperto, armou e encorporou no exercito, grande numero de escravos; e a pesar de os haver primeiro libertado, dos costumes públicos estarem já em grande decadencia, e de ter a seu favor a desculpa da imperiosa necessidade, este passo foi geralmente desaprovado, como offensivo dos direitos dos Cidadãos, unicos a quem era permittida a honra de militar nas legiões Romanas.

Pag. 60. *Vers.* 26.

Dai-lhe braços, e leis, vereis em breve
Que d'Africa se adorna a negra fronte
Com as do assucar deliciosas cannas.

As nossas colonias Africanas, devem considerar-se como uma das principaes taboas de salvação deste infeliz Portugal. Ellas podem, em poucos annos, remediar a falta do Brazil; cujos principaes productos ali se dão bem, ou d'ali foram para lá transportados. Uma navegação mais breve, convidaria os exportadores Estrangeiros a vir prover-se aos nossos portos, de assucar, caffé, algodão &c., sem fallar nas riquissimas minas d'aquelle continente, cuja exploração nos sería tão util. Mas para isto, sería necessario que o Governo, e as Côrtes, tomassem este objecto na devida contemplação, e dessem, providencias energicas e adaptadas, para se conseguir este grande fim; uma das primeiras, devia ser a escolha de bons Governadores, homens activos, e com o saber, e probidade que se requerem para tão grande empreza;

depois promover o estabelecimento de Companhias de mineralisação, e agricultura. Em terceiro logar, aproveitar o espirito de emigração, que nestes ultimos annos se tem desenvolvido, com especialidade nos Açores, divertindo-o para Africa, offerecendo ali aos emigrados, uma perspectiva mais lisongeira que no Brazil, destribuindo por elles terras, que cultivassem. Em quarto logar, estabelecendo missões, que chamassem os Indigenas a unir-se com os Portuguezes pelos laços religiosos, e da civilisação. E ultimamente, tendo uma quantidade de vasos de guerra n'aquelles mares, que protegessem a marinha mercante, e facilitassem as communicações entre aquellas colonias, e a metrópole. O governo que isto fizesse, sería sem duvida benemerito da Patria, e lançaría as bases da sua grandeza futura.

Pag. 61. *Vers.* 9.

Nimios delictos
Tem gerado esse trafico de Escravos
Immoral, execrando, abominoso!

Para provar os horrores, e crimes, a que dá causa o commercio da Escravatura, e muito especialmente o zelò hypocrita com que os Inglezes se tem dado a perseguil-o, quando elles proprios o praticam, citarei alguns factos extrahidos da relação que se apresentou á Camara dos Communs em Londres, por uma Commissão do Instituto Africano. O Capitão Kelly, havendo apresado a Goléta — *Nova Felicidade* — fez a seguinte deposição perante a Commissão mixta da Serra Leôa. — « Declaro que achei aquellas desgraçadas creaturas, em um estado, que horrorisava a humanidade. Dezeseis homens encadeados dous a dous pelos pés, e vinte creanças amontoadas umas sobre as outras, occupavam no porão um espaço de dezoito pés de comprido, e sete pés e oito pollegadas de largo, em uma altura de um pé, e oito pollegadas. Tinham debaixo de si, um pouco de Inhame, que lhe servia de cama, e sustento. O espaço occupado pelas mulheres, era ainda mais estreito, que o occupado pelos homens.

O Navio *le Rodeur*, indo para Guadalupe, com uma carregação de Negros, lavrou por elles uma ophtalmia, de que ficaram cégos trinta e sete. O Capitão os fez deitar ao mar, porque chegando ao Guadalupe, ninguem daria nada por elles, quando affogando-os, não só forrava a despesa de sustental-os, mas seriam pagos todos pelos seguradores da carre-

gação. Não consta o que allegaram os Proprietarios; porém as suas allegações foram recebidas pelos Tribunaes, e o seguro os embolsou do valor de trinta e nove Escravos.

Sir George Collier commandante do *Tartar*, Navio de Sua Magestade Britanica, abordou em 4 de Março de 1820, uma embarcação, que se provou ser a *Jeune Estélle* da Martinica, commandada por Olimpe Sanguines. Este affirmou que não tinha Escravos a bórdo, porque lhe haviam sido tirados por um Corsario Hespanhol; a sua perturbação causou suspeita, deu-se-lhe busca, e um Inglez batendo por acaso em um barril, que parecia bem tapado, ouvio dentro um gemido como de pessoa moribunda; abrio-se, e estavam dentro dous negros no ultimo estado de suffocação; appareceu mais outro Negro, entalado no vasilhame, e coberto de madeira. Lembraram-se então algumas pessoas da equipagem Ingleza, de que ao tempo de darem caça á *Estélle*, tinham observado alguns barris boiando sobre as aguas; e novas indagações, deram em resultado, que Sanguines tendo roubado á força d'armas em *Trade — Towne*, quatorze Escravos, que haviam pertencido ao Capitão Richard, contrabandista Americano, que tinha fallecido n'aquelle sitio, vendo-se perseguido pelos Inglezes, embarrilára, e deitára ao mar os pobres pretos para occultar aquelle acto de Pirataria, e evitar assim o merecido castigo. Eis aqui os resultados do Commercio da Escravatura, registrados em Documentos officiaes! . . .

Junte-se a isto, o trato desabrido dos Senhores; o trabalho além das forças, a escacez, a ruindade do sustento, os açoutes, e mil castigos atroses, e ter-se-ha em um só quadro toda a barbaridade e tyrannia, de que é susceptivel o coração humano, quando abusa do poder, e pode fazel-o impunemente!

A' vista do exposto, facil é o conhecer, que detesto o trafico da Escravatura, e que o desejo ver abolido; mas desejo tambem que esta grande obra de humanidade se leve a effeito, de modo que não arruine as nossas Colonias, e sobre tudo por modo decente.

Pag. 61. *Vers.* 26.

O Instituto Africano decretando.

A Lei para a creação do Instituto Africano, na Universidade de Coimbra, faz tanta honra á Camara Electiva, que

a propoz, como á Camara Hereditaria que a approvou; pena foi que as circumstancias politicas, que sobrevieram, tornassem vãa esta ideia phylantropica.

Pag. 63. *Vers.* 27.

A evitar-lhe o furor aprende o Homem
Co' fouveiro Camello.

Cavalgava em um cavallo *fouveiro*, crescido; as armas de prata, e ouro a quarteirões, no escudo em campo negro, um cervo branco.
(*Moraes. Palmeirim de Inglat. Parte* 2.ª *pag.* 123).

Pag. 64. *Vers.* 31.

Em Jove; que de amor embriagado
Descendo ao seio da formosa Juno,
Em seus mutuos abraços innundando
A Terra com prolificos chuveiros.

Tum Pater Omnipotens fæcundis imbribus Ether
Conjugis in gremium lœtus descendit, et omnes
Magnus alit, magno conmistus corpore, fœtus.
(*Virg*).

A Fabula do Casamento de Jupiter, (emblema do ar puro) com Juno, (emblema do ar inflammavel) de cujo abraço conjugal, brotam as chuvas da Primavera, faz crêr que os antigos Sacerdotes Egypcios, de quem os Gregos receberam todas as doutrinas desfarçadas em alegorias Theogonicas, conheciam como nós outros, a composição da agua, e a sua producção pelo combinamento do Oxigenio com o Hydrogenio, por meio de uma Corrente Electrica.

Pag. 65. *Vers.* 9.

Essas Religiões de antigas gentes,
Mais não são que scientificos systemas
Aos olhos dos profanos recatados
Co' poetico véo da alegoria.

A' excepção da Lei escripta, e da Lei da Graça, reveladas immediatamente por Deos, e do Irlamismo, sacrilega

amalgamação dos Dógmas, e ritos de ambas adulterados com as absurdas invenções do Pseudo-Propheta Mahomet.

Pag. 65. *Vers.* 16.

O Inniciado nos mysterios doutos.

N'estas épochas de remota antiguidade, todo o conhecimento das Artes, e das Sciencias, estava depositado nos Livros dos Gimnosophistas, dos Bramenes, e dos Sacerdotes Egipcios; e estes eram os mais difficultosos em receber discipulos Estrangeiros. Quando porém accediam a isso, por motivos mui ponderosos, faziam passar os Candidatos pelas mais vigorosas provanças.

Em primeiro logar, o inniciado tinha de ser sepultado em um vasto, e pavoroso subterraneo, onde nas trevas, passava longos, e rigorosos jejuns, e era accomettido de visões espantosas, sendo-lhe até impossivel o entregar-se ao somno com descanço. Se resistia a todas estas mistificações, admittiam-no á prova d'agoa, e do fogo.

Consistia esta prova, em abandonal-o no seio de escuras abobadas, onde depois de muitos giros, ía encontrar um grande lago, que lhe convinha de passar a nado; seguiam-se novas voltas, até chegar a um pavoroso lago de fogo, talvez phosphorico, que devia atravessar rapida, e animosamente, por uma estreita ponte de ferro. Então era recebido pelo Hierophante, que condusindo-o a um funebre bosque, o obrigava a ajoelhar diante da estatua de Harpocrates (o Silencio) e ali debaixo de terriveis imprecações, e juramentos, promettia não revelar nunca o que lhe fosse confiado; e então começava o curso dos seus estudos, que continha a Historia, Physica, Astronomia, Chymica, Geometria, Moral, Musica, e Poesia.

Pag. 65. *Vers.* 32.

Tens da superstição vagado em trévas
Mas ao escaço numero dos sabios
Admittido por mim, verás com riso,
Verás com compaixão mortaes insanos.

Sed nil dulcius est, bene quam munita tenere
Edita doctrina sapientum templa serena;
Despicere unde queas alios, passim que videre

Errare, atque viam palanteis quœrere vitœ;
Certare ingenio, contendere nobilitate;
Noctes atque dies niti prestante labore
Ad summas emerge opes, rerumque potiri,
O miseras hominum mentes! ó pectora cœca!
(*Lucret*).

Pag. 66. *Vers.* 6.

Deos é, um sempiterno, omnipotente
. . . . . .
O Sabio o reconhece, e humilde adora.

Os Eruditos, que melhor conhecem a antiguidade, affirmam que os homens instruidos d'aquelles seculos remotos, reconheciam um Deos Eterno, invisivel, a quem davão culto em particular, deixando ao vulgo ignorante a adoração dos Deoses, isto é, das Personagens alegoricas, parte das quaes eram hieroglíphicos scientificos, e parte filhas da imaginação dos Poétas.

Quem ler attentamente os dialogos de Platão, que havia sido inniciado no Egypto, e que nos offerece a mais perfeita idéa de Deos, que um homem podia alcançar, sem o soccorro da revelação, abraçará facilmente este sentimento, reparando que todas as vezes que Socrates falla n'aquelles Dialogos, diante de pessoas estranhas, usa da palavra — *Deoses* —; mas quando se dirige aos seus discipulos, sómente diz sempre — *Deos.* — Esta differença entre a religião dos sabios, e a religião popular, é a unica, que póde explicar a supposta contradicção do Arcopágo de Athenas, que punia com todo o rigor, os que se tornavam suspeitos do Atheismo, ao mesmo passo que soffria que os Poetas Cómicos, zombassem impunemente dos Deoses, sobre o Theatro.

Talvez alguem repare que n'esta falla do Hierophante, eu me sirva de Mythologia Grega, e não da Egypcia: faço-o porque uma e outra são a mesma cousa com diversos nomes; e porque a Poesia nos tem familiarisado mais com os Numes Gregos, e Romanos, que com os Egypcios.

Pag. 68. *Vers.* 13.

Primeiro arrosta nos Nemeios Bosques
Coroado Leão.

Esta descripção da viagem annual do Sol pelo Zodiaco, alegorisada nos trabalhos de Hercules, deve entender-se em referencia, ao estado do Céo, no tempo em que o Leão abria o anno solticial, dous mil e quatrocentos annos, antes da era de Christo. E' por isso que a entrada do Sol em Léo, é symbolisada pelo primeiro trabalho de Hercules, a victoria sobre o Leão de Nemea.

Pag. 68. *Vers.* 26.

Já das corruptas, rebalsadas aguas,
Da fétida lagôa, coleando
Surge a Hydra fatal!

Entrada do Sol no signo de *Virgo* annunciada pelo total occáso da Hydra, cuja cabeça torna a apparecer de manhãa, com o Cancer.

Pag. 69. *Vers.* 9.

Logo o Centauro desbarata, e prostra
Do Erymantho o terror!

Entra o sol em *Libra*; ergue-se o Centauro, e o Javalí do Erymantho, que depois chamaram *Ursa Celeste*, principia o Outono.

Pag. 69. *Vers.* 13.

Ei-lo vai, ei-lo vê na fulva areia
O bronzipede Cervo.

Passagem do sol ao signo de Escorpião, designado pela Constelação de Cassiopea, em que antigamente se representava uma Cerva.

Pag. 69. *Vers.* 18.

Eis que as Aves de Stymphala, que envia
Dos paramos do Averno irado Nume.

Este quinto trabalho de Hercules, designa a entrada do Sol, no signo de Sagitario, marcado pelo surgir de tres aves;

o Açor, o Cisne, e a Aguia, que se figuram mortas, pelas setas do Heróe Thebano. O dizer-se que este trabalho tivera logar na Stymphala, faz alusão ao famoso Templo, que lá havia dedicado a Diana, a quem era consagrado o signo de Sagitario.

Pag. 69. *Vers.* 24.

Logo a pedido do Neptunio filho,
Do turbido Peneo mudando o curso.

Entra o Sol no signo de Capricornio, que, assim como Augias, uns chamam filho do Sol, outros de Neptuno. Poem-se o Aquario, que se figura filho do Rio Peneo, de cujas aguas é fama se valêra Hercules, para lavar os Corraes de Augias. A similhança entre este quadro Celeste, e o sexto trabalho de Hercules, não póde ser mais frisante.

Pag. 69. *Vers.* 30.

Do Corsel Arion cavalga o dorso.

Igual exactidão se encontra na passagem do Astro do dia, ao signo de Aquario no logar do Céo, em que todos os annos se achava a Lua cheia, marcando a épocha dos Jógos Olympicos, estabelecidos por Hercules, segundo o testemunho de Pindaro que diz na Ode a Hieron.

Os Olympios certames, das primicias
Dos seus trophéos guerreiros,
Alcides instituio?

Então o Abutre se achava no Céo, collocado a pár da constelação chamada Prometheo; e o cavallo Pegaso transpunha; ao passo que o Touro celeste, estava no cume do Meridiano.

Pag. 70. *Vers.* 20.

Eis entra o reino do feroz Diomedes.

Este Oitavo trabalho, designa que no oitavo mez, entrava o Sol no signo de *Pisces*, que recorda a transformação de Venus, e de Cupido, para escaparem ao furor de Typheo, e

a esta Fabula aludio Camões nas suas Lusiadas, quando disse:

O Sol ardente
Queimava então os Deoses, que Thypheo
Com temor grande em Peixes converteo.

Então se levanta pela manhãa o cavallo Arion, ou Pegaso, e prolonga a cabeça sobre Ariesteo, filho de Cyrenne.

Pag. 71. *Vers.* 22.

Então da Grecia a mocidade heroica
Do Carneiro, em que Phryxo, e a Irmãa fugindo
De Bôsphoro a corrente transposeram,
O vélo de ouro a conquistar se aprompta.

Este trabalho, representa a entrada do Sol em *Aries* ou *Carneiro Celeste*, que se chama o velocino de ouro. A apparição do Sol neste signo, coincide com o surgir da Náo, e o transpor de Andromeda, da Balêa, de Cassiopen &c.

Pag. 71. *Vers.* 32.

Donzella, que a um rochedo atada geme.

São dignos de transcrever-se os versos, em que Ovidio pinta, o momento em que Perseo, voando, descobre Andromeda presa a um rochedo; e attrahido da sua formosura, desce á terra para libertal-a.

Œthiopum populos, Cepheia, conspicit, arva,
Illic immeritam maternœ pendere linguœ
Andromedam penas immitis jusserat Ammon.
Quam simul ad duras religata brachia cautes
Vidit Abantiades; nisi quod levis aura capilos
Moverat, et trepido manabant lumina flectus
Marmoreum ratus esset opus. Trahit inscius ignes,
Et stupet, et visœ correptus imagine formæ
Pœne suas quatere est oblitus in acre pennas.
(*Ovid. Metam. Lib.* 4.° *vers. CLVIII*).

O Principe dos Poetas Romanticos, Luduvico Ariosto, aproveitou desta pintura alguns toques, com que realçou o

quadro de Angelica, exposta a um monstro-marinho, e libertada pelo valente Rogerio.

Lá fiera gente inhospitale, e cruda
Alla bestia crudel nel lido espose
La bellissima Donna cosi ignuda
Come natura prima la compose.
Un velo non ha pure in che rinchiuda
I bianchi gigli, et le vermiglie rose
Da non cader per Luglio, o per Dicembre
Di che son sparse le pudiche membre.

Creduto avria che fosse statua finta
O d'alabastro, o d'altri marmi illustri
Ruggiero, e sullo'scoglio cosi avinta
Per artificio di scultori industri,
Se non vedea la lacrima distinta
Fra fresche rose, e candidi ligustri
Far ruggiadose le crudette pome,
E l'aura sventolar l'aurate chiome.
(*Orl. furios. Cant. X. Stanc. XCV*).

Pag. 71. *Vers.* 33.

Ei-lo perigrinando Hisperios Campos.

Entrada do Sol em *Tauro*. Transpoem Arion, e erguese Bootes, conductor dos rebanhos de Icaro, e as Atlantidas. Aqui temos os rebanhos de Vaccas de Gerião, roubados por Hercules.

Pag. 72. *Vers.* 6.

Duros preceitos de Euristhéo cumprindo,
Desce ao centro da Terra!

Transpoem o Cão Procyrion, entra o Sol em *Gemini*. Subida cosmica do grande Cão celeste, em cujo seguimento se prolonga a Hydra; e eis aqui a explicação do Mastim trifauce, com cauda de cobra, agrilhoado por Hercules.

Pag. 72. *Vers.* 15.

No vergel das Hisperides entrando.

Entrada do Sol no signo de Cancer, no tempo, em que a constellação de Hercules, se inclina para a região Occidental, chamada Hisperia, seguida do Dragão do Polo. Tal é o sentido da Fabula do Jardim das Hisperides, devassado por Alcides, e o roubo dos Pômos de Ouro, com a morte do Dragão insomne, que os guardava. Hercules devorado pela tunica ensopada no sangue do Centauro Nesso, que elle matou na passagem de um Rio, é uma allusão ao ocaso do Centauro, e do Rio Aquario, que corresponde a este ultimo mez. A sua apotheose, ou recepção no Olympo, e seu casamento com Hébe, Deosa da Mocidade, indica da maneira mais frisante, a terminação da carreira annual do Sol.

Pag. 74. *Vers.* 27.

O cerulo Nereo com as lindas filhas
Andam carpindo seu destino infausto.

Veja-se a Tragedia de Eschylo, intitulada Prometheo.

Pag. 75. *Vers.* 21.

Ei-lo coberto de viçosas flores
Copia do terno amante em formosura,
Na curta duração imagem delle.

Ces fleurs, ces freles dons, embleme de ses jours.
(*Dellile*).

Pag. 76. *Vers.* 28.

Tentou Bacon sublime a nobre empreza,
E ás vezes com fortuna.

Ao sabio Bacon, se deve a maior parte das explicações dos Hieroglíphicos mythologicos, que manifestam que as Sciencias tinham progredido entre os antigos, muito mais que vulgarmente se pensa.

Pag. 78. *Vers.* 6.

De seus avós as cinzas depositam.
Inchados grandes em marmoreas urnas;

Pomposos mausoléos por fóra ornados
De primores do escópro, Estatuas ricas
Guardam no centro a corrupção, e os vérmes.

Dans ces vastes tombeaux, ou leurs armes hautaines
Font encore les vaines,
Ils sont mangés des vers.
(*Malherbe*).

Pag. 78. *Vers.* 31.

Perder não temem da privança o bafo.

Que anda em quem bebe o bafo da privança.
(*Sá de Meneses. Mal. conq. Cant. I.*)

Pag. 79. *Vers.* 24.

Esse seculo de ouro, cuja imagem
Nos quadros da Poesia nos encanta
. . . . . .
Correu entre Pastores! foi entre elles
Que amor dictou os canticos primeiros.

Vetustissimum igitur poematum genus ex antiquissimo vivendi more ductum esse par est: tria vero seculorum genera; Pastoris et Venatoris, et Aratoris. Et sane Pastores quam Aratures antiqui magis. Videtur autem modulatio in Pastoribus inventa primum, vel naturæ impulsu, vel avicularum imitatione, vel arborom sybylis.

(Scaliger).

Pag. 80. *Vers.* 6.

Appoem-lhe o louro mel, a nata, o leite.

Appoem-se os dões de Ceres trabalhada.
(*Quebedo, Affonso Africano.*)

Pag. 80. *Vers.* 25.

D'alvoe briaes, e verdes capirotes.

Brial tinha leonado,
Capirote azul pombinho.
(*Francisco Rodrigues Lobo*).

Pag. 81. *Vers.* 28.

A imagem do bom Telmo, cuja vista
Affugenta o pulgão.

Festa campestre de S. Pedro Gonçalves Telmo.

Pag. 82. *Vers.* 3.

O dom das varias fallas influindo
Os preparou para o mister sagrado
De ír evangelisar a paz ás gentes.

Et factus est repente de cœlo sonus, tanquam advenientis spiritus vehementis, et replevit totum domum ubi erant sedentes. Et apparnerunt illis dispartitæ lingœ tamquam ignis sedit que subra singelos corum. Et repleti sunt omnes spiritu sancto, et cœperunt loqui variis linguis, pront spiritus sanctus dabat loqui illis. Erant autem in Hierusalem Habitantes Judei, viri religiosi, ex omni natione, quœ sub cœlo est, facta autem hoc voce, convenit multitudo, et mente confusa est, quoniam audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes. Stupebant autem omnes, et mirabantur dicentes nenne omnes isti qui loquentur Galilei sunt?
(Act. Apost. Capt. II.)

Pag. 82. *Vers.* 11.

Velha usança entre nós introduzida.

Não sei se nesta épocha tristemente prosaica, e positiva, em que se tem feito capricho de anniquilar tudo quanto tinha visos de poetico, sentimental, e sublime, ainda existe em nossas aldêas o costume de nomear um *Imperador do Espirito Santo*, e o festejo que aqui descrevo, tal qual algumas vezes o observei em minha infancia. Ter sido *Imperador do Espirito Santo*, era um titulo de honra para os Aldeões. Nas obras de Garção, lêmos uns versos compostos para uma festividade destas. Todas estas costumeiras vão acabando, e em

breve nem memoria restará dellas. E' para sentir que Francisco Manuel não acabasse o Poema dos *Fastos Portuguezes* que tão bem principiara. Ali ficariam revestidos de rica Poesia os nossos antigos costumes, supertições, legendas, festas &c. Oxalá que algum alumno das Musas, dê obra a desempenhar este nobre pensamento! eu ouso indicar este assumpto, como digno do seu genio, ao Sr. Antonio Feliciano de Castilho, que tanto conhecimento tem das nossas provincias, e das nossas usanças e tradicções.

Pag. 84. *Vers.* 12.

A Serrana o consulta em seus amores,
E pensa que por sortes lhe responde.

Tenho visto cahir nestas superstições muita gente, que devia ter mais juizo do que as Serranas, e a quem pareceria uma heresia, se lhe dissessem, que este, e outros quejandos, preconceitos populares, são antiquissimos erros, que tem corrido o Mundo todo, amalgamando-se com todas as religiões.

Pag. 87. *Vers.* 14.

O momento esperou sempre tardio
Em que a linda Thircea ao seu encontro
Sobre as azas de amor corria anciosa.

D. Theresa Theodora d'Aloim. Um sobrinho de Domingos dos Reis Quita, me affirmou que o marido desta senhora, que era Medico, envenenára o Poeta, para vingar os zêlos que delle concebêra; não o affirmo, nem o négo. E' porem constante, que elle habitava em casa do Doutor Tara; que o mal de que fallesceu, o atacou repentinamente estando a cear; e que o Doutor Tara tratou delle. O meu amigo, que o fôra igualmente de Quita, o Bacharel Domingos Maximiano Torres, na Ecloga em que lhe deplóra a morte, parece insinuar o facto do envenenamento, nos seguintes versos.

Ceava um dia, (dia desgraçado)!
De seus fructos alegre o brando Alcino,
Ao Céo dando mil graças, e louvores.
Come um pômo!... *Talvez envenenado*
Do pestilente bafo viperino;
Subito o saltearam crueis *dores*,

Ancias mortaes, e *frígidos suóres.*
Como póde Natura
Crear nesta espessura
Tão activo *Veneno*, que tocando
Esses teus doces labios, n'um momento
Senão fosse mudando
Em suave salutifero sustento?
Jaz trabalhado do *mortal veneno*
Fictos os olhos, fictas as pestanas
No Céo resplandecente, e critalino,
Com o semblante angelico, e sereno.
Ao redór os Pastores, e as Serranas
Suspiram tristemente de contino,
Até que vendo em fim o pobre Alcino
Lêdo, constante, e forte
Chegar-se a feia morte,
Aos Pastores estende os froxos braços,
Despedindo-se cheio de alegria
Com mil ternos abraços
Aos quaes com debil voz assim dizia.
(*Alf. Cinth. Ecl. ult.*)

Pag. 91. *Vers.* 6.

Pasmo é ver o trabalho industrioso
Com que as entranhas o Abexim lhe vasa
Em sumptuosos Templos!

Veja-se o Padre Francisco Alvares, na sua Historia da Abyssinia, um dos mais ricos monumentos da nossa antiga litteratura; assim ella não estivesse hoje tão rára! mas como não ha de ser assim, em um Paiz em que os Leitores são raros, e os Editores inda mais raros!...

Pag. 92. *Vers.* 2.

Fallarei das volcanicas montanhas,
Cujo vasto cratero horrido exala
Confusos turbilhões de fogo e fumo?

No Poema do Cavalheiro D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, intitulado *El Alphonso*! onde atravez das nuves do Gongorismo, continuamente apparece o grande Poeta; ha a pintura de uma erupção Vulcanica, de que não

posso deixar de citar duas Estancias, que talvez desafiem o Leitor, para lêr tanto este Poema, como o outro do *Nuevo Mundo*, ambos hoje quasi esquecidos, a pesar de terem gozado em outro tempo de uma reputação mui superior ao seu verdadeiro merecimento. Só do *Alphonso* conheço eu quatro Edições; duas feitas em Hespanha, e duas em Portugal. Tambem os Livros estão sugeitos aos caprichos da fortuna e da moda! Em França, tem neste seculo resuscitado o gosto de *Ronsard*, em Italia o de *Dante*; quem sabe se ainda na Peninsula tornam a vigorar o estillo de Gongora? se tal acontecer, estou bem certo que os Poemas de D. Francisco Botelho, surgirão do esquecimento, em parte desmerecido, em que jazem para outra vez serem lidos, e applaudidos, como modellos de Epopéa!

Enfurece-se el monte; y aun mugiendo
Vivo, raivoso monstruo se fingia;
A si se despedasa, sacudiendo
Sus breñas contra el mar, y contra el dia.
Entre azufre, ceniza, y fiero estruendo,
Muchos de un globo el humo producia:
Dixeras que otro exercito gigante
Montes de montes arrojó al Tonante!

Era en sus massas con que el aura entoldo,
Desde ella el orco bobedas pendientes;
Y denso estorba el infernal rescoldo
Que el Ciélo miren las absortas gentes.
Las gentes, que el temblor del risco, y toldo
Copiavan desmientiendo-se vivientes!
Que mucho? si en afan vian profundo
Negar-se el Cielo, al deshacer-se el Mundo.
(Alp. Canto III. Est. IV. y V.)

Pag. 92. *Vers.* 20.

Quem ignora,
Fecunda Guadalupe, a Ave medonha,
Que habita o teu Volcão?

E' uma Ave Aquatica, e nocturna, que os habitantes d'aquelle Paiz, chamam *Diabo* em razão da sua fealdade: tem pés como Pato, garras como Açor, bico revolto, e agudo, olhos rasgados, mas que não supportam a luz do dia; e por isso

não vôa ella senão de noite, tempo em que desce ao mar, e vai dar caça ao Peixe de que se sustententa. Fabrica o ninho, e acalora seus óvos, junto ao Cratero do Volcão. O Padre *Dutertre*, accrescenta que a sua Carne é mui delicada e saborosa, e que por isso os caçadores fazem grande carnagem destas Aves.

Pag. 93. *Vers.* 6.

Não ousavam de timidos chegar-se,
E adoravam de longe!

Tantum terroribus addit
Quos timeant non nosse Deos.
(Lucano).

Pag. 94. *Vers.* 1.

Ao vê-lo, os altos Minareos tremeram
Da Soberba Stumboul!

Especie de Torres mui elevadas nas Mesquitas, onde sobem os Imans, para chamarem a grandes brados os Musulmanos á Oração.

Stamboul, é o nome Turco de Constantinopla, antigamente chamada Bisancio.

CANTO III.

Pag. 99. *Vers.* 21.

Nos aureos versos do Cantor de Ulysses.

O Dr. Gabriel Pereira de Castro. Muitas pessoas lhe tem dado pela sua Ulysseia, o segundo logar entre os Epicos antigos; e Antonio Ribeiro dos Santos; bem que não o diga claramente, parece preferil-o a Camões. Eu dou ao seu Poema o terceiro logar, isto é, o primeiro depois da Malaca Conquistada de Francisco de Sá e Menezes. E' certo que a Ulysseia é muito superior á Malaca em riqueza de poesia e em fluidez, e valentia de metro, mas não póde competir com ella na contextura da Fabula Epica; nem na belleza, e variedade dos caracteres. Além disso, o seu estylo péca ás vezes por affectado, sem ser como alguem já disse, a *quinta essencia* da *Fenix renascida*; porém o verdadeiro motivo porque eu lhe prefiro a Malaca, é pela originalidade desta; pois na Ulysseia, apenas haverá uma quarta parte, que pertença ao Author. O resto é traduzido dos melhores Poetas, tanto antigos como modernos. Preferir Castro a Camões, como fazia José Agostinho de Macedo, parece-me o mesmo que preferir Lucano a Virgilio; ou por outros termos, não saber o que é Poesia.

Pag. 99. *Vers.* 26.

Quem de santo respeito se não toma
Vendo da serra os Monges penitentes
O Senhor exaltar entre ermas rochas?

In another part of this mountain, aad not lofty in his situation, is a convent, curiously built, among some wild, and romantic rocks; the wals, doors, and furnitures are all of cork. Some poor humble Franciscans inhabit it: they have a prety garden, and small orangery: they presented us with fruits, were very courteous, and semed trankfull for the trifle, we gave them.

Recollections of the Peninsula by a English Officier.

O Abbade Casti, um dos mais celebres Poétas da moderna Italia, tão conhecido pelas suas engraçadissimas *Novellas* e pelo seu Poema *Gli Animali Parlanti*, na sua Epopéa Satyrica intitulada *il Poema Tartaro*, deixou tambem uma reminiscencia da Serra de Cintra, e do Convento dos Capuchos, que visitára em sua viagem a Portugal, na seguinte bellissima Estancia.

Cosi d'Europa all' ultimo comfino
Trascorrendo la Cintra Lusitana,
Io vidi il solitario Capucino
Ch' entro una cava rupe entra, e s'intana:
Ivi convento trova, horto e giardino,
E scuopri piani, e mari alla lontana.
Oh Cintra! oh Cintra! oh suol! soggiorno ameno
Di maraviglie, e di delizie pieno!
(Il Tart. Cant. VIII. Stanc. XLV).

Pag. 100. *Vers.* 6.

Do throno, d'onde rége a natureza,
Vio Jehovah o abysmo envolto em trevas,
Disse «faça-se a luz» e a luz foi feita.

Dixit Deus, fiat lux, et facta est lux.
(Genesis. Cap. 1.º vers. 3.º).

Pag. 101. *Vers.* 1º.

A impulso de montanhas desparadas
Com força divinal.

The rest, in imitation, to like arms
Betook them, and the neighbouring hills uptore:
So hills amid the air encounter'd hills,
Hurl'd to and fro with jaculation dire;
That under ground they fougth in dismal shade
Infernal noise! war seem'd a civil game
To this uproar, horrid confûsion heap'd
Upon confusion rose: and now all heaven
Had gone to wrack with ruin overspread.
(Milton's Parod. Lost. Book VI).

Pag. 102. *Vers.* 15.

da terrea face
As aguas separou, e as deposita
Em fundos receptaculos; o nome
De mar lhe deu, e manda que produza
Seus animaes.

Dixit vero Deus, congregentur aquæ, quæ sub cœlo sunt, in locum unum, et appareat arida, et factum est ita. Et vocavit Dominus aridam Terram, congregationem que aquarum appellavit maria.

Creavitque Deus Cete grandia, et omnem animam viventem, atque motabilem, quam produxerunt aquæ in species suas.
(Genesis).

Pag. 102. *Vers.* 34.

De teus portos de mangues coroados
O Guaragoa as enseadas busca,
Deleitoso Brazil.

O Guaragoa, é chamado pelos Brazileiros — *Peixe Boi* — por causa da muita similhança da sua cabeça com a do Touro. Seu corpo, é como o de um novilho de dous annos, tem cotos, em logar de braços, terminando em mãos sem dedos: tem duas guéllas, e uma tripa: forçura como o Boi; é de côr parda, e sem escamas: anda de ordinario á boca dos rios, onde é attrahido pelo cheiro de certa herva, que nasce ao longo da praia, e que é o seu principal sustento. Pesca-se com harpéos. E' mui gordo, e gostoso; e suas banhas tem o sabor das do porco.

Pag. 103. *Vers.* 10.

Manda o Eterno á Terra que se adorne
De manto vegetal.

Et arida germinet herbam virentem, et facientem semen juxta genus suum, cujus semen in semetipso sit super terram, et factum est ita. (Gen).

Pag. 103. *Vers.* 16.

«Terrestres animaes, e Aves, erguei-vos!»

Dixitque Deus» producat terra animam viventem in genere suo, jumenta, et reptilia, et bestias terræ, secundum species suas. Factum que est ita. (Gen).

Pag. 104. *Vers.* 5.

A' humida sombra
Da copada Embondeira, em cujo bôjo
Cisterna vegetal o Negro escava,
E as aguas deposita!

A Embondeira, é uma arvore Africana; tão corpolenta, que não bastam quinze homens para abraçar-lhe o tronco. Os negros a decotam, e vasando-lhe o amago, nelle depositam grandes porções de agua, que alli se conserva sem corromper-se, e com admiravel frescura, e gosto, servindo de grande proveito aos que tem de atravessar aquelles desertos ardentes. Esta operação, longe de prejudicar a arvore, augmenta a sua vegetação; fórma ella então maior copa, cria mais densa folhagem, e se cobre de flores similhantes a confeitos.

Pag. 104. *Vers.* 18.

O Homem se faça á similhança nossa!
O Omnipotente diz!...

Et ait faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram; et præsit piscibus maris, et volatibus Cœli, et bestiis universæ terræ, omnique reptili quod movetur in terra. (Genesis).

Pag. 107. *Vers.* 18.

Ora é fumo, ora é chamma, é luz, e é raio.

O fumo, segundo a opinião do Naturalista Francez, Mr. de Buffon, é uma chamma latente.

Pag. 107. *Vers.* 33.

Deste estado de simples natureza
Quanto já longe estam Cafres, e Geijas,
Do vasto Canadá guerreiras Tribus.

O estado, em que se acham os Negros da Costa d'Africa, e as Tribus Selvagens da America; foi chamado — *estado da natureza* — por aquelles, que compararam aquelles Povos boçaes, com as Nações polidas da Europa, e da Asia: mas similhante opinião é um gravissimo erro. O estado dos Negros e Americanos, longe de ser o estado natural, é já de mui adiantada civilisação. Ha já alli uma lingua determinada, leis, principios de culto, trabalho commum, commercio de premotação &c.

Homens no estado natural, si é verdade que tal estado existio nunca, deviam ser como os Jockos, ou Orangotangos. Estes animaes entendem-se por gritos, ou guinchos; mas sordidos, famintos, sem caza, nem pouso certo, sempre disputando entre si o sustento, sem fazer uso da razão, vivem unicamente governados pelo instinto.

E' assim que se observou em França o menino abandonado, e criado nos mattos, conhecido pelo nome do Selvagem de Aveirão, de que tracta largamente o sabio Virrey na sua Historia Natural do Genero Humano, e outros que se tem encontrado em identicas circumstancias. Estou convencido que se Rousseau, e outros Phylosophos sustentadores de paradoxos, que tanto gabam o estado natural, vissem alguma Tribu de gente nesta idade de ouro, não só fugiriam delles cheios de medo, e de tedio, mas os teriam pelos mais broncos, mais bravios, e mais desgraçados dos animaes.

Pag. 111. *Vers.* 14.

ou largas horas
Contempla embevecido a formosura,
Com que adornou de Galathéa a Estatua,
Seu magico cinzel.

Alusão á fabula de Pigmalião, que se namorou da Estatua de Galathéa; algumas estatuas semomentes conheço eu, que não tem mais espirito do que ella.

Pag. 113. *Vers.* 4.

E obrigam os grosseiros habitantes
A usurparem dos passaros os ninhos,
Mezes vivendo nos arboreos crutos.

Assim aconteceu ao Conde de Bobadella em 1754. Surprehendido nesta paragem pela innundação, teve de permanecer mais de dous mezes, com o seu pequeno exercito, acampado sobre as arvores. Vejam-se os documentos officiaes da campanha do Uraguay contra os Jesuitas, que existiam na Secretaria da Meza da Consciencia e Ordens, e hoje não sei aonde. Ha Tribus inteiras de Indios, que não tem outro modo de alvergar. A continuação de descer e subir pelas arvores, os torna tão ageis trepadores, como os Bogíos, e Sauguins.

Pag. 113. *Vers.* 11.

enxames
De engenhosas Tapuicas, colmeando
Nos corcomidos troncos, lá preparam
Odorifero mel, e a branda cêra.

As Tapuicas, são uma das muitas especies de abelhas, de que a America abunda. Melificam nas cavidades das arvores.

Pag. 113. *Vers.* 35.

Famintos Urubús, que o devoravam.

O Urubú, é Ave Americana, com similhança de Côrvo; destingue-se porém delle, em ser mais corpolento, em ter o bico mais grosso, e poupa á feição de gallinha. Sustenta-se de carne morta.

Pag. 114. *Vers.* 13.

Do Coroado Rio a azul espadua.

O Paraguay. Este nome significa na lingua Guarani — Rio Coroado. — Chamam-lhe assim, porque este Rio nasce no Lago Xarayes, que parece coroal-o. Recebe as aguas do Uraguay, e do Parama, e vai perder-se no Rio da Prata. Consulte-se sobre este trecho, *Il Christianesimo felice* de Murato-

ri, a Historia do Paraguay por Charlevoix, e o Genio do Christianismo por Chateaubriand.

Pag. 115. *Vers.* 18.

Graves Matronas da soberba Roma
Conduziam dançando ao Capitolio
Os ferculos dos Numes.

Ut Matrona festis moveri jussa diebus.
(HORAT).

Pag. 115. *Vers.* 21.

O Rey Propheta,
Das Regias vestiduras despojado,
Dançou alegre de Sião nas Praças.

Et David saltabat totis viribus ante Dominum. Porro David erat adcinctus ephod lineo.
(REG. LEB. II. CAP. VI).

Pag. 115. *Vers.* 25.

Michol o desaprova: e em pena disso
Com esteril opprobrio o Eterno a fere.

Cumque intrasset arca Domini in civitatem David, Michol Filia Saul, perspiciens per fenestram, vidit regem David sabsilientem, atque saltantem coram Domino et dispexit eum in corde suo.

Reversus que est David ut benediceret domui suæ, et egressa Michol Filia Saul in occursuum David dixit » gloriosus fuit hodie Rex Irrael, discooperiens se ante ancillas servorum suorum et nudatus est quasi si nudetur unus de scurris.

Igitur Michol, Filiæ Saul, non est natus filius, usque in diem mortis suæ. (REG. LIB. VI).

O celebre Poeta Florentino Dante Alighieri, o Pai da Poesia, e da Lingua Italiana, faz alusão a este facto da Biblia no seu famoso Poema — a *Divina Comedia.* —

Era intagliato li nel marmo stesso
Lo carro, e i buoi, traendo l'arca sante
Perche si teme ufficio non commesso.

Dinanzi parca gente, e tutta quanta
Partita in sette cori, a duo miei sensi
Facea dicer l'un, no, l'latro, si canta.

Similimente al fumo degl' incensi
Che v'era imaginato, e gli ochi, e il naso
Ed al si, ed al no discordi sensi,

Li precedeva il benedeto vaso,
Trescando alzato l'umile salmista,
E piú, e men che Rê era in tal caso.

Di contro efigiata ad una vista
Di un gran palazzo Micol ammirava,
Sicome donna dispetosa, e trista.
(Parod. Cant. X).

Pag. 116. *Vers.* 17.

Vate, que eternisasse a gloria sua.

Vixere fortes ante Agamenona
Multi: sed omnes illacrimabiles
Urgentur, ignotique longa
Nocte, carent, quia vate sacro.
(Horat. Lib. IV. Od. IX).

Antes de Priamo, de outros Exercitos
Brunidos Elmos vio brilhar Pergamo;
Houve na Phrigia Troya
Outro Ayax, outro Sthenelo.
(Garção),

Pag. 116. *Vers.* 26.

Elle falla, e se escuta em toda a lingua.

Alusão ás repetidas traducções em prosa, e verso, que se tem publicado dos Lusiadas de Camões, não só em Latim, e nas lingoas Litterarias da Europa Moderna, mas até em Hebreo, e Ilirico.

Pag. 117. *Vers.* 10.

Ah! do excelso Cantor applaca os Mannes,
Ergue uma Estatua!... um Cenotaphio ao menos
Seja á sua memoria consagrado!

Em 1818, segundo minha lembrança, abrio-se em Londres e París, uma subscripção para erigir um monumento a Camões; porém certa Personagem, hoje extincta, que nessa épocha estava no Governo, embaraçou a execução do projecto, porque o monumento era em Praça Publica!... e este homem era enfaticamente chamado pelos seus amigos, o *Patriarcha da nossa Litteratura!* o porqué, elles o saberão, porque o publico nunca teve o gosto de ver uma obra d'aquelle sabio! Como pode acontecer que se renove algum dia este projecto, e sei que se tem suscitado duvidas, sobre ser ou não de Camões a sepultura descoberta no Convento de Santa Anna, por faltar nella a lapida que lhe mandára pôr D. Gonçalo Coutinho, consignarei aqui, o que ouvi muitas vezes ao Padre José Agostinho de Macedo, que estava bem informado deste negocio. « Fazendo-se a pedido de alguns Estrangeiros, investigações no Convento de Santa Anna, para descobrir o sepulchro de Luiz de Camões, estando quasi perdidas as esperanças de bom exito, uma freira velha, disse que tendo algumas vezes espreitado por uma fenda do altar que estava junto á grade do côro de baixo, lhe parecera ter visto uma lapida sepulchral: tirado o altar, achou-se com effeito a sepultura procurada, que não podia ser senão a do Poeta, pois ainda conservava a lapida com a inscripção; e os versos que andam impressos em suas obras; porem a lapida estava toda quebrada e fendida sem duvida, com a quéda das abobadas na occasião do Terremoto. Para abrir a sepultura, foi a lapida tirada a pedaços, e substituida por outra. » Até aqui José Agostinho. Ficam desvanecidas as duvidas sobre a veracidade do Jazigo; ellas nascem da falta de lapida antiga, e do erro commettido em não se fazer a nova igual á primeira; mas este esquecimento não admirará ninguem que conheça o Genio Portuguez. Que importa o monumento de um poeta, inda que seja Camões, que importam todos os monumentos a Portuguezes, sangue de Vandalos, e de Suêvos? a esse Povo essencialmente destruidor? constam pelas historias as Cidades que os nossos maiores incendiaram, e destruiram na India; mas onde estam os monumentos da antiga Sciencia da

Asia, vulgarisados por elles? essas indagações deixaram elles aos Inglezes; mas até os monumentos patrios tiveram o gosto de anniquillar completamente. Que fim levaram os edificios Celtas? os Phenicios, e Cartaginezes? os Romanos, e Arabes? Se alguns venerandos restos destes ultimos inda existem, não se busca conserval-os, e cada dia se deterioram, mesmo nestes tempos, a avidez de dinheiro; e o furor de embelecimentos, tem feito vender Igrejas, que deviam religiosamente conservar-se; tem feito demolir arcos, e muralhas cheias de recordações historicas: a Capella Mór da Igreja Velha do Carmo, de optima Architectura Gothica, está alugada a um serrador que todos os dias a vai arruinando, e no convento da mesma invocação, além de se tirar delle o Tumulo do seu fundador, o grande Condestavel, chegaram a transformar a céla em que elle vivia, e morreo, em.... basta, quem o quizer saber que o indague.

Tornando ao assumpto. A' vista do expendido, creio que fica demonstrado que a sepultura que existe na Igreja de Santa Anna, junto á grade do Côro de baixo, que antigamente correspondia ao meio do Templo, encerra com effeito os ossos do Cantor da Gloria da Patria, do Principe dos Poétas Portuguezes.

Pag. 117. *Vers.* 15.

Cobre em razo sepulchro escassa terra
Sem lapida, que excite o caminhante
A derramar sobre elle odoras flores,
Do sublime Thomino a cinza infausta,
Do sonoroso Elmano, e culto Alfeno.

Thomás Antonio dos Santos e Silva, Author da Brasiliada, e da Sepultura de Lisbia (Thomino) foi sepultado na Igreja Velha do Hospital. Bocage (Elmano) no Cemiterio da Freguezia das Mercês. Domingos Maximiano Torres (Alfeno) ignoro aonde, porque morreu deportado na Trafaria.

Pag. 117. *Vers.* 20.

Foragido Phylinto em terra alheia
Rematou longos annos de infortunio.

Francisco Manuel do Nascimento, natural de Lisboa, o unico Poéta Portuguez, que até hoje tem podido hombrear

com Camões, e um dos maiores Lyricos da Europa moderna, denunciado á Inquisição pelo Pai de certa Dama, que o achára *demasiado amavel*, e a quem muito valera na desgraça; sendo ajudado nesta empreza de iniquidade, pelo odio dos Frades, a quem não agradavam as idéas Phylosophicas do Poéta, tendo a ventura de escapar ás garras do Familiar que ía prendel-o, buscou asylo em França onde morreo de avançada idade, e jaz sepultado no Cemiterio do *Pere La Chaise*.

Pag. 117. *Vers.* 22.

Ilha Africana, esteril, escalvada,
Encosta de um Vulcão extincto ha pouco,
Do fecundo Moniz os ossos guarda.

O meu amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, foi um dos melhores Lyricos modernos; destinguio-se muito na Epistola, no Apologo, no Idylio, e na Tragedia; mas infelizmente deste Escriptor, um dos mais fecundos que temos tido, apenas existem impressas algumas odes, o lindo Poema funebre a *Apparição*, a *Agostinheida* Poema Heroicomico, em que descreve a vida e feitos de José Agostinho, e uma defeza de Camões, intitulada = *Exame Critico Paralelo do Oriente com os Lusiadas.* = Sendo Moniz Deputado ás Côrtes de 1822, a 1823, propoz, e fez passar a Ley da Abolição da Intendencia: este facto lhe grangeou o odio de grandes Personagens, que, restabelecido o Governo absoluto, fizeram degradar este illustre Patriota para a Ilha do Fogo, onde morreo em 1827. Suas obras não foram até hoje publicadas, apesar das deligencias de algumas pessoas interessadas na gloria da nossa Litteratura.

Pag. 118. *Vers.* 21.

Que divide o Appenino, e que circumdam
O mar, e os Alpes.

Che Appenin parte, e il mar circonda, e l'Alpe.
(*Dante*).

Pag. 118. *Vers.* 22.

Na gentil Cidade,
Que das Flores á Deosa deve o nome.

Todos os que tem uso de ler Poetas Italianos, sabem que estes costumam designar Florença, pelo titulo de *Città di Flora*.

Pag. 120. *Vers.* 2.

Ou de um, ou de outro modo assim gravada
Vai ao Torcolo a chapa.

Roberto, Principe Palatino do Rhin, inventou outro processo de gravura, que consiste em talhar a chapa em todas as direcções: desenhar depois sobre ella, os contornos do que se quer gravar, e ir então abatendo, ou burnindo o cobre como o requerem as luzes, e as sombras. Em geral este methodo não é proprio para objectos alegres, ou que demandam muita claridade. O celebre Claudio Melun, inventou o gravar de um só traço, mais, ou menos cavado, como o exigia o claro-escuro. Ha delle uma Cabeça de Christo cujo traço principia na ponta do nariz, e vai circulando formar a testa, o cabello a corôa de espinhos, o sangue, as faces, a barba &c., esta estampa passa pela obra prima neste genero. Não especifiquei estes dous methodos, porque os julgo meras variações da gravura a boril.

Pag. 120. *Vers.* 11.

Os Phinicios primeiro se arrojaram
A pintar a palavras.

Phenices primi, famæ si crediiur, ausi
Mansuram rudibus vocem signare figuris;
Nondum flumineas Memphis intexere biblos
Noverat, et saxis tantum volucresque, ferasque
Sculptaque servabant magicas animalia lingoas.
(Luc. Phars. Lib. III. Vers. CCXX).

Pag. 121. *Vers.* 17.

Da Sciencia nas mãos polido o vidro
Por um prisma do Sol divide um raio,
E mostra as sete primittivas côres,
Com que ufano se enfeita o listão de Iris.

Est ternam in faciem, quarum lævissima quæque,
Porrectum mediam vitrum non amplius ulnam,

Nomine quod Graii dixere prisma vocantes,
Aptum opus, et tales fabricatum munus in usus,
Hoc ubi ad apricæ solem opposuere finestræ,
At que ibi multiplex lux est discreta refractu,
Tecto intogressæ diverso tramite partes,
Hæc violas, hæc secum undas, herbam illa virentem,
Ista croccum, tulit illa rosas, propriisque refulget,
Parete in adverso variata coloribus Iris.
(Noceti de Iride, Carmen).

Pag. 123. *Vers.* 1.

Rouba os raios do Sol Francklin, e os manda
Seguir inocuo trilho.

Eripuit coelo fulmen, sceptrumque Tyrannis.
(Turgot).

Pag. 123. *Vers.* 28.

Eis um Germano os Typos inventando,
Pluralisa a Instrucção, e como um Rio
Correm o Mundo os Codices, e as Letras!

De todas as opiniões, que se tem emmitido ácerca do inventor, e do logar onde primeiro appareceu a arte de imprimir com letras moveis, que chamam Typographia, parece a mais bem fundada, a que attribue ao Alemão Gutemberg esta grande descoberta: a Typographia, é á maneira do incendio, que apenas rebenta em uma floresta se propaga, e abrange todas. Propagou-se com passos de gigante em toda a Europa, e tocou em breve a sua perfeição. A sua utilidade foi logo conhecida; e em poucos annos, Italia, Alemanha, França, Hespanha, e Portugal, ficaram inundados de impressões: a utilidade desta Arte, que mudou a face do Mundo, foi universalmente reconhecida; só os frades lhe fizeram guerra porque a illustração mal pode cazar-se com os interesses dos que vivem de contribuições impostas sobre a credulidade, superstição, e ignorancia dos outros. E' por isso que ainda hoje, onde o Clero tem grande influencia, e o Governo é francamente despotico, reina tambem a censura; e nos Paizes onde o despotismo dos Governos se encobre com o manto da liberdade, e as formulas externas da representa-

ção Nacional, se publicam leys de repressão de abusos de liberdade de imprensa, mais ou menos restrictas, segundo a maior ou menor arbitrariedade dos Governantes. Um grande publicista Italiano disse com muita razão — *la legge di libertá di stampa é il non haver legge.* Isto é o mesmo que já tinha dito Tacito, a saber que a liberdade só existia *ubi sentire quoe velis, et quoe sentias dicere posses.* E com effeito; como pode haver liberdade onde o cidadão tem a lingoa presa que tanto vale não poder imprimir, e publicar o que pensa? E' necessario confessar que os Povos modernos, tem idéas bem estranhas do que se chama liberdade! se bem analysarmos a machina governativa, nos paizes que se chamam livres, acharemos nella a cópia do regimen de Augusto, e de Tyberio, fundado quando em Roma já tinha perecido a liberdade. A Europa tem combatido cincoenta annos, para estabelecer principios; mas que importa, se o sophisma falsifica as consequencias, que nelles se incluem? E queixam-se de revoluções, e da Imprensa!

Ou a observé avec justesse que cette invention parut precisement dans le temps le plus propre á sa propagation, et á son succés. Si elle etait nêe dans ces siécles, ou l'on ne s'etait encore occupé ni des sciences, ni des livres, ou un homme passait pour sçavant dés qu'il etait en etat de lire, et ecrire, tant bien que mal, les inventeurs auraienc eté forcês de laisser oisifs leurs caractéres, et leurs presses, et peut-etre de les jetter au feu, et de chercher pour vivre d'autres resources. Mais le bonheur des Lettres, voulut que l'Impremerie fut inventée precisement au moment, ou la recherche des livres, excitait un enthusiasme universel: á paine etait elle connue, que elle fut acceillie, celebrêe, adoptêe de toute parts, comme le don le plus precieux que les Arts enssent fait aux peuples modernes: invention merveilleuse en effet, que decide plus que toute autre de leurs superité sur les anciens, et qui fut pour l'Homme civilisé un moyen de progrés aussi puissant peutetre que l'avait eté dans l'enfance de la civilisation la decouverte de l'ecriture, et la creation de l'Alphabet.

(*Ginguiné. Hist. de la Litt. It. T.* 3.º *Capitre* 18.º)

Pag. 124. *Vers.* 11.

De Munich sobre as lages bem polidas.

As melhores pedras, que até ao presente se conhecem para

os trabalhos Lithographicos, vem de uma grande pedreira que existe nas visinhanças da cidade Munich, das quaes se exporta todos os annos grande quantidade. Em Portugal tambem ha abundancia de pedras proprias para a Lythographia mas não podem emparelhar com as de Munich.

Pag. 124. *Vers.* 12.

Quanto quer que ao papel transmita a prensa.

A moderna invenção da Lythographia, que tão rapidamente se tem propagado na Europa, tem aberto é verdade largo campo aos trabalhos dos Desenhadores; mas eu estou bem longe de a julgar merecedora dos louvores que tem recebido. Penso que esta nova Arte, tem mais de prejudicial, que de proveitosa: primeiro, porque ha de produzir o atraso, e a depreciação da gravura: segundo, porque não tem o valor della. Ninguem negará que por muitas razões, que seria inutil deduzir aqui, as obras Lythographadas, nunca apresentam o acabado, e delicadeza, que se encontra em uma gravura, mesmo mediana; que quanto mais pequenos, e mais complicados são os quadros, menos perfeitos são na Lythographia: mas como a despeza desta, é muito menor que a da gravura, e as suas operações muito mais breves, força é que em pouco tempo deixemos de ter gravadores habeis, por que ninguem quererá applicar-se a uma Arte tão difficil, com a triste prespectiva de sua profissão lhe não dar os meios de uma honesta subsistencia.

Pag. 124. *Vers.* 15.

Vis andrajos de linho a longo custo
Triturados com agua, e branda cóla
Formam a nivea folha, em que se estampam
As producções do espirito.

Tout ce fatras fut du chauvre en son temps;
Linge il devint par l'arte des Tisserands,
Puis en lembeaux des pilons le presserent;
In fut papier! vingt tetes á l'envers
De visions á l'envi le chargerent,
Puis on le brule, il vole dans les airs;
Il est fumêe aussi bien que la gloire;
De nos traveaux voi-la quelle est l'histoire;

Tont est fumêe, et tout nous fait sentir
Ce grand neant, qui va nous engloutir.

(*Volt. Guerr. do Genéve*).

C'est une circunstance peu remarquêe dans un autre genre que d'avoir du papier ou d'en manqner; et cependant plusieurs auteurs graves ont observé que la dissette, qui s'en fit sentir dans ces siécles, avait beaucoup contribué á prolonger le regne de la barbarie. Le Papyrus d'Egipte, dont on se servait encore, et qui etait á fort bon prix, cessa de s'y fabriquer, quand les Sarrazzins y eurent porté leurs ravages, quand ils y eurent detruit les Arts, le Commerce, renversé les écoles, et brulé les Bibliotheques. Le papier etait done devenu, depuis prez de trois siécles tres-rare, et tres-cher en Occident. Le prix du parchemain etait au dessus des facultés, et des particulieres, qui pouvaient encore ecrire, et des Moines. Il en resulta un cruel domage: les copistes pour ne pas rester oisifs effaçaient des anciens ouvrages, ecrits sur parchemain, et en ecrivaient des nouveaux á la place. Moratori raporte en avoir vu plusieurs de cette espece á Milon, dans la Bibliotheque Ambrosienne; l'un d'eux contenais les euvres du venerable Bede. « Ce que me parut digne d'une attention particulier (dit-il) c'est que l'ecrivain s'etait servi de ce parchemain en effaçant la plus ancienne ecriture pour ecrire ce livre nouveau, Il restait cependant un grand nombre de mots lisibles, et tracés depuis tant de siécles en caracteres maiuscúles, dont la forme indiquait qu'ils avaient plus de mil ans d'antiquité. » Il est vray que ce livre effacé, etait un livre d'Eglise; mais on ne peut douter que cette methóde une foix adoptêe par le besoin, ne s'exerçait indiferemment sur le sacré, e sur le profane; et rien est au meme temps plus douloureux, et plus croyable que ce qui dit notre sçavant Mabillon, que les Grees come les Latius, manquant de parchemain pour leurs livres d'Eglise, se mirent á éffacer les primiers manuscrits, qui leur tombaient sons la main, et changerent des Polibes, des Dions, des Dioderes de Sicile en Atiphonaires, et en recueils de Homilies; mais le besoin excite l'industrie; dans l'incertitude ou sont les crudits sur l'epoque precise dt l'invention du papier d'Europe, le P.ª Montfaucon, suivi par Maffei, par Muratori, qui font autorité, la font remonter au dousiemo siécle; et cette invention, et l'abundance, et bas prix, qui durent en etre la suite, penvene

etre comptés parmi les plus heurenses circumstances de cette epoque.

(*Ginguené. Hist. Lit. d'Ital. T.* 1.º *Chapitre* 2.º).

Destes e de muitos outros trechos da Historia Litteraria de Italia, assim como do expendido pelo sabio Robertson, em sua introducção á Historia do reinado de Carlos 5.º se comprova quanto mal merecidos tem sido os louvores prodigalisados aos Frades, por haverem salvado do furor dos Barbaros, copiado, e conservado em seus Mosteiros os livros dos Authores antigos. Pelo contrario, não é aos Barbaros Guerreiros do Norte, porém aos Frades, e geralmente aos Ecclesiasticos, que em grande parte se deve a perda desses preciosos monumentos da antiga sciencia. Não sabemos porque fatal vertigem os Sacerdotes Christãos, apenas a Igreja se vio livre das persiguições pelo Poder Imperial collocado nas mãos de Membros seus, se tornaram logo persiguidores, e inimigos da Instrucção Pública. Uns, incitavam os Povos em suas furibundas Homilias a derrubar as Estatuas, e apagar as Pinturas; outros, prohibiam a Leitura dos Authores Pagãos, a quem chamavam *Orgãos de Satanaz.* — Um façanhudo Patriarcha de Constantinopla, obteve de um Imperador ignorante, e supersticioso, uma ordem de exterminação para as obras dos Poétas Eróticos da Grecia; (*) nas Galias, o Bispo Martinho, na Syria, o Abbade Marcéllo, no Egypto, o Patriarcha Theophilo, correram o Paiz, á frente de cabildas de Monges destruindo todos os monumentos das Artes, incendiando os Templos, e as Bibliothecas, que existiam em seus recintos, ou em suas visinhanças; mesmo na época da restauração das Letras, se houve Pontifices, que como Leão X, protegeram e amaram os Litteratos, houve outros que os escarneceram, e perseguiram como Paulo 2.º, e que os despresaram como Adriano 4.º Se alguns como Clemente 7.º mandaram formar Livrarias, outros como Gregorio 7.º as mandaram destruir, e reduzir a cal as antigas Estatuas. Veio depois a Inquisição; e este Tribunal tão opposto ao espirito do Evangelho, como conforme ao espirito Sacerdotal, esteve em guerra permanente contra as Letras, e contra os Sabios.

Mas, dirão, foi nos Mosteiros que se descobriram muitos dos Manuscriptos antigos, que hoje correm impressos; e fa-

(*) Foi assim que desappareceram as Poesias de Sapho, Alceo, Simonides, Sthesichoro, e muitas de Calimacho, Pindaro, e Anacreonte!...

zem as delicias do genero humano. Não o nego; mas tambem foi nesses Mosteiros, que muitos foram mutilados, e raspados, para no pergaminho delles se escreverem vidas de Santos, horas, e chronicas monacaes; e os que escaparam deste flagello, em que estado estavam? arrojados, como trastes inuteis, para cantos humidos, e immundos, cobertos de pó, e de lixo, ruidos da traça, e dos ratos. Foi de lá, que os foram tirar os Agentes de Cosme de Medici, Petrarcha, Bocacio, e Poggio, os homens, que mais trabalharam para descobrir estes thesouros encantados. O Author de *Decamerone*, o Pai da prosa Italiana, diz que estava para estalar de pena, quando vio uns poucos de manuscriptos dos classicos Gregos, enterrados em enxovedo; e um Frade lhe disse, que os tinham ali, para os raspar, e escrever nelles Orações para vender ás Beatas.

Poggio achou em um Convento junto a Constantinopla, o Poema de Valerio Flaco, as obras de Quintiliano, as de Asconio Pediano, Lactancio, Vitruvio, e Presciano; mas como? a desfazer-se em um subterraneo, em que segundo elle, ninguem teria animo para encerrar assassinos condemnados á morte.» Estou certo (accrescenta Poggio) que se fossem revistadas todas as furnas, e fojos desta especie, onde esses barbaros tem escondido tão grandes Escriptores, haviam de apparecer muitos outros, cuja falta estamos sentindo. Petrarcha, e Erasmo, formam iguaes queixumes; e contra o testemunho destes sabios contemporaneos, que credito podem merecer as asserções vagas do Visconde de Châteaubriand, que no seu *Genio do Christianismo* attribue aos Frades não só a restauração das letras, mas o aperfeiçoamento de todas as bellas Artes? confesso que tenho em muito apreço o talento desse Escriptor elegante, e fecundo; mas tenho que a sua boa fé vale tão pouco em politica como em litteratura.

Todos os dias se erguem altos clamores contra o Kalifa Homar, que mandou queimar os livros da Bibliotheca de Alexandria, affirmando se que com elles se aquentaram por muitos tempos os Banhos daquella Capital; aqui ha um Hyperbole que faz rir! mas que livros eram esses? acaso os de sciencias, de Artes, de Phylosophia, de Historia, e de Poesia? não por certo, esses já tinham sido anniquilados, e queimados no *Auto da Fé* ambulante a que procedera o Abbade Marcello, em sua expedição Vandalica. Eram logo livros Ecclesiasticos, Sermonarios, Missaes, Antifonarios, Legendas, summas Theologicas, Contruversias, e Commentarios da Biblia, unicos a que elle perdoára; nem pareça destituida de

verosimilhança esta assersão; ella se prova, primeiro, porque os primeiros clamores contra Homar, se encontram nas Obras de Authores Ecclesiasticos: segundo, porque as palavras attribuidas por elles ao Kalifa naquella occasião, — « *se esses livros contem cousas contrarias ao que está no Alcorão, queimem-se como prejudiciaes; se contem o mesmo, queimem-se por inuteis* — » mostram claramente que não se tratava senão de livros religiosos. Os Arabes eram, um povo instruido, amante das Artes, e das Sciencias, e como taes não era possivel que fizessem guerra de exterminação aos livros; pelo contrario, foram elles quem nos conservou muitos dos Authores Antigos, que ao principio só foram de nós conhecidos, pelas Traducções Arabicas. E' justo que cada um carregue com a sua responsabilidade; e que o louvor, ou vituperio, vão a quem toca.

Pag. 126. *Vers.* 4.

ou pelo dorso.
De ferreas Serpes.

Chamo aqui poeticamente *Serpes de ferro*, ao *Carris* de ferro que estão ao longo das estradas, e em que encaixam as rodas das diligencias, e carros, que a machina de vapor pucha com incrivel velocidade. Parece-me que aquellas longas peças de ferro estendidas ao longo de uma estrada representam bem a uma imaginação viva, a idéa de cobras, e justificam a metaphora. E' certo que os caminhos de ferro sam o meio mais proprio para viajar com rapidez, mas a experiencia tem mostrado que este modo de caminhar é grandemente perigoso, e não é pequeno o numero das pessoas que tem desgraçadamente perecido, já por explusões das caldeiras, já pelas rodas saltarem fóra dos carris, o que é mui facil de acontecer.

Pag. 126. *Vers.* 22.

Assim no Campo Grande absortos vemos.

A Fabrica de Lanificios com machinas de vapor estabelecida no Campo Grande pelo Cidadão Aniceto Ventura Rodrigues, merece toda a attenção do Homem Industrioso, e que ama a sua Patria. O Sr. Rodrigues á força de dispendios, fadigas, e sacrificios conseguio fundar aquelle estabe-

lecimento com machinas trazidas de Inglaterra, e Artifices Inglezes, que foi despedindo, á proporção que se íam habilitando os Nacionaes, e hoje apenas conserva quatro Inglezes ao passo que occupa mais de quatrocentas pessoas de ambos os sexos, e de toda a idade, arrancadas assim á miseria, á indigencia, e ao vicio. Eu vi muitos delles trabalharem com todo o desembaraço, e perfeição. No dia em que visitei esta Fabrica tive a fortuna de presencear todos os trabalhos, que o Sr. Rodrigues teve a bondade de me explicar, mostrando um espirito mui cultivado, e um vivo enthusiasmo pela prosperidade da sua Nação; e por isso quiz deixar-lhe neste Poema um testemunho publico de agradecimento, que, como Portuguez, devo a um Homem, que tanto se afadiga pela prosperidade da Industria Nacional.

Pag. 126. *Vers.* 26.

Aqui o grande Diabo circulando.

Assim se chama uma grande machina, com que se carda a Lãa.

Pag. 130. *Vers.* 17.

Accode á idéa
De Rosiére, e de Icaro a Tragedia.

O celebre Physico Pylatre de Rosiére, mancebo das melhores esperanças, subio do Bosque de Bolonha em um Balão, que em distancia de uma milha se inflammou, e elle se fez em pedaços, cahindo a pouca distancia de Madamoiselle Dyer com quem devia casar-se d'ahi a tres dias. Esta infeliz Senhora, foi d'ali levada sem sentidos, e morreu de magoa poucos tempos depois. A catastrophe de Rosiére aconteceu em Julho de 1785. O famoso Medico, e Poeta Inglez Erasmo Darwin, no seu Poema o *Jardim Battanico*, descreve o precipicio de Rosiére, e a morte da sua noiva; e tenho este episodio, por um dos mais bellos daquelle excellente Poema.

Aqui o copiaremos na traducção do Dr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

Sylphos! as vossas sonorosas vozes,
Murmurando dos ares, ordenaram
Que o audaz Mongolfier deixasse a Terra,
Dando ao carro boiante aereas molas,
Que o sabio alçassem com presteza de aza!

Onde estaveis, oh Sylphos! quando aos tombos
Pelas ondas do ár, por vosso auxilio
O mancebo Rosiére em vão bradava?
Sobe o leve Balão, Zephyro o guia,
As nuvens rasga, e pelos céos navega.
Mais, e mais alto a expansa bolha vôa,
Com rapido clarão fuzilla, estoura
Na abobada dos céos!... precipitado
Corta veloz amedrontados ares,
Torcido o corpo, arrepiada a côma
Gira, e regira, a fugaz turba espanta,
E nas trigueiras mãos o acolhe a Morte.
A Belleza esponsal no turvo esquife
Debruçada respira altos soluços,
Mil incessantes lagrimas derrama;
Da triste processão seguindo a marcha,
Por errantes passeios, longos bosques
Escuta o lento funeral eficio,
D'entre bastas columnas resoando;
Mistura com seus ais discorde riso,
E correndo veloz por entre as sombras,
« Eu vou! (exclama) e no sepulchro salta.
» Ah! espera!... eu te sigo ao Reino excelso!...
» Sem mim não vás!... ah! um momento espera
» Teu moribundo amor! não! não te solto
» Deste seio expirante, onde te aperto!...
» Cobre-nos, sacra Terra!... hiremos juntos! »
Assim outrora nas infidas azas
Soltas as chordas, derretida a cera,
Cahiu o infeliz Icaro! nas ondas
Seu remigio desperso andou boiando,
E sadousas Napeas lhe adornaram
O aquatico Sepulchro! o frio corpo
De maritimas conchas lhe espargiram,
O seu marmoreo leito alcatifaram
De musgo carmezim, e aos entrevalos
Das Torres de coral dobrando os Sinos
Pelo mar longe os seus signaes levaram.

(Jardim Botanico, Cant. IV).

Pag. 138. *Vers.* 19.

Lá deixa o Macedonio, só ouvindo
Os brados da esperança, escasso reino.

Alexandre partindo para a guerra da Persia, repartiu por seus amigos tamanhos donativos, que um delles vendo tal profusão, lhe perguntou = Que reservas para ti? = *A esperança* = respondeu Alexandre = a Cezar se attribuio tambem a mesma resposta.

Unus Pellœo juveni non suficit orbis;
Œstuat infelix angusto limite Mundi
Ut Giaræ clausus scopulis, parva que Scripho.
(Juven. Sat. X).

Pag. 138. *Vers.* 27.

E ao seu aspecto, se emmudece a terra.

Et pertransivit usque ad fines terræ, et accepit spolia maltitudines gentium; et siluit terra in conspectu ejus.
(Mach. Lib. I. Caput. I. vers. III).

Pag. 139. *Vers.* 34.

Se elle resiste,
Tu, Konigsmarck, o attesta á formosura?

Cette femme (la Contesse de Konigsmarck) celebre dans le Monde; par son esprit, et par sa beauté, etait plus capable que aucun Ministre de faire reussir les negotiations. de plus comme elle avait des biens dans les Etats de Charles XII, et qu'elle avait etê long temps á sá court, elle avait un pretexte plausible d'aller trouver ce Prence. Elle vint donc au champs des Suedois en Lithuanie, et s'adressá d'abord au Conte Piper que lui promit tres-legerement un audience de son Maitre. La contesse parmi les perfections, que la rendaint une des personnes plus aimables de l'Europe, avait le talent singulier de parler les langues de plusieurs pays, que elle n'avait jamais vu, avec autant de delicatesse, que si elle y etait nêe. Elle s'amusait meme quelque foix á faire des vers Français, qu'on eut pris pour être d'une personne nêe á Versailles. Elle en composa, pour Charles XII.

Tant d'esprit, et d'agreements etaint perdus auprés d'un homme tel que le Roy de Suéde. Il refusa constamment de la voir. Elle prit le parti de se trouver sur son chemin dans les frequentes promenades qu'il faisait á cheval. Efectivement elle le racontra dans un chemin for etroit: elle descendit de

carrosse des qu'elle l'aperçut. Le Roy, la salua sans lui dire un seul mot, tourna la bride de son cheval, et s'en retourna dans l'instant: de sorte que la Contesse de Konigsmarck ne remporta de son voyage, que la satisfation de pouvoir croire, que le Roi de Suéde, ne redutai qu'elle.

(*Voltaire. Hist. de Ch.* 12).

Pag. 140. *Vers.* 15.

Vio em Pultava Arbellas, mas não póde
Um Dario encontrar!...

E' a expressão do Czar Pedro — meu Irmão Carlos, quer sempre imitar a Alexandre; mas juro-lhe que não hade encontrar em mim um Dario. —

Pag. 141. *Vers.* 17.

Oh modelo dos Reis, oh Pedro! oh Nome!

O Czar Pedro I com razão chamado o grande, por haver civilisado o Imperio da Russia, então submergido na barbaridade.

CANTO IV.

Pag. 147. *Vers.* 4.

Como a este lado as arvores frondosas
Entrelaçando os braços lá preparam
Sombra hospedeira ao lasso caminhante!

Qua Pinus ingens, albaque Populus
Umbram hospitalem consociare amant
Ramis, et obliquo laborat
Limpha fogax trepidare rivo.
(Horat. Lib. II. Od. III).

Pag. 147. *Vers.* 7.

Como descorre entre ellas claro arroio,
E, de manso, que vai, á phantasia

Parece que do sitio namorado
Em seu murmureo delle se despede!
Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão sereno, e socegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar a agoa doce ao mar salgado:
Deixava o Arvoredo ao Céo subido
Dentro do espelho d'agoa o seu traslado,
E em suavissima sombra lhe pagava
O ser, e a vida, que a seus troncos dava.
(*Castro*, *Ulisséa*).

Pag. 148. *Vers.* 26.

E na facil cortiça em cifra amante
Nossos nomes gravei; crescendo vinga,
E os meus amores vingarão com ella.

Certum est in silvis, inter spelæa ferarum
Male pati; tenerisque meos incidere amores
Arboribus; crescent illæ, crescetis, amores!
(Virg).

Pag. 149. *Vers.* 25.

A que attenta a grosseira juventude
Lasciva enlaça rapidas choreas,

Camões usou de — *lasciva* — na mesma significação, como se deprehende do seguinte exemplo:

Assim como a menina, que cortada
Antes do tempo foi candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da Menina que a trouxe na Capella.
(*Lusiad. Cant. III. Est. CXXXIV*).

Pag. 151. *Vers.* 11.

Oh divino Pintor da Natureza,
Prestigioso Gésner, Moscho Helvecio.

O reconhecido merecimento de Gésner, me despensa de fallar nelle com mais extenção. Seu imitador Schimidt, e

o nosso Quita, sam os unicos, que pela doçura do estylo, delicadeza, e ar campestre de seus pensamentos, me parecem aproximar-se mais deste grande modêlo.

Pag. 151. *Vers.* 20.

ou co'a innocencia, e magoa
De nossos Pais primêvos.

Allusão á bellissima Epopéa Campestre de Gesner, intitulada a — *Morte de Abel* — um dos mais bellos monumentos da Poesia Tudesca.

Pag. 151. *Vers.* 21.

ou com o quadro
Dos singélos costumes dos Pastores.

Os Idylios, em que se mostrou digno rival de Theocrito, e de Virgilio.

Pag. 152. *Vers.* 13.

Onde em quadro ficticio de desgraças
De mentidos Heroes se afaz o ouvinte
A ver sem comoção reaes desditas.

Aristoteles disse na sua Poética, que a Tragedia deve purgar em nós o terror e a piedade, excitando estas mesmas paixões. Muito tem altercado os Commentadores, e os Criticos, sobre a intelligencia destas palavras; e podia encherse um volumoso livro com as suas explicações. Disseram uns (e foi um destes o grande Corneille) que a piedade, que nos causa o vêr as desgraças, em que cahem os nossos similhantes, nos faz receiar outro tanto; e que este terror, e medo, nos levam a evitar as paixões, que os conduziram ás desventuras, que deploramos. Disseram outros, e la Harpe adoptou este sentimento, que a Tragedia inspirando o terror, e a piedade em acções fingidas, adoça, e corrige o que taes paixões teriam de demasiado penoso, se as mesmas acções fossem verdadeiras. Tudo isto será muito moral, mui subtil, muito engenhoso, mui bem pensado, mas tudo isto me parece muito falso. A explicação desta passagem do Stagyrita deve, segundo me parece, procurar-se nos costumes Athenien-

ses, e na Politica Republicana. A piedade, a sensibilidade, como hoje dizemos, longe de ser considerada como virtude, devia necessariamente olhar-se como fraqueza nas antigas Republicas, porque as modernas não merecem esse nome. Alli a Patria, e a liberdade eram tudo, e tudo se lhe devia sacrificar, sem excepção de Pais, Filhos, Esposos, quando estes aspiravam á tyrannia. Ora, homens compassivos, e piedosos, sam tão incapazes destes sacrificios, como os medrosos e timoratos; por isso os Magistrados, e Legisladores, nada pouparam, para por todos os meios dar á alma dos Cidadãos uma témpera de ferro. Quando os Ephoros descobriram que o Rei Pausanias, queria escravisar Sparta, com o auxilio de um Sátrapa da Persia, o tyranno, conhecendo que o seu crime estava notorio, correo a refugiar-se em um templo. Os Magistrados não se atrevendo a arrancal-o d'alli, e querendo conciliar o respeito do asylo, com a punição do inimigo público, mandaram entaipar o Templo, para que o criminoso alli perecesse de fome. E quem conduzio a primeira pedra para esse effeito? nada menos que a propria Mãi de Pausanias, que como verdadeira Lacedemonia, e filha da Legislação de Licurgo tinha em mais a liberdade da Patria, que a vida de um filho, que queria fazer-se tyranno; isto é, Rey!...

Outra Spartana matou ás pedradas um filho, por ser, dizia ella, tão infame, e cobarde, que voltava de uma batalha, onde todos os seus companheiros tinham perdido a vida. Os filhos de Bruto, conspiraram para restabelecer a realeza em Roma, e o pai os fez varar, e decapitar na sua presença. Eis aqui os modelos das virtudes Republicanas. Segundo ellas, o Cidadão não devia conhecer nem piedade, nem terror; e para dar lhe esta energia, é que a Tragedia lhe offerecia a representação de casos atrozes, e o quadro das desgraças da Humanidade: o costume de as vêr em scena, lhe embutava a sensibilidade, que é natural ao homem; e *purgava* como diz o Phylosopho, a sua alma de terror, e compaixão, á força de mover nella estes affectos. E' assim que os Cirurgiões á força de operarem, se endurecem a ponto de os não commoverem os gritos, e o sangue dos enfermos. E' assim que os algozes á força de vibrar o cotello da Ley, fallam da mais dolorosa execução, com a mesma frieza, com que um Çapateiro falla de talhar uns Botins, e um Xastre de picar uma Golla. A vista de um cadaver faz arrepiar de terror a um homem não costumado a elles; o coveiro os despe, e enterra zombando. O soldado passa a noite dormindo a somno solto,

sobre um campo de batalha, juncado de mortos, e inundado de sangue. E porque? porque a repetição dos actos, e dos espectaculos de que fallamos, os tem purgado do terror, e compaixão, que elles inspiram nos outros; e eis aqui as doutrinas que Aristoteles quiz exprimir.

Pag. 153. *Vers.* 29.

Eis Polião, e eis Varo, que presentam
Regias desgraças em choroso estylo.

Celebres Poétas Romanos, validos de Augusto, famosos por algumas Tragedias, e outros Poemas, que se perderam nos seculos da Ignorancia. Delles fazem honrosa menção, Virgilio, Horacio, e Quintiliano.

Pag. 153. *Vers.* 32.

E o Senhor das Nações não se corria
De seus versos mostrar.

Augusto era Principe mui erudito, e dado á Poesia, como se prova, além da sua Tragedia de Ayax, que se perdeu, por alguns versos que delle se conservam, e em especial os seguintes sobre a ordem de queimar a Eneida, que Virgilio deixára em seu Testamento, e que traduzidos são como se segue.

Traducção de uns versos, que dizem ser do Imperador Augusto, deliberando se devia, ou não cumprir-se a verba do Testamento de Virgilio, que mandava queimar a Eneida.

Que! poude improba voz no arranco extremo
Recommendar tão barbara maldade!
Deve ás chamas lançar-se, e morrer nellas
Do doctiloquo Maro a musa excelsa!
Oh crime indigno! podem vêr meus olhos
Tão rico escripto perecer? e o lume
Perdoar ao seu merito não hade,
E o decóro guardar d'essa obra digno?
Oh sacro Appóllo, oh Laciaes Camenas,
Alma Ceres, Lieu, accodí promptos!
Vosso o Poéta foi vestindo as armas,
Foi tambem vosso cultivando os campos.

Elle as obras cantou da Primavera,
O que exige o Verão, produz o Outono,
E o que a Bruma novissima conduze.
Os campos reformou, prendeo aos Olmos
As pampinosas vides, ás Abelhas
Domicilios dispoz, curou dos gados,
Tudo isto fez, porque n'um só momento
Tudo morra, se é licito dizel-o?
Mas cumpre ás Leys obedecer, importa
Cumprir quanto ordenou vontade extrema!...
Ah! das leys o respeito se quebrante
Antes que um dia só reduza ao nada
De tantas noites, e operosos dias
Cumuladas fadigas? Nula fique
A paternal vontade, se da morte
No afanoso furor delira a angustia,
Se com animo incerto a presa lingoa
Não sei que murmurou, não espontanea,
Mas pela força do penar vencida.
Da doença por tedio se da mente
A luz se trovejou, deverá Troya
Novamente sentir suas ruinas?
Renovar seus queixumes? Hade Elysa
Dar-se a morte outra vez, e arder de novo?
Que! tem de desabar esta obra eterna?
Hade perfido error, e hora maldita
Tantas espadas, e combates tantos
No fogo sepultar! aqui, rompendo
Emmaranhados bosques, vinde, oh Musas,
Vinde, e sobre essas chammas devorantes
Vertei flumineas ondas, apagai-as,
Do eximio Váte, não pereça o Canto!
E Maro viva celebre no Mundo,
Bem que ingrato comsigo! a mim compete
Quanto elle ordenou mal vedar; sagrado
E' depois que findou da vida o termo.
E das Musas na voz assim retumbe
Seu Poema immortal, Nume do imperio,
Louve-se, e agrade, e se relêa, e ame.

Pag. 155. *Vers.* 16.

Sulphureo, negro fogo, que mil vezes
Dilatando em vapor subterreas ondas,
Com furibundo impulso abala a terra.

Uma grande massa de agoa, penetrando nos reservatorios do fogo subterraneo, e por elle subitamente erguido em vapores, parece ser a causa principal das erupções vulcanicas, e dos terremotos.

Pag. 155. *Vers.* 34.

Abalo segue a abalo, e situada
Lá em outro hemispherio assustam Lima.

Consta das relações do tempo, que o espantoso terramoto, que arruinou Lisboa em 1755, se fez sentir com grande violencia em Lima na America Meridional.

Pag. 156. *Vers.* 10.

Quantos, semisepultos nas ruinas,
Sem piedade encontrar, soccorro imploram!

E' digna de memorar-se uma acção do Conde de Tarouca, um dos mais afamados Poétas d'aquelle tempo. Passando este fidalgo por uma casa, onde haviam ficado entaipadas algumas pessoas, que de dentro pediam soccorro, elle convidou para isso os circumstantes. « Quem quererá (lhe disse um delles) mecher em uma casa, que está cahindo? » Quem? (respondeu o Conde) eu! que nunca aconselho senão o que pratico.

Pag. 156. *Vers.* 16.

Por entre as labaredas, e os destroços
Levam o roubo, o assassinato levam.

Nos tres dias do terremoto, houve homens tão infames, desmoralisados, e destituidos de todo o sentimento de humanidade, que saquearam as casas abandonadas, e chegaram a cortar orelhas, e dedos a mulheres, e homens, que estavam vivos, e entalados nas ruinas, para lhes tirar os brincos, e anneis, que traziam.

Pag. 156. *Vers.* 33.

Já no trilho de Scheiners, e de Huyghens.

O Padre Christovão Scheiners, Jesuita, foi o primeiro que em Maio de 1611, estabeleceu como provadas, depois de duas mil observações, as faculas, e maculas do sol, descrevendo seu nascimento, ocaso, periodos, figura, grandeza, situação, e revoluções, tão individuada, e miudamente, que delle disse Descartes, — *Nihil in hoc genere deligentius desiderari potest.* — Huyghens foi um dos mais afamados Astronomos do Norte.

Pag. 157. *Vers.* 5.

D'esta Arte o Homem
Té das Obras do Eterno fez motivo
Para offender o Eterno!

Il nous semble pourtant bien infortuné l'Astronome, qui passe les nuits á lire dans les Astres, sans y decouvrir le nom de Dieu! quoi! dans des figures si variées, dans une si grande diversité de caracteres, ne peut-on trouver des lettres, qui sufisent à son nom? le probleme de la divinité, n'est-il point resolu dans les calculs misterieux de tants de soleils? une algebre aussi brilhante ne peut-elle servir a degager la grande inconnúe?

(*Chateaubriand. Gen. du Christ. Liv*, 4.° *Capit.* 4.° *T.* 1.°)

Pag. 157. *Vers.* 13.

Lá vê desvanecer, qual subtil fumo
De crespa viração ao rijo assopro,
Todo o montão de hypotheses insanas
Que uma alma racional te attribuiram,
Ao menos vegetante, ou sensitiva.

Não só ao Sol, mas a todos os Astros, attribuio Origenes uma alma racional: erro, que foi condemnado no segundo Synodo Constantinoplitano. Os Estoicos, os Platonicos, e Pethagoricos, lhe deram a vegetativa, e sensativa; opinião, que seguiram Simplicio, Averois, Avicenna, e outros.

En general, les Anciens croyent que tout ce que se ment de soi-même, et d'une manière reglêe, participe bien surement à la Divinité. Que le principe interieur, par le quel il se ment, est non seulement incrêe, mais encore exempt de

toute alteration. Cela suposé, on voit que dans la pensée, ou etaient les anciens que les Astres se mouvaient d'eux mesmes, ils devaient necessairement les regarder come les Auteurs, et les conservateurs de l'univers. C'est en partie sur un semblable raisonement que Platon fondait sa demonstration de l'immortalité de l'ame. Elle est plus ancienne que le corps (disaitil) elle lui est superieur puis qu'elle le voit naitre, et se former insensibilement, acquerir sa perfection, decroitre enfin. Elle exerce une sorte d'autorité sur touts les objects, qui l'emvironnent, elles les appelle, les renvoie, les fait succeder les uns aux autres, les comfond, et les aneantit quand elle vent. « Quoi qu'il en soit de cette espece de demonstration dont on se moquerait justement anjourd'hui, je dirai que plusieurs personnes tras-instruites dans les langues orientales convienent que toutte l'Asie n'a adoré sous divers noms, que les mêmes Divinités, c'est à dire les Astres. Elles ajoutent que ses divers noms, en remontant à leurs racines, signifient la *promptitude*, *la vitesse*, *se hater-aller toujours*, ce que donne l'inteligence d'um grand nom, bre de ceremonies, et practiques, que êtaient observèés par les Orienteaux; como de faire des pelerinages, de danser en rond autour des statues des Dieux, de les elever sur des chars de triomphe, et de trainer ces chars de village em village enfin de se batir des demeurs au soumet des montagnes les plus escarpêes. Au reste c'etaient le Soleil, e la Lune, qui par leur eclat, et leur lumiere, se rendaient dignes des principieaux homages; dont le peuple superstitieux honorait les Astres, le Soleil se nomait le Roy, le Maitre, et le souverain: et la Lune, la Reine, et la Princesse du Ciel. Touts les autres globes lumineux, passaient, ou pour leurs sujets, ou pour leurs conseilliers, ou pour leurs Gardes, ou pour leurs armêes.

(Deslandes. Hist. Crit. de la Philosoph. T. I).

Pag. 157. *Vers.* 18.

Ou te julgaram nitido oceano
De purissimo fogo.

Muitos Philosophos antigos, e modernos, e em especial o Padre Kirker, no seu Livro I *Artis magnæ lucis, et umbræ* tem afirmado que o Sol é um fogo purissimo, e mais limpo que terrestre, com alguma materia heterrogenea, que algumas vezes forma umas como nuvens.

Pag. 157. *Vers.* 23.

A favor de seu longo Telescopio,
(De um erudito rei digno presente)
De mais extenso alcance Herschell o sabio.

Mr. Herschell passa pelo maior dos Astronomos modernos ao menos ninguem até agora appresentou tantos resultados novos de suas observações; gloria que é em grande parte devida ao rei de Inglaterra Jorge 3.º que lhe fez presente de um magnifico Telescopio, que lhe mandou fazer com grande despeza, e cujo alcance é mui superior ao de todos os Telescopios até então conhecidos.

Pag. 158. *Vers.* 2.

Pela enorme abertura então se observa
Parte do disco teu, onde negrejam
Altas montanhas, dilatados bosques,
Onde teus venturosos habitantes
Pascem seus gados em perpetuo dia.

O Globo do Sol, circumdado de uma athmosphera luminosa, deve, ao que parece, gozar de uma claridade, e Primavera perpetuas.

Pag. 158. *Vers.* 7.

Não lamentes perder, Astro formoso,
A Saphyrea, lucifera carroça
Tirada por flammivomos Ethontes,
O arco de Ouro, e a circumtecta aljava
Com que a Grecia engenhosa te adornára.

Os antigos figuravam de ordinario o Sol, como um mancebo formoso com a cabeça cercada de luz, armado de aljava, e arco, em um carro luminoso tirado por quatro cavallos, cujos nomes designavam os differentes aspectos visuaes da luz d'aquelle astro ao romper do dia, ao meio dia, e no Ocaso. Segundo as melhores opiniões, o Sol era o Appollo, e o Baccho, e Hercules dos Gregos, o Baal dos Chaldeos, e o Adonis dos Phenicios, o Osiris dos Egypcios, e o Mythras dos Persas; veja-se as ruinas de Velney, e a origem de to-

dos cultos de Dupúis, onde esta idea vem eruditamente expendida, e provada.

Pag. 158. *Vers.* 12.

Menos o incenso, e as misticas fogueiras,
Que nos montes da Persia te votava,
De Mythras sob o nome, o Guebro ingenuo.

Os antigos Párseos, ou Guebros, discipulos de Zoroastro, adoravam como acima dissemos, o Sol, debaixo do nome de Mythras, e do emblema do fogo. Os seus templos eram redondos, sem tecto, e collocados no cume das montanhas. Os Sacerdotes, conhecidos pelo nome de Magos, alli entretinham perpetuamente o fogo sagrado. Elles eram como os antigos Sacerdotes Egypcios, e os Brámenes da India, os depositarios de toda a sciencia do Paiz. Os actuaes Persas, são quasi todos Mahometanos, porque os Arabes, que os conquistaram, propagaram alli o Islamismo á ponta do alfange; extreminando os indigenas, que se recusavam a receber o Alcorão. Apezar, comtudo, de tão feroz, e diuturna perseguição, ainda alli existe grande numero de Ignicolas; que se entregam ao commercio, procuram os montes para celebrarem os seus mysterios, e observam occultamente a doutrina de Zurdust ou Zoroastro: é assim que os Judeos, como o disse elegantemente Dellille

Com sua velha Ley correndo o mundo,
Remanecido tem na base sua,
Quaes rochedos coevos do Universo.
(*Delille. Imag. Cant.* 8.º)

Pag. 159. *Vers.* 11.

Jupiter vê depois de azul cingido,
Com fachas já brilhantes, já sombrias
Que ao equador lhe correm parallelas:
Nuvens alguns Astronomos as julgam,
Que á sua superficie se amontoam.

Esta opinião parece não assentar em fundamento sólido; porque, se aquellas faxas fossem, como affirmam, compostas de nuvens, como poderiam occupar tamanho espaço? como poderiam apparecer-nos em fórma tão constante, e tão perma-

nente? como seria possivel que corressem sempre parallelas ao Equador, sem que o vento as dissipasze? ainda mais; como poderiam tornar-se escuras, se ninguem ignora que as nuvens illuminadas pelo sol! longe de serem obscuras se tornam resplandecentes!

Pag. 160. *Vers.* 17.

As flôres a cabeça inclinam, fecham
Suas fôlhas as plantas, e adormecem.

Entre as muitas analogias, que se tem notado entre os vegetaes, e os animaes, não tem pequeno logar, o somno vereficado nellas, pelas observações do celebre Linneo. A planta é como o animal, dotada de orgãos com que respira o ar necessario para a vida; de outros, porque evacúa as materias superabundantes; a seve circula nas plantas, como o sangue nos animaes; como elles se nutrem pela incorpuração de moleculas externas, crescem gradualmente pela extenção das suas partes, e o tempo da sua existencia, é proporcional ao tempo do seu crescimento.

Pag. 160. *Vers.* 29.

Então nos campos,
Onde se eleva a torreada Gôa
A Arvore triste desabroxa as flôres.

Em um dos Volumes da *Pheniæ renascida*, vem um Poemeto em oitavas de Francisco Rodrigues Lobo, que não foi incluido na Edição geral das suas obras, em que aquelle Poéta dá a rasão, á maneira de Ovidio da arvore conhecida em Goa, pela denominação de *Arvore triste* abrir de noite as suas flores, e de dia fecha-las, e deixar pender as folhas. Alguns Botanicos affirmam que se algumas flores, que chamam nocturnas, abrem de noite, é porque foram transplantadas do hemispherio opposto, e por isso desabroxam ao tempo, em que lá lhes raiava o Sol.

Pag. 161. *Vers.* 2.

Branco Jucurutú.

O Jucurutú é uma especie de Coruja do Brazil; destin-

gue-se pelas pennas de branco çujo, que lhe guarnecem o corpo, e pelos encontros das azas, que são amarellos.

Pag. 162. *Vers.* 27.

Tão gande achando o artifice supremo
Em crear toda a machina do Mundo
Como no verme, que entre o pó se perde.

Fecit in Cœlo angelos, in terra vermiculos; nec maior in illis, nec minor in istis.

(*S. Agostinho*).

Pag. 164. *Vers.* 3.

Confessando que os bosques, e as montanhas
Seguem de igual amor Délia, e Minerva.

Pro inde, cum venabere, licebit auctore me, ut panarium et languculam, sic etiam pugilares feras. Experieris non Dianam magis montibus quam Minervam innerrare. Vale. Plinius Junior. Epist ad Torqnatum.

Pag. 165. *Vers.* 5.

Que o intrepido Odin de Heróes cercado,
Em seu corsel ligeiro como o vento,
Nas ethereas campinas combatia.

Odin, lê-se no Edda, governa todas as cousas, e é o mais antigo, e primeiro dos Deoses; que apezar de mui poderosos, o servem todos como os Filhos ao Pai. Frigga, sua Esposa; prevê os fados dos Homens, mas nunca annuncia o futuro. Chamam a Odin, o *Pai Universal*, porque delle descendem os Deoses todos, e os mortaes. Tambem se intitula, *Pai dos combates*, porque prefilha todos os que morrem com as armas na mão; confere-lhe o nome de *Heróes*, e lhes dá aposentadoria no seu Palacio, qne se denomina *Walkalá*.

Pag. 165. *Vers.* 8.

E que ao longe as tremendas Walkiries,
Eumenides do Norte, recorrendo,
Ao triste som de magicos cantares,

De aço sobre o thear com ferreo pentem
E negra laçadeira o longo fio
Tinto de côr sanguina, preparavam
Da victoria, e derrota a horrivel téca.

As Walkirures sam Divindades femininas, que na Mythologia Gothica, reunem os cargos, que a Mythologia Grega dividio pelas furias, e pelos parcas. O seu nome significa — *Escolhedoras dos mortos* — Na qualidade de servas de Odin, vagueam nas batalhas, montadas em corseis negros, com a espada na mão, escolhem os que morrem, e conduzem suas almas a Walkalá por outro nome — O Paraiso dos Bravos — Palacio de Odin onde lhez preparam banquetes, e lhes dam a beber Hydromel, e Cerveja, que na verdade sam bem triste nectar, e ambrosia deste Olympo Guerreiro!

De uma Ode, ou Canção, escripta originalmente na lingoa Norsica, conservada por Tropheu, e Bartholino, e traduzida por Gray, um dos mais elegantes Lyricos Inglezes, consta que na vespera de qualquer batalha as Walkirares armavam um Thear, e nelle ordiam um longo véo, em que estava marcada a sorte dos que haviam morrer nella. Veja-se as seguintes Strophes; são as Walkirures, que trabalham, entoando um cantico prophetico.

Glitt'ring lances are the loom,
Where rhe dusky warp we strain,
Weaving many a soldier's doom,
Orkney's woe, and Randver's bane.

Sée the grisley texture grow,
(Tis of human entraits made,)
And the weigts that pluy below
Each a gasping warriour's head.

Shafts for shuttles, dipt in gore,
Shoot she tremblings cords along;
Sword, that once a Monarch bore,
Keep the tissue close, and strong.

Mixta black, terrifick maid,
Sangrida, and Hilda see,
Join the wayard work to aid
Tis the woof of victory.

Parece-me que a Poesia moderna, poderia tirar grande partido desta Mythologia Celtica, que compensaria com a novidade, e grandeza dos seus quadros as outras vantagens, que lhe leva a Grega já um pouco envelhecida; nem se julgue que lhe falte a amenidade, e ternura; os Guerreiros do Norte tambem combatiam pela belleza, e sacrificavam ás Graças. Se os Gregos tem uma Venus, os Scandinarios tem duas; Siona, que inspira os amores, e Loona que reconcilia os amantes desunidos.

Pag. 165. *Vers.* 28.

Estas as scenas, que precorre a Musa,
Do Filho de Fingal!...

Quando Macphearson publicou a sua traducção Ingleza dos Poemas de Ossian, filho de Fingal, foram elles recebidos com tanto applauso, que não faltou quem igualasse a Homero o Bardo Escocez; e Cesaroti que havia traduzido a Iliada achou digno do seu talento pôr em verso Italiano, os Canticos do Cantor de Morven; ainda mais, em suas anotações, comparando alguns trechos de Ossian com outros de Homero, dá sempre a preferencia áquelle. Isto escandalisou altamente os criticos, que não admittem nada bom, que não seja Grego; e vendo n'aquelles Poemas, algumas comparações, e imagens similhantes a outras, que se deparam em Homero, começaram a asseverar que Ossian era um ente imaginario, e que aquelles Poemas eram de Macphearson, que se escondera debaixo d'aquelle nome; d'aqui seguiam-se duas cousas ambas difficeis de accreditar: 1.ª que Macphearson, era o homem de mais talento do seu seculo, porque tinha creado uma Poesia nova; 2.ª que a sua modestia era maior, que o seu talento, porque renunciara a tamanha gloria, attribuindo-a a outrem.

Se me é permittido expender a minha opinião, sobre um objecto, em que só posso regular-me pela razão, e authoridade alheia, direi que duvidar da existencia de Ossian, me parece um absurdo; parece-me que á vista do que diz Walter Scott no seu Antiquario, e os outros Escriptores, que parecem bem informados, e de boa fé, o Bardo Escocez existio verdadeiramente, e que os Poemas de que se tracta, sam na verdade seus, pois nelles encontro o mesmo caracter, o mesmo colorido, e o mesmo gosto de Poesia, que na Edda pela maior parte dos Scandinavios, e em alguns troços da Poesia do Scaldes,

conservados por alguus sabios Dinamarquezes, e em algumas Canções Welches, e Norsicas, conservadas por Bartholino. Não duvido, porém, que essas obras não sahissem tão perfeitas da mão de Ossian; e que Macpherson as traduzisse do mesmo modo que Gray tradusira as Fataes Irmãas, e outras Poesias que vem no seu livro, isto é, enfeitando-as, e floreando-as muito. E como é natural que Macphearson tivesse lido Homero fica mui facil de entender, como alguns trechos das Poesias de Ossian, se parecem tanto com outros dos Poemas Homericos.

Pag. 166. *Vers.* 23.

Tal nas Ermas ruinas de Palmira.

Palmira, ansiga Cidade da Syria, cujos restos se encontram em um deserto a trinta leguas N. E. de Damasco. Deu-se-lhe este nome em razão das muitas Palmeiras que nasciam em seu terreno. Dizem que Salomão fôra o seu Fundador. Foi Cidade de grosso tracto, e riqueza, e Emporio das Mercadorias, que da Arabia, e da India, que alli eram conduzidas em caravanas pelo deserto. Alli teve sua Côrte, a famosa Rainha Zenobia, que a defendeu até á ultima extremidade contra o Imperador Aureliano, que por fim a tomou; e captivando a Rainha que reservou para adorno do seu triumpho, teve a fraqueza de mandar matar seu mestre, e secretario o grande Phylologo Longino, pela unica culpa de haver minutado a carta cheia de sentimentos generosos, com que Zenobia respondera á intimação que o Imperador lhe fizera, para render-se á descripção, e sem defender-se?... quanto sam ás vezes pequenos, esses chefes do Genero Humano, que a adulação, e o temor proclamam grandes, e Heróes!... Palmira é tambem conhecida na antiguidade pelo nome de Tadmor!

Pag. 166. *Vers.* 26.

Curioso Viajante alonga os olhos
Por columnatas a perder de vista,
Por Perystilos de abatidos Templos,
Por isolados Arcos que estremecem.
  Amphyteatros, maquinas, e muros,
Pyramides, colossos levantados,
Monumentos, que mostram estar seguros
Contra o poder dos annos, e dos fados,

Jazem sem fama, em cinza vil, escuros
Das idades por fabulas lembrados,
Que o tempo os bronzes, e as columnas parte,
E os poderes da morte iguala Marte.
(*Castro. Ulisseia*).

Pag. 168. *Vers.* 35.

Vês com desdem ao longe a inferma Java.

A Ilha de Java, é uma das mais doentias, e insalubres do Oceano Indico; mas é abundante de pimenta, e Gingibre: a Religião do Paiz, é o Islamismo.

Pag. 169. *Vers.* 3.

Ergue-se a Upa, ou Arvore da morte,
Maldita pelos Céos?

A Upa, é uma grande Arvore indigena da Ilha de Java. Os naturaos do Paiz costumam hervar suas armas com a seve della; é um dos venenos mais activos, e promptos que se conhecem. As exhalações daquella Arvore, sam tão pestiferas, que se alguem se demora á sua sombra, cahe logo, expirando em horriveis convulsões. E' esta uma maneira de supplicio que ali se emprega com os coedemnados; e é destes que se faz uso, para extrahir a séve da arvore para o fim acima dito, e sam poucos os que voltam com vida desta arriscada operação que exige muita rapidez, e cautella. Veja-se Salmon, e Bivar no seu tratado das raridades Orientaes Tomo 2.º

Pag. 170. *Vers.* 8.

Oh nasça um dia
Em teu gremio um Poéta, que descante
Teu louvor, e belleza em aurea Lyra.

As Muzas tem até ao presente sido pouco favoraveis com o clima, e engenhos da Madeira. A *Insulana* e o *Phenix da Lusitania* de Manoel Thomaz, são quasi elegiveis por seu estylo turgido, e desparatado; pois este Author levou o Gongorismo mais longe que nenhum dos seus contemporaneos. A Zargueida de Medina está no mesmo caso, pela razão con-

traria, isto é, pela fraqueza da Poesia, de invenção, de verseficação; o mesmo caracter achei em mais tres Epopeias deste Escriptor que vi manuscriptas, e copiadas com todo o aceio; os seus titulos eram a *Jorgeida*, *a Nova Lusiada*, e a *Patria Lusiada*. Francisco Manoel de Oliveira, em seus dous tomos de Poesia, nada mais appresenta que prosa verseficada, e mal verseficada. Manoel Caetano Pimenta, alcançou de seus Patricios, o titulo de *Racine Moderna*; mas sem embargo de alguma scena, ou algnm trecho poético, que se depare em suas Tragedias, que não são poucas, não vejo entre ellas uma sequer, que possa dizer-se boa! Francisco Alvares de Nobrega, tinha mais dótes de Poéta, mas perdeu-se a maior parte das suas Poesias; e o pequeno volume, que imprimio, é tão raro, que poucas pessoas o tem lido. Seria muito para desejar, que algum amante da Litteratura Portugueza, reunisse as Obras deste Poéta, com as de Joaquim Severino Ferrás de Campos, mais bellas, e ainda mais raras, que as de Nobrega, e que fariam todas com as que andam avulsamente impressas, um volume regular. Se algum particular não fizer isto, dos Livreiros não ha que esperar; essa gente só especula em lucros instantaneos; e por isso se recusa a fazer reimpressões de Classicos, de que ha tanta falta, e cuja venda é certa, ainda que demorada.

Pag. 171. *Vers.* 21.

Em margens de ouro teus cristaes espraiam-se.

Hoje não se encontram no Tejo, as areias de Ouro tão falladas nos Historiadores, Geographos, e Poetas da antiguidade; mas as suas Lysiarias, dam abundentemente optimo trigo, e ouro é o que ouro vale! Comtudo aquelle bom velho parece ter peitado os Poétas Portuguezes, para lhe conservarem o titulo de Aurifero! desculpe-se-lhe esta fraqueza vaidosa, que tem bom exemplo com que se defenda? não conservam os Reis de Inglaterra, o titulo de Reis de Chipse e Jerusalem? os de França não se nomeiam Reis de Navarra? Os de Hespanha Condes de Flandres? Que muito é pois que o Tejo, Rei muito mais antigo que todas as familias dos que hoje reinam na Europa, se obstine em conservar o titulo de aurifero, a pezar de não se encontrar ouro nas suas areias?

Os versos esdruxulos, nunca devem admitir-se na Tragedia, porque destroem todo o effeito da declamação: salvo no

methodo barbaro, adoptado agora no Theatro Portuguez (que se affirma, não sei com que fundamento, estar muito aperfeiçoado) de os traduzir em prósa extemporanea na representação; e nos outros Poemas de estylo serio mui raras vezes, e só com o fim de avivar uma imagem com a harmonia imitativa: nestes casos devemos regular-nos pela prudencia dos Latinos no uso dos versos espondaicos. A profusão dos hesdruxulos, torna o estylo languido, a versificação prosaica, e mostra no Poéta, ou pouco conhecimento do machinismo da Poesia, ou defeito de ouvido, ou muita negligencia, e incorrecção. Este defeito é muito frequente nos Poétas modernos, que tem escripto fóra do Reino; que parece terem dado as mãos para fazerem retrogradar a versificação, para a infancia da Arte, deslustrando Poemas, aliás de grande merecimento, com uma aluvião de esdruxulos, e agudos mal cesurados, alguns sem nenhuma cesura, e tão partidos, que é impossivel distingui-los da prosa.

On ne va point au cœur en blessant les oreilles.

O exemplo de Francisco Manoel, com que pertendem defender-se, não lhe serve de desculpa: não só porque elle não commeteu este defeito, senão em algumas composições de encommenda, escriptas em sua velhice; mas porque tão louvavel é imitar as bellezas dos grandes authores, como ridiculo o copiar os seus defeitos, e as suas negligencias. Porque não imitam desse grande modelo a imaginação livre e arrojada, a liberdade lyrica, a facilidade, a graça, a força de expressão, o sublime, o sentimento, a copia de sentenças, e sobre tudo, a lingoagem pura, rica, e pittoresca, em que não conhece igual entre nós?

No mesmo caso julgo eu as syncopes, e outras figuras de diminuição, a que repugna o genio da nossa lingua, e que só servem de barbarisar as palavras, alterar a prosodia, e fazer patente a difficuldade do Escriptor em exprimir com facilidade em verso as suas idéas. Depois do ponto de perfeição, a que Bocage, e seus discipulos levaram a harmonia metrica, é indispensavel verseficar bem, ou renunciar a escrever em verso.

Pag. 172. *Vers.* 12.

Oh muros de Chaul, Maláca, e Diu,
Vivos padrões da gloria Portugueza
Todos testemunhai coragem nossa!

Veja-se sobre as maravilhosas acções, e proezas dos Lusitanos na India, os nossos Historiadores; e com especialidade Barros, Castanheda, Couto, Affonso de Albuquerque, Osorio *de rebus Emmanuellis*, Goes, Faria e Sousa &c. Pena é que tanta valentia, seja deslustrada ás vezes, com actos de barbaridade, e pirataria. Inda mal que as infamias praticadas nos mares de Africa, e Brazil, pela marinha Britanica contra os nossos navios, que roubam, apresam, e metem a pique no seio da paz, são mais que sufficiente desculpa dos excessos praticados por alguns Portuguezes, contra Mouros, e Gentios, com quem estavam em guerra aberta.

Pag. 172. *Vers.* 25.

desse Arabe, que astuto
Pelo mundo espalhou Deus, e lei nova.

Mafoma. Indepedente das idéas religiosas, parece-me impossivel desconhecer no Propheta do Islamismo o Homem de genio, que levantando-se como um tnfão dos desertos da Arabia, á frente de um pequeno exercito, soube mudar religiões, e habitos de differentes póvos, fundar uma Nação poderosa, e levar até aos confins do Oriente, e do Occidente, uma invasão civilisadora, porque, diga-se a verdade, se os Arabes não tivessem invadido a Europa, talvez ella ainda dormisse no seio da barbaria, em que a haviam submergido as cabildas Septentrionaes, que tinham feito em pedaços o immenso cadaver do imperio Romano.

Pag. 172. *Vers.* 31.

posse ho Téjo,
Ser o meu canto do teu curso a imagem,
Sereno, mas sem languida moleza,
Cheio sem transbordar, forte sem furia.

Oh could I floow like thee, and make thy stream
My great exemple, as it is my theem
Tho deep yet clear, tho gentie yet no dull,
Strong without rage, wethout ower flowing full.
(*Denham's. Cooper'hill*).

Pag. 174. *Vers.* 34.

Porém não póde
A Poesia attrahir corações Lusos.

Por isto, e não por falta de Natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achyles feros:
Mas o peior de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão severos,
Tão rudes, e de engenho tão remisso,
Que a muitos dará pouco, ou nada disso.
(Camões).

Se em Portugal, onde o saber, e os bons engenhos, nunca encontraram senão perseguições, e despreso, tem florescido Camões, Philintos, e Garções, a que altura não teriam elevado seus vôos os talentos Lusitanos, se tivessem deparado com uma Côrte instruida, e com Principes amantes das letras, que as honrassem, e protegessem, como um Cosme, e Lourenço de Medici, um Leão X. ou um Luiz XIV?

Pag. 175. *Vers.* 17.

Pugnam por liberdade, e o crime odeiam.

L'Etat fait affronter les perils, e la guerre,
Qui sauve sa Patrie est un Dieu sur la terre.
(Le Roi de Prusse).

Pag. 177. *Vers.* 18.

Com o Propheta Rei absorto exclama
« Narram os Céos do Altissimo os prodigios. »

Cœli ennarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat firmamentum. (Psalmo XVIII).

Pag. 178. *Vers.* 1.

Lá onde se recosta em rocha esteril
A opulenta Macáu, hospeda rica
Do Imperio Celestial.

A China, a Nação mais vaidosa do Mundo, que apesar do estado estacionario dos seus conhecimentos, devido á natureza de suas instituições, e á imperfeição da sua lingoa,

se julga o povo mais civilisado, e instruido da terra, se denomina Imperio *Celestial*, e *Reino* Central, porque segundo suas erradas ideias de Geographia, julgam seus Póvos que o seu Paiz está collocado no centro do Mundo. A Dinastia reinante na China, tem tambem o titulo de Dinastia Celeste, e o Imperador denomina-se *Filho do Céo*.

Bem sei que não faltará quem estranhe a denominação de *Hospeda da China* dada a Macáu; ella com tudo é exacta, os Portuguezes alli sam hospedes, e não donos. Aquella Cidade é Chineza; Chinezes dous terços da sua população; e os Portuguezes alli habitam, porque pagam huma renda annual pelo alluguer do terreno, que occupam, e para levantarem algum edificio público, carecem do beneplacito do *Suntó* de Cantão, que aliás o mandaria demolir.

Já em 1593, escrevia o Senado a Filippe II «*para aqui conservar-nos, gastamos muito com os Chinas Gentios!*» A renda tem tido diversas alterações, ao presente por decisão do Imperador *King-long* é de 500 *taeis*, que no principio de cada anno, são entregues ao Mandarim *Heang-sheang*, pelo Procurador da Cidade, que recebe da mão d'aquelle Magistrado, uma quitação em fórma passada pelo Thesoureiro Imperial, residente em Cantão. Além disso, os Mandarinos, fazem visitas á Cidade, devassam nella, julgam pleitos, e desavenças entre Chins e Portuguezes, tomam conhecimentos de causas crimes, e até mandam proceder alli a execuções de alta justiça: como aconteceo em 1823, e consta da Gazeta de Lisboa naquelle anno.

E' certo que ha em Macáu um Governador Militar, um Senado, um Ouvidor, Almotacés, e outros Magistrados que governam os Portuguezes segundo as posturas Municipaes, o Codigo Lusitano, e as Ordens que recebem da Côrte e do Governador da India; mas nem por isso as Authoridades Chinezas os julgam desobrigados de obdecer ás Leys do Imperio, sem embargo da repugnancia que sempre tem mostrado para isso, e de sobre esse objecto terem havido serias questões.

Veja-se sobre o aqui expendido, a excellente obra intitulada — *A historical sketch of the Portuguese settlement in China*, por André Liungited.

Pag. 178. *Vers.* 3.

Que alto renome
Do sabio Confutzée deve á Doutrina.

Confutzée, é o nome China do grande Philosopho, e Moralista conhecido na Europa pelo nome alatinado de Confucio.

Pag. 178. *Vers.* 5.

Funda gruta escavou Arte, ou Natura,
Que o nome tem do que cantou sublime
As armas, e os Varões assignalados.

A gruta de Camões é um dos primeiros monumentos, que os Estrangeiros visitam em Macáu. Será ella obra da Arte, ou da Natureza? eis o que ainda não foi decidido, porque ainda não foi examinada, nem admira, á vista do desleixo dos Portuguezes para objectos desta ordem; e como hão de darse a estas investigações, Homens, que ainda se não lembraram de fazer a analyse chymica da agoa das Caldas da Rainha, e de outras agoas thermaes do Reino? Tornando, porém á Gruta de Macáu, qualquer que seja a sua origem, a tradicção affirma que o grande Poéta Portuguez alli se recolhia muitas vezes, para meditar os grandes quadros dos Lusiadas, d'aquelle Poema sublime, que tornando o seu nome immortal, não obstou a que elle morresse de fóme!!!...

Pag. 180. *Vers.* 19.

Das pállidas violetas, que seu calix
Da escuridão nocturna só confiam.

Não porque sejam flores nocturnas, mas porque de noite se presente melhor a fragrancia, que exhalam.

Pag. 182. *Vers.* 19.

Então por entre os tumulos vagando
Tecia Young os canticos divinos.

Duarte Young, me pareceu sempre um dos maiores ornamentos do Parnasso Inglez; e o seu Poema *The Nigth tougths*, a mais sublime Elegia consagrada ás desventuras do genero humano. Depois da Eneida, do Orlando, e das Odes de Francisco Manoel, é esta a obra, que mais vezes, e com maior gosto leio: encanta-me aquella sublimidade de pensamentos, aquella profusão de imagens originaes, e de quadros pittorescos. Nunca a Poesia foi mais moral, nem a moral

fallou em mais eloquentes versos; mágoa é que nenhum dos nossos Poétas, se desse ainda ao trabalho de o traduzir!

Pag. 184. *Vers.* 29.

Gentil Titania, de Oberon Consorte.

Oberon na Mythologia moderna, é o Rei dos Genios aereos, ou dos Sylphos. O seu palacio é no mar das Indias, e o seu distinctivo, uma haste de Lyrios. Corre, e atravessa os ares, em um carro tirado por Cisnes, e é o protector dos homens virtuosos.

Titania sua Esposa, tem por distinctivo um ramo de rosas; governa as Nymphas, e genios terrestres, e favorece os amantes. Quem desejar mais amplas noções, sobre estas duas personagens mythologicas, leia o Poema de Wieland intitulado Oberon, e o Drama de Shakespeare intitulado. — « *O Sonho de uma noite de Estio.*

Pag. 185. *Vers.* 14.

Do arenoso Veláu atravessasse
O prolongo deserto!

Este descampado fica proximo a Geldermason; o exercito Inglez, commandado por Lord Chatheart, em sua retirada desta Praça, o atravessou em a noite de 16 de Janeiro de 1795, depois de uma marcha forçada, em que não houve tempo para tomar algum alimento; a debilidade, e o cançasso juntos com o rigor do frio, e do gêlo, fizeram com que alli perecessem muitos individuos, especialmente mulheres, e creanças.

Pag. 186. *Vers.* 34.

Sobre os muros de Tyl, do Whal nas margens.

Tyl ou Tuyl, Praça forte da Hollanda, que na guerra da revolução foi ganhada aos Francezes pelo general Dundas, mas pouco depois recuperada por aquelles sobre os Inglezes.

O Whal é um Rio da Hollanda, que se gela de Inverno; nas suas margens houve repetidos encontros entre os Exercitos Britanicos, e os da Republica Franceza.

Pag. 189. *Vers.* 4.

Recorda a Esposa, e os miseros Filhinhos.

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
(VIRG).

Pag. 189. *Vers.* 35.

Para que Deus vos ouça, oh Reis, ouvi-me!

Este trecho é traduzido da Primavera de Kleist. Este homem de saber profundo, e do mais amavel caracter, foi um dos melhores Poétas alemães, e um dos mais bravos officiaes da Prussia. Morreo como Heróe, na batalha de Kunersdorf. Frederico 2.º o honrou com a sua amisade, e fez delle menção em sua Epistola *sur l'émploi du courage*. Gozam de grande estima as suas obras; e os seus idylios, e mais que tudo o seu Poema da Primavera, o primeiro, que em Alemanha se escreveu em verso hexamentro depois da Messiada de Klopstock, que nella introdusio esta verseficação.

Pag. 190. *Vers.* 21.

Sem inscripção, que um ai lhe lucre ás cinzas.

O suavissimo Gray na sua Elégia intitulada the Churchyard exprimio a idéa contraria nesta pathetica Estança.

Yet ev'n these bones from insult to protect,
Some frail memorial still erected nigh,
With uncouth rhymes and shapeless sculpture deck'd
Implores the passing tribute of a sigh.

Pag. 191. *Vers.* 14.

Ao seu bafo Pacheco em pobre leito
Despe a miseria, ingratos Reis absolve.

Duarte Pacheco, tão celebre na historia da India, pela maravilhosa defesa de Cochin, e outras gentilezas marciaes que chegam a parecer incriveis, foi victima da calumnia e da inveja dos Cortezãos, sempre dispostos para perderem os homens de merito. Todos sabem que este Heróe injustamen-

te accusado, foi preso como um criminoso, metido em calabouços, e vio confiscada toda sua fazenda, que não lhe foi restituida depois da sua justificação: morreo finalmente em um Hospital. Com o correr dos tempos mudou de destino aquelle edeficio; edeficaram casas no sitio onde fôra a Igreja, e os ossos venerandos do Achyles Lusitano, ficaram em uma loja em que se abrio uma Taberna. Manoel de Faria e Sausa, referindo este facto em suas notas á Lusiada de Camões, accrescenta que todas as cousas grandes em Portugal *eunt ad Bachanalia*. Oxalá que não tivesse razão.

Luiz de Camões, que era tão grande Poéta, como bravo Soldado, mostra-se em seu Poema, muito affeiçoado a Duarte Pacheco; e quando refere o ruim pagamento que deram a seus serviços, exclama cheio de virtuosa indignação:

Isto fazem os Reys, quando embebidos
De uma apparencia branda, que os contenta,
Dam os prémios de Ajace merecidos
A' lingoa vãa de Ulysses fraudolenta:
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só dôces sombras apresenta,
Si não os dam a sabios Cavalleiros,
Dam-nos logo a avarentos lisongeiros.
(*Os Lusia. Cant. X. Est. XXIX.*)

Pag. 191. *Vers.* 21.

Mas alfim do Thamiza o serio Vate
Minha illusão desfêz!

Si je ne me trompe bien, la lecture de Young est plus consolante qu'elle n'est capable d'attrister. Est'on heureux! on jouit en le lisant de l'espece de plaisir, que sentirait cet Spectateur tranquille d'un naufrage, done parle Luerece. Est-on malhereux? Yung est un ami, qui vous entretient de vos douleurs: et vous goutez á le lire la donceur qu'on epprouve á s'entendre plaindre. Tant qu'il aura des infortunes dans la vie, des abus dans le Gouvernement, des injustices dans la Societé, on n'aura point á se repentir d'avoir quelque foix revé tristement avec cet Anglais melancholique. (*M. L. Tourneur.*)

Tudo isto é exactamente verdade; é impossivel julgar melhor Young, e traduzi-lo peior do que este Homem. Quem

quizer saber o que é um Poéta assassinado, não tem mais do que lêr a Traducção de Young por Le Tourneur; o peior é que o Senhor Bottoni que era sem duvida um grande Poéta Italiano, traduzindo em verso as Noutes de Young, fêz a versão, não pelo original Inglez, mas pela prosa de Le Tourneur. Causa na verdade indignação, vêr tão bons versos, tão poetica lingoagem, tão brilhante e energica expressão, perdidos *em tal pasticcio!* ha gente para tudo!

Pag. 191. *Vers.* 22.

Fundas meditações me assomam n'alma.

Usar dos verbos neutros como activos, tem a seu favôr a fóra o exemplo de muitos bons escriptores modernos, a authoridade dos antigos. Porei um exemplo do elegante Gabriel Pereira de Castro.

Sahe Lysia, que de Jupiter se préza
Ser claro, e conhecido descendente,
Da Nympha Doto, cuja grãa bellêza
Desceu do Olympo Jupiter potente.
(*Ulisséa. Cant. VIII. Est. CLIII.*)

Pag. 191. *Vers.* 28.

Digo comigo »aqui talvêz descança
Algum novo Camões, outro Bocage.»

Perhaps in this neglectid spot is laid
Some heart once pregnant with celestial fire;
Hands, that the rod of impire migth have sway'd
Or wak'd to ecstasy the living Lire.
(*Gray's Churchyard.*)

Pag. 192. *Vers.* 11.

ruem, morrem
Imperios, gerações, e monumentos.

Giace l'alta Carthago: apena i segni,
Dell'alte sue ruine il lido serba,
Moiono le Citta, moiono i regni,
Cuopre il fasto, e le pompe arena, et erba.
(*Tass. Gerus. Lib. XV. Stanc. XX.*)

Arcos, Theatros, Cúpulas, Columnas,
Palacios, Templos, Muros, Puertos, Baños,
Rebelados en prosperas fortunas
Al sceptro inevitable de los años:
Fabricas á las nubes importunas;
Cubiertos de mortales desengaños
Yacen en polvo, y lo estaran de Olvido:
Assi dexa de ser quanto es, y ha sido.
(*Lopo da Vega. Circe. Cant. I.*)

Pag. 192. *Vers* 14.

Pobre Aldêa sem nome é hoje Athenas,
Escrava bruta de senhor mais bruto.

Em 1804, o chefe dos Eunuchos Negros, era Proprietario de Athenas. Que vergonha para a Europa? que desgraça (dirão os Doutrinarios) que em 1820 os Gregos ingratos se rebellassem contra os seus benignos Senhores os Turcos, que os pisavam, os despojaram do dinheiro, e lhes arrancavam com tanta bondade, dos braços os filhos para lhes abrir o céo, instruindo-os na fé de Mafoma; e os agregar aos Corpos de Janisaros; suas filhas e mulheres, para adornar com ellas os mercados de Smyrna, e os Harens de Constantinopla! ingratos! que tiveram a loucura de ser uma Nação livre, e independente, banindo de seu seio a *ordem* que ali reinava tão pura, *como reina agora em Varsovia!*

Pag. 192. *Vers.* 22.

D'Epheso o Templo um louco o pôz em cinzas.

Herostrato. Este louco quiz grangear a immortalidade de seu nome, destruindo um dos templos mais soberbos da Grecia. Hoje que ha muitos Herostratos, tem variado muito a sua mania; em vêz de quererem derribar templos de marmore, querem derribar o Templo vivente da Liberdade: tem de certo conseguido abrir-lhe profundas bréchas, mas debalde, os séculos são dias, na vida das Nações: e passados alguns d'esses dias, não faltará com que reparar essas bréchas, abertas pelos inimigos do genero humano.

Pag. 192. *Vers.* 28.

E a morte estranha o Homem!

São dignos de transcrever-se aqui, estes bellissimos versos Latinos, sobre a necessidade de morrer, que traz Faria e Sousa, achados em uma inscripção no Templo de Isis, em Braga.

Aspice quam subito marcet quod floruit ante!
Aspice quam subito quod stetit ante, cadit!
Nascentes morimur, finisque ab origine pendet,
Ipsa que vita suæ semina mortis habet.

ERRATAS.

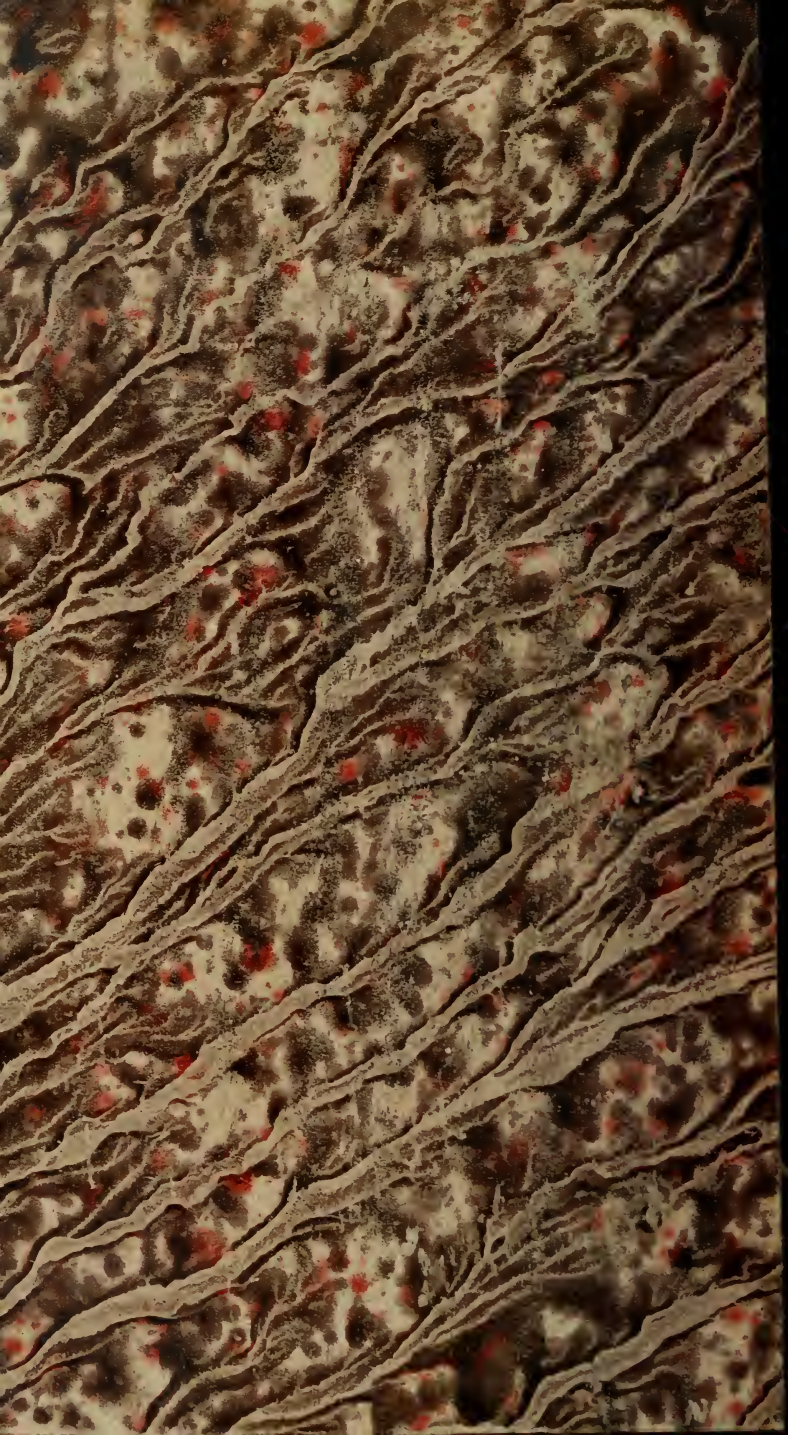
NOTAS DO CANTO I.

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas.*
1	19	e que	que
3	6	Elephanti cases dentibus alligatos gestabant, tantnque ferocia in nostros irruebante, ut antesignani pellerentur.	Elephanti enses dentibus alligatos gestabant, tantaque ferocia in nostris irruebant, ut antesignani pellerentur.
8	21	uns	hums
20	27	os.	as

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	
27	4	αυταρ ωδυσσεοε Ιεμενος και καπνον αχοροσκοντα νοησσαι Ηε γαιης, θανειν ιμειρεται. lêa-se αυταρ Οδυσσεις Ιεμενος και καπνον αποθρωσκοντα νοησαι Ης γαιης θανεειν ιμειρεται.
35	12	D. Diniz grangeou fama de Escriptor compondo diversas Poesias, e o livro do *Leal Conselheiro*

N. B. Isto é uma equivocação, em que cahi illudido pelo que tinham escripto alguns Authores Estrangeiros: mas hoje que ha duas edições do *Leal Conselheiro*, está averiguado que D. Diniz compôz diversas Poesias, que eu vi manuscriptas na livraria do Beneficiado Pedro José de Figueiredo, hoje fallecido; mas que o *Leal Conselheiro* é obra d'ElRei D. Duarte.

NOTAS DO CANTO II

Pag.	*Linh.*	*Erros.*	*Emendas*
52	14	apparnerunt	apparuerunt
		NOTAS DO CANTO III.	
63	20	Irrael.	Israel.
Ib.	28	santo.	santa
68	21	crediiur.	creditur
69	5	intogressæ	introgressæ
70	27	vonlat	voulut
71	29	arte	art
Ib.	31	il.	îl
72	36	Dioderes	Diodores
79	5	redutai	redutait
		NOTAS DO CANTO IV.	
84	21	trovejou	turvejou
90	13	incorpuração.	incorporação
92	24	rhe.	the
Ib	32	rhe.	the
93	39	no Edda pela maior parte dos Escandinavios	no Edda dos Escandinavios